20.000 LÉGUAS SUBMARINAS

JÚLIO VERNE

VIRTUAL BOOKS

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS
JÚLIO VERNE

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS
JÚLIO VERNE

Primeira Parte

0 HOMEM DAS ÁGUAS

Capítulo 1

O ano de 1866 foi assinalado por um acontecimento estranho. Havia já algum tempo que vários navios vinham encontrando nos mares “uma coisa enorme”, um objeto comprido, em forma de fuso, às vezes rodeado por uma espécie de fosforescência, muito mais corpulento e rápido do que uma baleia. Os relatos sobre esses encontros, registrados nos diários de bordo, coincidiam perfeitamente nos pormenores da estrutura do objeto ou do ser em questão. Relatavam a espantosa mobilidade de sua movimentação, a sua surpreendente força de deslocação e falavam

da vida especial de que ele parecia dotado.
Negociantes, armadores, capitães de navios, mestres e contramestres da Europa e da América, oficiais das marinhas de guerra de todos os países e os governantes das diversas nações dos dois continentes, andavam seriamente preocupados com o fenômeno.
Que ele existia era um fato incontestável. Com o pendor do cérebro humano para o maravilhoso, será fácil compreender-se a sensação suscitada em todo o mundo por esse aparecimento sobrenatural.
A 20 de julho de 1866, o vapor "Governor Higginson" havia encontrado o objeto em questão, a cinco milhas a leste das costas da Austrália. A primeira vista o Capitão Baker julgou ver um escolho desconhecido. Dispunha-se a determinar a sua situação exata, quando duas colunas de água projetadas pelo inexplicável objeto, ergueram-se nos ares a quase vinte metros de altura. Portanto, a menos que o escolho estivesse sujeito às erupções intermitentes de um gêiser, o "Governor Higginson" tinha-se encontrado com algum mamífero aquático, até então desconhecido, que expelia pelas ventas colunas de água misturada com vapor e ar. No dia 23 de julho do mesmo ano, no Pacífico, foi observado fato semelhante pelo navio "Cristobal Colon".
Assim, este extraordinário cetáceo podia deslocar-se de um sítio para o outro com uma velocidade surpreendente, uma vez que, com um intervalo de dois dias os navios o tinham visto em dois pontos geográficos afastados entre si mais de setecentas léguas marítimas.
Duas semanas depois, a duas mil léguas de distância, o "Helvetia" e o "Shannon", cruzando-se na zona do Atlântico compreendida entre os Estados Unidos e a Europa, deram conhecimento um ao outro de terem avistado o monstro a 42° 15' de latitude norte e 60° 35' de longitude do meridiano de Greenwich. Através dessa observação simultânea, foi possível avaliar o comprimento mínimo do mamífero em mais de cento e seis metros, uma vez que o "Shannon" e o "Helvetia" eram de dimensões inferiores a ele, embora medissem cem metros da proa à popa.

Essas notícias chegadas seguidamente, mais as observações feitas de

bordo do transatlântico “Pereire”, um abalroamento entre o “Etna” da linha Iseman e o monstro, além de um relato verbal feito pelos oficiais da fragata francesa “Normandie” e uma bem cuidada comprovação providenciada por oficiais do Comodoro Fitzjames de bordo do “Lord Clyde”, abalaram profundamente a opinião pública.

A 5 de março de 1867, o “Moravian”, da Montreal Ocean Co., encontrando-se a 270 30' de latitude e a 720 15' de longitude, abalroou por estibordo com um rochedo não assinalado em qualquer mapa daquelas paragens. Com o esforço combinado do vento e dos seus quatrocentos cavalos-vapor, ele avançava a uma velocidade de treze nós. Não há dúvida de que se não fosse a qualidade superior do seu casco, o “Moravian”, que foi arrombado com o choque, teria sido engolido pelas águas com os seus duzentos e trinta e sete passageiros.

A 13 de abril de 1867, com o mar calmo e o vento propício, o “Escócia” encontrava-se a 150 12' de longitude e 45° 37' de latitude. As quatro horas e dezessete minutos da tarde, durante o lanche dos passageiros, sentiu-se um choque ligeiro no casco do navio, de lado e um pouco atrás da roda de bombordo. O “Escócia” não fora abalroado, mas tinha sido tocado por um grande objeto cortante. A pancada fora tão leve que ninguém a bordo se preocuparia se não fossem os gritos dos marinheiros do porão, que subiram ao convés gritando que o navio estava fazendo água.
A princípio os passageiros ficaram muito assustados, mas o Capitão Anderson apressou-se a tranqüilizá-los, explicando-lhes que o perigo não podia ser iminente. O “Escócia” estava preparado para enfrentar um rombo no casco sem grande perigo de se afundar. Continuou navegando e chegou ao porto de Liverpool com três dias de atraso. Os engenheiros verificaram que a dois metros e meio abaixo da linha de flutuação, abria-se um rombo em forma de triângulo isósceles. O corte na chapa metálica era perfeitamente nítido e não teria sido mais bem

executado por um instrumento apropriado para tal fim.
Esse acontecimento veio exaltar de novo a opinião pública. Na verdade, a partir desses incidentes, todos os desastres marítimos cujas causas se desconheciam passaram a ser atribuídos ao monstro. As comunicações entre os diversos continentes tornaram-se cada vez mais perigosas, levando o público a exigir categoricamente que os mares fossem libertados a todo custo desse terrível cetáceo.

Capítulo 2

Na época em que esses acontecimentos ocorreram, regressava eu de uma expedição científica nas inóspitas terras do Nebraska, nos Estados Unidos. Quando cheguei a Nova Iorque para embarcar em um navio que me levasse para a Europa, a controversa questão estava no auge. A minha chegada, várias pessoas deram-me a honra de me consultar sobre o fenômeno, em vista de uma obra que eu publicara na França, intitulada “Os Mistérios dos Grandes Fundos Submarinos”. O acontecimento passara a preocupar várias camadas da população americana, e os Estados Unidos foi o primeiro país a adotar medidas enérgicas, em nível de governo, para esclarecer o mistério.
A fragata “Abraham Lincoln”, moderna e muito rápida, recebeu ordens para se fazer ao mar o mais depressa possível, com esse objetivo. O Comandante Farragut reforçou o armamento de seu navio e encheu de munição os seus arsenais.
Como sempre acontece, quando se decidiu, a perseguição ao monstro, ele desapareceu. Durante dois meses ninguém ouviu falar dele. A fragata armada e abastecida para uma campanha demorada, não tinha para onde se dirigir. A impaciência crescia a bordo entre oficiais e marinheiros, quando chegou a notícia de que um vapor da linha de São Francisco da Califórnia tinha visto o animal nos limites sententrionais do Pacífico. A sensação causada por essa noticia foi grande.

Os víveres continuavam a bordo, os depósitos de carvão estavam cheios e todos os homens se encontravam em seus postos. Só faltava acender as caldeiras da fragata e levantar ferro. Em menos de vinte e quatro horas o Capitão Farragut fazia-se ao mar.
Três horas antes da “Abraham Lincoln” deixar o cais do Brooklyn, recebi uma carta do secretário da Marinha J. B. Hobson, que em nome de seu governo, convidava-me para representar a França participando daquela expedição.

Capítulo 3

Três minutos depois de ter lido a carta do ilustre secretário da Marinha, caçar aquele monstro inquietante e livrar os mares de sua constante ameaça tornara-se o único objetivo de minha vida. A oportunidade de participar daquela caçada me empolgou.
No entanto, eu estava cansado e precisando de repouso. O meu maior desejo era rever o meu pais, os meus amigos, o meu pequeno apartamento do Jardim Botânico, em Paris, as minhas preciosas coleções. Mas nada me deteve. Esqueci tudo: fadigas, amigos, conforto, e aceitei, sem mais reflexões, a oferta do governo americano.
- Conselho! - chamei com voz impaciente.
Conselho era o meu criado. Tratava-se de um rapaz dedicado que me acompanhava em todas as minhas viagens, apto para todo o serviço e que, apesar do seu nome, nunca dava conselhos mesmo quando não lhe eram pedidos. Era uma excelente e honesta criatura.
- Conselho! - chamei-o de novo, começando os meus preparativos para a viagem, com grande agitação - Prepare-se, meu rapaz, partimos dentro de duas horas.
- Vamos para Paris? - perguntou ele.
- Sim... certamente... mas dando uma volta primeiro - respondi.
- Daremos a volta que o senhor quiser - concordou o criado.

- Não será uma grande volta. Trata-se de um caminho menos direto. Vamos embarcar na “Abraham Lincoln”.
- Se é a sua decisão, para mim é a melhor, senhor – disse ele.
- Vou lhe dizer a verdade, meu rapaz. Trata-se do monstro marinho. Vamos livrar os mares da sua presença. O autor de uma obra importante, sobre os “Mistérios dos Grandes Fundos Submarinos”, não poderia deixar de embarcar com o Capitão Farragut. Missão gloriosa, mas perigosa também. Não sabemos para onde vamos. Esses animais são seres caprichosos. Mas, ainda assim, vamos. Temos um comandante que não tem medo de nada.
- O que o senhor fizer eu também farei - disse ele.
Um quarto de hora depois as nossas malas estavam prontas. Em poucos minutos chegávamos ao cais. As chaminés da “Abraham Lincoln” soltavam na atmosfera torrentes de fumaça negra. Subimos a bordo e um dos marinheiros conduziu-nos ao tombadilho. Conselho caminhou para a amurada e eu fui levado à presença de um oficial de aspecto agradável, que me estendeu a mão:
- Sr. Pierre Aronnax? - perguntou-me.
- O próprio - respondi. - O Comandante Farragut?
- Em pessoa. Seja bem-vindo, Sr. Professor.
Após os cumprimentos de praxe deixei o capitão entregue ao seu trabalho e me encaminhei para a cabina que me estava reservada. A arrumação interior da fragata correspondia às suas qualidades náuticas. Fiquei muito satisfeito com o meu alojamento, situado à ré e comunicando-se com a sala dos oficiais. Deixei Conselho a arrumar convenientemente as nossas coisas e subi à coberta a fim de assistir aos preparativos da partida.
As oito horas da noite, navegávamos a todo vapor nas sombrias águas do Atlântico.

Capítulo 4

O comandante Farragut era um marinheiro muito experiente, digno da fragata que dirigia. Navio e comandante eram um só, sendo este a alma daquele. Sobre a existência real do cetáceo gigante, o Comandante Farragut não tinha a menor dúvida, e não permitia que os seus homens pensassem diferente dele.
A tripulação observava os mares com escrupuloso cuidado, cada homem querendo ganhar a soma de dois mil dólares prometida para aquele que, grumete ou marinheiro, mestre ou oficial, avistasse o monstro primeiro. Por isso, todos forçavam os olhos a bordo da “Abraham Lincoln”. A fragata não faltava nenhum meio de destruição. Mas ainda tinha mais: entre a sua tripulação encontrava-se Ned Land, homem conhecido como o rei dos arpoadores.
Ned Land era um canadense de uma destreza pouco comum, sem rival no seu perigoso mister. Agilidade e sangue-frio, audácia e esperteza eram qualidades que ele possuía em elevado grau, e seria preciso uma baleia muito manhosa ou um cachalote particularmente astucioso para escapar ao seu arpão.
Entretanto, ele era o único homem a bordo que não acreditava na existência do fabuloso cetáceo, deixando de participar da convicção geral. Resolvi conversar com ela sobre o assunto.
Numa magnífica noite, a 30 de julho, isto é, três semanas depois de nossa partida de Nova Iorque, encontrava-se a fragata nas alturas do Cabo Branco, trinta milhas a sotavento das costas da Patagônia. Tínhamos ultrapassado o Trópico de Capricórnio e o Estreito de Magalhães situava-se a menos de setecentas milhas para o sul. Dentro de oito dias, a fragata estaria navegando em águas do Pacífico.
- Ned, como pode estar convencido de que o narval que vamos caçar não existe? Tem razões particulares para proceder assim?
O arpoador olhou-me durante alguns instantes em silêncio, bateu na testa com a mão, gesto que lhe era peculiar, fechou os olhos como que para refletir, e disse:

- É possível que eu tenha, Sr. Aronnax.
- No entanto, você que é baleeiro há tantos anos, que está familiarizado com os grandes mamíferos marinhos, e cuja imaginação deve facilmente aceitar a existência de enormes cetáceos, devia ser o último a duvidar em tais circunstâncias.
- Aí que se engana, professor - falou Ned. - Que o vulgo acredite em meteoros deslumbrantes que cruzam o espaço ou na existência de dinossauros pré-históricos que vivem no interior da terra, ainda se aceita. Mas nem o astrônomo nem o geólogo admitem tais quimeras. Com o baleeiro acontece o mesmo. Persegui muitos cetáceos, arpoei um grande número deles, matei vários, mas por mais bem armados e possantes que fossem, não possuíam caudas ou dentes capazes de furar as placas de aço de um navio.
- Porém, Ned, fala-se de barcos cujo casco foi perfurado de lado a lado pelo dente do narval.
- Navios de madeira talvez - respondeu o canadense. - Mas mesmo nesse caso, jamais vi um narval capaz dessas proezas. Portanto, até provas em contrário, nego em absoluto que baleias, cachalotes ou narvais possam produzir tais estragos.
- Escute-me, Ned . . .
- Não, professor, não. Tudo o que quiser, menos isso. Talvez um polvo gigante...
- Isso ainda menos, Ned! O polvo não passa de um molusco, e o próprio nome indica a pouca consistência das suas carnes. Mesmo com todo o seu grande comprimento, o polvo, que não pertence ao ramo dos vertebrados, seria inofensivo para navios como o “Escócia” ou esta fragata em que viajamos.
- Então, Sr. Aronnax - replicou ele, num tom bastante irônico - persiste em admitir a existência de um enorme cetáceo?
- Sim, Ned, e com uma convicção baseada na lógica dos acontecimentos. Acredito na existência de um mamífero desmesuradamente desenvolvido, pertencente ao ramo dos vertebrados, como as baleias, os cachalotes ou os golfinhos, armado de um dente córneo de grande

poder de penetração.
- Hum! - fez o arpoador, abanando a cabeça com o ar de um homem que não se quer deixar convencer.
Naquele dia não insisti mais com ele.

Capítulo 5

A fragata percorreu a costa sudoeste da América com uma rapidez prodigiosa. No dia 3 de julho estávamos à entrada do Estreito de Magalhães, perto do Cabo das Virgens. O Comandante Farragut não quis atravessar esta sinuosa passagem e manobrou de forma a dobrar o Cabo Horn.
No dia 6 de julho, cerca das três horas da tarde, a “Abraham Lincoln”, quinze milhas para o sul, dobrou essa ilhota solitária, esse rochedo perdido no extremo do continente americano, ao qual alguns marinheiros holandeses deram o nome da sua cidade natal, o Cabo Horn.
Rumamos para noroeste e no dia seguinte a hélice da fragata batia finalmente nas águas do Oceano Pacífico.
As atenções de todos foram redobradas. Várias vezes partilhei da emoção dos oficiais e da tripulação, quando alguma baleia emergia o dorso escuro à tona da água. A coberta da fragata enchia-se de gente num abrir e fechar de olhos. Todos, com os peitos ofegantes e os olhares ansiosos, observavam a marcha do cetáceo. Eu olhava e tornava a olhar até gastar a retina ou ficar cego, enquanto Conselho, sempre fleumático, dizia-me num tom calmo:
- Se o senhor quisesse ter a bondade de não arregalar tanto os olhos, talvez visse melhor.
Esperanças vãs! A fragata aumentava a velocidade e perseguia o animal assinalado, que não passava de uma simples baleia ou cachalote, que em breve desaparecia no meio de um concerto de imprecações.

A 20 de julho atravessamos o Trópico de Capricórnio a cento e cinco graus de longitude e no dia 27 do mesmo mês chegamos ao Equador pelo meridiano cento e dez. Depois a fragata rumou mais decididamente para oeste e entrou nos mares centrais do Pacífico. O Comandante Farragut pensava, com razão, que era preferível navegar em águas profundas e afastar-se dos continentes e das ilhas, que o animal parecia ter sempre evitado, "sem dúvida porque as águas não eram suficiente-mente profundas para ele", segundo o mestre da tripulação. A fragata passou, portanto, ao largo das Pomotu, das Marquesas, das Sandwish, passou o Trópico de Câncer a cento e trinta e dois graus de longitude e dirigiu-se para os mares da China.
Não ficou nessas águas um único ponto por explorar, desde as costas do Japão às da América. E nada! Nada, a não ser a imensidão dos mares desertos. Nada que se parecesse com um narval gigantesco, com uma ilhota submersa, com o casco de um navio afundado, com um escolho móvel ou com algo de sobrenatural.
O desânimo apoderou-se dos espíritos e abriu caminho à incredulidade. Com a desesperança e o descontentamento da tripulação, o Coman-dante Farragut decidiu que se no prazo de três dias o monstro não aparecesse, o timoneiro daria três voltas ao leme é a "Abraham Lincoln" navegaria para os mares da Europa.
A decisão, tomada: a 2 de novembro, teve como resultado reanimar a tripulação. O oceano foi observado com novo entusiasmo. Todos queriam dar-lhe uma última olhadela, como que para guardar uma recordação. Os óculos funcionavam com uma atividade febril. Era um desafio supremo lançado ao narval gigante, e este não podia deixar de corresponder àquele desejo de encontrá-lo.

No dia 5 de novembro, exatamente ao meio-dia, expirava o prazo estabelecido pelo Comandante Farragut, depois do que, fiel à sua promessa, devia rumar para sudeste e abandonar definitivamente as regiões setentrionais do Pacífico.
A fragata encontrava-se então a 310 15' de latitude norte e a 1360 42'

de longitude leste. As terras do Japão estavam a menos de duzentas milhas para sotavento. A noite aproximava-se. Acabavam de soar as oito horas. Grandes nuvens envolviam o disco da lua, então em quarto crescente. O mar ondulava calmo sob a quilha do navio.
De repente, no meio do silêncio geral, ouviu-se uma voz. Era Ned Land quem gritava:
- Alerta! Vejo o monstro! Dirige-se para nós.

Capítulo 6

Aquele brado, toda a tripulação se precipitou para o arpoador. A escuridão era total e, por muito bons que fossem os olhos do canadense, eu me perguntava como e o que ele teria visto. Sentia o meu coração bater aceleradamente. Land não havia se enganado e todos viram o objeto ,que ele apontava com a mão. Inclusive eu.
A cerca de quatrocentos metros da “Abraham Lincoln” e a estibordo, o mar parecia iluminado por baixo. Não era um simples fenômeno de fosforescência. Não havia engano. Do monstro, submerso a alguns metros da superfície, emanava aquele brilho intenso e inexplicável, mencionado em vários relatos de capitães que o tinham visto. O comandante havia mandado parar a fragata.
- Não passa de uma aglomeração de moléculas fosforescentes - opinou um dos oficiais.
- Não, senhor - repliquei, com convicção. - E um brilho de natureza essencialmente elétrica. Desloca-se. Move-se para a frente e para trás. Dirige-se para nós!
Um grito de muitas vozes fez-se ouvir na fragata.
- Silêncio! - ordenou o capitão. - Virar para barlavento a toda velocidade! - comandou, enérgico.

Os marinheiros correram para o leme e os maquinistas para a casa de máquinas. A “Abraham Lincoln” virou para bombordo e descreveu um semicírculo.
- O leme a direita! A todo vapor! - gritou o comandante.
Essas ordens foram executadas e a fragata afastou-se rapidamente do foco luminoso. Na verdade, ela tentou afastar-se, mas o enigmático animal aproximou-se com uma velocidade dupla da sua.
Todos a bordo não podíamos nem respirar. A estupefação, mais do que o medo, mantinha-nos mudos e imóveis. O animal ultrapassava-nos com a maior facilidade. Deu uma volta à fragata, que navegava a quatorze nós e a envolveu com a sua claridade elétrica como se fosse uma poeira luminosa. Depois afastou-se duas ou três milhas, deixando um rasto fosforescente comparável aos turbilhões de vapor que lança a locomotiva de um expresso. De repente, dos obscuros limites do horizonte onde se encontrava, o monstro avançou para a “Abraham Lincoln” com aterradora velocidade, parou bem próximo de nós e se apagou sem mergulhar nos abismos profundos. O seu brilho não sofreu um desaparecimento gradual, mas repentino, como se a fonte do seu brilhante eflúvio se tivesse cerrado. Depois reapareceu do outro lado da fragata, rodeando-a ou passando-lhe por baixo do casco. Apesar de acompanhar cada movimento, não pudemos ver a sua manobra.
Entretanto, eu me surpreendia com os movimentos da fragata. Ela fugia em vez de atacar. Era perseguida em vez de perseguir. Falei sobre isso com o Comandante Farragut. O seu rosto, habitualmente impassível, estava dominado por uma surpresa indefinível.
- Sr. Aronnax - respondeu-me. - Não sei que espécie de gigantesco animal tenho pela frente e não quero arriscar imprudentemente a minha fragata. Esperemos pelo amanhecer e os papéis serão trocados. Eu passarei ao ataque.
- Então o comandante não tem dúvidas quanto à natureza do animal?
- Não, senhor. Trata-se evidentemente de um narval gigantesco, mas também de um animal elétrico.
- Talvez não seja possível uma aproximação - opinei.

- Pode ser - concordou o comandante. - Se ele possuir em si mesmo um poder fulminante, é sem dúvida o animal mais terrível saído das mãos de Deus. É por isso, meu caro professor, que estou tendo cautela.
Toda a tripulação ficou acordada aquela noite. Ninguém pensou em dormir. A "Abraham Lincoln", não podendo competir em velocidade com o animal, moderou a sua marcha e navegava a meio vapor. Por seu lado, o narval, imitando a fragata, deixava-se embalar pelas águas do mar, parecendo decidido a não abandonar o teatro da luta.
A uma hora da madrugada ouviu-se um silvo ensurdecedor, semelhante àquele que é produzido por uma coluna de água arremessada com extrema violência por algum engenho de grande força propulsora.
O Comandante Farragut, Ned Land e eu nos encontrávamos então no tombadilho, perscrutando avidamente as trevas profundas.
- Ned Land, você já ouviu baleias rugindo? - perguntou o comandante.
- Muitas vezes, senhor. Mas nenhuma igual a essa.
- Esse barulho não é igual ao que fazem os cetáceos quando expelem água pelos respiradouros?
- Esse é incomparavelmente mais forte, senhor. Acho que não há engano possível: é mesmo um cetáceo que temos diante dos olhos. Se o senhor autorizar - acrescentou o arpoador - ao nascer o dia vou dar-lhe duas palavrinhas.
- Se ele quiser ouvi-10, meu caro Land - observei. - Se eu conseguir me aproximar dele à distância ideal para lançar o arpão, ele terá de me ouvir - afirmou o canadense.
- Mas para se aproximar - disse o comandante - terei de pôr uma baleeira à sua disposição.
- Sem dúvida, comandante.
- Será arriscar as vidas dos meus homens.
- E a minha - respondeu simplesmente o arpoador.
Pelas duas horas da madrugada, o foco luminoso reapareceu com a mesma intensidade, cinco milhas a barlavento da "Abraham Lincoln".
Apesar da distância, apesar do barulho do vento e do mar, ouvia-se as formidáveis batidas da cauda do animal, assim como a sua respiração

ofegante.
Toda a tripulação permaneceu de vigia até o amanhecer, preparando-se para o combate. Os aparelhos de pesca foram dispostos ao longo da balaustrada. O imediato mandou carregar as enormes espingardas que lançam os arpões à distância de uma milha e as que disparam balas explosivas, cujo ferimento é mortal mesmo para os animais mais possantes. Ned Land limitara-se a preparar o arpão, arma terrível em suas mãos. Na fragata estavam todos prontos para iniciar o combate.
As seis horas o dia nasceu. Com a sua claridade desapareceu o brilho elétrico do narval. As sete horas um nevoeiro matinal muito cerrado diminuía o horizonte e os melhores óculos de longo alcance não conseguiam penetrá-lo. Esse fenômeno deixou todos aborrecidos a bordo.
De repente, ouviu-se a voz de Ned Land
- O monstro está à ré, do lado de bombordo!
Todos os olhares se dirigiram para o ponto indicado. A cerca de uma e meia milha da fragata, um longo corpo escuro emergia um metro acima do nível das águas. A sua cauda, violentamente agitada, produzia um redemoinho considerável. Um imenso rasto de deslumbrante brancura marcava a passagem do animal e descrevia uma curva alongada.
A fragata aproximou-se do cetáceo. Examinou-o atentamente. Os relatórios do “Shannon” e do “Helvetia” tinham exagerado um pouco as suas dimensões. Calculei o comprimento em cerca de oitenta e cinco metros. Quanto ao volume era difícil fazer um cálculo, mas o estranho animal parecia bem proporcionado em suas dimensões.
Tinha soado a hora do combate.
A “Abraham Lincoln” impelida para a frente pela sua potente hélice dirigia-se diretamente para o animal. Ele a deixou aproximar-se com a maior indiferença, até uma distância de cem metros. Depois, não querendo dar-se ao trabalho de mergulhar, fez como se pretendesse fugir e continuou a manter a distância que lhe convinha da fragata.
Esta perseguição prolongou-se por quarenta e cinco minutos, sem que ganhássemos sequer um metro ao cetáceo. Era evidente que a continuar naquele jogo nunca o apanharíamos.

O Comandante Farragut torcia com raiva a barba espessa.
- Ned Land! - chamou ele. - Ainda me aconselha a jogar as minhas embarcações ao mar? - perguntou ao canadense.
- Não, comandante. Este animal só se deixará apanhar se quiser - respondeu ele.
- Que faremos então?
- Se for possível, aumente a velocidade. Quanto a mim, se o senhor permitir, vou me instalar no cesto do gurupés e quando o animal estiver ao alcance do arpão, disparo.
O comandante o autorizou a fazer o que pretendia e mandou que o maquinista aumentasse a pressão das caldeiras. A fragata não demorou a alcançar a velocidade de dezoito milhas por hora.
Porém, o maldito animal avançava com igual velocidade, continuando a manter a mesma distância que o separava de nós. Depois de algum tempo dessa emocionante perseguição, o narval começou a fazer um jogo que ainda nos causava mais suspense. As vezes deixava a fragata se aproximar bastante e depois fugia de novo. Ned Land continuava no seu posto, de arpão na mão, pronto para disparar.
- Vamos apanhá-lo! Vamos apanhá-lo! - gritava esperançoso, a cada vez que a fragata se aproximava do monstro.
No entanto, no momento em que se preparava para arpoá-lo, o cetáceo afastava-se a uma velocidade que talvez atingisse as trinta milhas por hora. Mesmo quando avançávamos à velocidade máxima, o animal permitia-se brincar com a fragata dando-lhe uma volta por baixo. Um enorme grito de raiva saía então de todas as gargantas.
Ao meio-dia estávamos na mesma situação que às oito horas da manhã. O Comandante Farragut decidiu usar meios mais diretos.
- Então esse animal anda mais depressa do que a minha fragata! - falou nervoso. - Pois bem, vamos ver se ele consegue escapar às balas cônicas. Mestre, mande os homens para a peça da proa.
O canhão da proa foi imediatamente carregado e apontado. O tiro partiu, mas a bala passou alguns metros por cima do cetáceo, que estava a meia milha de distância.

- Outro disparo com mais pontaria! - ordenou o comandante. - Quinhentos dólares para quem atingi-lo - acrescentou.
Um velho artilheiro, de barba grisalha, de olhar calmo e frio, aproximou-se do canhão e fez pontaria durante algum tempo. Soou uma forte detonação, à qual se misturaram os vivas da tripulação. A bala atingiu o alvo, mas de maneira estranha, pois escorregou na superfície arredondada do animal e foi perder-se no mar.
- Ora esta! - exclamou o velho artilheiro. - Parece que está blindado com chapas de seis polegadas!
- Maldição! - gritou o Comandante Farragut.
A perseguição continuou. Voltando-se para mim, disse ele:
- Pegarei esse animal ainda que a minha fragata se rebente!
- Temos que pegá-lo, comandante! - animei-o.
Era de esperar que o animal se esgotasse e não fosse indiferente à fadiga. Mas isso não aconteceu. As horas passaram sem que ele desse qualquer sinal de cansaço. A "Abraham Lincoln" lutava com infatigável tenacidade. Calculo que tenha percorrido mais de quinhentos quilômetros ao longo daquele fatídico dia 6 de novembro. Mas a noite chegou e envolveu em sombras o mar encapelado.
Pensei que a nossa expedição havia chegado ao fim e que nunca mais veríamos aquele animal fantástico. Enganei-me. Quase às onze horas da noite a luminosidade elétrica reapareceu a três milhas a barlavento da fragata, tão pura e tão intensa como na noite anterior. O narval parecia estar imóvel, talvez fatigado, deixando-se vogar ao sabor das ondas.
Era uma oportunidade que o Comandante Farragut resolveu aproveitar. Deu as suas ordens. A "Abraham Lincoln" avançou a baixa velocidade, prudentemente, para não acordar o adversário. Desligou as caldeiras a cerca de trezentos metros do animal e se pôs à deriva. Ninguém respirava a bordo. Reinava um silêncio profundo na coberta. Estávamos a menos de quarenta metros do foco ardente, cujo brilho aumentava e nos ofuscava os olhos.
Nesse momento vi Ned Land encostado ao cabo do castelo de proa segurando o arpão. Menos de sete metros o separavam do animal. De

repente ele estendeu o braço com toda a força e o arpão foi lançado. Ouvi o choque sonoro da arma, que parecia ter-se embatido num corpo duro.
O foco elétrico apagou-se subitamente e duas enormes trombas de água abateram-se sobre a coberta da fragata, deslizando como uma torrente, de proa à popa, derrubando os marinheiros e quebrando os mastros. Deu-se um embate terrível. Pego de surpresa, não consegui me segurar e fui lançado por cima da amurada. Caí ao mar.

Capítulo 7

Embora tivesse sido surpreendido por essa queda inesperada, conservei minha presença de espírito. O mergulho na água não me fez perder o controle de minhas ações. Com dois vigorosos impulsos voltei à superfície. O meu primeiro reflexo foi tentar localizar a fragata.
As trevas eram profundas. Descortinei uma massa negra que desaparecia para leste e cujos focos de luz se desvaneciam no horizonte. Era a fragata e eu me senti perdido. Com braçadas desesperadas nadei na direção dela, gritando por socorro. As minhas roupas me atrapalhavam, colando-se ao meu corpo e me impedindo os movimentos. Afogava-me. Sufocava. Minha boca se enchia de água. Debatia-me, arrastado para o abismo. Já me desesperava de fazer mais qualquer esforço, quando me senti agarrado por uma mão vigorosa que me levou de volta à tona.
- Se o senhor fizer o favor de se apoiar no meu ombro, nadará muito mais à vontade.
Reconheci a voz de meu fiel criado e me agarrei ao braço dele.
- O choque o lançou ao mar ao mesmo tempo que a mim? - perguntei.
- De maneira nenhuma. Mas uma vez que estou ao serviço do senhor, tinha de segui-lo.
0 valente rapaz achava isso natural.

- E a fragata?
- Acho que o senhor não pode contar com ela. No momento em que me atirei ao mar ouvi os homens gritando que a hélice e o leme haviam se quebrado.
- Partiram-se?
- Sim. Foi o dente do monstro. Penso que foi a única avaria sofrida pela fragata. Mas, infelizmente para nós, ela não ficou em condições de se governar.
- Então estamos perdidos!
- Talvez - respondeu-me Conselho, tranqüilamente. - No entanto ainda temos algumas horas à nossa frente e durante esse tempo muita coisa pode acontecer.
O imperturbável sangue-frio dele animou-me um pouco.
No entanto, com o passar do tempo a nossa situação foi se tornando insustentável. Terrível mesmo. Ainda que o nosso desaparecimento tivesse sido notado imediatamente a bordo da fragata, ela não podia tentar nos socorrer porque estava desgovernada. Portanto, só podíamos contar com os botes.
A colisão entre a fragata e o cetáceo tinha ocorrido por volta das onze horas da noite. Tínhamos portanto ainda oito horas até o nascer do sol. Durante esse tempo deveríamos nadar, boiar, fazer o possível para nos mantermos vivos. Por volta da uma hora da manhã, sentia-me extremamente fatigado e com as pernas inteiriçadas devido a violentas cãibras. Conselho foi obrigado a suster-me e passou a ser o único responsável pelo nosso salvamento. Mas não demorou muito para que eu notasse o seu cansaço e concluísse que ele não poderia agüentar aquela situação por mais tempo.
- Deixe-me! - falei-lhe.
- Abandonar o senhor? Nunca farei isso - afirmou. - Na verdade, espero afogar-me primeiro do que o senhor!
Neste momento, a lua surgiu através das franjas de uma grande nuvem que o vento arrastou para leste. A superfície do mar brilhou sob os seus raios e esta luz benfazeja fez-me recuperar as forças. Levantei a cabeça

e perscrutei todos os pontos do horizonte. Avistei a fragata, que se encontrava a cerca de cinco milhas de nós e constituía uma massa sombria que mal se notava no horizonte. Mas não vi um só dos seus botes. Conselho, embora eu não visse nenhuma utilidade naquilo, gritou por socorro algumas vezes.

Suspendemos os movimentos e nos pusemos à escuta. Podia ter sido um desses zumbidos originados pelo espírito oprimido, mas a verdade é que me pareceu ouvir um grito respondendo ao apelo do meu criado.

- Ouviste? - perguntei a ele.

- Sim, ouvi.

Conselho lançou mais um grito de socorro. Agora não podíamos ter mais dúvida. Uma voz humana respondia à dele. Naquele instante bati num corpo duro e me agarrei nele. Senti que era arrastado, que me puxavam até a superfície, que o peito se me aliviava e desmaiei. Recuperei rapidamente os sentidos e entreabri os olhos.

- Conselho! - murmurei.

- O senhor chamou? - ouvi a voz dele.

Naquele momento, aos últimos raios da lua que desaparecia no horizonte, distingui um rosto que não era o do meu criado.

- Ned! - exclamei.

- Em pessoa, professor.

- Você também foi atirado ao mar?

- Fui. Mas tive mais sorte do que o senhor, porque quase imediatamente encontrei um escolho flutuante e me agarrei nele.

- Um escolho?

- Ou, para dizer melhor, agarrei-me ao nosso narval. - Ao monstro?

- Nele mesmo. Agora sei por que o meu arpão não conseguiu furar-lhe a pele. É que este animal, Sr. Aronnax, é feito de chapa de aço.

Subi de imediato ao ponto mais elevado do objeto semi-submerso que nos servia de refúgio. Bati-lhe com o pé. Tratava-se evidentemente de um corpo duro, impenetrável, e não da substância mole característica dos mamíferos marinhos. O dorso escuro que nos suportava era liso e polido. Ao ser tocado produzia um som metálico.

Não podia haver mais dúvida. O animal, o monstro, o fenômeno que tinha intrigado todo o mundo científico, agitado e transtornado a imaginação dos marinheiros dos dois hemisférios, era algo ainda mais espantoso, porque tinha sido feito pela mão do homem.
A descoberta da existência do ser mais fabuloso e mais mitológico, não teria surpreendido mais a minha inteligência. Que venha do Criador tudo o que é prodigioso, espera-se. Mas encontrar de repente, diante dos nossos olhos, o impossível realizado misteriosamente pelo homem, confunde as idéias. E no entanto era verdade. Encontrávamo-nos estendidos sobre o dorso de uma espécie de submarino, com a forma, tanto quanto pude perceber, de um imenso peixe. A opinião de Ned a respeito dele era certa. Conselho e eu fomos obrigados a concordar com ele que o “animal” era feito de chapa de aço.
- Mas então - disse eu - este aparelho deve encerrar um mecanismo de locomoção e uma tripulação para manobrá-lo.
- Evidentemente - respondeu o arpoador - embora haja mais ou menos três horas que estou aqui e ainda não vi sinal de vida nele.
- Ainda não se moveu?
- Não, Sr. Aronnax. Deixa-se embalar ao sabor das ondas, mas não se move.
- No entanto, sabemos que ele é dotado de grande velocidade. Ora, como é preciso um motor para produzir tal velocidade e um maquinista para o dirigir, concluo que estamos salvos.
- Hum! - fez Ned Land com certa reserva.
Naquele momento, e como que para dar razão aos meus argumentos, produziu-se um turbilhão na ré do estranho aparelho, cujo propulsor era evidentemente uma hélice, e ele se pôs em movimento. Só tivemos tempo de nos agarrarmos à parte superior que submergiu cerca de oitenta centímetros. Felizmente a sua velocidade não era excessiva.
- Enquanto navegar à superfície, tudo vai bem - falou Ned Landa- Mas se resolver a mergulhar, a minha pele não vale um centavo.
Era pois urgente que nos comunicássemos com quem quer que estivesse no interior daquela máquina. Procurei uma abertura na superfície,

mas as linhas das cavilhas, solidamente achatadas na junção das folhas, eram contínuas e uniformes.
Por outro lado, a lua desapareceu naquele momento, deixando-nos na mais completa escuridão. Tínhamos de esperar pelo nascer do dia para tentarmos entrar naquele barco submarino.
Por volta das quatro horas da madrugada a velocidade do aparelho aumentou. A muito custo resistimos àquele vertiginoso andamento, pois as ondas batiam-nos em cheio. Ned encontrou uma grande argola fixa na parte superior do casco e nos agarramos a ela.
Enfim o dia rompeu. Fomos envolvidos pelas brumas matinais, que não tardaram a dissipar-se. Preparava-me para proceder a um exame atento do casco, que formava na parte superior uma espécie de plata-forma horizontal, quando o senti submergindo.
- Com mil diabos! - gritou Ned Land, batendo com o pé no casco. - Abram, seus marinheiros pouco hospitaleiros!
Porém era difícil que o ouvissem no meio dos ruídos produzidos pelo barulho da hélice. Felizmente o movimento de imersão parou. De repente ouvimos o som de manuseamento de ferros no interior do barco. Abriu-se uma chapa. e surgiu um homem que desapareceu imediatamente, assim que nos viu. Instantes depois, apareceram oito robustos marinheiros, com os rostos cobertos, que nos levaram para o interior da sua formidável máquina.

Capitulo 8

A ação deles a nosso respeito, foi brutal e rápida. Nem eu e nem meus companheiros tivemos tempo de ver o que estava se passando. Ao ser introduzido naquela prisão flutuante, senti um calafrio percorrer-me todo o corpo. Quem seria aquela gente? Sem dúvida seriam piratas de unir nova espécie, que exploravam os mares à sua maneira.

Assim que a estreita abertura se fechou atrás de nós, ficamos envolvidos pela mais profunda escuridão. Os meus olhos habituados à claridade exterior, nada conseguiam distinguir. Senti os meus pés nus descerem os degraus de uma escada de ferro. Ned Land e Conselho seguiam-me, seguros pelos homens estranhos. No fundo da escada abriu-se uma porta que se fechou imediatamente após sermos empurrados através dela.
Estávamos prisioneiros. Onde? Não podíamos nem imaginar. Tudo era escuro, mas de um escuro tão absoluto que, passados alguns minutos, os meus olhos ainda não tinham vislumbrado nenhum desses raios intermitentes que flutuam nas noites mais profundas. Ned Land começou a ficar afobado e passou a dizer impropérios contra os nossos carcereiros.
- Não se exalte, Ned - aconselhei-o. - Pode agravar a nossa situação com esses excessos inúteis. Devem estar nos ouvindo. Tentemos saber onde estamos.
Comecei a tatear a minha volta. Dei alguns passos e esbarrei no que me pareceu ser uma parede de ferro feita de grandes chapas cavilhadas. Ao me virar bati numa mesa de madeira, junto da qual se encontravam alguns bancos alinhados. O soalho da nossa sala estava coberto por uma esteira que abafava o ruído dos passos. As paredes nuas não revelavam o mínimo vestígio de porta ou de janela.
Conselho, fazendo uma meia-volta em sentido inverso, foi juntar-se a mim e nos reunimos no meio daquela cabina que devia ter uns seis metros de comprimento por três de largura. Quanto à sua altura, embora fosse um homem alto, Ned Land não conseguiu alcançar-lhe o teto.
Decorrida meia hora sem que a situação se alterasse, passamos de repente da mais profunda escuridão para a claridade mais intensa. A nossa prisão foi subitamente iluminada e ficou tão claro o ambiente que quase não pude suportar-lhe o brilho. Pela intensidade de sua claridade reconheci a luz elétrica que produzia à volta do submarino aquele deslumbrante fenômeno de fosforescência. Depois de ter cerrado as pálpebras involuntariamente, quando as abri de novo vi que a luz provi-

nha de uma espécie de globo despolido preso na parte superior da sala. Pouco tempo depois que a luz foi acesa escutamos um ruído de ferrolhos, a porta abriu-se e apareceram dois homens. Um deles era um indivíduo comum. Quanto ao outro merece uma descrição mais pormenorizada. Reconhecia-se facilmente as suas qualidades dominantes confiança em si próprio, porque a cabeça se erguia com nobreza sobre o arco formado pela linha dos seus ombros e o olhos negros refletiam segurança; era um homem calmo, pois a sua pele, mais pálida do que corada, deixava transparecer a tranqüilidade do sangue; era um indivíduo enérgico e demonstrava isso pela rápida contração dos músculos superciliares; e, finalmente, era um ser corajoso, porque a sua respiração profunda denotava grande expansão vital.

Acrescentarei que aquele homem era arrogante, que o seu olhar firme e calmo parecia refletir os mais altos pensamentos e que de todo este conjunto, da homogeneidade das expressões, dos gestos do corpo e do rosto, ressaltava uma indiscutível franqueza. Senti-me “involuntariamente” tranqüilo e antevi algo de bom em sua presença. Quanto a sua idade eu não poderia dizer se tinha trinta e cinco ou cinqüenta anos. Sua estatura era alta, testa ampla, nariz aquilino, a boca nitidamente desenhada, os dentes magníficos, as mãos finas e alongadas.

Sem pronunciar uma palavra, ele nos examinou atentamente. Depois, virando-se para o seu companheiro, conversaram numa língua que eu não consegui reconhecer. O outro falou apenas duas ou três palavras e limitou-se mais a concordar com acenos de cabeça sobre o que ouvia. A seguir, aquele que era indubitavelmente o chefe, pareceu interrogar-me diretamente com os olhos, sem uma única palavra.

Falei-lhe em francês, dizendo-lhe que não entendia a língua em que tinham conversado. Tive a impressão de que ele não me compreendera e a situação tornou-se bastante embaraçosa. Depois Ned Land falou com ele em inglês e Conselho mostrou o seu conhecimento de alemão, falando-lhe nessa língua. Por último, numa desesperada tentativa de me fazer entender, tentei expressar-me em latim. Em nenhuma dessas

línguas conseguimos nos comunicar com os dois desconhecidos.
Quando desistimos de dialogar com eles, por termos esgotados os nossos recursos lingüísticos, os dois homens trocaram algumas palavras na sua incompreensível
língua e retiraram-se sem sequer nos dirigir um gesto tranqüilizador.
Discutíamos a nossa situação, quando a porta foi novamente aberta e entrou um criado de bordo. Trazia-nos casacos e calças feitos de um tecido cuja natureza desconhecíamos. Apressamo-nos em vestir aquelas roupas, lembrando-nos de que toda roupa serve aos nus. Enquanto nos vestíamos, o rapaz tinha posto a mesa para três pessoas.
Os pratos, cobertos com as respectivas tampas de prata, foram simetricamente colocados sobre a toalha. Tomamos lugar à mesa. Entre as iguarias que nos foram servidas, reconheci diversos peixes requintadamente cozidos, mas quanto aos outros pratos, aliás excelentes, não fiquei sabendo do que se tratava. Todos os utensílios de que nos servimos tinham uma letra encimada por uma divisa
"Mobilis in Mobili N". (Móvel em elemento móvel.) Esta divisa aplicava-se com justeza aquele barco submarino. A letra "N" seria certamente a inicial do nome da enigmática personagem que comandava o navio.
Satisfeita a nossa fome, a necessidade de dormir se fez imediata, como reação natural depois da infindável noite em que tínhamos lutado contra a morte. Pouco depois, os três, dormíamos profundamente.

Capítulo 9

Ignoro qual foi a duração do nosso sono, mas deve ter sido longo, pois ao acordarmos nos sentimos completamente recuperados das fadigas.
Fui o primeiro a despertar. Assim que me levantei daquele leito um

pouco duro, senti o cérebro desanuviado, o espírito livre e tentei reavaliar a fossa situação, enquanto fazia um exame da cela.
O monstro de aço acabava de emergir para respirar, como as baleias. Logo que oxigenei os pulmões com o ar puro, procurei descobrir o condutor que fazia chegar até nós aquela corrente benfazeja e não tardei a encontrá-lo. Por cima da porta havia um orifício de ventilação que deixava passar uma coluna de ar fresco, renovando assim a atmosfera saturada da cela.
Estava eu nessas cogitações, quando Ned e Conselho acordaram, quase ao mesmo tempo, sob o efeito daquele ar revigorante.
- O senhor dormiu bem? - perguntou-me Conselho.
- Muito bem, meu rapaz - respondi. - E você, mestre Land? - indaguei ao canadense.
- Dormi profundamente, professor.
- Aconteceu o mesmo comigo - disse Conselho. A seguir me perguntou:
- O que acha da nossa situação, professor?
- Penso que o acaso nos revelou um importante segredo. Ora, se a tripulação deste navio submarino tem interesse em mantê-lo ignoto, e se esse interesse for para eles mais importante do que três vidas humanas, acho que a nossa existência está comprometida. Em caso contrário, na primeira ocasião, o monstro que nos engoliu há de devolver-nos ao mundo habitado pelos nossos semelhantes.
- A menos que nos incluam na tripulação e nos mantenham aqui - sugeriu o meu criado.
- E aqui ficaremos até o dia em que uma fragata mais rápida ou mais hábil do que a “Abraham Lincoln”, apodere-se deste ninho de piratas, fazendo-os respirar pela última vez nas vergas dos mastros.
- Bem pensado, mestre Land - repliquei. - Mas, que eu saiba, ainda não nos foi feita nenhuma proposta, e portanto é inútil discutir o que devemos fazer. Vamos aguardar e reagir diante de circunstâncias concretas. De qualquer maneira, não creio que tenhamos condições de exigir muita coisa.
Os sinais de inconformismo eram fáceis de se perceber no canadense.

Isso me deixava bastante preocupado. Eu mesmo estava incomodado com o nosso abandono naquela cela e nem podia calcular quanto tempo poderíamos ficar detidos nela. As esperanças que eu tinha alimentado depois que o comandante do submarino estivera conosco, desvaneciam-se pouco a pouco. A doçura do olhar daquele homem, a expressão generosa do seu rosto, a nobreza do seu porte, tudo isso desaparecia da minha lembrança, e eu via aquela personagem enigmática como ela devia ser, necessariamente impiedosa e cruel. Sentia-o desumano, incapaz de qualquer sentimento de piedade, inimigo implacável dos seus semelhantes aos quais devia consagrar eterno ódio.
Naquele momento, ouvimos um ruído no exterior e escutamos passos que se aproximavam no chão metálico.
Os ferrolhos foram corridos, a porta foi aberta e o mesmo empregado que nos servira a comida entrou. Antes que eu tivesse tempo de impedir, o canadense precipitou-se sobre ele, derrubou-o e começou a estrangulá-lo. Conselho tentava retirar a vítima já meio inanimada das mãos do arpoador, e eu ia juntar meus esforços ao dele quando, subitamente, fui surpreendido ao ouvir uma advertência falada em excelente francês:
- Acalme-se, mestre Land. E o senhor professor, queira escutar-me.

Capítulo 10

Era o comandante do submarino quem falava.
Ao ouvir aquelas palavras, Ned Land levantou-se de repente, libertando a sua vítima. A um sinal do amo, pois fora ele quem as pronunciara, o rapaz saiu cambaleando. Conselho e eu, quedos e mudos, aguardávamos receosos a seqüência da cena.
O comandante, apoiado no canto da mesa, de braços. cruzados,

observava-nos com muita atenção. Hesitaria em falar? Estaria arrependido das palavras que pronunciara .. . . em francês?
Passados alguns instantes de silêncio, que nenhum de nós pensou em quebrar, ele começou a falar com voz calma e penetrante
- Meus senhores, falo corretamente francês, inglês, alemão e latim. Poderia ter respondido em minha primeira visita às palavras de vocês. No entanto quis conhecê-los primeiro para depois refletir sobre a atitude que tomaria a seu respeito. Os três disseram as mesmas coisas e me forneceram as suas identidades. Sei agora que o acaso trouxe ao meu barco o senhor Pierre Aronnax, professor de História Natural do Museu de Paris e encarregado de uma missão científica no estrangeiro; Conselho é o seu criado e Ned Land, canadense e arpoador da fragata "Abraham Lincoln", da marinha dos Estados Unidos da América.
Inclinei-me em sinal de concordância.
Ele realmente entendera tudo que faláramos. Continuou o seu discurso após uma breve pausa:
- O senhor deve pensar que tardei em voltar à presença de vocês - dirigiu-se diretamente a mim. - i; que, conhecidas as suas identidades, eu quis pensar maduramente sobre o destino que lhes daria. Hesitei muito. As mais desagradáveis circunstâncias colocaram vocês na presença de um homem que rompeu com a humanidade. Enfim, devo dizer que vocês vieram perturbar a minha solitária existência...
- Involuntariamente - disse eu.
- Involuntariamente? - repetiu o desconhecido, elevando um pouco a voz. - Foi involuntariamente que a "Abraham Lincoln" andou me perseguindo por todos os mares? Foi involuntariamente que vocês embarcaram nessa fragata? Foi involuntariamente que dispararam aquelas balas contra o meu barco? Foi involuntariamente que Ned Land me atingiu com o seu arpão?
Percebi nas palavras dele uma irritação mal contida. Mas eu tinha uma resposta natural para as suas recriminações e dei-a.
- O senhor certamente ignora as discussões que houve na América e na Europa por sua causa. Desconhece que diversos acidentes provocados

pelos choques com o seu submarino alvoroçaram a opinião pública dos dois continentes. Não sabe as numerosas hipóteses com as quais se tentou esclarecer o inexplicável fenômeno de que o senhor é o único a ter o segredo. Saiba porém que ao persegui-lo até o Pacífico, a “Abraham Lincoln” julgava caçar um poderoso monstro marinho de cuja presença era preciso livrar o oceano.
Um leve sorriso aflorou aos lábios do comandante e ele disse num tom mais calmo:
- Sr. Aronnax, ousa afirmar que a sua fragata não teria igualmente perseguido e bombardeado um submarino ou um monstro?
Esta pergunta embaraçou-me, pois eu tinha a certeza de que o Comandante Farragut não teria hesitado, pois considerava o seu dever destruir quer um barco como aquele quer um narval gigante. Diante do meu silêncio, ele falou:
- Compreende portanto que tenho todo o direito de considerá-los como inimigos.
Propositadamente ainda deixei de responder, pois de nada serve discutir uma proposição quando a força pode destruir os melhores argumentos que se tem.
- Hesitei muito tempo - continuou o comandante. - Nada me obrigava a lhes dar hospitalidade. Se ia desembaraçar-me de vocês, não tinha qualquer interesse em voltar a vê-los. Era só mandar levá-los para a plataforma do meu barco, mergulhar e esquecer que tinham existido. Não era esse o meu direito?
- Talvez fosse o direito de um selvagem - respondi - mas não o de um homem civilizado.
- Sr. Aronnax - replicou ele com vivacidade. - Não sou aquilo a que chama um homem civilizado! Rompi com toda á sociedade por motivos que só eu posso apreciar. Portanto, não obedeço as suas regras e convido-o a que nunca as evoque em minha presença!
Estas palavras foram ditas pausadamente. Um raio de cólera e de desprezo iluminou os seus olhos e eu adivinhei em sua vida um passado extraordinário. Não só se tinha colocado à margem das leis humanas,

como se tornara independente, livre na mais rigorosa acepção da palavra, fora de qualquer ataque. Quem ousaria persegui-lo até o fundo dos mares? Que navio resistiria ao choque de seu barco submarino? Que casco, por mais espesso que fosse, suportaria os golpes do seu esporão? Nenhum homem lhe podia pedir contas dos seus atos. Deus, se é que acreditava nele e a sua consciência, se a tivesse, eram os únicos juizes de que poderia depender.
Após um longo silêncio, o comandante continuou a falar:
- Portanto, hesitei muito, mas pensei que o meu interesse podia se harmonizar com aquela piedade natural a que todo homem tem direito. Continuarão a bordo, já que a fatalidade os colocou aqui. Serão livres, mas em troca dessa liberdade, aliás relativa, exijo uma única condição. A promessa de que irão cumpri-la é suficiente para mim.
- A sua condição é daquelas que um homem honesto pode aceitar, comandante? - perguntei-lhe.
- É. Aqui está ela: é possível que alguns acontecimentos imprevistos me obriguem a fechá-los nos seus camarotes durante algumas horas ou dias, segundo os casos. Desejando nunca usar a força, espero de vocês a mais completa obediência. Ao agir assim, isento-os de toda a responsabilidade, liberto-os completamente de quaisquer comprometimentos com os meus atos. Aceitam esta condição?
Portanto, passavam-se a bordo coisas mais ou menos. estranhas, que não deviam ser presenciadas por pessoas que não estivessem à margem da sociedade. Entre as surpresas que o futuro me reservava esta seria certamente das maiores.
- Aceitamos - respondi. - Posso lhe fazer uma única pergunta?
- Pode falar.
- O que devemos entender quando disse que gozaríamos de liberdade a bordo?
- Liberdade de ir e vir, de observar, de ver tudo o que se passa, exceto em algumas raras ocasiões.
As palavras dele deixavam bem claro que não poderíamos fazer qualquer tentativa de fuga. Isso poderia se tornar possível para nós quando

o submarino se aproximasse de alguma costa.
- Essa liberdade não é suficiente para nós, comandante - falei-lhe, usando a franqueza que julgava lhe dever.
- No entanto, tem de chegar - respondeu-me.
- Como? Então devemos renunciar para sempre a rever a nossa pátria, os amigos, os parentes?
- Sim, professor. Mas renunciar a retomar o jugo insuportável da terra, que os homens têm como liberdade, talvez não seja tão penoso como julga.
- Não pode ser - manifestou-se Ned Land. - Não posso dar a minha palavra de que não tentarei fugir.
- Não lhe peço a sua palavra, Sr. Land - falou o comandante, friamente.
- O senhor abusa da sua situação em relação à nossa - disse eu, um pouco exaltado. - Isso é crueldade.
- Não, senhor! É clemência. São meus prisioneiros de guerra. Conservo-lhes as vidas quando podia mergulhá-los nas profundezas do oceano. Os senhores atacaram-me! Vieram desvendar um segredo que nenhum homem no mundo deveria conhecer. O segredo de toda a minha existência! Julgam que vou deixá-los regressar a essa terra que nunca deverá me conhecer? Nunca! Se os mantenho aqui, não é por vocês, é por mim.
Estas palavras revelavam da parte do comandante uma decisão contra a qual nenhum argumento seria eficaz.
- Então, Sr. comandante, dá-nos pura e simplesmente a escolher entre a vida de cativos ou a morte?
- Exatamente.
- Meus amigos - virei-me para os meus companheiros - a uma afirmação assim não posso contra- argumentar. Mas nenhuma palavra nos obriga perante o comandante.
- Nenhuma - confirmou ele. Depois, com uma voz mais suave, falou: - Agora, permitam-me concluir aquilo que queria dizer. Já o conheço, professor Aronnax. O senhor, mais do que os seus companheiros, não terá muito de que se queixar do acaso que o liga ao meu destino.

Encontrará entre os livros que uso para os meus estudos favoritos a obra que publicou sobre os grandes fundos marinhos. Já a li muitas vezes. Levou a sua obra tão longe quanto a ciência terrestre lhe permitiu. Mas não sabe tudo, não viu tudo. Deixe-me portanto dizer-lhe, professor, que não lamentará o tempo que passar a bordo do meu navio. Vai viajar pelo país das maravilhas desconhecidas. A surpresa e a estupefação serão, talvez, o seu habitual estado de espírito. Não se aborrecerá facilmente com o espetáculo que nunca deixará de se oferecer aos seus olhos. Pretendo rever numa nova viagem pelo mundo submarino, quem sabe talvez a última, tudo o que pude estudar no fundo desses mares tantas vezes percorridos, e o senhor será o meu companheiro de estudos. A partir de hoje, entra num novo elemento e verá o que nenhum homem jamais viu, porque eu e os meus homens não contamos. O nosso planeta, graças a mim, vai revelar-lhe os seus últimos segredos.

Não posso negar que essas palavras do comandante produziram em mim um grande efeito. Estava dominado pelo meu ponto fraco e esquecia, por um instante, que a contemplação daquelas coisas sublimes não valia a perda da liberdade. Aliás, eu contava com o futuro para resolver essa importante questão, por isso contentei-me em responder :

- Sr. comandante, se o senhor rompeu com a humanidade, não posso crer que tenha renegado todos os sentimentos humanos. Somos náufragos caridosamente recolhidos e não o esqueceremos. Quanto a mim, não nego que o interesse da ciência poderia me absorver até ao desprezo pela liberdade, pois o que me promete seria mais do que compensador.

Pensei que o comandante iria me estender a sua mão para celebrar o nosso tratado, mas ele não o fez, o que eu lamentei.

- Uma última pergunta - falei, no momento em que aquele enigmático homem parecia querer retirar-se.

- Fale, professor.

- Por qual nome devemos tratá-lo?

- Para os senhores sou o Capitão Nemo. Os senhores são considera-

dos passageiros do “Nautilus”. E agora, Sr. Aronnax, o nosso almoço está pronto. Apenas o senhor queira seguir-me.
- As suas ordens, senhor.
Segui o Capitão Nemo e assim que passei pela porta da cela encontrei-me numa espécie de corredor iluminado eletricamente. Após um percurso de cerca de dez metros, abriu-se uma segunda porta. Acompanhei-o e entramos numa sala de jantar decorada e mobiliada com austeridade. No meio dela encontrava-se uma mesa ricamente servida.
O Capitão Nemo indicou-me o lugar que devia ocupar.
- Instale-se, professor, e sirva-se à vontade.
A refeição era composta por pratos de origem marinha e de outras iguarias cuja natureza e origem eu ignorava completamente. Eram todos bons, embora tivessem um sabor estranho. No entanto, habituei-me com facilidade a ele.
Para não fazermos toda a refeição em silêncio, provoquei-o com o seu assunto predileto
- O capitão ama o mar - falei-lhe.
- Sim, amo-o. O mar é tudo. Cobre sete décimos do globo terrestre. O seu hálito é são e puro. É um imenso deserto onde o homem nunca está só. O mar é o veículo de uma existência sobrenatural e prodigiosa. É movimento e amor. É o infinito vivo, como afirmou um dos seus poetas. Nele reina a suprema tranqüilidade. O mar não pertence aos déspotas. Ah! o senhor professor deveria viver no seio dos mares! Só aí há independência. Aí não reconheço amos! Sou livre!
Ele estava empolgado. Depois, acalmou-se e a sua fisionomia retomou a habitual frieza. Finalmente disse-me:
- Agora, professor, se desejar visitar o “Nautilus”, estou ao seu dispor.

Capítulo 11

O Capitão Nemo levantou-se e eu o segui.
Levou-me a visitar a sua fabulosa biblioteca. Em número de volumes era bem superior à que eu tinha em Paris e talvez o fosse também no conteúdo dos seus livros. Mostrou-me demoradamente sua coleção da fauna marinha, em uma enorme sala construída especialmente para esse fim. Era estupenda. Nenhum museu da Europa tinha uma coleção de espécimes marinhos igual à dele.
A certa altura de nosso passeio, eu disse a ele:
- Mas se esgoto a minha admiração por tudo de extraordinário que tem me mostrado, Capitão Nemo, que me restará para o navio que encerra todas essas maravilhas? Não posso penetrar nos segredos que lhe pertencem, mas confesso que este “Nautilus”, a força motriz que tem dentro de si, as máquinas que lhe permitem navegar, o agente poderoso que o anima, tudo isso excita muito mais a minha curiosidade. Vejo suspensos nessas paredes por onde temos passado, instrumentos cuja utilização me é desconhecida. Posso perguntar-lhe para que...
- Sr. Aronnax - interrompeu-me ele. - Disse-lhe que seria livre a bordo do meu navio e, por conseqüência, nenhuma parte do “Nautilus” lhe está vedada. Pode visitar o navio pormenorizadamente, e eu terei muito gosto em ser o seu guia.
- Não sei como lhe agradecer, mas não quero abusar de sua paciência. Gostava apenas de saber para que servem esses instrumentos.
- Tenho outros iguais em meu quarto e é lá que terei muito gosto em lhe explicar a sua utilização. Mas antes venha visitar o camarote que lhe está destinado.
Conduziu-me para a proa, onde encontrei não um camarote mas um elegante quarto com uma cama, uma cômoda e outros móveis.
- O seu quarto é contíguo ao meu - disse-me ele, abrindo uma porta - e o meu dá para o salão que acabamos de deixar.
Convidou-me e eu entrei no seu quarto. Tinha um aspecto severo, quase ascético. Uma cama de ferro, uma mesa de trabalho, alguns

móveis, tudo simples, nada confortável. Apenas o estritamente necessá-
rio.
- Queira sentar-se - disse-me.

Capítulo 12

Aqui estão - começou a falar, apontando para os instrumentos suspensos nas paredes do quarto - os aparelhos necessários à navegação do “Nautilus”. Tanto aqui como no salão tenho-os sempre diante dos olhos, e indicam-me a minha posição e direção exatas no oceano. Alguns lhe são familiares, tais como o termômetro, que dá a temperatura interior do barco; o barômetro, que mede a pressão atmosférica e prevê as mudanças de tempo; o higrômetro, que mede a umidade do ar; o stormglass, cuja mistura, quando se decompõe, anuncia tempestade; a bússola que dirige a rota; o sextante, que pela altura do sol me informa da latitude; os cronômetros, que me permitem calcular a longitude; e, finalmente, estes óculos de alcance para dia e noite, que servem para perscrutar o horizonte .quando subo à superfície.
- São os instrumentos comuns do navegador e conheço o seu uso - disse-lhe eu. - Mas estes outros aqui certamente respondem às exigências especiais do “Nautilus”. Este quadrante com um ponteiro móvel não é um manômetro?
- Na verdade, é um manômetro que posto em contato com a água indica a pressão exterior, fornecendo-me ao mesmo tempo a profundidade em que está o submarino.
- E estas sondas?
- São termométricas e indicam a temperatura das diversas camadas de água que vamos atravessando.

- E estes outros instrumentos aqui, cuja utilidade nem posso prever qual seja?
- Devo lhe dar uma explicação, professor - disse o Capitão Nemo. - Queira ter a bondade de me escutar.
Manteve-se em silêncio alguns instantes e prosseguiu
- Existe um agente poderoso, obediente, rápido, manobrável para todos os fins, que é rei e senhor a bordo do meu submarino. Tudo é feito por ele. Ilumina, aquece, é a alma de todos os aparelhos: a eletricidade. Sem ela eu nada teria conseguido.
- A eletricidade? - perguntei, surpreso.
- Sim, professor.
— No entanto, capitão, o seu barco possui uma extrema rapidez de movimentos que dificilmente se explica pela eletricidade. Pelo que sei, a sua força dinâmica permanece até hoje muito restrita, e só produziu forças reduzidas.
- A minha eletricidade, professor, não é a mesma do resto do mundo. Mas a este respeito não posso lhe dizer mais nada. Basta saber que o mar me fornece os meios de produzir a minha eletricidade.
Desconversou o assunto, que me interessava profundamente, e passou a me mostrar outros instrumentos e a explicá-los.
- Repare neste relógio, professor. É elétrico e trabalha com uma regularidade que desafia os melhores cronômetros. Está dividido em vinte e quatro horas, como os relógios italianos, porque para mim não existe nem dia e nem noite, nem sol e nem lua, mas apenas esta luz artificial que arrasto até o fundo dos mares. Veja, neste momento são dez horas da manhã.
- Perfeitamente.
- Repare nesta outra aplicação da eletricidade: este quadrante serve para indicar a velocidade do “Nautilus”. Neste momento estamos nos movendo a quinze milhas por hora.
- É maravilhoso - observei - e vejo que descobriu como utilizar este agente, que num futuro próximo substituirá o vento, a água e até o vapor.

- Se quiser me acompanhar, visitaremos agora a ré do “Nautilus”.
Saiu e eu o segui através dos corredores. Chegamos ao centro do navio onde havia uma espécie de poço, que se abria entre dois tabiques estanques. Uma escada de ferro presa na parede conduzia à sua extremidade superior. Perguntei ao capitão para que servia aquela escada.
- Vai dar ao bote - informou-me.
- Como? Tem um bote? - indaguei, surpreso.
- Sem dúvida. Uma excelente embarcação ligeira, insubmersível, que serve para passear e pescar.
Passamos à casa das máquinas. Profusamente iluminada, devia medir pelo menos vinte metros de comprimento, e estava dividida em duas partes: a primeira encerrava os elementos que produziam a eletricidade e a segunda os mecanismos que transmitiam o movimento à hélice.
Como eu já esperava, demoramo-nos muito pouco ali.
Sempre conversando, eu me lembrei de um assunto que gostaria de ver esclarecido.
- A propósito, capitão, o choque do “Nautilus” com o “Escócia” teve muita repercussão. Foi um encontro ocasional?
- Puramente ocasional, professor. Eu navegava a dois metros abaixo do nível do mar quando se produziu o choque. Aliás, eu pude verificar que esse navio não sofreu danos graves.
- De fato, não. Mas quanto ao choque com a “Abraham Lincoln”?
- A fragata estava me atacando, professor. Tive de me defender. No entanto, limitei-me a deixá-la em condições de não continuar o ataque. Não terá problema em reparar as suas avarias em qualquer porto.
- Ah! - exclamei com convicção - o seu “Nautilus” é realmente um barco maravilhoso.
- Sim, professor - confirmou ele, emocionado. - Amo-o como se fosse carne da minha carne! Se tudo é perigo a bordo de qualquer navio sujeito aos caprichos do oceano, se sobre o mar a primeira coisa que nos vem é a sensação do abismo, como tão bem disse o holandês Jansen, por baixo e a bordo do “Nautilus”, o coração do homem fiada tem a recear. Não há que temer um rombo, porque o duplo casco deste

navio tem a rigidez do ferro; não há o perigo do carvão se esgotar, porque a eletricidade é o seu agente mecânico; não receia tempestades, porque a alguns metros de profundidade reina a mais absoluta tranqüilidade. Aqui tem, professor, o navio por excelência.
O Capitão Nemo falava com irresistível eloqüência. O fogo do seu olhar e a paixão dos seus gestos transfiguravam-no. Sim, ele gostava do navio como um pai gosta do filho.
Nesse momento, acudiu-me uma pergunta, talvez indiscreta, que não pude deixar de fazer.
engenheiro, Capitão Nemo?
- Sim, professor. Estudei em Londres, Paris e Nova Iorque no tempo em que era habitante dos continentes da terra.

Capítulo 13

O oceano Pacífico estende-se de norte a sul, entre os dois círculos polares, e a leste e oeste, entre a Ásia e a América, numa extensão de cento e quarenta e cinco graus de longitude. É o mais tranqüilo dos mares, com correntes largas e lentas, marés fracas e chuvas abundantes. Era este o oceano que o destino me levava a percorrer nas mais estranhas condições.
- Vamos determinar exatamente a nossa posição, professor - disse-me o Capitão Nemo - e fixarmos o ponto de partida desta viagem. São onze horas e quarenta e cinco minutos. Vou manobrar para emergir.
Ele premiu três vezes uma campainha elétrica e as bombas começaram a expulsar a água dos reservatórios; o ponteiro do manômetro assinalou, pela pressão, o movimento ascensional do “Nautilus” e depois parou.

- Chegamos - disse o capitão.
Dirigi-me à escada central que conduzia à plataforma. Subi os degraus de metal e pelos alçapões abertos cheguei à parte superior do submarino. Munido do seu sextante o Capitão Nemo mediu a altura do sol, que lhe devia fornecer a latitude. Esperou alguns minutos para que o astro chegasse à linha do horizonte. Enquanto procedia a estas observações, nem um só músculo mexia em seu corpo, e o instrumento não estaria mais imóvel se fosse seguro por uma mão de mármore.
- É meio-dia - falou comigo. - Quando quiser...
Lancei um último olhar àquele mar amarelado, próximo de terras japonesas, e desci ao salão.
Ali, o capitão calculou cronometricamente a longitude, que verificou com observações procedentes dos ângulos solares. Depois disse-me:
- Sr. Aronnax, encontramo-nos a cento e trinta e sete graus e quinze minutos de longitude oeste. . .
- De que meridiano? - perguntei vivamente, esperando que a sua resposta talvez me indicasse a sua nacionalidade.
- Professor - respondeu-me - tenho cronômetros regulados pelos meridianos de Paris, de Greenwich, e de Washington. Em sua honra, vou servir-me do de Paris.
Esta resposta nada me revelou. Fiz um aceno com a cabeça e o capitão continuou:
- Trinta e sete graus e quinze minutos de longitude a oeste do meridiano de Paris e trinta graus e sete minutos de latitude norte, isto é, estamos a cerca de trezentas milhas das costas do Japão. Hoje, dia 8 de novembro ao meio-dia, iniciamos a nossa viagem de exploração submarina. Que Deus nos proteja - falei.
- Agora, professor, peço-lhe licença para me retirar.
Cumprimentou-me e saiu. Fiquei só, absorto em meus pensamentos dirigidos para aquele estranho comandante. Descobriria um dia a que país pertencia aquele homem que se gabava de não pertencer a pais nenhum? Aquele ódio que ele votava à humanidade, aquele ódio que talvez procurasse uma vingança, quem o teria provocado? Seria ele um

desses sábios desconhecidos, um desses gênios “aos quais se fez uma ofensa”?
Absorto em meus pensamentos, só me dei conta da entrada de meus dois companheiros quando Ned Land começou a me interrogar sobre a minha entrevista com o Capitão Nemo. Ele queria saber se eu tinha descoberto quem era o capitão, de onde vinha, para onde ia, para que profundezas nos arrastava.
Contei-lhe tudo o que eu sabia, ou antes, tudo o que não sabia. Por minha vez perguntei-lhe o que tinha podido observar.
- Nada. Não vi nada - respondeu-me. - Nem sequer vi a tripulação do navio. Será que também é elétrica?
- Elétrica?
- Estou tentado a pensar que sim. Mas o senhor não faz nem uma idéia de quantos homens há a bordo? Dez, cinqüenta, cem?
- Não lhe sei informar, Land. Aliás, você deve abandonar, de momento, a idéia de se apoderar do “Nautilus” e fugir. Este navio é uma obra-prima da indústria moderna e eu lamentaria perder a oportunidade de observá-lo à vontade. Muita gente aceitaria a situação em que nos encontramos só para poder passear no meio dessas maravilhas. Assim, mantenha-se calmo e tentemos ver o que se passa à nossa volta.

Capítulo 14

No dia seguinte, 9 de novembro, só acordei após doze longas horas de sono. Conselho, segundo era seu hábito, foi saber como eu havia passado a noite e perguntar se eu precisava de alguma coisa. Tinha deixado o canadense ainda a dormir.
Depois de vestido, eu me dirigi ao salão onde pensava encontrar o Capitão Nemo. Estava deserto. Passei à sala do, museu da fauna

submarina e me entreti apreciando aqueles tesouros encerrados em vitrinas.
Passou-se o dia inteiro sem que eu tivesse a honra de receber a visita do Capitão Nemo. Pude verificar que a rota do “Nautilus” continuava a mesma e que navegávamos a uma velocidade de doze milhas por hora, a uma profundidade entre cinqüenta e sessenta metros.
No dia seguinte, 10 de novembro, verificou-se a mesma ausência, a mesma solidão. Não vi ninguém da tripulação. Ned Land e Conselho passaram a maior parte do dia comigo, igualmente surpreendidos com a ausência do capitão.
Contudo, gozávamos de inteira liberdade e tínhamos alimentos com abundância. O nosso hospedeiro cumpria a sua promessa. Nesse dia iniciei o diário dessas aventuras, o que me permite contá-las com a maior exatidão. Fato curioso: eu fazia minhas anotações num papel fabricado com sargaço marinho.
No dia 11 de novembro, de manhã, o ar fresco que invadiu o interior do “Nautilus” fez-me saber que tínhamos subido à superfície. Dirigi-me para a escada central e subi à plataforma. Eram seis horas. O tempo estava nublado, o mar cinzento, mas calmo e quase sem ondulação. Eu admirava aquele radioso nascer do sol quando senti alguém subindo a escada para a plataforma. Preparei-me para cumprimentar o Capitão Nemo, mas em vez dele apareceu o imediato. Percorreu a plataforma parecendo não se aperceber da minha presença. Perscrutou todos os pontos do horizonte com extrema atenção e depois se dirigiu para o alçapão pronunciando uma frase que guardei, porque ele a repetia todas as manhãs em que me encontrava na plataforma: “Nautron respoc loni virch”. Pronunciadas estas palavras ele descia. Eu não sabia o significado delas.
Passaram-se mais cinco dias sem que a situação se alterasse. O capitão não aparecia e todas as manhãs quando eu subia à plataforma ouvia a mesma frase pronunciada pelo imediato.
No dia 16 de novembro, ao entrar no meu quarto com Ned Land e Conselho, encontrei sobre a mesa um bilhete do Capitão Nemo. Convi-

dava-me e aos meus companheiros para que o acompanhássemos em uma caçada às florestas da ilha Crespo.
- Uma caçada! - admirou-se Ned Land. - Então o capitão tenciona ir à terra - acrescentou.
- Parece-me que sim - disse eu, relendo o convite.
- Temos de aceitar o convite dele - falou o canadense. - Uma vez em terra firme decidiremos o que vamos fazer. Por outro lado, não me importava nada de comer um pedaço de carne fresca.
Decidimos que aceitaríamos o convite do capitão. Ned Land e Conselho se retiraram e o criado de bordo apareceu logo para me servir o jantar. Deitei-me mais cedo naquela noite e adormeci um pouco preocupado com Ned Land e a caçada para a qual fôramos convidados.
No dia seguinte, 17 de novembro, ao despertar senti que o "Nautilus" estava absolutamente imóvel. Vesti-me apressadamente e me encaminhei para o grande salão. O capitão encontrava-se a minha espera. Cumprimentou-me e me perguntou se o acompanharíamos na caçada. Respondi afirmativamente, esperando que ele me dissesse alguma coisa sobre o seu sumiço dos últimos dias. Mas ele não fez referência a isso e eu me abstive de lhe fazer qualquer pergunta sobre o assunto.
Contudo, lembrando-me de que o convite dele se referia a uma caçada "nas minhas florestas da ilha Crespo", perguntei lhe:
- Como é possível que possua florestas na ilha Crespo, capitão, se afirma ter cortado todos os seus contatos com a terra?
- As florestas que possuo, professor, não exigem do sol nem a sua luz, nem o seu calor. Não são freqüentadas nem por leões, nem por tigres, nem por panteras. Só eu as conheço, só existem para mim. Não são florestas terrestres, mas submarinas.
- Florestas submarinas!
- Exatamente, professor.
- E quer levar-me para caçar nelas?
- De espingarda na mão e a pé seco, professor.
Olhei o comandante do "Nautilus" com um ar que nada tinha de lisonjeiro para ele. "Decididamente está louco", pensei. "Deve ter tido um

ataque de loucura o que explica o seu desaparecimento nos últimos oito dias. É uma pena! Eu o preferia estranho, como sempre me parecera, a louco como me parece agora", raciocinei, enquanto ele me olhava com um leve sorriso.
- Por convidá-lo a ir caçar comigo nas minhas florestas da ilha Crespo, professor - disse-me ele - julgou que eu estaria em contradição com as minhas convicções. Quando lhe informei que se tratava de florestas submarinas, passou a pensar que estou louco.
- Mas, capitão, creia que...
- Escute-me primeiro e verá se pode me acusar de contradição ou de loucura. Sabe tão bem quanto eu que o homem pode viver debaixo da água desde que leve consigo uma provisão de ar respirável.
- Sei. Usando escafandros.
- Exatamente. Mas, nas condições em que os conhece na terra esses aparelhos são muito imperfeitos ainda e dependem do fornecimento de ar através de um tubo apropriado que os liga à superfície. Esse sistema tolhe a liberdade do homem sob a água porque ele está preso à terra. Se tivéssemos que ficar ligados por esse cordão umbilical ao "Nautilus", não poderíamos ir longe.
- E qual é a maneira de se ficar livre e poder ir longe?
- Utilizando um aparelho Rouquayrol-Denayrouze, inventado por dois franceses, mas que aperfeiçoei para meu uso. O meu aparelho é composto por um reservatório de espessa chapa de ferro, dentro do qual armazeno o ar a uma pressão de cinqüenta atmosferas. Este reservatório é fixo às costas por meio de correias, como a mochila de um soldado. Como eu tenho de suportar enormes pressões no fundo dos mares, tive de proteger a cabeça, como os escafandristas, dentro de uma esfera de cobre, e é a essa esfera que vão dar os dois tubos para inspiração e expiração.
- Perfeitamente, capitão. Mas o ar que transporta consigo deve esgotar-se rapidamente.
- Sem dúvida; mas as bombas do "Nautilus" me permitem armazena-lo a uma pressão considerável. Nessas condições, o reservatório do

aparelho pode fornecer ar respirável durante nove ou dez horas.
- Não tenho mais objeções - falei-lhe. - Gostaria apenas de lhe fazer mais uma pergunta: como ilumina o caminho no fundo do oceano?
- Com o aparelho Ruhmkorff que levo preso à cintura. É composto por uma pilha de Bunzen, que ativo com sódio e consigo uma luz esbranquiçada e contínua.
- A todas as minhas objeções o senhor dá respostas tão concludentes que não ouso duvidar, capitão. No entanto ainda preciso de esclarecimentos sobre as espingardas que usa nessas caçadas.
- Está evidente que não se trata de uma arma que usa a pólvora. As minhas espingardas funcionam com ar comprimida, que as bombas do "Nautilus" me fornecem abundantemente.
- Mas esse ar deve gastar-se depressa.
verdade. Mas tenho o reservatório Rouquayrol que pode, se necessário, fornecê-lo. Só preciso de uma torneira auxiliar. Aliás, o senhor terá ocasião de verificar que nessas caçadas submarinas se gasta pouco ar e poucas balas.
- Não discuto mais, capitão. Só me resta pegar na espingarda e acompanha-lo. Para onde o senhor for irei também.
O Capitão Nemo conduziu-me para a proa do "Nautilus". Passando pelo camarote de Ned Land e Conselho, chamei-os e eles nos seguiram. Chegamos a um compartimento situado a bombordo, perto da casa das máquinas, no qual devíamos vestir as nossas roupas de passeio submarino.

Capítulo 15

Esse compartimento era o arsenal e o vestiário do "Nautilus". Havia

pelo menos uma dúzia de escafandros suspensos na parede. Ao vê-los, Ned Land manifestou sua má vontade em vestir semelhante objeto.
- Mas, meu caro Ned - disse eu - vamos caçar em florestas submarinas!
- Não me meto dentro de uma coisa dessas, a não ser que me obriguem - declarou ele, peremptório.
- Ninguém o forçará, mestre Ned - falou o capitão.
- Quanto a mim, sigo o professor por toda a parte - disse Conselho, o meu fiel criado.
O capitão chamou dois de seus homens e eles nos ajudaram a vestir aquelas pesadas roupas impermeáveis, feitas de borracha sem costura e preparadas para resistir a altas pressões.
O Capitão Nemo, um dos seus homens - uma espécie de Hércules que devia ter uma força prodigiosa - Conselho e eu, vestimos rapidamente os nossos escafandros. Apenas faltava metermos as cabeças nas esferas metálicas. Antes de proceder a esta operação, pedi ao capitão para examinar as espingardas que nos estavam destinadas. Um dos tripulantes apresentou-me uma delas.
- Capitão Nemo, esta arma é perfeita e de manejo fácil. Estou ansioso para experimentá-la. Como vamos até o fundo do mar?
- Neste momento, professor, o “Nautilus” está encalhado e por isso só nos resta partir.
Com a lanterna Ruhmkorff à cintura e a espingarda na mão, eu estava pronto para o passeio. Mas, aprisionado dentro daquelas roupas pesadas e colado ao chão pelos sapatos de chumbo, julguei ser impossível dar um passo. Contudo, esta dificuldade já devia estar prevista, porque senti que me empurravam para um pequeno compartimento, próximo ao vestiário, no qual fui seguido pelos meus companheiros. Ouvi uma porta munida de obturadores fechar-se atrás de nós e fomos envolvidos por uma profunda obscuridade.
Passados alguns minutos, ouvi um forte silvo, ao mesmo tempo que sentia uma impressão de frio subir-me dos pés ao peito. Era evidente que, por meio de uma torneira, tinham dado entrada à água que invadia

o compartimento. Uma segunda porta existente no costado do "Nautilus" abriu-se então e vimos uma certa claridade. Após um instante, pisávamos o fundo do mar.

O Capitão Nemo ia à frente, enquanto o seu companheiro nos seguia a alguns passos de distância. Conselho e eu íamos muito perto um do outro, como se fosse possível qualquer conversa através de nossas carapaças metálicas. A luz do sol iluminava as águas até dez metros de profundidade e surpreendia-me com a sua intensidade. Os raios solares atravessavam com facilidade aquela massa líquida, atenuando-lhe a coloração.

Começamos a andar sobre uma areia fina, uniforme, sem rugosidade. Aquele tapete extraordinário, verdadeiro refletor, reproduzia os raios solares resultando disso uma intensa reverberação que penetrava todas as moléculas líquidas. Mesmo para mim que estava presenciando o fenômeno, era incrível que a uma profundidade de dez metros, podia ver tão bem como em pleno dia.

Fomos avançando por uma vasta planície que parecia não ter limites. Eu afastava com a mão as cortinas líquidas, que se tornavam a fechar atrás de mim, e o vestígio dos meus passos logo desaparecia sob a pressão da água. Em breve algumas silhuetas de objetos, que eu mal distinguia à distância, foram tomando forma.

Eram então dez horas da manhã. Os raios solares batiam na superfície das águas formando um ângulo bastante oblíquo. Ao contato da sua. luz, decomposta pela refração como através de um prisma, flores, rochedos, plantas, conchas, pólipos, matizavam-se com as sete cores do espectro solar. Era algo maravilhoso, uma festa para os olhos. Eu sentia verdadeira mágoa por esmagar sob os pés os belos espécimes de moluscos que juncavam o solo. Os pentes concêntricos, os martelos, as donácias, verdadeiras conchas saltitantes, os troques, os capacetes-vermelhos, os estrombos asa-de-anjo, as afilas, e tantos outros exemplares daquele mar inesgotável. Mas era preciso avançar.

Tínhamos deixado o "Nautilus" há cerca de hora e meia. Era perto do meio-dia, fato de que me apercebi pela perpendicularidade dos raios

solares, que já não se refratavam. A magia das cores desapareceu pouco a pouco, e as tonalidades de esmeralda e de safira dissiparam-se do nosso horizonte. Avançávamos a passo regular, que se ouvia com surpreendente nitidez.

Naquele ponto, o solo começou a inclinar-se numa encosta pronunciada. A luz tomou uma cor uniforme. Atingimos uma profundidade de cem metros, suportando então uma pressão de dez atmosferas. Porém, o meu escafandro estava concebido de tal forma que eu não sentia esta pressão, mas apenas uma certa dificuldade em mexer as articulações dos dedos, o que também não tardou a desaparecer. Quanto à fadiga, natural por aquele passeio de duas horas, dentro de uma roupa a que não estava habituado, era nula. Os meus movimentos, ajudados pela água, processavam-se com espantosa - facilidade.

Chegando à profundidade de trezentos pés, ainda via os raios solares, embora já muito fracos. Ao brilho intenso tinha sucedido um crepúsculo avermelhado, meio termo entre o dia e a noite. No entanto, ainda víamos o suficiente para caminharmos, e não se tornou necessário acendermos os aparelhos Ruhmkorff. Nessa altura, o Capitão Nemo parou. Esperou que eu chegasse junto dele. Com o dedo apontou-me umas massas obscuras que se avistavam a pouca distância. “É a floresta da ilha Crespo”, pensei. E não me enganava.

Capítulo 16

Chegávamos enfim à floresta, sem. dúvida uma das mais belas do imenso domínio do Capitão Nemo. Ele a considerava sua e julgava ter sobre ela os mesmos direitos que tinham os homens primitivos na, alvorada da humanidade. Aliás, quem lhe disputaria aquela propriedade

submarina? Que outro pioneiro mais ousado, viria, de machado na mão, cortar-lhe a mata?
Aquela floresta era composta por grandes plantas arborescentes, e assim que penetramos debaixo das suas ramagens, os meus olhos sentiram-se atraídos pela estranha disposição dos ramos, a qual nunca tinha visto até então nas florestas da superfície terrestre.
Nenhuma erva das que atapetavam o solo, nenhum ramo dos arbustos se enroscava ou se estendia num plano horizontal: todos subiam para a superfície do mar. Não havia um filamento, uma fita, por mais delgada que fosse, que não se mantivesse direita como se fosse um fio de ferro. Notei também que todos os espécimes do reino vegetal: estavam presos ao solo apenas por uma ligação superficial. Desprovidos de raízes, indiferentes ao corpo sólido, areia, concha ou pedra, que as suportava apenas lhe pediam apoio e não vitalidade. Essas plantas provêm de si mesmas e o princípio de sua existência está na água, que as sustenta e alimenta.
Por volta de uma hora o Capitão Nemo fez sinal para que parássemos. Por mim, fiquei muito satisfeito, e estendemo-nos debaixo de uma árvore, cujos longos e estreitos ramos se erguiam como flechas. Depois de quatro horas a andar, surpreendi-me por não sentir fome. Não sabia como explicar aquela disposição do estômago, mas em contrapartida, sentia uma irresistível vontade de dormir, como acontece a todos os mergulhadores. Portanto, os olhos não tardaram a fechar-se por trás do espesso vidro e mergulhei numa sonolência invencível, que até então tinha sido combatida pela marcha. O Capitão Nemo e o seu robusto companheiro, estendidos naquele líquido cristalino, também se entregaram ao sono.
Não posso precisar por quanto tempo permaneci naquela letargia, mas quando acordei pareceu-me que o sol se punha no horizonte. O capitão já se erguera, e eu começava a desentorpecer os membros quando uma inesperada aparição me fez levantar bruscamente.
A alguns passos de distância, uma monstruosa aranha do mar, com um metro de altura, olhava-me com os seus olhos vesgos, prestes a atirar-

se sobre mim. Embora o meu escafandro fosse suficientemente espesso para me defender contra as mordeduras da aranha não pude evitar um movimento de horror. O Capitão Nemo apontou ao seu companheiro o hediondo animal, que foi imediatamente abatido com uma coronhada. Vi as horríveis patas do monstro contorcerem-se em convulsões terríveis. Esse episódio levou-me a pensar que outros animais ainda mais temíveis habitavam aquelas profundidades e que o meu escafandro não me protegeria contra os seus ataques. Até então ainda não me ocorrera tal idéia e decidi ter mais cuidado.

Por volta das quatro horas, aquela maravilhosa excursão chegou ao seu termo. Erguia-se diante de nós uma muralha de rochas soberbas, blocos gigantescos, enorme falésia de granito com grutas obscuras, mas sem nenhum caminho praticável. Eram as escarpas da ilha Crespo. Era a terra.

O capitão parou de repente. Com um gesto indicou-nos que fizéssemos o mesmo. Ali acabavam-se os seus domínios e ele não queria ultrapassá-los. Para diante era aquela porção do globo terrestre que ele não queria tornar a pisar.

De regresso ao “Nautilus” andávamos calmamente quando vi o Capitão Nemo apontar a arma e seguir um vulto móvel que se insinuava entre os arbustos. A bala partiu, ouvi um fraco silvo e um animal foi cair fulminado a alguns passos de nós. Era uma magnífica lontra do mar, o único quadrúpede exclusivamente marinho. O companheiro do capitão apanhou o animal, colocou-o sobre os ombros e continuamos a caminhar.

Durante duas horas atravessamos, ora planícies arenosas ora pradarias de sargaço, muito difíceis de se caminhar nelas. Francamente eu já não agüentava mais, quando avistei uma luz fraca a cerca de, meia milha, rompendo a obscuridade das águas. Era o farol do “Nautilus”. Fiquei realmente satisfeito com a proximidade do descanso.

Eu tinha ficado uns vinte passos para trás, quando vi o Capitão Nemo retroceder em minha direção. Com a sua mão vigorosa atirou-me ao chão, enquanto o seu companheiro fazia o mesmo ao meu criado. A

princípio eu não soube o que pensar daquele ataque brusco, mas fiquei mais tranqüilo ao ver que o capitão se deitava a meu lado e permanecia imóvel. Estávamos estendidos no solo e abrigados por uma moita de sargaços, quando ao levantar a cabeça vi duas enormes massas que passavam ruidosamente, lançando clarões fosforescentes.

O sangue gelou-se-me nas veias ao reconhecer os enormes esqualos que nos ameaçavam. Era um casal de "tintoreas", terríveis tubarões, com uma cauda comprida, olhar vítreo, que expelem uma matéria fosforescente por uns orifícios que possuem à volta do focinho. Animais monstruosos, que podem triturar um homem com os seus maxilares de ferro.

Felizmente esses vorazes animais têm uma visão muito débil, e passaram por nós sem nos ver, roçando-nos com as suas barbatanas negras.

Pudemos escapar como que por milagre àquele grande perigo, certamente maior do que o que existe num encontro com um tigre das florestas terrestres.

Três minutos depois, orientados pelo foco elétrico, estávamos entrando no "Nautilus".

Capítulo 17

Na manhã seguinte, dia 18 de novembro, já refeito das fadigas da véspera, subi à plataforma no momento em que o imediato pronunciava a sua frase quotidiana. Veio-me então a idéia de que ele devia estar informando sobre o estado do mar e que as suas palavras significariam: "Nada à vista!"

Eu admirava o magnífico aspecto do oceano, quando o Capitão Nemo apareceu. Tive a impressão de que ele não se apercebeu da minha

presença e iniciou uma série de observações técnicas. Terminado o trabalho, foi encostar-se ao farol e o seu olhar perdeu-se no horizonte. Entretanto, uns vinte marinheiros do “Nautilus”, todos eles homens vigorosos e bem constituídos, tinham subido à plataforma para puxar as redes lançadas durante a noite. Percebi que os homens eram oriundos de nações diferentes, embora o tipo europeu fosse comum a todos. Reconheci irlandeses, franceses, alguns escandinavos e um grego. Aliás, esses homens eram muito sóbrios de palavras, e só utilizavam entre si aquele estranho idioma, cuja origem eu nem suspeitava. Assim, tive de renunciar ao meu desejo de interrogá-los.

As redes foram içadas para bordo. Calculei que tinham trazido mais de mil libras de peixes. Terminada a pesca e renovada a provisão de ar, pensei que o “Nautilus” iria continuar a sua excursão submarina e me preparava para descer ao meu quarto quando, virando-se para mim, o Capitão Nemo disse:

- Veja este oceano, professor. Não é dotado de uma vida real? Não tem as suas iras e ternuras? Ontem adormeceu como nós, e agora desperta após uma noite de calma.

Nem bom-dia, nem boa-noite! Parecia que aquele estranho personagem reatava comigo uma conversa suspensa poucos minutos antes. Ele continuou falando:

- Repare: desperta com as carícias do sol. Vai reviver a sua existência diurna. É um estudo interessante seguir o funcionamento do seu organismo. Possui pulso, artérias, espasmos e dou razão ao sábio Maury, que descobriu no mar uma circulação tão real como a circulação sangüínea nos animais.

Era evidente que o Capitão Nemo não esperava qualquer resposta minha, e pareceu-me inútil pronunciar as habituais banalidades. Após uma breve pausa, ele continuou :

- Os sais encontram-se em quantidade considerável no mar. Se extraíssem todos os sais que o mar contém em suspensão, obteríamos uma massa de quatro e meio milhões de léguas cúbicas. Essa massa, espalhada no globo terrestre, formaria uma camada com mais de dez metros

de altura. E não pense que a presença desses sais se deve a um capricho da natureza. Não! Tornam as águas marinhas menos evaporáveis e impedem o vento de lhes roubar uma quantidade demasiado grande de vapores que, ao se liquefazerem, submergiriam as zonas temperadas. Papel importante e imenso, papel moderador na economia geral do globo terrestre.

Ao falar desse modo, o Capitão Nemo transfigurava-se, o que provocava em mim uma extraordinária emoção.

- Aqui - continuou ele - existe a verdadeira vida. Imagine a fundação de cidades aquáticas, de aglomerados de casas submarinas que, como o “Nautilus”, subissem todas as manhãs à superfície dos mares para respirar. Cidades livres, cidades independentes! E daí, talvez algum tirano...

O Capitão Nemo disse essas últimas palavras e fez um gesto violento. Depois, como que para afastar algum pensamento funesto, perguntou-me:

- O professor sabe qual é a profundidade média dos oceanos?

- Sei apenas o que as últimas sondagens nos revelaram. Se não me engano, verificou-se uma profundidade média de oito mil e duzentos metros no Atlântico Norte e de dois mil e quinhentos metros no Mediterrâneo. As sondagens mais importantes foram feitas no Atlântico Sul, perto do trigésimo quinto grau, e deram: doze mil metros, quatorze mil e noventa “e um metros e quinze mil cento e quarenta e nove metros. Resumindo, calcula-se que se o fundo do mar fosse uniforme teria uma profundidade média de cerca de sete quilômetros.

- Espero mostrar-lhe algo melhor do que isso - disse-me o capitão. - Quanto à profundidade média desta zona do Pacífico, digo-lhe que é de apenas quatro mil metros.

Dito isto, dirigiu-se para o alçapão e desapareceu pela escada. Eu o segui e fui para o salão. A hélice pôs-se imediatamente em movimento e o navio atingiu uma velocidade de vinte milhas por hora.

Nos dias e semanas que se seguiram, eu o vi muito raramente. O imediato fazia o ponto de nossa posição todos os dias e o assinalava no

mapa. Assim eu podia seguir a rota do “Nautilus”.
Conselho e Land passavam muitas horas comigo. Conselho tinha contado ao amigo as maravilhas do nosso passeio e o canadense lamentava não nos ter acompanhado. Para consolo dele, todos os dias, durante algumas horas, abriam-se os painéis do salão e os nossos olhos nunca se cansavam de apreciar os mistérios do mundo submarino.

No dia 26 de novembro, às três horas da manhã, o “Nautilus” chegou ao Trópico de Câncer, a cento e setenta e dois graus de longitude. A 27, passou pelas ilhas
Sandwich, onde o ilustre Capitão Cook encontrou a morte no dia 14 de fevereiro de 1779. Tínhamos então percorrido quatro mil oitocentas e sessenta léguas desde a partida.

De manhã, quando subi à plataforma, avistei, a duas milhas para sotavento, o Havaí, a maior das sete ilhas que formam o arquipélago do mesmo nome. A direção do “Nautilus” mantinha-se para sueste. Passou o Equador no dia 1.° de dezembro, a 142° de longitude, e no dia 4 do mesmo mês, após uma rápida travessia que decorreu sem qualquer incidente, avistamos o grupo das ilhas Marquesas- Distingui a três milhas, a 800 57' de latitude sul e 1390 32' de longitude oeste, a ponta Martin, de NoukaHiva, a ilha principal deste grupo, que pertence à França. Vi apenas as montanhas cobertas de arvoredo, que se desenhavam no horizonte, porque o Capitão Nemo não gostava de se aproximar de terra.
Após ter deixado essas ilhas paradisíacas, protegidas pela bandeira francesa, o “Nautilus” percorreu, do dia 4 ao dia 11 de dezembro, cerca de duas mil milhas. Passei o dia 11 de dezembro a ler no grande salão. Ned Land e Conselho observavam as águas luminosas através dos painéis entreabertos’ O “Nautilus” mantinha-se agora imóvel. Com os reservatórios cheios, conservava-se a uma profundidade de mil metros, região pouco habitada, onde os peixes de grande porte apareciam de vez em quando.
Eu lia o encantador livro de Jean Macé “Les Serviteurs de 1’estomac”, saboreando as suas engenhosas lições, quando Conselho me interrom-

peu:
- Queira desculpar-me, professor, mas venha ver isso aqui.
Levantei-me, aproximei-me do vidro e olhei pelo painel.
Iluminada pela luz elétrica, uma enorme massa escura e imóvel mantinha-se suspensa no meio das águas. Observei-a atentamente, tentando reconhecer a natureza do gigantesco cetáceo. Mas de repente um pensamento atravessou-me o espírito.
- É um navio! - exclamei.
- Sim - confirmou o canadense. - Um navio que naufragou.
Tínhamos diante de nós um navio, cujos cabos cortados pendiam ainda das respectivas cadeias. O casco parecia estar em bom estado e o naufrágio devia ter ocorrido poucas horas antes. Três pedaços de mastros, cortados dois pés acima do convés, indicavam que o navio se vira forçado a sacrificar a mastreação. Mas, adernando de flanco, tinha-se enchido de água e afundara, inclinado para bombordo. Triste espetáculo, ver aquela carcaça perdida nas águas. Ainda mais triste era ver os cadáveres no convés, amarrados por cordas. Vi quatro homens, um dos quais se mantinha de pé, preso ao leme, e uma mulher meio saída pela clarabóia do tombadilho, segurando uma criança nos braços. Era uma mulher jovem, pois pude ver-lhe claramente as feições iluminadas pelo farol do “Nautilus”. Num esforço supremo, ela tinha erguido o filho acima da cabeça, pobre criatura cujos bracinhos se agarravam ao pescoço da mãe. A postura dos quatro marinheiros era assustadora, contorcendo-se em movimentos convulsivos, fazendo um derradeiro esforço para se libertarem das cordas que os prendiam ao navio. Só, mais calmo, o rosto grave e sério, cabelos grisalhos colados à testa e as mãos crispadas no leme, o timoneiro parecia ainda conduzir o seu navio naufragado através das profundezas do oceano.
Que espetáculo! Ficamos mudos, com os corações a palpitarem diante daquele naufrágio recente, e por assim dizer fotografado nos seus momentos derradeiros. Via já avançar, com os olhos inflamados, enormes esqualos, atraídos por aquelas iscas de carne humana.
Entretanto, o “Nautilus”, dando uma volta ao navio submerso, permitiu-

me ler-lhe na ré: “Flórida, Sunderland”.

Capítulo 18

Esse horroroso espetáculo inaugurou a série de catástrofes marítimas que o “Nautilus” iria encontrar em sua rota. Desde que navegávamos por mares freqüentados, víamos muitas vezes cascos naufragados que acabavam por apodrecer entre suas águas. A maior profundidade víamos canhões, balas, âncoras, correntes e mil outros objetos de ferro sendo devorados pela ferrugem.
Entretanto, sempre conduzidos pelo “Nautilus”, onde vivíamos isolados, avistamos, no dia 11 de dezembro, o Arquipélago Pomotu, antigo “grupo perigoso” de Bougainville. Esse arquipélago cobre uma superfície de trezentas e setenta léguas quadradas e é formado por sessenta grupos de ilhas, entre as quais se destaca o grupo Gambier, ao qual a França impôs o seu protetorado. Um crescimento lento mas contínuo dessas ilhas coralíneas, há de um dia ligá-las entre si. Depois, esta ilha irá unir-se aos arquipélagos vizinhos, e surgirá um quinto continente que se estenderá desde a Nova Zelândia e a Nova Caledônia até as ilhas Marquesas.
No dia em que expus esta minha teoria ao Capitão Nemo, ele me respondeu, friamente:
- Não é de novos continentes que a terra precisa, professor, mas de novos homens!
A 15 de dezembro deixamos para leste o encantador Arquipélago da Sociedade e a graciosa Taiti, rainha do Pacifico. De manhã avistei, a

algumas milhas a sotavento, os cumes elevados desta ilha. As suas águas forneceram para a mesa de bordo excelentes peixes, tais como cavalas, bonitos, albacoras e algumas variedades de uma serpente do mar chamada "munérophis".

O "Nautilus" já havia navegado oito mil e cem milhas. Nove mil setecentas e vinte milhas era o total percorrido quando passou entre o Arquipélago Tonga-Tabu, onde pereceram as equipagens do "Argo", do "Port-au-Prince" e do "Dulce of Portland", e o Arquipélago dos Navegadores, onde foi morto o Capitão Langle, amigo de La Pérouse. A seguir passou perto do Arquipélago Viti, onde os indígenas chacinaram os marinheiros do "Union" e o Capitão Bureau, de Nantes, comandante do "Aimable Joséphine".

Esse arquipélago prolonga-se por uma extensão de cem léguas, de norte para o sul, e de noventa léguas de leste para oeste, e está compreendido entre 6° e 2° de latitude sul e 174° e 179° de longitude oeste. É composto por um certo número de ilhas, ilhotas e escolhos, entre os quais sé salientam as ilhas Viti-Levu, Vanua-Levu e Kandubon. Foi Tasman quem descobriu o arquipélago, em 1643, o mesmo ano em que Torricelli inventava o barômetro e Luís XIV subia ao trono da França. Qual desses acontecimentos foi mais útil à humanidade? Vieram a seguir: Cook, em 1714, d'Entrecasteaux, em 1793, e finalmente Dumont d'Urville, em 1827, que decifrou todo o caos geográfico do arquipélago. O "Nautilus" aproximou-se da Baía de Wailea, cenário das terríveis aventuras do Capitão Dillon, o primeiro homem que conseguiu esclarecer o mistério do naufrágio de La Pérouse.

No dia 25 de dezembro, navegava o "Nautilus" no meio do arquipélago das Novas Hébridas, que Queirós descobriu em 1606, que Bougainville explorou em 1768 e ao qual Cook deu, em 1773, o nome atual.

Era dia de Natal. Ned Land lamentou que não se celebrasse, a bordo do "Nautilus", o Christmas, verdadeira festa de família pela qual os protestantes têm muito respeito.

Há oito dias eu não via o Capitão Nemo. No dia 27 pela manhã ele entrou no grande salão, sempre com o ar de um homem que nos deixou

há cinco minutos. Eu estava entretido em seguir no planisfério a rota do "Nautilus". Ele se aproximou, indicou um ponto no mapa e pronunciou uma única palavra

- Vanikoro.

Era uma palavra mágica. Era o nome das ilhotas onde haviam naufragado os navios de La Pérouse. Levantei-me interessado e perguntei

- O "Nautilus" ruma para Vanikoro?

- Exatamente - informou-me o capitão.

- E poderei visitar as célebres ilhas onde se despedaçaram o "Bússola" e o "Astrolábio"?

- Se assim o desejar, professor.

- Falta-nos muito para chegarmos lá?

- Estamos em Vanikoro!

Seguido pelo Capitão Nemo, subi à plataforma de onde perscrutei avidamente o horizonte. Bem próximo de mim, o capitão me perguntou o que eu sabia sobre o naufrágio de La Pérouse.

- O que toda a gente sabe - respondi.

- E pode dizer-me o que toda a gente sabe? - perguntou-me, num tom irônico.

- Com todo o prazer, capitão.

Contei-lhe então o que os últimos trabalhos de Dumont d'Urville tinham revelado.

Em 1785, La Pérouse e o seu imediato, o Capitão De Langle, receberam ordens de Luís XVI para efetuarem uma viagem de circunavegação. Partiram nas corvetas
"Bússola" e "Astrolábio", que nunca mais regressaram. Em 1791, o governo francês, justamente alarmado com o destino dos dois navios, armou duas grandes embarcações, a "Recherche" e a "Espérance", que zarparam de Brest a 28 de setembro, sob o comando de d'Entrecasteaux. Dois meses depois, sabia-se, pelas declarações de um tal Bowen, comandante da "Albermale", que haviam sido avistados destroços de navios naufragados junto das costas da Nova Geórgia. Mas d'Entrecasteaux, ignorando essas informações, muito imprecisas

aliás, dirigiu-se para as ilhas do Almirantado, apontadas como sendo o local do naufrágio de La Pérouse num relatório do Capitão Hunter.
As suas buscas foram infrutíferas. A “Espérance” e a “Recherche” passaram ao largo de Vanikoro, sem se deterem. Em suma, a missão foi um completo malogro, tendo além disso custado a vida a d’Entrecasteaux, a dois dos seus imediatos, assim como a vários membros da tripulação.
Foi um velho lobo-do-mar, o Capitão Dillon, o primeiro a encontrar vestígios indiscutíveis dos naufragados. A 15 de maio de 1824, o seu navio, o “Saint-Patrick”, passou perto da ilha Tikopia, uma das Novas Hébridas. Ali foi abordado por um indígena numa piroga, que lhe vendeu um punho de espada, de prata, que tinha sinais de caracteres gravados com buril. O indígena informou ainda que seis anos antes, durante uma sua estada em Vanikoro, tinha visto dois europeus que pertenciam a navios naufragados há muitos anos nos recifes da ilha.
Dillon calculou que se trataria dos navios de La Pérouse, cujo desaparecimento emocionara o mundo. Quis ir a Vanikoro onde, segundo o indígena, encontraria numerosos destroços do naufrágio. Mas os ventos e as correntes não permitiram que ele chegasse à ilha.
Dillon regressou então a Calcutá onde conseguiu interessar pela sua descoberta a Sociedade Asiática e a Companhia das índias. Foi posto à sua disposição um navio ao qual deram também o nome de “Recherche”, e ele partiu no dia 23 de janeiro de 1827, levando consigo um agente francês.
O navio, depois de ter tocado em vários pontos do Pacífico, lançou âncora diante de Vanikoro em 7 de julho de 1827, no mesmo porto de Vanu onde se encontrava o “Nautilus” naquele momento.
Ali ele recolheu numerosos restos do naufrágio: utensílios de ferro, âncoras, estropos de roldanas, uma bala de dezoito milímetros, instrumentos de astronomia já estragados, uma sineta de bronze com a inscrição “Bazin fez”, marca da fundição do Arsenal de Brest por volta de 1785. Não restavam, portanto, dúvidas.
Dillon permaneceu no local do sinistro até o mês de outubro, a fim de

completar as suas investigações. Depois deixou Vanikoro e se dirigiu para a Nova Zelândia. Fundeou em Calcutá a 7 de abril de 1828 e voltou a França, onde foi calorosamente acolhido por Carlos X. Contudo, por essa altura, Dumont d'Urville, que desconhecia as investigações de Dillon e os seus resultados, tinha já partido para procurar em outras paragens o local do naufrágio. Com efeito, soubera-se por um baleeiro que algumas medalhas e uma truz de São Luís foram vistas com os indígenas da Luisiana e da Nova Caledônia.

Dumont d'Urville, que comandava o "Astrolábio", fez-se ao mar. Dois meses depois de Dillon ter deixado Vanikoro, ele fundeava diante de Hobart Town, onde teve conhecimento dos resultados obtidos por Dillon. Ainda nessa cidade ele foi informado de que um tal James Hobbs, imediato do "Union", de Calcutá, ao pisar terra numa ilha situada a 8° 18' de latitude sul e 156° 30' de longitude leste, tinha visto barras de ferro e tecidos vermelhos nas mãos dos indígenas.

Dumont d'Urville, bastante perplexo e não sabendo se devia acreditar nessas histórias divulgadas por jornais pouco dignos de confiança, decidiu seguir as pegadas de Dillon.

A 10 de fevereiro de 1828, chegava o "Astrolábio" a Tikopia. Ele tomou por guia e intérprete um desertor que havia se fixado naquela ilha, navegou para Vanikoro, que avistou a 12 de fevereiro, transpôs os seus recifes e só no dia 20 fundeou no porto de Vanu.

No dia 23, seus oficiais deram uma volta à ilha e recolheram alguns destroços sem importância. Os indígenas, com evasivas, recusaram-se a conduzi-los ao local do sinistro. Esta conduta, que se lhes afigurou muito suspeita, levou-os a pensar que os naturais da ilha teriam maltratado os náufragos. De fato eles pareciam recear que Dumont d'Urville tivesse ido à ilha para vingar La Pérouse e os seus infelizes companheiros.

Nó entanto, a 26, os indígenas, convencidos com presentes e entendendo que nada tinham a recear, levaram o imediato Jacquinot ao local do naufrágio. Ali, a três ou quatro braças de profundidade, entre os recifes Pacu e Vanu, jaziam âncoras, canhões, barras de ferro e de chumbo.

Com muito custo a chalupa e a baleeira do “Astrolábio” chegaram ao local, e os marinheiros conseguiram retirar das águas uma âncora pesando mil e oitocentas libras, um canhão de ferro fundido, uma barra de chumbo e duas peças de cobre.
Interrogando os indígenas, Dumont d’Urville conseguiu saber que La Pérouse, depois de ter perdido os seus dois navios nos rochedos da ilha, havia construído uma embarcação menor, que por sua vez afundaria... Em que local? Ninguém sabia.
O comandante do “Astrolábio” mandou erigir um monumento à memória do célebre navegador e dos seus companheiros. Era uma simples pirâmide quadrangular, apoiada numa base de corais, desprovida de qualquer coisa que pudesse suscitar a cobiça dos indígenas.
Tencionava Dumont d’Urville fazer-se ao mar imediatamente, mas a sua tripulação estava minada pelas febres muito comuns naquelas costas. Ele próprio foi atacado por elas e só pôde levantar âncora no dia 17 de março. Nesse meio tempo o governo francês, receando que Dumont d’Urville não estivesse sabendo das pesquisas de Dillon, enviara a Vanikoro a corveta “Bayonnaise”, comandada por Legoarant de Tromelin. A “Bayonnaise fundeou diante de Vanikoro alguns meses após a partida do “Astrolábio” e não encontrou qualquer documento novo. Pôde verificar que os indígenas haviam respeitado o monumento de La Pérouse.
Terminei nesse ponto o resumo do relato que fiz ao Capitão Nemo. Sem me dizer uma palavra ele me fez um sinal para acompanhá-lo até o salão. O “Nautilus” mergulhou alguns metros e os painéis se abriram. Precipitei-me para o vidro e avistei alguns destroços. Cabos de ferro, âncoras, canhões, balas, uma guarnição de cabrestante, uma roda de proa e outros objetos provenientes de navios naufragados, cobertos de plantas marinhas.
Enquanto eu observava esses destroços, o Capitão Nemo disse-me:
- O Comandante La Pérouse partiu no dia 7 de dezembro de 1785 com os seus navios “Bússola” e “Astrolábio”. Fundeou primeiro em Botany Bay, visitou o Arquipélago dos Amigos e a Nova Caledônia.

Dirigiu-se para Santa Cruz e aportou em Namuka, uma das ilhas do grupo Havaí. Depois os seus navios chegaram aos recifes desconhecidos de Vanikoro. O "Bússola", que navegava à frente, encalhou na costa meridional, o mesmo acontecendo ao "Astrolábio", que fora em socorro dele. O primeiro desfez-se quase imediatamente, mas o segundo, encalhado a sotavento, resistiu alguns dias. Os indígenas deram bom acolhimento aos náufragos e eles se instalaram na ilha, tendo construído uma embarcação bem pequena com o que puderam aproveitar dos dois navios. Alguns marinheiros decidiram volurftariamente ficar na ilha, enquanto os outros, fracos e doentes, partiram com La Pérouse. Dirigiram-se para as ilhas Salomão e pereceram na costa ocidental da ilha principal do grupo, entre os Cabos Decepção e Satisfação!
- Como sabe de tudo isso? - indaguei.
- Através do que encontrei no local desse último naufrágio.
O Capitão Nemo mostrou-me uma caixa de latão com as armas da França gravadas, já corroída pelas águas do mar. Abriu-a e vi um maço de papéis amarelados mas ainda legíveis. Eram as instruções do próprio Ministro da Marinha ao Comandante La Pérouse, com anotações do punho de Luís XVI.
- É uma bela morte para um marinheiro!'- disse o Capitão Nemo. - É um túmulo tranqüilo este, feito de corais. Deus queira que tanto eu como os meus companheiros nunca tenhamos outro!
Durante a noite de 27 para 28 de dezembro, o "Nautilus" deixou a região de Vanikoro a grande velocidade. Tomou a direção sudoeste e em três dias percorreu as setecentas e cinqüenta léguas que separam o grupo Lã Pérouse da ponta sueste da Papuásia.
No dia 1.0 de janeiro de 1868, Conselho foi ao meu encontro na plataforma.
- Dá-me licença para lhe desejar um bom Ano Novo, senhor? - perguntou-me, com a gentileza que o caracterizava.
- Aceito e agradeço os seus votos, meu amigo. É como se estivéssemos em Paris, no meu gabinete do Jardim Botânico. Apenas lhe pergunto o que você entende por "um bom Ano Novo" nas circunstâncias em que

nos encontramos. Será um ano que porá fim à nossa clausura ou um ano que verá continuar esta estranha viagem?
- Para lhe ser franco, senhor, não sei o que responder - disse-me Conselho. - É verdade que temos visto coisas curiosíssimas e nesses dois meses não tivemos tempo para nos aborrecermos. A última maravilha é sempre mais surpreendente do que a anterior e se esta progressão continuar, eu não sei onde chegaremos. Na minha opinião, em nenhuma outra época teremos outra oportunidade como esta.
- Nunca, Conselho.
- Além disso, o senhor Nemo vem cumprindo à risca a promessa que nos fez. Não tem nos incomodado de modo algum.
- Tem razão. Gozamos de inteira liberdade aqui.
- Penso, portanto, que não desagradará ao senhor se eu disser que um bom ano será aquele que nos permitir ver tudo...
- Tudo? Isso talvez leve muito tempo. Entre vocês,
como Ned Land está reagindo a essa situação?
- As idéias dele são exatamente opostas às minhas, senhor. Ned é um espírito positivo e um estômago imperioso. Observar os peixes e comê-los não é suficiente para ele. A falta de vinho, pão e carne é demais para um digno saxão, familiarizado com bifes e habituado a beber gim ou "brandy".
- Pela minha parte, isso não me atormenta, Conselho. Adaptei-me muito bem ao regime de bordo.
- Eu também - disse-me ele. - Será por isso que eu penso tanto em ficar, como Ned Land em fugir. Portanto, se o ano que começa não for bom para mim, sê-lo-á para ele e vice-versa. Assim, sempre haverá alguém satisfeito. Para concluir, o que eu realmente desejo é que aconteça o que mais agradar ao senhor.
- Obrigado, meu amigo. Peço-lhe apenas que aguarde para outra ocasião a troca dos presentes, e que agora a substituamos por um bom aperto de mão. No momento é a única coisa que tenho.
- O senhor nunca foi tão generoso - respondeu ele, com rara felicidade.
No dia 2 de janeiro havíamos percorrido onze mil trezentas e quarenta

milhas, desde a nossa partida dos mares do Japão. Diante do esporão do "Nautilus" estendiam-se as perigosas paragens do mar de Coral, na costa nordeste da Austrália. A 4 de janeiro avistamos as costas da Papuásia. Nessa altura o Capitão Nemo me informou de sua intenção de chegar ao Oceano Indico através do Estreito de Torres. Falei sobre isso a Ned Land e ele ficou satisfeito. Aquela rota nos aproximava dos mares europeus.

O Estreito de Torres é considerado perigoso, tanto pelos escolhos que o semeiam como pelos terríveis selvagens que habitam as suas margens. Separa da Nova Holanda a grande ilha da Papuásia, também chamada de Nova Guiné.

O "Nautilus" chegou à entrada do estreito mais perigoso de todas as rotas marítimas conhecidas, uma passagem da qual se afastam até os navegadores mais corajosos, estreito que Luís Paz de Torres atravessou vindo dos mares do sul para a Malásia, e no qual, em 1840, as corvetas de Dumont d'Urville quase se perderam. O próprio "Nautilus", superior a todos os perigos do mar, iria ter problemas com aqueles recifes coralíneos.

O Estreito de Torres tem cerca de trinta e quatro léguas de largura, mas está obstruído por numerosas ilhas, ilhotas, escolhos, que tornam a navegação quase impraticável através dele. O Capitão Nemo tomou todas as precauções para atravessá-lo. O "Nautilus", navegando á superfície, avançava a uma velocidade moderada. A sua hélice, como a cauda de um cetáceo, agitava as águas com lentidão.

Aproveitando essa calma, eu e meus companheiros fomos para a plataforma. Diante de nós elevava-se a caixa do timoneiro. Era o próprio Capitão Nemo quem se encontrava a dirigir o seu barco. O mar encrespava-se ondulando ao nosso redor.

Eram três horas da tarde. Eu conversava com Ned Land sobre o local perigoso que estávamos atravessando. De repente fui derrubado por um choque. O "Nautilus" acabava de bater num escolho e se imobiliza-ra, ligeiramente inclinado para bombordo. Quando me levantei, vi o Capitão Nemo e o seu imediato examinando o estado do navio e

trocando algumas palavras em seu idioma incompreensível. Tínhamos encalhado num desses mares em que as marés são fracas, circunstância desfavorável para o desencalhe do barco.
No entanto, o "Nautilus" não havia sofrido qualquer dano. O grande risco era de que ele ficasse preso para sempre naqueles escolhos. Eu pensava nessa desagradável possibilidade, quando o capitão, frio e calmo, sempre senhor de si, parecendo não estar contrariado e nem sequer emocionado, aproximou-se de mim e disse :
- Um simples incidente.
- Mas que talvez o force a pisar a terra de que fugiu! - atrevi-me a falar.
Ele me olhou sem demonstrar a mínima irritação e fez um gesto negativo, no qual se via a sua determinação de nunca tornar a pôr os pés num continente. Então disse:
- A nossa viagem mal começou, Sr. Aronnax. Não desejo privar-me tão depressa do prazer de sua companhia.
- No entanto, capitão - repliquei, ignorando o tom irônico da frase dele - o "Nautilus" encalhou na maré alta. Ora, as marés são fracas no Pacífico e como não pode tirar o lastro do seu barco, não sei como poderá desencalhá-lo.
- As marés não são fortes no Pacífico, professor. Mas no Estreito de Torres verifica-se uma diferença de um metro e meio entre o nível das águas nas marés alta e baixa. Hoje é dia 4 de janeiro e dentro de cinco dias teremos lua cheia. Muito me surpreenderia se esse bondoso satélite não levantasse suficientemente as águas, prestando-me um serviço que só a ele quero ficar a dever.
Dito isso, chamou o seu imediato e desceram para o interior do submarino.
- Então? - perguntou-me Ned Land, aproximando-se.
- Esperaremos tranqüilamente pela maré do dia 9. Segundo o Capitão Nemo, a lua fará o favor de nos fazer flutuar de novo.
- O senhor pode acreditar em mim: este monte de ferro não tornará a navegar nem em cima e nem debaixo das águas. Agora só serve para a sucata - vaticinou ele. - Portanto, acho que chegou o momento de

deixarmos a companhia do Capitão Nemo.
- Eu não penso como você, meu caro Ned. Dentro de quatro dias saberemos como agem as marés do Pacifico neste estreito. Aliás, a idéia de fugirmos poderia ser oportuna se estivéssemos à vista das costas da Inglaterra ou da Provença, mas nas costas da Papuásia...
- Mas pelo menos não poderíamos ir à terra, já que vamos ficar parados aqui todos esses dias? - perguntou Ned e acrescentou: - Ali está uma ilha onde há árvores e animais terrestres que forneceriam bons bifes e boas costeletas, nas quais eu daria umas dentadas com imensa satisfação.
- Quanto a isso eu tenho a mesma opinião de Ned Land, professor - disse Conselho. - O senhor poderia conseguir que o Capitão Nemo nos mandasse levar a terra, pelo menos para não perdermos o hábito de pisar as partes sólidas do nosso planeta.
- Posso experimentar - concordei - mas estou certo de que ele se recusará.
- Pelo menos ficaremos informados sobre a amabilidade do capitão - ponderou o meu criado.
Para minha grande surpresa, o Capitão Nemo concedeu a autorização sem qualquer dificuldade, sem mesmo ter exigido a promessa de voltarmos para bordo.
O bote foi posto à nossa disposição para a manhã seguinte. Não procurei saber se o Capitão Nemo nos acompanharia. No dia seguinte, 5 de janeiro, a pequena embarcação foi retirada do seu lugar e lançada ao mar por apenas dois homens da tripulação. Os remos estavam no seu lugar, e só nos restava entrarmos nela. Ainda me surpreendendo, o capitão não nos impôs nenhum tripulante. Ned Land governaria sozinho a embarcação. A terra encontrava-se a menos de duas milhas e para ele seria uma brincadeira conduzir o bote entre aqueles recifes tão perigosos para os grandes navios.
As oito horas, armados com machados e espingardas, deixamos o “Nautilus”. O mar estava bastante calmo. Uma brisa ligeira soprava da terra. Conselho e eu remávamos vigorosamente, enquanto Ned gover-

nava o bote pelas estreitas passagens que as rochas deixavam entre si. O canadense não podia conter a, sua alegria. Parecia um prisioneiro fugido da prisão e nem sequer pensava que teríamos de voltar ao submarino. Estava realmente vibrando com o acontecimento.
- Carne! - repetia ele sem cessar. - Vamos comer carne! Pena não haver pão. Um bom pedaço de carne fresca, grelhada sobre umas brasas... O que me diz disso, Conselho?
- Que você está me deixando com água na boca, seu glutão.
- Resta-nos saber - achei bom preveni-los para uma decepção - se esta floresta tem caça e se ela não será de tamanho tal que possa caçar o caçador.
- Não importa, Sr. Aronnax - retrucou Ned Land. - Comerei tigre, isso mesmo, lombo de tigre, se não houver outro quadrúpede na ilha.
- O amigo Ned é inquietante! - comentou, rindo, Conselho.
- Seja o que for, todo animal de quatro patas sem penas ou de duas patas com penas, será cumprimentado com um tiro meu - jactou-se o canadense.
- Bom! - exclamei. - Aí temos promessas imprudentes, mestre Land.
- Não tenha medo, Sr. Aronnax e reme com força. Dentro de vinte minutos estarei lhe oferecendo um prato de verdadeira carne, feito por mim com todo capricho.
As oito e meia, o bote do “Nautilus” foi encalhar suavemente no areal, depois de ter ultrapassado o anel de coral que rodeava a ilha.

Capítulo 20

Fiquei vivamente impressionado ao pisarmos em terra. Ned Land experimentava o solo com os pés, como se estivesse praticando um ato

para tomar posse dele. No entanto, havia apenas dois meses que, segundo a expressão do Capitão Nemo, éramos “passageiros” do “Nautilus”. Na verdade, éramos prisioneiros dele.
Caminhamos para o interior da ilha. Depois de atravessarmos uma mata pouco densa, encontramo-nos numa planície cheia de arbustos. Vi então elevarem-se nos ares magníficas aves. O vôo ondulado, a graça das curvas aéreas e o brilho das cores atraíam e deliciavam o olhar. Não tive dificuldade em reconhecê-las.
- Aves-do-paraíso! - exclamei.
- Ordem dos pássaros, seção dos clistómoros - disse Conselho.
- Família dos pardais? - perguntou Ned Land.
- Não creio, mestre Land - falei-lhe. - Mesmo assim, conto com a sua destreza para apanhar um desses encantadores produtos da natureza tropical. Eu gostaria muito de ter um deles.
- Vou tentar, professor. No entanto, o senhor sabe que estou mais habituado a manejar o arpão do que a espingarda.
Os malaios, que fazem grande comércio destas aves com os chineses, dispõem de diversos meios para as apanhar, mas nós não tínhamos recursos para pô-los em prática.
Por volta. das onze horas da manhã, já tínhamos chegado ao primeiro plano das montanhas que formavam o centro da ilha. Para decepção de todos nós, mas principalmente de Ned Land, ainda não havíamos caçado coisa alguma. A promessa dele já havia falhado. A fome apertava. Tínhamos nos fiado no produto da caça, mas ela não aparecera. Felizmente, para sua grande surpresa, o meu criado assegurou-nos o almoço. Matou um pombo manso e um trocaz. Rapidamente depenados e espetados num pau, foram assados numa fogueira. Devorados até os ossos, nós os achamos excelentes. A noz-moscada de que costumam alimentar-se essas aves dá-lhes um sabor delicioso à carne.
- E agora, Ned, o que lhe falta? - perguntei ao canadense, ao terminarmos o repasto.
- Um quadrúpede, Sr. Aronnax. Esses pombos não passam de acepipes, de guloseimas. Enquanto não matar um animal que nos brinde com

costeletas, não me senti- rei satisfeito.
- Nem eu, se não apanhar uma ave-do-paraíso - falei.
- Continuemos .portanto a caça - propôs Conselho - mas em direção ao mar. Chegamos às primeiras montanhas e acho que é melhor voltarmos à região das florestas.
Era uma proposta sensata e foi seguida. Após uma hora de marcha chegamos a uma floresta de salgueiros. Algumas serpentes inofensivas fugiam à nossa aproximação. As aves-do-paraíso desapareciam assim que nos viam e eu já me desiludia de apanhar uma delas quando Conselho, que ia à frente, abaixou-se de repente, soltou um grito de triunfo e correu para mim trazendo na mão uma delas.
- Você deu um golpe de mestre, Conselho! - elogiei-o, realmente admirado. - Apanhar uma ave-do-paraíso viva, à mão, não é façanha para qualquer um.
- Se o senhor a examinar de perto, verá que não tive grande mérito, professor - disse-me ele. A seguir, explicou o pouco valor de feito, em seu próprio julgamento: - Esta ave está. bêbada pela noz-moscada que devorava quando a peguei. Veja, amigo Ned, veja o resultado da intemperança!
- Com mil diabos! - retrucou o canadense. - Há dois meses que nem cheiro gim!
Entretanto, eu examinava a ave constatando que meu criado não se enganara. Ela estava realmente embriagada com o suco capitoso da fruta e completamente incapaz de voar. Pertencia à mais bela das oito espécies encontradas na Papuásia e nas ilhas vizinhas. Tratava-se de uma ave-do-paraíso “grande esmeralda”, uma das mais raras. Eu desejava ardentemente levar o soberbo espécime para o oferecer ao Jardim Botânico, que não possuía nenhum exemplar vivo dessas aves. No entanto, se o meu desejo estava satisfeito com a captura da ave, o do canadense continuava desatendido. Felizmente, por volta das duas horas, Ned Land conseguiu abater um belo porco selvagem, ao qual os naturais da região chamam de bari-utang. O animal veio mesmo a calhar para nos fornecer verdadeira carne de quadrúpede. O arpoador não

cabia em si de vaidoso, já que o porco caíra fulminado com o primeiro disparo que ele fizera. Teríamos costeletas na refeição da noite. Estávamos muito satisfeitos com os resultados de nossa caçada. O alegre canadense propunha-se a regressar no dia seguinte àquela ilha encantada que ele pretendia despovoar de todos os quadrúpedes comestíveis. Mas não contava com o que estava para acontecer.

As seis horas da tarde, nós estávamos na praia, próximos ao bote. O "Nautilus", semelhante a um grande escolho, emergia das águas a duas milhas de distância.
Ned Land, sem mais delongas, ocupou-se da importante tarefa de fazer o jantar. As costeletas do bari-utang, assando-se nas brasas exalavam um cheiro delicioso que perfumava a atmosfera. Degustávamos antecipadamente o prazer de um excelente jantar.
- E se não voltássemos esta noite ao "Nautilus?" - lembrou Conselho, numa perigosa proposta.
- E se nunca mais voltássemos? - Ned Land fez justamente a pergunta que eu esperava ouvir dele.
Naquele momento, uma pedra caiu aos nossos pés, interrompendo a proposta do canadense.
As pedras não caem assim do céu! - disse Conselho.
Uma segunda pedra, cuidadosamente arredondada, que tirou da mão de Conselho um pedaço de carne, assustou-nos.
Levantamo-nos os três, de espingardas em punho, prontos para responder a qualquer ataque.
- Serão macacos? - perguntou Ned Land.
- Mais ou menos - respondeu Conselho. - São selvagens.
- Corramos para o bote! - apressei-os, dirigindo-me para o mar.
De fato, era forçoso que fugíssemos, porque uns vinte indígenas, armados de arcos e fundas, surgiam na orla de uma mata à direita de onde estávamos, a cerca de cem passos. Aproximavam-se sem correr, mas demonstrando hostilidade, atirando suas pedras e flechas contra nós.
Chegamos em dois minutos à beira do mar. Carregar o bote com as

nossas provisões da caçada, empurrá-lo para a água è montar os remos, foi uma questão de segundos. Ainda não tínhamos avançado dez metros e já uma centena de selvagens, gritando e gesticulando, entrava na água.

Vinte minutos depois estávamos chegando a bordo do “Nautilus”. Os alçapões estavam abertos e penetramos nele. Fui diretamente ao salão de onde saíam alguns acordes de órgão. Encontrei o Capitão Nemo curvado sobre ele e mergulhado num verdadeiro êxtase musical. Precisei de chamá-lo duas vezes, para que me desse atenção.

- Ah! É o professor - falou, voltando-se para mim. - Então fez boa caçada?

- Sim, capitão, mas infelizmente trouxemos um bando de bípedes cuja presença me parece muito inquietante.

- Selvagens - adivinhou ele e comentou num tom irônico. - O senhor admira-se de ter encontrado selvagens nesta região? Onde é que não há selvagens, professor? Aliás, os daqui serão piores do que aqueles que o senhor não considera como tais?

- Mas, capitão...

- Eu pelo menos os tenho encontrado em todos os lugares.

- Pois bem, não vou discutir o seu ponto de vista. Mas se não quer receber os selvagens daqui, a bordo do “Nautilus”, acho que deve tomar algumas precauções.

- Tranqüilize-se, professor, não há motivo para preocupações.

- Mas são numerosos, capitão. Há uma centena deles vindo para cá.

- Sr. Aronnax - disse ele, voltando sua atenção para o teclado do órgão - mesmo que todos os indígenas da Papuásia se tivessem reunido na praia, o “Nautilus” nada teria a recear dos seus ataques.

Os dedos do capitão começaram então a percorrer o teclado. Notei que ele tocava apenas nas teclas pretas, o que dava à música um colorido essencialmente escocês. Não tardou a esquecer a minha presença e a mergulhar num devaneio que eu não quis perturbar.

Subi à plataforma. Já era noite, porque naquela latitude o sol se põe rapidamente e sem crepúsculo. Eu mal distinguia a ilha, mas as numero-

sas fogueiras acesas na praia indicavam que os indígenas não a tinham abandonado. Permaneci um longo tempo atento a qualquer movimentação deles. Por volta da meia-noite, vendo que tudo continuava tranqüilo, voltei para o meu quarto e dormi sem maiores preocupações.
As oito horas da manhã seguinte, subi à plataforma. Os indígenas continuavam na praia, mas em número bem superior aos que eu vira na véspera. Agora seriam uns quinhentos ou seiscentos. Aproveitando a maré baixa alguns deles tinham avançado pelos corais e estavam a menos de quatrocentos metros do submarino. Eu podia vê-los muito bem. Eram papuas, de porte atlético, homens de uma bela raça, de testa alta, nariz grosso mas não achatado e dentes brancos. Em geral, andavam nus. Notei a presença de algumas mulheres, vestidas com uma verdadeira saia de ervas presa na cintura cobrindo até os joelhos. Quase todos os homens estavam armados de arcos, flechas e portavam escudos. Traziam ao ombro uma espécie de rede que continha as pedras arredondadas que atiram certeiramente com as fundas.
Um dos chefes, bastante próximo do “Nautilus”, observava-o com atenção. Devia ser um “mado” de alta estirpe, porque trazia uma esteira de folhas de bananeira, recortada nas pontas e pintada com diversas cores. Eu poderia facilmente abatê-lo com um tiro, mas pensei que seria melhor aguardar demonstrações mais hostis da parte deles. Entre europeus e selvagens, convém que os europeus não ataquem primeiro. Durante todo o tempo que durou a maré baixa, os indígenas rondaram perto do “Nautilus”, mas não se mostraram agressivos. Eu os ouvia dizendo seguidamente a palavra “assai”, e pelos seus gestos compreendi que me convidavam para ir a terra, convite que não aceitei. As onze horas da manhã, quando as cristas dos corais começaram a desaparecer sob as águas da maré que subia, eles voltaram para a terra.
Não tendo nada de melhor para fazer, chamei Conselho e pedi a ele que me trouxesse uma rede pequena, dessas utilizadas para apanhar ostras. Ele a trouxe logo e ficou ao meu lado, ajudando-me a puxar a rede que sempre vinha carregada com conchas comuns, ostras perlíferas e algumas tartarugas pequenas. Sempre observando o que

apanhávamos, eu encontrei uma concha que me chamou a atenção porque a sua. espira em vez de estar enrolada da direita para a esquerda, estava enrolada da esquerda para a direita. Uma concha canhota. Eu estava observando o meu precioso achado quando uma pedra atirada desastradamente por um indígena quebrou-a na mão de meu criado que a segurava naquele momento. Soltei uma exclamação de aborrecimento. Aquela concha era realmente um belo objeto.
Conselho pegou a espingarda e fez pontaria em um selvagem que balançava a sua funda a uma distância de dez metros de nós. Tentei impedi-lo de disparar, mas o tiro saiu e a bala foi quebrar a pulseira de amuletos que pendia do braço do indígena.
- Foi aquele canibal que começou o ataque, senhor! - desculpou-se ele, quando reprovei o seu ato.
A situação alterou-se em poucos instantes. Cerca de vinte pirogas cheias de indígenas se dirigiram para o “Nautilus”.
- Vou prevenir o Capitão Nemo - falei e desci rapidamente pelo alçapão. Uma chuva de flechas começara a cair na plataforma do barco.
Fui encontrar o capitão no seu quarto e lhe expus a situação.
Ele me ouviu tranqüilamente e depois disse:
- Então só temos que fechar os alçapões.
- Precisamente, capitão. As pirogas dos indígenas estão a cercar-nos. Dentro de alguns minutos seremos assaltados por algumas dezenas de selvagens.
- Não corremos tal risco, professor - sossegou-me o capitão.
Apertou um botão em sua mesa, aguardou um momento e me disse
- Pronto, professor. O bote está guardado e os alçapões estão fechados. O senhor certamente não receia que esses cavalheiros derrubem as muralhas. que as balas da sua fragata não conseguiram penetrar.
- Não, capitão, mas existe ainda um perigo.
- Qual? A amanhã por esta hora, será preciso reabrir os alçapões para renovar o ar do “Nautilus”. Se nessa ocasião os papuas ainda estiverem na nossa plataforma, não vejo como os impedirá de entrarem a bordo. Como são algumas centenas. . .

- Pois bem, que entrem. Não vejo motivo algum para impedi-los. No fundo, esses papuas são uns pobres-diabos, e não desejo que a minha estada na ilha Gueboroar fique assinalada pela morte de algum desses infelizes. Amanhã - acrescentou ele, após uma pequena pausa - às duas horas e quarenta minutos da tarde, o “Nautilus” flutuará e deixará, sem qualquer avaria, o Estreito de Torres.

Ditas estas palavras, o Capitão Nemo inclinou-se ligeiramente, indicando que a nossa entrevista havia terminado.

No dia seguinte trabalhei em minhas anotações até as onze horas. Não percebi nenhum movimento a bordo que significasse qualquer preparação para uma partida na parte da tarde. Aguardei mais algum tempo e depois me dirigi para o salão. O relógio marcava duas horas e meia. Dentro de dez minutos a maré atingiria o máximo de sua altura e, se o Capitão Nemo não tivesse feito uma promessa vã, o “Nautilus” flutuaria imediatamente para partirmos.

Não tardei a perceber alguns estremecimentos de :bom augúrio no casco do navio e ouvi rangerem as asperezas calcárias do fundo coralígeno nas chapas de ferro.

As duas horas e trinta e cinco minutos, o Capitão Nemo apareceu no salão e me disse:

- Vamos partir. Já dei ordens para que os alçapões sejam abertos.

- E os papuas? Não vão entrar no “Nautilus”, capitão?

- Sr. Aronnax - respondeu-me ele, tranqüilamente - não se entra à vontade pelos alçapões do meu barco, mesmo quando estão abertos.

Olhei para ele, sem esconder a minha incredulidade.

- Venha comigo, professor, venha ver pessoalmente.

Acompanhei-o para a escada central onde Ned Land e Conselho, muito intrigados, observavam alguns homens da tripulação que abriam os alçapões, enquanto se ouviam no exterior os gritos ameaçadores dos papuas. Os postigos foram descidos exteriormente e apareceram vinte caras horríveis. Mas o primeiro indígena que pegou no corrimão da escada foi projetado para trás, eu não sabia por que força invisível, e pôs-se em fuga, dando gritos de terror e enormes saltos. Seguiram-se-

lhe dez companheiros, que tiveram a mesma sorte.
Conselho estava extasiado. Ned Land, levado pelo seu instinto violento, precipitou-se para a escada. Assim que tocou no corrimão caiu também.
- Com mil diabos! Estou fulminado!
A exclamação do canadense explicava tudo. Aquilo não era um corrimão comum, mas um cabo de metal carregado de eletricidade. Quem lhe tocasse receberia um choque que seria mortal, se o Capitão Nemo tivesse lançado nele uma corrente de maior potência.
Os papuas, apavorados, tinham se retirado, enquanto nós ríamos e consolávamos o infeliz Ned Land, que continuava praguejando como um possesso. Sua ousadia fora bem castigada.
Logo depois, levantado pelas últimas ondas da maré cheia, o submarino deixava o leito de coral, exatamente na hora prevista pelo capitão. A hélice virava as águas com majestosa lentidão e a sua velocidade foi aumentando pouco a pouco. O “Nautilus”, navegando à superfície, deixou as perigosas paragens do Estreito de Torres, são e salvo.

Capítulo 22

Navegamos para oeste. No dia 11 de janeiro dobramos o Cabo Wessel, que forma a extremidade do Golfo da Carpentária. Os recifes ainda eram numerosos, mas mais espalhados e assinalados na carta com bastante precisão. O “Nautilus” evitou os escolhos de Money a bombordo e os recifes de Vitória a estibordo.
A 13 de janeiro, o Capitão Nemo avisou-me que estávamos no Mar de Timor e à vista da ilha do mesmo nome. Esta ilha, cuja superfície é de mil seiscentos e vinte e cinco léguas quadradas, é governada por rajás, príncipes que se dizem filhos de crocodilos, o que . para eles significa

que são descendentes da mais nobre origem a que um ser humano pode aspirar. Os seus escamosos antepassados enchem os rios da ilha e são objeto de uma veneração especial. São protegidos, mimados, adorados, e alimentados com jovens virgens, em ocasiões especiais. Desgraçado do estrangeiro que puser as mãos num desses animais, como é o caso desses enormes lagartos sagrados.

Passamos ao largo dessa ilha. A 18 de janeiro, ó "Nautilus" estava a 1050 de longitude e 150 de latitude meridional. O tempo era ameaçador e o mar agitado. O vento soprava forte de leste. Havia alguns dias que o barômetro estava descendo, anunciando para breve uma luta dos elementos.

Subi para a plataforma no momento em que o imediato procedia às medições dos ângulos solares. Esperei que ele, segundo o seu costume, pronunciasse a frase quotidiana, mas naquele dia ela foi substituída por uma outra não menos incompreensível. Quase imediatamente vi surgir o Capitão Nemo perscrutando o horizonte com o óculo de longo alcance. Percebi que ele fixava um ponto determinado, permanecendo imóvel durante alguns minutos. Depois baixou o óculo e trocou uma dezena de palavras com o imediato, que estava visivelmente emocionado. O capitão mantinha-se frio e parecia fazer certas perguntas que o seu auxiliar respondia com afirmativas formais.

Enquanto eles conversavam, eu olhei diversas vezes na direção em que o capitão tinha olhado e não vi coisa alguma. O céu e a água confundiam-se na linha do horizonte com uma perfeita nitidez.

Entretanto, o Capitão Nemo andava de um extremo ao outro da plataforma, parecendo ignorar a minha presença ali. O seu passo era seguro, mas menos regular do que o habitual. As vezes parava, cruzava os braços e observava o mar.

O imediato tornara a pegar no óculo e olhava obstinadamente o horizonte, de um lado para o outro, batendo com o pé, contrastando com o capitão pelo seu evidente nervosismo. Em dado momento, ele chamou de novo a atenção do seu superior para o horizonte. O Capitão Nemo parou o seu passeio e dirigiu o óculo para o ponto indicado. Observou

por um longo tempo na mesma direção. Intrigado para saber o que estava acontecendo naquele ponto longínquo, que prendia tanto a atenção deles, desci ao salão e peguei um excelente óculo de longo alcance que costumava utilizar. Apoiando-o na caixa do farol, saliente na frente da plataforma, preparava-me para ver toda a linha do céu e do mar. Ainda não tinha posto o óculo em posição e ele me foi arrancado das mãos.

Voltei-me e vi o Capitão Nemo diante de mim, chamando-me logo a atenção a sua fisionomia alterada. As sobrancelhas franzidas, os olhos brilhantes, o corpo tenso, todo o seu aspecto era o de um homem enraivecido. O meu óculo caíra de suas mãos e ele parecia nem ter notado isso. Seria eu a causa de toda aquela ira?

Por fim o Capitão Nemo recuperou a calma. O seu rosto readquiriu o aspecto habitual. Dirigiu algumas palavras ao seu imediato e depois voltou-se para mim e disse:

- Sr. Aronnax - sua voz tinha um tom imperioso - exijo-lhe o cumprimento de um dos compromissos que assumiu comigo.

- De que se trata, capitão?

- O senhor e os seus companheiros vão se recolher voluntariamente à cela e ficarão trancados lá até que eu ache conveniente devolvê-los à liberdade.

- É o senhor quem manda - falei, olhando-o fixamente. - Posso lhe fazer uma pergunta?

- Nenhuma.

Diante desta resposta só me restava obedecer. Desci à cabina ocupada por Ned Land e Conselho e informei-os da determinação. Quatro homens da tripulação esperavam à porta e não houve tempo para as explicações que o canadense queria. Voltamos à cela onde tínhamos passado a nossa primeira noite a bordo do “Nautilus”. Depois que ficamos sozinhos contei-lhes o que tinha se passado na plataforma do barco. Aliás, eu não tinha muita coisa para informar a eles.

Entretanto, mergulhei num abismo de reflexões e a estranha fisionomia do Capitão Nemo não me saía do pensamento. Mas eu era incapaz de

juntar duas idéias lógicas e perdia-me nas mais absurdas hipóteses até que Ned Land me tirou daquela tensão.
- Serviram-nos o almoço, professor - anunciou-me ele.
Acabado o almoço, cada um de nós se recostou para o seu lado. Meus companheiros dormiram logo. Eu pensava sobre o que teria provocado neles aquele desejo imperioso de dormir, quando senti o meu cérebro invadido por forte torpor. Era evidente que haviam misturado substâncias soporíferas na comida que nos serviram. Tentei resistir ao sono mas não consegui.

Capítulo 23

No dia, seguinte acordei com a cabeça estranhamente aliviada. Para minha grande surpresa, encontrava-me rio meu quarto. Certamente os meus companheiros também tinham sido levados para a sua cabina enquanto dormiam. O que teria se passado durante aquela noite? Para desvendar esse mistério eu só podia contar com o acaso do futuro.
Saí do quarto, passei pelos corredores, subi a escada central e vi que os alçapões, fechados na véspera, estavam abertos. Subi à plataforma e encontrei Ned Land e Conselho. Como eu, nada tinham visto, nada sabiam.
Quanto ao “Nautilus”, tranqüilo e misterioso corne sempre, navegava à superfície a uma velocidade moderada. Nada parecia ter mudado a bordo. Resolvi voltar ao meu quarto para continuar as minhas anotações sobre aquela incrível viagem submarina.
Por volta das duas horas encontrava-me no salão quando o capitão abriu a porta e entrou. Cumprimentamo-nos. Reparei que ele tinha o rosto fatigado e a sua fisionomia exprimia uma profunda tristeza. Quando falou comigo foi para me perguntar se eu era médico.

Diante de minha resposta afirmativa, ele me disse que um de seus homens estava doente. Perguntou-me se eu estaria disposto a tratar dele e, novamente, a minha resposta foi afirmativa. O Capitão Nemo me conduziu imediatamente à ré do navio onde ficava o alojamento da tripulação. O homem não estava apenas doente, estava gravemente ferido e não demoraria a morrer.

Depois de examiná-lo demoradamente, eu disse ao capitão:

- Não há nada que eu possa fazer. Este homem morrerá dentro de duas horas.

A mão do capitão crispou-se e algumas lágrimas caíram-lhe dos olhos que eu julgava incapazes de chorar.

- Pode retirar-se, Sr. Aronnax - disse-me ele.

Na manhã seguinte subi à plataforma e encontrei o capitão lá. Assim que me viu chegar, ele veio falar comigo.

- Deseja fazer hoje uma excursão submarina, professor? - perguntou-me. Notei que ele continuava triste.

- Com os meus companheiros? - indaguei.

- Se eles quiserem.

- Estamos às suas ordens, capitão.

- Então chame os seus amigos e vão vestir os escafandros.

Sobre o moribundo ou o morto, ele manteve silêncio total.

As oito e meia da manhã estávamos prontos para o novo passeio. Dessa vez, Ned Land não pôs nenhum obstáculo para vestir o escafandro e nos acompanhar. O Capitão Nemo chegou seguido de .doze dos seus homens, a porta dupla foi aberta, eles saíram e nós os seguimos a pé a uma profundidade de dez metros, sobre a terra firme onde repousava o “Nautilus”. Eu gostaria de poder entender as reações que se desenhavam na fisionomia do canadense.

Depois de andarmos por um longo tempo, chegamos ao início de uma floresta petrificada, com longas veredas de arquitetura fantasista. O Capitão Nemo seguiu por uma obscura galeria cuja suave inclinação nos conduziu a uma profundidade de cerca de trezentos metros. Mas ali não existiam mais os arbustos isolados, nem a modesta mata de baixa

altura que vínhamos encontrando. Era a floresta imensa, as grandes vegetações minerais, as enormes árvores petrificadas, reunidas por elegantes grinaldas, lianas do mar, cheias de tonalidades e reflexos. Passamos livremente sob as suas altas copas perdidas na escuridão das águas, enquanto os nossos pés pisavam um fofo tapete semeado de jóias deslumbrantes. Um mundo realmente fantástico.

O Capitão Nemo parou no centro de uma grande clareira, rodeada de altas árvores. Os seus homens formaram um semicírculo em volta dele. Observando com mais atenção verifiquei que quatro deles transportavam aos ombros um objeto de forma oblonga.

Ned Land e Conselho estavam perto de mim. Ao ver tudo aquilo, deduzi que iríamos presenciar uma cena estranha. Olhando o solo, verifiquei que em certos pontos podiam-se notar pequenas elevações dispostas com uma regularidade que traía a mão do homem. No meio da clareira, sobre um pedestal de rochas toscamente amontoadas, erguia-se uma cruz de coral estendendo os seus longos braços que se diriam feitos de sangue petrificado.

A um sinal do Capitão Nemo um dos seus homens avançou e, a alguns passos da cruz, começou a escavar um buraco com uma picareta que tirou do cinto. Então compreendi tudo! Aquela clareira era um cemitério. O objeto oblongo que os homens carregavam nos ombros era o seu companheiro falecido conforme eu previra.

O Capitão Nemo e os seus homens iam enterrar o companheiro naquela morada comum, no fundo do oceano inacessível! Eu mal podia acreditar no que os meus olhos viam. Mas o trabalho prosseguiu, a cova foi aberta e os portadores do corpo se aproximaram e o deitaram no seu úmido túmulo. O Capitão Nemo, de braços cruzados sobre o peito, acompanhado de todos os amigos do falecido, se ajoelhou em oração. Eu e meus dois companheiros inclinamos as nossas cabeças. Depois o capitão e seus homens se levantaram e, aproximando-se mais do túmulo, cada um deles dobrou um joelho e estendeu a mão num último adeus sem palavras. Sempre guiado pelo Capitão Nemo, o cortejo fúnebre retornou ao “Nautilus”.

Assim que despi o escafandro e subi à coberta, o capitão foi falar comigo. Antes que me dissesse qualquer coisa eu lhe falei:
- Confirmando a minha previsão, o homem morreu durante a noite.
- Sim, Sr. Aronnax - confirmou ele.
- E agora repousa junto dos companheiros no cemitério de coral.
- É exato, professor. É ali o nosso agradável cemitério . . .
- Onde os seus mortos podem repousar tranqüilos, fora do alcance dos tubarões!
- Sim, dos tubarões e dos homens - respondeu-me em tom grave.

Segunda Parte

0 FUNDO DO MAR

Capítulo 1

Aqui começa a segunda parte dessa viagem submarina. A primeira terminou com a comovente cena do cemitério de coral, que deixou no meu espírito a mais profunda emoção. Assim, no seio do mar imenso, decorria a vida do Capitão Nemo e aí ele ficaria até a morte, já que tinha preparado o seu túmulo no mais impenetrável dos seus abismos, onde nenhum dos monstros do oceano poderia ir perturbar o último sono do comandante e dos tripulantes do “Nautilus”, esses amigos unidos uns aos outros tanto na vida como na morte.

“Nenhum homem também”, acrescentara o capitão, iria perturbar-lhes o sono eterno. Sempre a mesma desconfiança, feroz e implacável, para com as sociedades humanas.

Quanto a mim, no que dizia respeito ao Capitão Nemo já não me contentava com as hipóteses que satisfaziam Conselho. Para ele, o capitão era um gênio incompreendido que, farto das decepções da terra, tinha se refugiado naquele meio inacessível onde os seus instintos atuavam livremente. Todavia, na minha opinião, essa hipótese explicava apenas uma das facetas do Capitão Nemo.

Efetivamente, o mistério da noite durante a qual ele havia nos metido na prisão e nos narcotizado, a sua atitude violenta ao me tirar o óculo das mãos, o ferimento mortal daquele homem, tudo isso ultrapassava o natural. Para mim o Capitão Nemo não se contentava apenas em fugir dos homens. O seu formidável submarino servia não somente aos seus anseios de liberdade, mas também para exercer quaisquer terríveis represálias.

Felizmente nada nos ligava a ele. Nem sequer éramos prisioneiros sob palavra. Não nos unia qualquer compromisso de honra. Não passávamos de cativos, de prisioneiros disfarçados sob o nome de hóspedes por uma simples amabilidade. No entanto, Ned Land ainda não renunciara à esperança de recuperar a liberdade, e não deixaria de aproveitar a primeira oportunidade que lhe surgisse. Certamente que eu faria o mesmo, mas seria com certa saudade da generosidade do capitão.

Afinal, aquele homem deveria ser odiado ou admirado? Era ele uma vítima ou um carrasco? Para ser franco, eu gostaria de, antes de abandonar para sempre o navio, completar a volta ao mundo submarino, cujo início tinha sido maravilhoso. Eu gostava de ver o que nenhum homem ainda vira, mesmo tendo de pagar com a vida essa insaciável necessidade de aprender.

No dia 21 de janeiro de 1868, o imediato foi medir a altura do sol. Subi à plataforma, acendi um cigarro e segui a operação. Parecia-me evidente que aquele homem não compreendia o francês, porque várias vezes fiz reflexões em voz alta, que certamente teriam provocado nele qual-

quer sinal de atenção se as compreendesse.
Quando o “Nautilus” se preparou para retomar a sua marcha submarina, desci ao salão. Os alçapões foram fechados e rumamos diretamente para o oeste. Sulcávamos então as águas do Oceano Índico, vasta planície líquida com quinhentos e cinqüenta milhões de hectares, cujas águas são tão transparentes que chegam a provocar vertigens em quem se debruça sobre a sua superfície. O “Nautilus” navegava a uma profundidade média de cem a duzentos metros. E foi assim durante vários dias. Para qualquer outra pessoa que não sentisse o meu imenso amor pelo mar, as horas teriam certamente parecido longas e monótonas. Mas os passeios quotidianos pela plataforma, onde me refazia com o ar vivificante do oceano, o espetáculo das águas através dos vidros do salão, a leitura dos livros da biblioteca e a redação das minhas memórias ocupavam-me o tempo todo, não me deixando um momento sequer de descanso ou mesmo de tédio.
No dia 24 pela manhã, avistamos a ilha Keeling, de origem madrepórica, ornada de magníficos coqueiros, que foi visitada por Darwin e pelo Capitão Fitz-Roy. O “Nautilus” passou a pouca distância dessa ilha deserta. As redes apanharam curiosas conchas em suas imediações. Em breve a ilha Keeling desaparecia no horizonte. Seguimos para noroeste, em direção ao extremo da península indiana.
- Terras de gente civilizada - disse-me Ned Land naquele dia. - São melhores do que as ilhas da Papuásia onde há mais selvagens do que cabritos. Na índia, professor, há estradas, estradas de ferro, cidades inglesas, francesas e hindus. Não se anda cinco milhas sem se encontrar um compatriota. Não será ocasião de abandonarmos as delicadezas com o Capitão Nemo?
- Não, Ned - respondi-lhe num tom resoluto. - Deixemos correr, como dizem os marinheiros. O “Nautilus” está se aproximando de continentes habitados e talvez tome o rumo da Europa. Uma vez chegados aos nossos mares, veremos o que a prudência nos aconselha a fazer. Aliás, acho que o Capitão Nemo não nos autorizará a ir caçar nas costas de Malabar ou de Choromândel, como nas florestas da Nova Guiné.

- E não podemos ir sem a autorização dele?
Não respondi ao canadense, porque não queria discutir. No fundo, eu desejava esgotar até o fim os acasos do destino que me tinham lançado para bordo do "Nautilus".
Depois de passarmos pela ilha Keeling, a nossa velocidade diminuiu. Por outro lado, navegamos várias vezes a grandes profundidades. Foram muito utilizados os planos inclinados. Alavancas internas podiam colocar o barco obliquamente na linha de flutuação. Navegávamos assim dois ou três quilômetros, mas sem nunca tocar o fundo do Indico.
A 25 de janeiro, com o mar completamente deserto, o "Nautilus" passou o dia na superfície, batendo as ondas com a sua poderosa hélice e fazendo-as saltar a grande altura. Nessas condições, como seria possível não o tomar por um cetáceo gigantesco? Três quartos do dia passei-os na plataforma olhando o mar. Nada no horizonte, a não ser, por volta das quatro horas da tarde, um vapor que seguia para oeste. A sua mastreação foi visível por um instante. Semi-submerso, o "Nautilus" não seria visível para a tripulação dele.
As cinco da tarde, antes do rápido crepúsculo que liga o dia e a noite nas zonas tropicais, eu e Conselho assistimos maravilhados a um belo espetáculo.
Tratava-se de um curioso animal cujo encontro, segundo os Antigos, augurava boa sorte. Aristóteles, Ateneu, Plínio e Opiano tinham-lhe estudado os gostos e esgotado toda a poética dos sábios da Grécia e da Itália com ele. Chamaram-lhe "nautilus" e "pompylius", mas a ciência moderna não ratificou esses nomes e o molusco em causa denomina-se hoje argonauta.
Ora, era precisamente um cardume de argonautas que viajava então à supefície do oceano. Conseguimos contar várias centenas, pertencentes à espécie dos argonautas tuberculares, característicos dos mares da índia.
- O argonauta pode deixar a sua concha, mas nunca o faz - disse eu a Conselho.
- É como o Capitão Nemo - respondeu ele, judiciosamente. - Por isso

devia ter chamado ao seu navio o “Argonauta”.
Durante cerca de uma hora o “Nautilus” flutuou no meio daqueles milhares de moluscos. Depois, não sei o que lhes deu. Como que obedecendo a um sinal convencionado, todas as velas foram subitamente arriadas, os tentáculos dobrados, os corpos contraídos, as conchas fechadas alterando o seu centro de gravidade e toda a flotilha desapareceu sob as águas. Foi instantâneo e nunca uma esquadra manobrou com Tanta precisão.
Naquele momento a noite caiu de repente, e as ondas se alongaram sobre o costado do “Nautilus”.
No dia seguinte, 26 de janeiro, passamos o Equador no meridiano oitenta e dois e entramos no hemisfério boreal. Durante esse dia fomos escoltados por um enorme cardume de esqualos, terríveis animais que pululam naqueles mares,. tornando-os perigosos. Esses poderosos predadores precipitaram-se várias vezes contra o vidro do salão, com uma violência pouco tranqüilizadora. Ned Land já não se controlava. Queria subir à superfície e arpoar os monstros, sobretudo alguns esqualos-lixas, cujas goelas estão cheias de dentes dispostos em mosaico, e os grandes esqualos-tigres, com cinco metros de comprimento, que o provocavam com uma certa insistência. Porém, aumentando a velocidade, o “Nautilus” não tardou em deixar para trás os mais velozes desses tubarões.
A 27 de janeiro, à entrada do vasto golfo de Bengala deparou-se-nos um espetáculo bem sinistro: cadáveres que flutuavam à superfície das águas. Eram os mortos das cidades indianas, arrastados pelo Ganges até o alto mar. Os abutres, únicos coveiros daquela região, não tinham conseguido devorar todos eles. Os esqualos terminariam a macabra tarefa.
Por volta das sete horas da noite, o “Nautilus” semi-submerso navegava num mar de leite. A perder de vista, a brancura das águas era um fenômeno que intrigava o meu criado.
- O senhor poderá me dizer qual a causa disso, professor?
- Perfeitamente, meu rapaz. Essa coloração de leite é causada por

miríades de pequenos vermes luminosos, de aspecto gelatinoso e incolor, com a espessura de um cabelo e cujo comprimento não ultrapassa um quinto de milímetro. Aderem uns aos outros numa extensão que pode chegar a várias léguas..
- Várias léguas! - admirou-se Conselho.
- Exatamente. Por favor, não tente calcular o número deles.
Não sei se Conselho teve em conta a minha recomendação, mas pareceu-me vê-lo mergulhado em reflexões profundas.

Capítulo 2

A 28 de fevereiro, ao meio-dia, quando o .”Nautilus” subiu à superfície, a 9° 4' de latitude norte, encontrava-se à vista de uma terra que lhe ficava a oito milhas para oeste. Observei primeiro um aglomerado de montanhas com cerca de dois mil pés de altura, cujas formas eram caprichosas. Quando foi feito o levantamento de nossa posição na carta., vi que estávamos à vista da ilha de Ceilão, essa pérola que pende do lóbulo inferior da península indiana.
O Capitão Nemo e o imediato apareceram naquele momento. O primeiro deu uma olhadela ao mapa e, virando-se para mim, disse
- A ilha de Ceilão é célebre pela pesca de pérolas. O senhor gostaria de visitar um desses locais de pesca?
- Com o maior prazer, capitão.
- Pois bem. É muito fácil. Só que veremos os locais mas não os pescadores, pois a exploração anual ainda não começou. Vou dar ordem para rumar ao Golfo de Manaar onde chegaremos à noite.
O imediato saiu assim que o capitão lhe disse algumas palavras. O “Nautilus” não tardou a submergir e o manômetro indicou que ele se encontrava a uma profundidade de trinta pés.
- Sr. Professor - disse-me então o Capitão Nemo - pescam-se pérolas

no golfo de Bengala, no mar das Índias, nos mares da China e do Japão, nos do sul da América, nos golfos do Panamá e da Califórnia, mas é em Ceilão que essa. pesca é mais frutífera. Porém, chegamos demasiado cedo, pois os pescadores só se reúnem no mês de março no Golfo de Manaar. Durante trinta dias os seus trezentos barcos sé entregam à lucrativa exploração dos tesouros do mar. Cada embarcação tem dez remadores e dez pescadores. Estes, divididos em dois grupos, mergulham alternadamente, descendo a uma profundidade média de doze metros. Para o mergulho são auxiliados por uma pesada pedra que seguram entre os pés e que está presa ao barco por uma corda.

- Até hoje ainda usam esse método primitivo?

- Ainda - informou-me o capitão - embora essas ostreiras pertençam ao povo mais engenhoso do globo, os ingleses, que as adquiriram pelo Tratado de Amiens, em 1802.

- Um escafandro semelhante aos que o senhor tem seria muito útil nessas operações - comentei, para ver a reação dele.

- De fato seriam. Esses pobres pescadores não podem permanecer por muito tempo debaixo da água. O inglês Percival, que esteve por aqui, falou de um indígena que conseguia ficar cinco minutos sem vir à superfície, mas isso é pouco crível. Sei de alguns pescadores que agüentam até cinqüenta e sete segundos. Outros, mais hábeis, ficam submersos até oitenta e sete segundos. Mas são raros e quando voltam a bordo põem sangue pelo nariz e pelos ouvidos. Penso que o tempo médio que eles podem agüentar é de trinta segundos, durante os quais se apressam em recolher para dentro de um saco todas as ostras perlíferas que vão arrancando. Geralmente esses pescadores morrem novos. A vista vai-lhes enfraquecendo, aparecem-lhes úlceras nos olhos e feridas no corpo. Muitas vezes são fulminados por apoplexia no fundo do mar, ou devorados por tubarões.

- É na verdade uma triste profissão que apenas serve para satisfação de caprichos - externei meu ponto de vista. - Mas diga-me, capitão, que quantidade de ostras pode pescar um barco em um dia de trabalho com os homens que o senhor mencionou?

- Cerca de quarenta e cinco mil. Dizem que em 1814 o governo inglês, com esses pescadores a trabalharem por sua conta durante vinte dias, arrecadou setenta e seis milhões de ostras.
- E esses homens são bem pagos?
- Não. Recebem uma remuneração insignificante.
- Essa exploração do homem pelo homem é odiosa, Capitão Nemo.
Ele não quis comentar a minha observação.
- Pois bem, professor, visitaremos amanhã o banco de ostras de Manaar. Pode acontecer que encontremos algum pescador mais apressado e o senhor poderá vê-lo em atividade.
- Combinado, capitão.
- A propósito, Sr. Aronnax, tem medo de tubarões?
- Confesso que ainda não estou muito familiarizado com esse gênero de peixes - falei, depois de uma breve reflexão.
- Nós já estamos habituados a eles - disse o capitão - e com o tempo o senhor também se acostumará. De qualquer modo iremos armados e pelo caminho poderemos talvez caçar um desses exemplares. É uma caçada bem interessante.
Dito isso, o Capitão Nemo saiu do salão.
Ficando sozinho, comecei a pensar. Se alguém fosse convidado para caçar ursos nas montanhas da Suíça, diria: "Muito bem! Amanhã vou caçar ursos"; se se
convidasse um amigo para ir caçar leões nas planícies do Atlas ou tigres nas selvas indianas, ele certamente diria: "Ah! Até que enfim parece que vou caçar tigres ou leões"; mas se uma pessoa fosse convidada para caçar tubarões, no seu elemento natural, tenho certeza de que ela pediria algum tempo para refletir antes de aceitar o convite.
No meu caso particular, passei a mão pela fronte onde encontrei algumas gotas de suor frio.
"Tenho de refletir enquanto é tempo", monologuei. "Caçar lontras nas florestas submarinas, como fizemos na ilha Crespo, ainda vá. Mas andar pelo fundo dos mares quando se tem quase a certeza de encontrar esqualos, já é outra coisa! Sei muito bem que em certas regiões das

ilhas Andamans, os negros não hesitam em atacar o tubarão com um punhal numa das mãos e uma lança na outra, mas sei também que muitos dos que enfrentam esses formidáveis animais não regressam com vida. Além disso eu não sou negro e, mesmo que o fosse, acho que uma ligeira hesitação não seria despropositada."

Continuando em minhas reflexões eu me lembrei de que certamente meu criado Conselho não haveria de querer ir. Assim eu teria uma desculpa para não acompanhar o capitão. Quanto a Ned Land, confesso que já não estava tão seguro de sua sensatez. Um perigo, por maior que fosse, sempre atraía a sua natureza combativa.

Retomei a minha leitura, mas folheava o livro maquinalmente. Via nas entrelinhas mandíbulas terrivelmente abertas.

Naquele momento, Conselho e o canadense entraram no salão com ares tranqüilos e até alegres. Não sabiam o que os esperava.

- O Capitão Nemo, diabos o levem, acabou de nos fazer uma proposta muito amável - disse-me Ned Land.

- Ah! - disse eu - já sabem...

- Com licença do senhor - foi a vez do meu criado - o comandante do "Nautilus" nos convidou para visitarmos os magníficos campos de pescas de ostras do Ceilão. Fê-lo em termos urbanos e portou-se como um verdadeiro cavalheiro. Informou-nos ainda de que o senhor irá também.

- Não lhes disse mais nada?

- Mais nada - respondeu o canadense - a não ser que já lhe tinha falado desse passeio.

- É verdade. Ele não lhes falou de...

- De mais nada, professor.

- Vejo que você faz questão de ir, mestre Land.

- Sim, é exato. Estou muito curioso.

- Talvez haja algum perigo - falei, num tom insinuante.

- Perigo em uma simples excursão a um banco de ostras! - replicou Ned Land.

Decididamente o Capitão Nemo julgara desnecessário mencionar a

caçada de tubarões aos meus companheiros. Eu os olhava comovido, como se já lhes faltasse algum membro do corpo. Deveria preveni-los? Sem dúvida, mas eu não sabia como começar.
- O senhor - Conselho começou a falar - não se importaria de me dar alguns esclarecimentos acerca da pesca das pérolas?
- Acerca da pesca em si, ou sobre os incidentes
que...
- Sobre a pesca - interveio o canadense. - Antes de pisar o terreno é bom conhecê-lo.
- Sentem-se, meus amigos.
Ned e Conselho sentaram-se no divã e o canadense me perguntou
- O que é uma pérola?
- Meu caro Ned - comecei - para o poeta, a pérola é uma lágrima do mar; para os orientais, é uma gota de orvalho solidificada; para as senhoras, é uma jóia de forma oval, de brilho hialino, de matéria nacarada, que usam no dedo, ao pescoço ou nas orelhas; para o químico, é um composto de fosfato e de carbonato de cal com um pouco de gelatina de mistura. Finalmente, para o naturalista, é uma simples secreção doentia do órgão que produz o nácar em alguns moluscos.
- Uma ostra pode conter várias pérolas? - indagou Conselho.
- Pode. Há algumas “pintadinas” que são um verdadeiro cofre. Alguém disse, mas eu duvido, que certa ostra continha nada mais nada menos do que cento e cinqüenta tubarões.
- Cento e cinqüenta tubarões! - exclamou Ned Land, escandalizado.
- Ah! Eu disse tubarões? Queria dizer cento e cinqüenta pérolas. “Tubarões” não faria sentido.
- O preço das pérolas varia com o tamanho? - perguntou Conselho.
- Não só com o tamanho, mas também com a forma. Varia ainda pela “água”, isto é, a cor; pelo “oriente”, ou seja pelo brilho e tonalidade que as tornam tão agradáveis à vista. As mais belas são chamadas pérolas virgens e se formam isoladamente no tecido do molusco. São brancas, freqüentemente opacas, outras vezes de uma transparência opalina e de forma esférica ou periforme. As esféricas são usadas para pulseiras; as

periformes para pingentes. As mais preciosas são vendidas unitariamente e guardadas como jóias. As outras, que aderem à concha da ostra e que são mais irregulares são vendidas a peso. Finalmente, numa ordem inferior, classificam-se as pérolas pequenas, conhecidas pela designação de sementes. Servem especialmente para ornamentar os paramentos dos religiosos.

- Mas há pérolas célebres que custaram fortunas - disse Conselho.

- Há sim. Dizem que César ofereceu a Servília uma pérola cujo valor se calcula em vinte mil dos nossos francos.

- Já ouvi contar - disse o canadense - que certa dama antiga bebia pérolas no vinagre.

- Cleópatra - mencionou o meu criado.

- Não deveria ter um gosto bom - comentou Land.

- Certamente que não - concordou Conselho. - Mas um cálice de vinagre que custa quinze mil francos...

- Lamento não ter me casado com essa tal dama - disse o canadense, fazendo um gesto pouco tranqüilizador.

- Ned Land marido de Cleópatra! - chasqueou Conselho.

- Pois saiba que já estive para me casar, Conselho - o canadense falou sério - e não tive culpa se não deu certo. Até tinha comprado um colar de pérolas para Kat Tender, a minha noiva que acabou por se casar com outro. O colar não me custou mais de um dólar e meio, mas posso garantir-lhe, professor, que as pérolas eram bem grandes.

- Meu caro Ned - expliquei, rindo - eram pérolas artificiais. São simples pedaços de vidro cheios com essência do Oriente.

- Talvez tenha sido por isso que Kat Tender casou-se com outro - disse Ned Land, filosoficamente.

- Falando de pérolas de alto valor, penso que ninguém jamais possuiu uma superior à do Capitão Nemo.

- Aquela? - perguntou Conselho, apontando para a magnífica jóia encerrada numa vitrina.

- Deve valer dois milhões de francos e ao capitão só deve ter custado o trabalho de a apanhar.

- Talvez amanhã durante o nosso passeio encontremos uma igual - disse Ned Land.
- Para que nos serviriam dois milhões de francos a bordo do “Nautilus”? - perguntou Conselho.
- A bordo, nada - respondeu Ned Land - mas em algum outro lugar poderiam ser muito úteis para nós.
- Mestre Land tem razão - falei. - Se alguma vez chegarmos à Europa ou à América, uma pérola de alguns milhões dará uma grande autenticidade e ao mesmo tempo um grande valor ao relato de nossas aventuras. Seria formidável se isso acontecesse.
- Também acho - disse o canadense.
- Mas - perguntou Conselho, que nunca se esquecia do lado instrutivo das coisas - a pesca da pérola é perigosa?
- Não - respondi - sobretudo se se tomam certas precauções.
- Quais são os riscos dessa profissão? – perguntou Ned Land. - Engolir água salgada?
- Mais ou menos, Ned. A propósito - disse eu, tentando imitar o tom, indiferente do Capitão Nemo :
- Vocês têm medo de tubarões?
- Eu! Um arpoador de profissão? - estranhou Ned Land a minha pergunta, como se ela o tivesse ofendido.
- Até brinco com eles!
- Não se trata de pescá-los pelos meios convencionais que você conhece, Land - expliquei-lhe.
- Então, trata-se de
- Sim, precisamente.
- Na água?
- Na água!
- Se for com um bom arpão... O senhor sabe, esses tubarões são animais limitados. Têm de se virar de costas para atacar.

Ned Land tinha uma maneira especial de pronunciar a palavra “atacar”, que me causava calafrios.
- E você, Conselho, o que pensa dos esqualos? - perguntei.

- Eu vou ser franco com o senhor ...
"Ainda bem!", pensei satisfeito.
- Se o senhor vai enfrentar os tubarões, não vejo por que motivo o seu fiel criado não há de enfrentá-los também.
Anoiteceu. Deitei-me mas dormi muito mal. Os esqualos desempenharam um papel importante nos meus sonhos. Estive analisando a etimologia da palavra requin (esqualo) , que vem do latim requiem!
No dia seguinte às quatro horas da manhã fui acordado pelo rapaz de bordo, que o capitão tinha posto especialmente a meu serviço. Levantei-me rapidamente, vesti-me e passei ao salão, onde o capitão já me aguardava.
- Está pronto para partir, Sr. Aronnax?
- Sim.
- Siga-me, por favor.
- E os meus companheiros, capitão?
- Já foram prevenidos e estão a nossa espera.
- Não vamos vestir os escafandros? - perguntei.
- Mais tarde. Não deixei que o "Nautilus" se aproximasse demasiadamente da costa e estamos muito afastados do banco de pérolas. Mandei preparar o bote que nos levará até lá, poupando-nos um longo trajeto a pé. Levaremos as nossas roupas de mergulhar e as vestiremos quando chegarmos a Manaar, no momento de iniciarmos a exploração submarina.
Quando chegamos à escada central a caminho da plataforma, Ned e Conselho já estavam a nossa espera, encantados com os momentos de prazer que se avizinhavam. Cinco marinheiros do "Nautilus", de remos a postos, esperavam-nos no bote.
O Capitão Nemo, Conselho, Ned Land e eu tomamos lugar à ré da embarcação. O timoneiro pôs-se ao leme, os seus quatro companheiros pegaram nos remos, soltaram-se as amarras e afastamo-nos do submarino.
Mantinhamo-nos em silêncio. Em que estaria pensando o Capitão Nemo? Talvez naquela terra que se aproximava e que ele achava

demasiado perto, ao contrário do canadense a quem ela parecia muito longe. Quanto a Conselho estava ali como um simples curioso.
As seis horas, amanheceu subitamente. Os raios solares romperam as nuvens amontoadas no horizonte do lado ocidental e o astro radioso elevou-se rapidamente.
Vi a terra com nitidez, com algumas árvores espalhadas aqui e ali. O bote avançou para a ilha Manaar, que se situava para o sul. O Capitão Nemo tinha se levantado do banco e observava o mar. A um sinal seu foi lançada a âncora e a corrente mal deslizou porque o fundo ficava a pouco mais de um metro, formando naquele local um dos mais altos pontos do banco de ostras. O bote virou imediatamente sobre a âncora, impelido pela maré vazante que empurrava para o largo.
- Chegamos, Sr. Aronnax - disse o Capitão Nemo. - Vê esta baía estreita? É aqui que dentro de um mês se reunirão os numerosos barcos de pesca e são estas as águas que os mergulhadores irão sondar, audaciosamente. Por sorte, esta baía está naturalmente disposta para este gênero de pesca. Ela está abrigada dos ventos mais fortes e aqui o mar nunca é bravo, circunstância essa que favorece muito o trabalho dos pescadores. Vamos agora vestir os escafandros - ordenou.
Com os olhos fitos naquelas águas suspeitas e sem dizer nada, comecei a vestir a minha pesada roupa de mar, ajudado pelos marinheiros do bote. O Capitão Nemo e meus dois companheiros vestiram-se também. Nenhum dos tripulantes do “Nautilus” iria conosco.
Pouco depois estávamos metidos até o pescoço no vestuário de borracha e com os aparelhos de ar presos às costas por meio de suspensórios. Quanto aos aparelhos “Ruhmkorff” não os vi. Antes de meter a cabeça dentro do capacete de cobre, perguntei por eles ao capitão.
- Não vamos precisar deles, Sr. Aronnax - informou-me. - Não desceremos a grandes profundidades e os raios solares serão suficientes para nos iluminar o caminho. Aliás não é prudente transportar uma lanterna elétrica nestas águas, pois o seu brilho poderia atrair inopinadamente algum perigoso habitante delas.
Quando o capitão pronunciou essas palavras, virei-me para falar com

Conselho e Ned Land, mas os meus dois amigos já haviam enfiado as cabeças na cápsula de metal e não podiam ouvir e nem falar.
Faltava-me fazer uma última pergunta ao Capitão Nemo
- E as nossas espingardas, capitão?
- Para que espingardas? Então os montanheses não atacam os ursos de punhal na mão? O aço é mais seguro do que o chumbo. Aqui tem uma afiada lâmina. Ponha-a em sua cintura e partamos.
Olhei novamente para os meus companheiros. Estavam armados como nós, mas Ned Land empunhava também o enorme arpão que tinha posto no barco antes de deixar o "Nautilus".
Deixei que me colocassem a pesada esfera de cobre na cabeça e os nossos reservatórios de ar foram imediatamente postos a funcionar. Descemos para um fundo de areia fina a metro e meio de profundidade. O capitão fez-nos sinal para que o seguíssemos e tomou por um declive pouco acentuado. Em breve desaparecíamos sob as águas.
Então as idéias que me obcecavam desapareceram e eu me senti espantosamente calmo. A facilidade com que me movimentava aumentou-me a disposição e a beleza do espetáculo conquistou-me por completo.
O sol iluminava suficientemente as águas, tornando visíveis os mais diminutos objetos. Após dez minutos de marcha nós nos encontrávamos a cinco metros de profundidade e o fundo começava a ficar plano.
A nossa passagem, como bandos de marcejas num pântano, levantavam-se cardumes de peixes. Reconheci o javanês, verdadeira serpente com cerca de um metro de comprimento, ventre lívido, facilmente confundível com o congro se não fossem as suas riscas douradas laterais.
A progressiva ascensão do sol iluminava cada vez mais as águas. O solo ia mudando à proporção que andávamos. A areia fina sucedia-se uma verdadeira calçada de calhaus rolados, revestidos por um tapete de moluscos e zoófitos. Foi então que vi exemplares de um caranguejo enorme, classificado por Darwin, ao qual a natureza deu o instinto e a força necessária para se alimentar da noz do coco. Esse caranguejo trepa nos coqueiros da beira-mar, faz cair os cocos quebrando-os na

queda. Depois ele os abre com as suas poderosas pinças e come a noz. Sob as águas claras eles corriam com grande agilidade, enquanto as tartarugas que habitam as costas de Malabar se deslocavam lentamente entre as rochas.
Por volta das sete horas chegamos finalmente ao banco onde as ostras perlíferas se reproduziam aos milhões. O Capitão Nemo apontou-me aquele amontoado prodigioso de “pintadinas” e compreendi que aquela mina era verdadeiramente inesgotável, porque a força criadora da natureza é superior ao instinto de destruição do homem.
Ned Land apressou-se a encher uma rede que levava, com os mais belos desses moluscos.
Contudo, não podíamos parar. Tínhamos de seguir o capitão que parecia dirigir-se para um ponto determinado. O solo subia sensivelmente e por vezes, se eu levantasse o braço ultrapassaria a superfície das águas. Depois o nível do banco descia caprichosamente. Algumas vezes contornamos rochedos de formas piramidais. Das suas sombrias anfratuosidades grandes crustáceos apoiados nas compridas patas, como máquinas de guerra, olhavam-nos fixamente.
Em certo ponto surgiu diante de nós uma enorme gruta, escavada num pitoresco conjunto de rochedos cobertos de todas as algas da flora submarina. A principio a gruta pareceu-me extremamente escura. Os raios solares pareciam difundir-se por gradações sucessivas e a sua vaga transparência não passava de luz filtrada.
O Capitão Nemo entrou nela e nós o acompanhamos. Os meus olhos se acostumaram rapidamente àquelas trevas relativas e distingui os assentos da abóbada, de contornos caprichosos, suportada por pilares naturais assentes numa base granítica, como pesadas colunas de arquitetura toscana. Por que nos conduziria o nosso incompreensível guia ao fundo daquela gruta?
Depois de termos descido uma vertente bastante acentuada, os nossos pés pisaram o fundo de uma espécie de poço circular onde o capitão se deteve e apontou para um objeto que eu não tinha notado. Era uma ostra de dimensões extraordinárias. Aproximei-me daquele gigantesco

molusco. Estava preso a uma mesa de granito e ali se desenvolvia isoladamente nas águas calmas da gruta. Calculei o peso daquela ostra em cerca de trezentos quilos, tendo um recheio de quinze quilos. Era evidente que o Capitão Nemo já conhecia a existência dela.

Não era a primeira vez que ele a visitava. Enganei-me ao pensar que, conduzindo-nos àquele local, o capitão pretendesse apenas nos mostrar uma curiosidade natural. Ele tinha um interesse especial em verificar o estado da ostra.

As duas valvas do molusco estavam entreabertas. O capitão aproximou-se e introduziu o punhal entre as conchas para impedi-las de se fecharem. Depois levantou a túnica membranosa e franjada das bordas que formava a cobertura do animal. Entre as pregas foliáceas, vi uma pérola solta cujo tamanho era igual ao de uma noz de coqueiro. A sua forma globulosa, a sua perfeita limpidez e o seu oriente admirável faziam dela uma jóia de preço incalculável. Levado pela curiosidade estendi a mão- para pegá-la, tocá-la, calcular-lhe o peso. Mas o capitão não permitiu. Fez-me um sinal negativo e retirou o punhal com um movimento rápido deixando que as valvas se fechassem.

Compreendi então qual era a intenção dele. Ao deixar a pérola escondida debaixo da cobertura da ostra, ele queria que ela crescesse ainda mais. Ano após ano a secreção do molusco acrescentaria novas camadas concêntricas ao seu tesouro. Só ele conhecia a gruta onde "amadurecia" aquele admirável fruto do mar. Ele a criava para um dia levá-la para o seu museu.

Talvez tivesse sido ele próprio, seguindo o exemplo dos chineses e dos indianos, a determinar a produção daquela pérola, introduzindo numa prega do molusco um pedaço de vidro ou de metal que, pouco a pouco, foi se cobrindo de matéria nacarada. Comparando aquela pérola com as que eu conhecia, calculei o seu valor em dez milhões de francos. Ela representava uma soberba curiosidade natural e não uma jóia de luxo, pois não existiam orelhas femininas que pudessem usá-la.

A visita à opulenta pérola estava terminada. O Capitão Nemo deixou a gruta e voltamos ao banco das "pintadinas", no meio daquelas águas

claras ainda não perturbadas pelo trabalho dos mergulhadores. Avançávamos separadamente, como se estivéssemos passeando em uma avenida de nossas cidades, cada um de nós parando ou caminhando segundo a sua vontade. Eu já não receava nenhum dos perigos que a minha imaginação tinha exagerado tão ridiculamente. O fundo ia se aproximando da superfície e a minha cabeça saiu à tona do mar. Conselho aproximou-se de mim e me fez um sinal amistoso com os olhos. Aquele planalto elevado media apenas alguns metros e logo voltamos a ser cobertos pelas águas.

Dez minutos depois o capitão parou de repente. Ordenou-nos com um gesto que nos escondêssemos, junto com ele, no fundo de uma grande cavidade. Apontou para uma direção na massa líquida e eu olhei atentamente para o ponto que ele indicava.

A cinco metros de nós apareceu uma sombra que desceu até o solo. A inquietante idéia dos tubarões atravessou-me o espírito, mas não havia razão para o meu temor. A sombra não era de nenhum dos monstros que eu tanto temia.

Era um homem, um pescador, um pobre-diabo que fora ceifar antes da época da colheita, certamente premido por alguma dificuldade imprevista. Não tardei a distinguir a quilha do seu barco fundeado a alguns pés acima de nossas cabeças. Ele mergulhava e subia sem parar. Prestei atenção no uso da pedra nos pés, para mergulhar mais rapidamente, que ele punha em prática exatamente como o capitão me explicara. Aquela pedra era toda a sua ferramenta. Chegado ao fundo, a cerca de cinco metros de profundidade, ajoelhava-se e enchia um saco com ostras apanhadas ao acaso. Subia a seguir, esvaziava o saco no bote, tornava a colocar a pedra nos pés e recomeçava a operação que não durava mais de trinta segundos.

O mergulhador não nos via observando a sua penosa faina, porque nos ocultávamos à sombra de um rochedo. Aliás, ele nunca poderia supor que homens como ele estivessem a espreitá-lo debaixo da água, não perdendo um único pormenor da sua pesca. Várias vezes ele mergulhou e tornou a subir recolhendo não mais de uma dezena de ostras em cada

mergulho. Tinha de arrancá-las do banco a que estavam presas, com grande esforço. Quantas daquelas “pintadinas” não tinham as pérolas pelas quais ele arriscava a sua vida?

Eli o observava como muita atenção. Movimentava-se regularmente e durante cerca de meia hora nenhum perigo o ameaçou. De repente, no momento em que ele estava ajoelhado eu o vi fazer um gesto de terror, levantar-se e empreender a volta à superfície. Compreendi o seu pavor quando vi uma sombra gigantesca aparecer por cima dele. Um tubarão enorme avançara em diagonal, de olhos em brasa e mandíbulas abertas. Fiquei horrorizado, incapaz de fazer um movimento.

O voraz animal, com um vigoroso golpe de barbatanas, lançou-se sobre o indiano que se atirou para um lado, livrando-se da dentada do monstro mas não da pancada de sua potente cauda. Atingido no peito, ele perdeu os sentidos e voltou ao fundo do mar.

Toda essa cena durou apenas alguns segundos. O tubarão voltou ao ataque virando-se de costas, preparado para cortar o pescador pelo meio. Percebi o Capitão Nemo, que estava junto de mim, levantar-se com uma rapidez incrível. De punhal na mão caminhou na direção do monstro, pronto para um combate corpo a corpo.

O esqualo, no momento em que ia avançar sobre o indiano desfalecido, notou o seu novo adversário. Voltou-se de barriga e se dirigiu ao encontro dele. Dobrado sobre si mesmo, demonstrando um admirável sangue-frio, o Capitão Nemo esperou o ataque da fera. Quando esta se precipitou para ele, o capitão evitou o choque atirando-se para o lado com prodigiosa agilidade e deu a primeira punhalada no ventre do animal. Desencadeou-se então uma luta terrível.

O sangue jorrava dos ferimentos do tubarão. O mar tingiu-se de vermelho e eu mal podia ver através daquele líquido opaco. Agarrado a uma das barbatanas do furioso esqualo, com uma coragem que não estava muito longe da loucura, o Capitão Nemo continuava a lutar e enchia de punhaladas o ventre do inimigo, sem contudo conseguir desferir-lhe o golpe decisivo atingindo-lhe o coração. Ao debater-se, o esqualo agitava as águas e os redemoinhos que provocava quase me derruba-

vam.
Eu sentia a necessidade de ir em socorro do capitão, mas confesso que o medo me paralisava os movimentos. De olhos esgazeados eu via as fases da luta se modificando em frações de segundos. De repente o capitão caiu derrubado por aquela massa enorme, viva e enlouquecida pela dor. Tanto quanto o homem, a fera precisava de matar o seu inimigo, para continuar vivendo. Vi as mandíbulas do tubarão se abrirem desmedidamente, e ia cerrando os olhos para não vê-las se fecharem sobre o corpo do Capitão Nemo quando Ned Land atacou com o seu arpão. Cravou-o certeiramente no coração do monstro!
As águas ficaram impregnadas de uma massa de sangue e agitaram-se mais revoltas com os movimentos do esqualo. Era o estertor da fera vencida pelo homem.
Ned Land salvara a vida do Capitão Nemo. Escapando sem ferimentos ele se dirigiu imediatamente para o pescador, cortou a corda que o ligava à pedra, pegou-o nos braços e subiu com ele para a superfície. Nós o seguimos e chegamos ao bote do indiano depois de termos sido milagrosamente salvos.
O primeiro cuidado do Capitão Nemo foi reanimar o pescador. Eu duvidava de que o conseguisse, não porque ele estivera submerso por um tempo excessivo, mas porque a pancada da cauda do tubarão o teria atingido mortalmente.
Porém, com as vigorosas massagens de Conselho e do capitão, vi que o afogado ia aos poucos recuperando os sentidos. Abriu os olhos. Qual não terá sido o seu espanto, o seu medo até, ao ver as quatro grandes cabeças de cobre que se debruçavam sobre ele! O que terá pensado quando o Capitão Nemo tirou do bolso um saquinho cheio de pérolas e o colocou em suas mãos? Notei que ele tremia ao aceitar a magnífica esmola do homem das águas. Os seus olhos espantados indicavam claramente o seu temor diante dos seres estranhos aos quais devia, ao mesmo tempo, a vida e a fortuna.
A um sinal do capitão retornamos ao banco de ostras. Seguimos o caminho já percorrido e após meia hora de marcha chegamos ao bote

do “Nautilus”. Uma vez a bordo, ajudados pelos marinheiros, nos desembaraçamos das nossas estranhas indumentárias.
As primeiras palavras do Capitão Nemo foram para o canadense.
- Obrigado, mestre Land - disse ele, com simplicidade.
- Eu estava em dívida com o senhor, capitão.
Os lábios do Capitão Nemo se distenderam num sorriso pálido e foi tudo que se falaram sobre o fato.
- Para o “Nautilus” - ordenou o capitão.
As oito e meia estávamos a bordo do submarino.
Refletindo sobre os incidentes de nossa excursão ao banco de ostras, duas observações surgiram inevitavelmente em minhas conclusões. Uma delas dizia respeito à audácia do Capitão Nemo. Eu mal podia acreditar que um ser humano fosse dotado de tanta coragem. A outra fora a dedicação que demonstrara por um homem, por um representante da raça de que ele fugia. Aquele estranho Capitão Nemo ainda não conseguira matar completamente dentro de si os seus bons sentimentos.
Quando lhe fiz notar isso, respondeu-me um pouco comovido
- Esse indiano, professor, é um habitante de regiões oprimidas e eu sou e sempre serei dessas regiões.

Capítulo 4

Durante o dia 29 de janeiro, a ilha de Ceilão desapareceu no horizonte. Navegando à velocidade de vinte milhas por hora, o “Nautilus” penetrou no labirinto de canais que separa as Maldivas, das Laquedivas. Passou ao largo da ilha Kittan, terra de origem madrepórica descoberta por Vasco da Gama em 1499 e uma das principais ilhas do Arquipélago das Laquedivas.
No dia seguinte, 30 de janeiro, quando o submarino subiu à superfície não havia nenhuma terra à vista. Ele seguia a rota nor-noroeste e se dirigia para o Mar de Omã, encravado entre a Arábia e a península da

índia, onde desemboca o Golfo Pérsico.
Para onde estaria nos conduzindo o Capitão Nemo? Eu o ignorava por completo. Quando Ned Land me perguntou para onde íamos, não tive uma resposta para dar a ele.
- Vamos pára onde a fantasia do Capitão Nemo quiser - foi o que pude responder.
- Essa fantasia não o levará longe - respondeu Ned Land. - O Golfo Pérsico não tem saída e se lá entrarmos não tardaremos a voltar para trás.
- Pois bem, mestre Land, voltaremos. Se depois do Golfo Pérsico o capitão quiser visitar o Mar Vermelho, o Estreito de Bab-el-Mandeb continua lá para nos dar passagem.
- Não sou eu que vou querer ensiná-lo alguma coisa, professor. Mas o Mar Vermelho está tão fechado como o golfo, uma vez que o Istmo de Suez ainda não foi aberto. Mesmo que estivesse pronta essa passagem, um navio. misterioso como o nosso não se arriscaria naqueles canais cheios de comportas. Portanto, o Mar Vermelho não será o caminho que nos conduzirá à Europa.
- Eu não disse que íamos a caminho da Europa.
- O que acha então?
- Acho que - disse eu - depois de ter visitado essas curiosas regiões da Arábia e do Egito, o “Nautilus” tornará a descer o Oceano indico, talvez através do Canal de Moçambique, talvez ao largo das Mascarenhas, de forma a chegar ao Cabo da Boa Esperança.
- E uma vez chegados ao Cabo da Boa Esperança? - perguntou o canadense, com teimosa insistência.
- Uma vez chegados lá, penetraremos no Atlântico, que ainda não conhecemos. Meu amigo Ned, não me diga que não está gostando de nossa viagem submarina! Aborrece-se com o espetáculo incessantemente variado das maravilhas que temos visto? Quanto a mim, confesso que veria com grande tristeza acabar esta viagem.
- Mas, Sr. Aronnax, parece ter esquecido que há três meses estamos prisioneiros a bordo deste barco!

- Possivelmente, Ned. Tenho encontrado suficientes motivos para não contar nem horas e nem dias.
- A que conclusão vamos chegar, professor?
- A conclusão virá no tempo devido. Vamos esperá-la. Aliás, nada podemos fazer e por isso discutimos inutilmente. Se você vier me dizer que surgiu uma possibilidade de evasão poderemos discuti-la, mas não temos nada assim em vista. Para lhe falar francamente, acho que o Capitão Nemo nunca se aventurará nos mares europeus.
Essa minha conversa com Ned Land dá bem uma idéia de como eu estava fanatizado pelo “Nautilus” e de quanto me sentia solidário com o seu comandante. Quanto ao canadense, ele terminou o nosso diálogo com algumas palavras praticamente monologadas:
- Tudo isso pode ser muito bonito e bom, mas na minha opinião, onde há obrigação não pode haver prazer.
Saiu em seguida, deixando-me sozinho.
Durante quatro dias, até 3 de fevereiro, o “Nautilus” esteve no Mar de Omã, navegando a diversas velocidades e profundidades. Parecia navegar ao acaso, como se hesitasse na rota a seguir. Mas nunca ultrapassou o Trópico de Câncer.
Ao deixarmos esse mar avistamos de passagem a cidade, de Mascate, a mais importante daquela região. Admirei-lhe o aspecto estranho no meio dos rochedos negros que a rodeiam e sobre os quais se destacam as casas e os fortes pintados de branco. Distingui as abóbadas arredondadas de suas mesquitas, as agulhas elegantes dos seus minaretes, os seus frescos e verdejantes terraços. Mas tudo não passou de uma rápida visão e o “Nautilus” não demorou a mergulhar novamente nas águas sombrias.
Depois, a uma distância de seis milhas percorreu as costas arábicas de Mahrah e Hadramaut, com as suas linhas onduladas de montanhas. A 5 de fevereiro entramos finalmente no Golfo de Adem, verdadeiro funil metido no Estreito de Bab-el-Mandeb, onde entram as águas indicas do Mar Vermelho.
A 6 de fevereiro, o submarino vagava à vista de Adem, empoleirada

num promontório e ligada ao continente por um estreito istmo, uma espécie de Gibraltar inacessível, cujas fortificações foram reconstruídas pelos ingleses depois de o terem dominado em 1839. Distingui os minaretes octogonais dessa cidade que foi outrora o entreposto mais rico e com mais comércio da costa, segundo o historiador Edrisi.
No dia seguinte de fevereiro, entramos no Estreito de Bab-el-Mandeb cujo nome na língua árabe quer dizer “a porta das lágrimas”. Esse canal tem apenas vinte milhas de largura e dois quilômetros de comprimento. O “Nautilus”, navegando a toda velocidade, atravessou-o em uma hora, mantendo-se sempre submerso. A passagem era cruzada por muitos vapores ingleses e franceses das linhas de Suez a Bombaim, a Calcutá, a Melbourne, a Bourbon, e a Maurícia. Logicamente o nosso submarino não poderia se arriscar na superfície daquelas águas.
Finalmente ao meio-dia sulcávamos as águas do Mar Vermelho, esse célebre lago de tradições bíblicas, que as chuvas nunca refrescam, que não é regado por nenhum rio importante, que uma evaporação excessiva absorve todos os anos uma camada líquida com um metro e meio de altura!
Nem sequer tentei compreender o capricho que levara o Capitão Nemo até ali. Fosse ele qual fosse, eu o aprovei sem reservas.
A 8 de fevereiro, desde as primeiras horas do dia, avistamos Moca, cidade em ruínas, cujas muralhas não mais resistiriam ao simples troar de um canhão. Outrora ela fora um centro importante, com vários mercados públicos, vinte e seis mesquitas e uma muralha de três quilômetros de comprimento com quatorze fortes.
Depois o “Nautilus” aproximou-se das margens africanas onde a profundidade do mar é maior. Ali podíamos admirar, através dos painéis abertos, os belos corais e as vastas extensões de rochedos revestidos de uma esplêndida cobertura de algas. Que espetáculo indescritível e que variedade de locais e paisagens deslumbrantes se descortina nas ilhotas vulcânicas que confinam na costa líbia!
A 9 de fevereiro o “Nautilus” navegava na parte mais larga do Mar Vermelho, a que fica compreendida entre Suakin na costa oeste e

Quonfodah na costa leste. Nesse dia às doze horas o Capitão Nemo subiu à plataforma onde eu me encontrava. Prometi a mim mesmo não o deixar descer sem sondá-lo sobre os seus projetos futuros. Assim que me viu ele se dirigiu para mim e me ofereceu um cigarro.
- Observou bem as maravilhas do Mar Vermelho, professor? - perguntou-me, com um semblante alegre.
- Sim, capitão. Vi coisas notáveis. O "Nautilus" presta-se maravilhosamente bem para essas observações. É sem dúvida um barco inteligente! Estou encantado.
- É um barco inteligente, audacioso e invulnerável, professor. Não receia nem as terríveis tempestades, nem as correntes, nem os escolhos do Mar Vermelho.
- De fato, capitão, este mar é citado entre os mais perigosos do globo. Na antigüidade a sua fama era horrível.
- Exatamente, professor. Os historiadores gregos e latinos nunca falam bem dele. Estrabão afirma que ele é particularmente perigoso na época dos ventos etésios e na estação das chuvas. O árabe Edrisi, que o chama de Golfo de Colzum, conta que numerosos navios encalhavam nos seus bancos de areia e que ninguém se arriscava a navegar nele à noite. Era, ainda segundo Edrisi, um mar sujeito a terríveis furacões, semeado de ilhas inóspitas e "não oferece nada de bom", nem nas suas profundezas nem à superfície.
- Vê-se bem que esses historiadores não viajaram a bordo do "Nautilus" - falei, certo de que o capitão ficaria satisfeito.
- É verdade - concordou ele sorrindo. - Quanto a viajar em barcos iguais ao meu, os homens de hoje não estão mais adiantados do que os antigos. Foram precisos muitos séculos para que se descobrisse a força mecânica do vapor. Quem sabe se de hoje a cem anos se verá um segundo "Nautilus"? O progresso é quase sempre lento, Sr. Aronnax.
- De fato, capitão, o seu barco está avançado um século ou talvez mais em relação à sua época. Que infelicidade que este segredo deva morrer com o seu inventor!
O Capitão Nemo não me respondeu.

Percebi que minha observação não tinha sido feliz, mas o nosso diálogo me interessava. Para retomá-lo, lhe fiz uma pergunta que sabia ser do seu agrado.
- Pode me informar sobre a origem do nome deste mar, capitão?
- Existem numerosas explicações sobre o assunto. Quer saber a opinião de um cronista do século XIV?
- Com todo o gosto.
- Esse fantasista pretende que o nome lhe foi dado depois da passagem dos israelitas, quando o faraó e o seu povo teriam perecido nas águas que se fecharam a uma ordem de Moisés: “Devido a este milagre tornou-se o mar vermelho e não sabendo como nomeá-lo, Mar Vermelho lhe chamaram.”
- Explicação de poeta, Capitão Nemo, com a qual não me contento. Gostaria de saber a sua opinião pessoal.
- Pois, Sr. Aronnax, na minha opinião deve-se ver neste nome uma tradução da palavra hebraica “edrom”. Se os antigos lhe deram esse nome foi por causa da cor característica de suas águas.
- Mas até agora só vi águas límpidas, sem qualquer coloração especial. Observei isso, premeditadamente.
- Sem dúvida. Mas avançando para o extremo do golfo o senhor irá notar essa aparência peculiar. Lembro-me de ter visto a Baía de Tor completamente vermelha, igual a um lago de sangue.
- E o senhor atribui essa cor à presença de alguma alga?
- Sim. Trata-se de uma matéria mucilaginosa purpúrea produzida por plântulas conhecidas pelo nome de “trichodesmies”.
- Já que me falou da passagem dos israelitas e da catástrofe sofrida pelos egípcios, gostaria de saber se encontrou sob as águas algum vestígio desse grande acontecimento histórico.
- Não, e por um bom motivo.
- Qual?
- É que o local exato onde Moisés passou com o seu povo está hoje completamente atulhado de areia, de tal forma que os camelos o atravessam sem quase molhar as patas. O “Nautilus” não poderia lá chegar.

- E o local exato... ? - perguntei.
- Fica situado um pouco acima de Suez, no braço que outrora formava um profundo estuário, quando o Mar Vermelho se estendia até os lagos salgados. Se a passagem foi milagrosa ou não, não posso afirmar, mas que os israelitas lá passaram para chegar à Terra Prometida e que os egípcios lá pereceram não tenho dúvidas. Penso que escavações feitas no local revelariam grande quantidade de armas de origem egípcia.
- Temos de esperar que os arqueólogos façam essas escavações. Isso acontecerá mais cedo ou mais tarde, quando se estabelecerem cidades novas na região, depois de aberto o Canal de Suez. Aliás, lembro-me de dizer que esse canal será completamente inútil para um barco como o seu, capitão.
- Será útil ao mundo inteiro, professor. Os povos antigos já tinham compreendido que seria útil para os seus negócios estabelecer uma comunicação entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo, mas nunca imaginaram cavar um canal direto entre os dois mares e escolheram o Nilo como ligação intermediária. O precário canal que ligava o Nilo ao Mar Vermelho acabou-se antes do ano mil da nossa era.
- O que os povos antigos não ousaram empreender, a junção entre os dois mares, que encurtará em nove mil quilômetros o caminho de Cádis à índia, foi feito por Lesseps e dentro de pouco tempo transformará a África numa enorme ilha.
- Sim, professor. O senhor tem o direito de se sentir orgulhoso do seu compatriota. É um homem que honra a sua pátria. Começou, como tantos outros, por ter contrariedades e ouvir recusas, mas acabou por triunfar porque tem gênio e vontade. Honra portanto a Lesseps!
- Sim, honra seja feita a esse grande cidadão - falei, surpreendido com o entusiasmo do capitão.
- Infelizmente não posso conduzi-lo através do Canal de Suez, mas poderá ver Port Said depois de amanhã, quando entrarmos no Mediterrâneo.
- No Mediterrâneo! - exclamei.
- Sim, professor. Isso o surpreende?

- O que me surpreende é estarmos lá depois de amanhã, embora já esteja me acostumando a não me surpreender com coisa alguma desde que estou a bordo do “Nautilus”.
- Então, qual é a surpresa?
- É a velocidade fantástica que o senhor terá de imprimir ao seu barco para chegarmos ao Mediterrâneo em apenas dois dias. Terá que contornar a Africa e dobrar o Cabo da Boa Esperança!
- E quem lhe disse que faremos a volta à África? Quem lhe falou em dobrarmos o Cabo da Boa Esperança?
- A não ser que o “Nautilus” navegue em terra firme e passe por cima do istmo...
- Ou por baixo, Sr. Aronnax.
- Por baixo?
- Sem dúvida - respondeu-me tranqüilamente o capitão. - Há muito tempo que a natureza fez sob esta língua de terra o que os homens fazem agora por cima. Existe uma passagem subterrânea à qual dei o nome de Túnel Árabe. Começa por baixo de Suez e acaba no Golfo de Pelusa.
- E foi por acaso que descobriu essa passagem? - perguntei, cada vez mais surpreendido.
- Foi o acaso e também o raciocínio, professor. Diria até que foi mais o raciocínio do que o acaso.
- Estou a ouvi-lo, capitão, mas os meus ouvidos continuam a duvidar do que ouvem.
- Foi um simples raciocínio de naturalista que me levou à descoberta dessa passagem que só eu conheço. Notei que no Mar Vermelho e no Mediterrâneo existem certos peixes de espécies absolutamente idênticas. Ciente disso, interroguei-me se não existiria comunicação entre os dois mares. Se existisse, a corrente subterrânea tinha forçosamente de correr do Mar Vermelho para o Mediterrâneo, devido à diferença de níveis. Assim, pesquei numerosos peixes nas margens do Suez, pus-lhes anilhas nas caudas e lancei-os de novo ao mar. Alguns meses mais tarde, nas costas da Síria apanhei alguns peixes com os meus anéis. A

comunicação entre os dois mares estava portanto provada. Procurei-a com o "Nautilus" e a descobri. Aventurei-me por ela e deu certo. Aliás, em pouco tempo o senhor estará passando pelo meu Túnel Árabe.

Capítulo 5

Naquele mesmo dia contei a Conselho e a Ned Land a parte de minha conversa com o Capitão Nemo que interessava diretamente a eles. Quando lhes disse que dentro de dois dias estaríamos em pleno Mediterrâneo, Conselho aplaudiu e o canadense encolheu os ombros.

- Um túnel submarino! Uma comunicação entre os dois mares! Quem é que já ouviu falar disso? - perguntou ele, incrédulo.

- Meu caro Ned - disse-lhe Conselho - já tinha ouvido falar do "Nautilus"? Não. No entanto ele existe. Não encolha os ombros com tanta facilidade e não recuse as coisas por nunca ter ouvido falar delas.

- Veremos - retrucou Ned Land, abanando a cabeça. - Afinal de contas eu espero que essa passagem exista mesmo e que o capitão nos leve realmente para o
Mediterrâneo.

Desinteressei-me de que a nossa conversa continuasse.

No dia seguinte, 10 de fevereiro, avistamos alguns navios e o "Nautilus" retomou a sua navegação submarina. Ao meio-dia o mar estava deserto e ele subiu à superfície.

Acompanhado por Ned Land e Conselho subi para a plataforma. Para leste, a costa mostrava-se como uma massa diluída num nevoeiro úmido. Apoiados no casco do bote conversávamos sobre diversos assuntos, quando Ned Land apontou para um ponto no mar e disse :

- Há qualquer coisa ali, professor.

- Não vejo nada, Ned. Mas reconheço que não tenho a sua visão.

- Olhe bem para ali, para estibordo, finais ou menos à altura do farol. Não vê uma massa que parece mexer-se?
- De fato - falei, após uma observação mais atenta. - Vejo um corpo escuro à superfície das águas.
- Há baleias no Mar Vermelho? - perguntou meu criado.
- As vezes se encontram algumas - respondi.
- Não se trata de uma baleia - afirmou Ned Land. - As baleias e eu somos velhos conhecidos e eu não me enganaria com o seu aspecto.
- O “Nautilus” está se dirigindo para o local - disse Conselho. - Não tardaremos a saber do que se trata.
Dentro de pouco tempo o tal objeto escuro estava apenas a uma milha de distância. Parecia um grande escolho encalhado em pleno mar.
- Move-se e mergulha - falou Ned Land. - Com mil diabos! Que animal será aquele? Não tem a cauda bifurcada como as baleias ou os cachalotes...
- Bom, agora está de costas, tem o peito para o ar!
- É uma sereia! - gritou Conselho. - Uma verdadeira sereia, com a sua licença.
Esse nome deu-me a pista e descobri que o animal pertencia a essa ordem de seres marinhos, cuja lenda fez das sereias metade mulheres metade peixes.
- Não é uma sereia, Conselho, mas é um ser curioso de que restam apenas alguns exemplares no Mar Vermelho. É um dugongo.
Entretanto Ned Land continuava a olhar o animal, como o caçador olha a sua caça. Sua mão parecia pronta para arpoar.
Naquele momento o Capitão Nemo apareceu na plataforma e viu o dugongo. Viu também a atitude de Ned Land e disse a ele
- Se estivesse com um arpão na mão, mestre Land, ele estaria a queimá-la, não é verdade?
- Acertou, capitão.
- Gostaria de retomar por um dia a sua profissão de pescador e acrescentar esse cetáceo à lista daqueles que já matou?
- Gostaria muito, senhor.

- Pois bem, pode tentar. Só que o aconselho a não falhar com esse animal.
- O dugongo é perigoso quando atacado? - perguntei ao capitão.
- Sim. Costuma virar-se contra os seus perseguidores e afundar-lhes a embarcação. Mas para mestre Land ele não constituirá perigo. Já notei que o nosso amigo tem o olhar pronto e o braço seguro.
O capitão nos deixou e deu algumas ordens a seus homens. No mesmo instante um deles trouxe um arpão e uma linha semelhante aos que são utilizados pelos pescadores de baleias. O bote foi retirado e lançado ao mar. Seis remadores tomaram seus lugares e o timoneiro pegou no leme. Ned, Conselho e eu sentamo-nos à ré.
- Não vem conosco, capitão? - perguntei-lhe.
- Não, professor, mas, mesmo assim, lhes desejo uma boa caçada.
O bote desatracou e impelido pelos seis remos dirigiu-se rapidamente para o dugongo que flutuava a cerca de duas milhas do “Nautilus”.
Chegados a algumas braças do cetáceo, abrandamos a marcha e os remos mergulharam sem ruído nas águas tranqüilas. Ned Land, de arpão na mão, levantou-se e foi para a proa. O arpão que serve para matar as baleias está geralmente ligado a uma longa corda que se desenrola rapidamente, quando o animal ferido se afasta. Mas aqui a corda não media mais do que uma dezena de braças e a sua extremidade estava presa a um pequeno barril flutuante que nos indicaria a marcha do dugongo sob as águas.
Tinha-me levantado e observava cuidadosamente o adversário do canadense. O corpo oblongo terminava por uma cauda muito alongada e as barbatanas laterais por verdadeiros dedos. Tinha o maxilar superior armado com dois longos e pontiagudos dentes. Aquele era de grandes proporções, ultrapassando os sete metros de comprimento. Não se mexia e parecia dormir à superfície das águas, circunstância que tornava a sua captura mais fácil.
O bote aproximou-se prudentemente até três braças do animal e os remos foram suspensos nos descansos. Ned Land, com o corpo ligeiramente projetado para trás, brandia o arpão com mão experiente.

Naquele momento ouviu-se um. silvo e o dugongo desapareceu. O arpão, lançado com toda a força, sem dúvida tinha acertado no alvo.
- Com mil diabos! - exclamou o canadense, furioso. - Falhei!
- Não - disse eu. - O animal está ferido porque há sangue nas águas, mas o arpão não ficou preso ao corpo dele.
- O meu arpão! - gritou Ned Land.
Os marinheiros recomeçaram a remar e o timoneiro
dirigiu o bote para o barril flutuante. Recuperado o arpão, começou a perseguição ao animal ferido. De vez em quando ele subia à superfície para respirar. O ferimento não o enfraquecera porque avançava com extrema rapidez de um ponto para outro. A embarcação, manobrada por braços vigorosos, voava no seu encalço. Por várias vezes se aproximou dele até poucas braças de distância e o canadense preparava-se para arpoar mas o dugongo
desaparecia, mergulhando subitamente.
Estivemos a persegui-lo durante uma hora e eu já começava a crer que seria muito difícil apanhá-lo, quando o animal foi acometido por uma infeliz idéia de vingança. Voltou-se para o bote, disposto a atacar. Ned Land entendeu a intenção dele e gritou para os homens dos remos que ficassem atentos.
Chegando a uns seis metros da nossa embarcação, o dugongo parou e aspirou bruscamente o ar com suas enormes narinas. Depois, com todas as suas forças precipitou-se em nossa direção. O timoneiro não pôde evitar o choque. Contudo ele foi extremamente hábil e fomos abalroados de lado livrando-nos de que o bote se virasse.
Ned Land, agarrado à roda de proa, enchia de arpoadelas o corpo do gigantesco animal. Com os dentes cravados na armadura do bote, a fera o levantava fora da água e o sacudia tentando desmantelá-lo. Caímos uns sobre os outros, e não sei como teria acabado aquela aventura se o canadense, sempre encarniçado contra o animal, não tivesse conseguido atingi-lo no coração.
O dugongo desapareceu arrastando consigo o arpão, mas o barril não - demorou a voltar à superfície e instantes depois apareceu o corpo do

animal, de barriga para cima. O bote aproximou-se dele, passou-lhe um reboque e dirigiu-se para o “Nautilus”.
No dia seguinte, 11 de fevereiro, o submarino navegava com velocidade moderada. Quase se podia dizer que vagava ao sabor do vento. Observei que as águas do Mar Vermelho se tornavam menos salgadas à medida que nos aproximávamos de Suez. Por volta das cinco horas da tarde avistamos para o norte o Cabo Rãs Mohammed que forma a extremidade da Arábia Pétrea, compreendida entre o Golfo de Suez e o Golfo de Akaba.
O “Nautilus” penetrou no Estreito de Jubal que conduz ao Golfo de Suez. Distingui perfeitamente uma alta montanha, dominante entre os dois golfos e o Rãs Mohammed. Era o monte Horeb, esse Sinai no cimo do qual Moisés viu Deus e que a imaginação popular vê sempre rodeado de clarões.
As seis horas, o “Nautilus”, ora emergindo ora submergindo, passava ao largo de Tor, situada ao fundo de uma baía cujas águas pareciam tingidas de vermelho. Depois anoiteceu no meio de um pesado silêncio, por vezes interrompido pelo grito de algum pelicano, pelo ruído das águas ou pelo apito longínquo de um vapor cortando as águas do golfo com as suas hélices.
Das oito às nove, o “Nautilus” manteve-se submerso a alguns metros de profundidade. Segundo os meus cálculos, devíamos estar bem perto de Suez. Através dos painéis do salão eu vi fundos de rochedos nitidamente iluminados pela nossa luz elétrica. Parecia-me que o estreito se apertava cada vez mais.
As nove e um quarto o barco subiu à superfície e eu fui para a plataforma. Na sombra consegui distinguir uma luz pálida, meio descolorada pela bruma, que brilhava a uma milha de distância. Virei-me e vi o Capitão Nemo ao meu lado.
- É o farol flutuante de Suez - informou-me ele. - Agora falta muito pouco para chegarmos à entrada do túnel...
- A entrada não deve ser de fácil acesso...
- De fato não é, professor. Costumo ir ao leme para dirigir a manobra.

Agora vamos descer porque o “Nautilus” vai submergir e só voltará à superfície depois de ter passado o Túnel árabe.
Eu o segui e o alçapão fechou-se atrás de nós. Os reservatórios se encheram de água e o submarino imergiu uma dezena de metros.
- Gostaria de me acompanhar até a cabina de pilotagem, professor? - perguntou-me o capitão.
- Nem ousava pedir-lhe - respondi.
- Venha - chamou-me. - Assim poderá observar tudo que há para ver desta navegação subterrânea e ao mesmo tempo submarina.
Conduziu-me para a escada central. A meio dela ele abriu uma porta e seguimos pelos corredores superiores até a cabina do piloto, que se elevava na extremidade da plataforma.
Era um recinto com seis pés de lado, semelhante às cabinas dos barcos a vapor que navegam nó Mississipi e no Hudson. No meio tinha uma roda de leme colocada verticalmente, à qual estavam presos os cabos que corriam até a ré do “Nautilus”. Quatro vigias de vidro, abertas nas paredes da cabina, permitiam ao homem do leme olhar em todas as direções.
A cabina era um tanto escura, mas habituei-me rapidamente à semi-obscuridade e vi o piloto, um homem vigoroso; com as mãos apoiadas no leme. No exterior o mar aparecia vivamente iluminado pelo farol que brilhava na parte de trás da cabina, na outra extremidade da plataforma.
- Agora procuremos a passagem - disse o capitão.
A cabina do timoneiro estava ligada à casa das máquinas por fios elétricos e dali o Capitão Nemo podia comunicar-se com os homens que estavam lá. Ele apertou um botão de metal e a velocidade da hélice diminuiu imediatamente.
Observei em silêncio a alta muralha ao lado da qual estávamos a passar naquele momento. Nós a seguimos durante uma hora, apenas a alguns metros de distância. O Capitão Nemo não tirava os olhos da bússola suspensa na cabina. Com um gesto simples o timoneiro modificava a cada momento a direção do barco.
Eu me colocara na vigia de bombordo e apreciava as magníficas cons-

truções de corais, algas e crustáceos que agitavam as suas compridas patas estendendo-as para fora das anfratuosidades das rochas.
A dez horas e um quarto o capitão tomou o leme. Uma grande galeria, escura e profunda, abria-se diante de nós e o "Nautilus" corajosamente penetrou nela. Ouvi um ruído estranho. Eram as águas do Mar Vermelho que a vertente do túnel precipitava no Mediterrâneo. O submarino seguia a corrente, rápido como uma flecha, apesar dos esforços das máquinas para frearem a sua velocidade.
Nas muralhas estreitas da passagem eu via apenas riscas brilhantes, linhas retas, sulcos de fogo traçados pela velocidade sob o brilho da iluminação elétrica. Meu coração acelerou e eu tive de comprimi-lo com a mão.
As dez horas e trinta e cinco minutos, o Capitão Nemo abandonou o leme, virou-se para mim e falou
- Estamos no Mediterrâneo!
Em menos de vinte minutos o "Nautilus", impelido pela corrente, havia chegado ao Istmo de Suez.

Capítulo 6

No dia seguinte, 12 de fevereiro, pela manhã, o "Nautilus" subiu à superfície. Corri para a plataforma. Para o sul, a três milhas de distância, desenhava-se a vaga silhueta de Pelusa. Uma corrente nos tinha levado de um mar para o outro, mas aquele túnel fácil para descer, seria impossível de subir.
Mais ou menos às sete horas, Ned Land e Conselho foram ao meu encontro. Os dois tinham dormido tranqüilamente a noite inteira e não sabiam da proeza do "Nautilus".
- E então, professor, onde está esse Mediterrâneo ao qual chegaríamos

em dois dias? - perguntou-me o canadense em tom crítico.
- Estamos navegando nele, amigo Ned . . .
- Como nele? Foi esta noite?
- Sim. Exatamente esta noite. Em poucos minutos passamos o istmo intransponível.
- Não acredito! - teimou ele.
- Pois faz mal, mestre Land. Olhe para aquela costa baixa que se arredonda para o sul. É a costa do Egito.
- Não queira me fazer de tolo, professor!
- Se o Sr. Aronnax diz que aquela é a costa egípcia, temos de acreditar, Land - disse Conselho.
- Aliás, o Capitão Nemo teve a gentileza de me convidar para ficar com ele na cabina de pilotagem durante a travessia do túnel. Ele próprio dirigiu o submarino através da passagem.
- Ouviu isso, Ned? - perguntou-lhe Conselho, em tom de censura.
- Aliás, Ned - acrescentei - você tem boa vista e pode ver os molhes de Port Said.
Ele olhou com atenção e se convenceu de que minha informação era válida. Sorriu inexpressivamente e disse:
- Na verdade o senhor tem razão, professor. Esse Capitão Nemo é um grande mestre dos mares. Estamos realmente no Mediterrâneo. Já que é assim, podemos falar dos nossos assuntos. Conversaremos em voz baixa para que ninguém nos ouça.
Eu sabia a que “nossos assuntos” ele se referia. O tema não me agradava mas achei que seria melhor ouvi-lo, já que ele fazia questão disso.
Sentamo-nos perto do farol, onde estávamos mais abrigados dos salpicos das ondas e onde havia menor possibilidade de sermos ouvidos por algum dos homens da tripulação.
- Estamos prontos para ouvi-lo, Ned. O que tem para nos dizer?
- O que tenho para dizer é muito simples - respondeu ele. - Estamos na Europa e eu proponho que ajamos, antes que os, caprichos do Capitão Nemo nos levem para os mares polares ou para a Oceania.
Preparemo-nos para abandonar o “Nautilus”.

Confesso que esse tipo de conversa com Ned Land sempre me deixava deprimido. Eu não queria de maneira alguma servir de entrave à liberdade de meus companheiros. Ao mesmo tempo não sentia nenhum desejo de deixar o Capitão Nemo. Graças a ele e ao seu navio, eu ia completando os meus estudos submarinos e refazia o meu livro sobre essa matéria, em condições realmente excepcionais. Teria eu outra ocasião como aquela para observar as maravilhas dos oceanos? Certamente que não. Eu não podia aceitar a idéia de abandonar o "Nautilus" antes do término da viagem que o capitão se dispusera a fazer comigo. Não me importavam as condições pessoais em que ela estava sendo feita.
- Responda-me francamente, Ned - falei, depois de uma pausa para refletir. - Você se aborrece a bordo? Lamenta que o destino o tenha posto nas mãos do Capitão Nemo?
Ele pensou durante alguns instantes, cruzou os braços e me respondeu com a franqueza que lhe pedi.
- Francamente não vejo razão para me lamentar desta viagem submarina. Ficarei contente por tê-la feito. Veja que estou falando como se ela já tivesse terminado, professor. Ou terminando. É isso que eu quero e é nisso que eu penso.
- A nossa viagem não está terminando, Ned. Mas um dia ela terá que acabar.
- Onde e quando?
- Onde? Não sei. Quando? Não posso dizer. Acho que acabará quando esses mares já não tiverem mais nada para nos ensinar. Tudo o que começou tem forçosamente de acabar.
- Penso como o senhor - disse Conselho. - E possível que depois de termos percorrido todos os mares do globo, o Capitão Nemo simplesmente nos deixe livres no porto que escolhermos.
- Não partilho de sua opinião, Conselho - surpreendi o meu criado. - Conhecemos os segredos do "Nautilus" e acho que o Capitão Nemo não se resignará a vê-los divulgados por nós. Portanto não creio que nos porá em liberdade da maneira que você supõe.
- Mas então o que espera o senhor? - argüiu-me o canadense.

- Que surjam oportunidades de escaparmos de hoje a seis meses, digamos. Então nós as aproveitaremos.
- Ora essa, professor! - exclamou Ned Land. - Pode me dizer onde estaremos de hoje a seis meses?
- Talvez aqui, talvez na China. Sabe que o “Nautilus” anda depressa. Atravessa os oceanos como uma andorinha atravessa os ares. Não receia os mares freqüentados. Quem nos diz que ele não visitará as costas da França, da Inglaterra ou da América, onde será muito mais vantajoso tentarmos uma fuga?
- Os seus argumentos não me convencem, Sr. Aronnax - retrucou Ned Land. - O senhor fala sobre o futuro: estaremos aqui, estaremos ali. Mas eu falo do presente. Estamos aqui e devemos aproveitar a ocasião.
A lógica dele era irrefutável sob o seu ponto de vista. Dificilmente eu arranjaria argumentos para convencê-lo a esperar a ocasião que atendia aos meus interesses.
- Vejamos, professor - continuou ele, insistente. - Se o Capitão Nemo lhe oferecesse a liberdade hoje mesmo, aceitaria?
- Não sei - respondi, com honestidade.
- E se ele lhe dissesse que essa oferta nunca mais se repetiria?
Não respondi. Ele se voltou para o meu criado:
- Qual é a opinião do amigo Conselho sobre o assunto?
- O amigo Conselho não tem opinião. Está absolutamente desinteressado do assunto. Tal como o seu amo, tal como o camarada Ned, ele também é solteiro. Não o esperam nem mulher, nem pais e nem filhos. Está a serviço do Sr. Professor e fala como ele. Embora o lamente, não se pode contar com o amigo Conselho para fazer uma maioria. Para decidir esse assunto só há duas pessoas aqui. O meu amo de um lado e Ned Land do outro. Era só o que eu tinha a dizer.
Não pude deixar de sorrir com a inteligente saída de meu criado, embora ele estivesse anulando totalmente a sua personalidade.
- Então, professor - disse Ned Land. - Uma vez que Conselho não existe, vamos discutir nós dois. Falei e o senhor ouviu. Qual é a sua resposta?

Ele me apertou e eu tinha de lhe responder. As evasivas sempre me repugnaram.
- Amigo Ned, vou lhe dar a minha resposta. Você tem razão e os meus argumentos são fracos diante dos seus. Mas não devemos contar com a boa vontade do Capitão Nemo. A prudência mais elementar não permite que ele nos ponha em liberdade. Por outro lado, essa mesma prudência nos manda aproveitar a primeira ocasião que surgir para deixarmos o “Nautilus”.
- Até agora falou sensatamente, Sr. Aronnax - elogiou ele.
- Mas é necessário que a ocasião seja absolutamente certa, Ned. É preciso que a nossa primeira tentativa de fuga não falhe. Se isso acontecer o Capitão Nemo não nos perdoará e jamais teremos outra oportunidade para deixar este navio.
- Isso tudo é verdade, senhor. Mas aplica-se a qualquer tentativa de fuga que fizermos, quer tenha lugar hoje ou daqui a dois anos. Portanto, a questão continua a ser: devemos ou não aproveitar uma ocasião favorável para tentarmos a fuga?
- Ainda quero preveni-lo de que o Capitão Nemo sabe que não renunciamos à esperança de recuperar a nossa liberdade. Ele estará sempre alerta, especialmente nos mares à vista de costas européias.
- Sou da mesma opinião - manifestou-se Conselho.
- Veremos - disse Ned Land, com ar bastante determinado.
- E agora, mestre Land - falei para encerrar o assunto - fiquemos por aqui e nem mais uma palavra sobre isso. No dia em que estiver pronto para a tentativa, avise-nos e seremos seus companheiros.
Essa nossa conversa viria a ter graves conseqüências.
No dia seguinte, 14 de fevereiro, aconteceu um fato que me pareceu muito importante. Como sempre fazia quando o submarino navegava submerso, eu ficava de olhos pregados nos painéis do grande salão, olhando as maravilhas da fauna marítima e fazendo minhas anotações. Nesse dia eu fui surpreendido por uma aparição realmente inesperada no painel.
No meio das águas apareceu um homem, um mergulhador, tendo à

cintura uma bolsa de couro. Não era um corpo abandonado nas águas. Estava vivo e nadava com braçadas vigorosas, desaparecendo de vez em quando, possivelmente para ir à superfície respirar e voltando a aparecer no vidro do painel.

Virei-me para o Capitão Nemo e lhe disse:

- Um homem, capitão, ali no painel! Deve ser um náufrago.

Ele não me respondeu coisa alguma e veio encostar-se ao vidro. O homem o viu e se aproximou do painel. Para minha grande surpresa os dois se cumprimentaram com acenos de mão. O homem subiu imediatamente à superfície e não apareceu mais.

- Não fique preocupado, professor - disse-me o capitão. - É Nicolas, do Cabo Matapão, alcunhado de “Peixe”. É um mergulhador arrojado e a água é o seu elemento.

Enquanto eu o olhava admirado, sem saber o que dizer, o capitão dirigiu-se para um móvel colocado perto do painel esquerdo do salão. Junto do móvel eu vi um cofre guarnecido com aros de ferro. Sem se preocupar com a minha presença, ele abriu o móvel e o seu conteúdo me deixou estupefato. Estava cheio de lingotes de ouro. O Capitão Nemo foi pegando-os um a um e arrumando-os metodicamente no cofre, até enchê-lo completamente. Calculei que seriam uns mil quilos de ouro. O cofre foi hermeticamente fechado e o capitão escreveu um endereço em sua tampa com caracteres que deveriam pertencer ao grego moderno.

Feito isso ele apertou um botão sob o painel e apareceram alguns homens que, com bastante dificuldade, levaram o cofre para fora do salão. Depois eu ouvi que o içavam por meio de roldanas pela escada de ferro.

Naquele momento o capitão virou-se para mim e disse:

- Estava falando, professor...

- Eu não disse nada, capitão.

- Então, se me dá licença, desejo-lhe boa-noite.

E dito isto deixou o salão.

Fui para o meu quarto mas não consegui dormir. Haveria alguma rela-

ção entre o aparecimento do mergulhador e o cofre cheio de ouro. O caso me intrigava seriamente. Pouco depois percebi que o “Nautilus” deixava as camadas inferiores e subia à superfície. A seguir eu ouvi ruído de passos na plataforma e percebi que soltavam o bote e o lançavam ao mar. Duas horas mais. tarde eu ainda estava acordado quando escutei o movimento do retorno do bote para o seu lugar. O “Nautilus” mergulhou de novo nas águas do Mediterrâneo.
Os milhões tinham sido levados ao seu destinatário. Quem seria ele? Quando contei aos meus companheiros o que havia presenciado eles ficaram tão surpreendidos quanto eu.
No dia seguinte deixamos a bacia que fica entre Rodes e Alexandria. Passando ao largo de Cérigo, o “Nautilus” abandonou o arquipélago grego, depois de ter dobrado o Cabo Matapão.

Capítulo 7

0 Mediterrâneo, o mar azul por excelência, o “grande mar” dos Hebreus, o “mar” dos Gregos, o mare nostrum dos Romanos, orlado de laranjeiras, de aloés, de cactos, de pinheiros bravos, envolto no perfume dos mirtos, enquadrado por rudes montanhas, saturado de um ar puro e transparente, mas incessantemente trabalhado pelos fogos terrestres, é um campo de batalha onde Netuno e Plutão ainda disputam o domínio do mundo. É ali, nas suas praias e nas suas águas, diz Michelet, que o homem se recompõe num dos melhores climas da terra. Contudo, por mais belo que seja, apenas pude dar uma rápida olhada naquela bacia, cuja superfície cobre dois milhões de quilômetros quadrados. Os conhecimentos pessoais do Capitão Nemo fizeram-me certa falta. Ele não me apareceu durante toda a travessia do Mediterrâneo, feita a grande velocidade.

Calculo em seiscentas léguas a distância que o "Nautilus" percorreu sob as águas desse mar e a viagem foi concluída em quarenta e oito horas. Partindo na manhã do dia 16 de fevereiro das regiões da Grécia, na madrugada do dia 18 alcançávamos o Estreito de Gibraltar.
Foi evidente para mim que o Mediterrâneo, encerrado no meio das terras a que ele queria fugir, não agradava ao Capitão Nemo. As suas águas e os seus ventos traziam-lhe muitas recordações e, provavelmente, muitos desgostos. Ali ele não tinha aquela liberdade de ação, aquela independência de manobras que lhe davam os oceanos, e o seu "Nautilus" sentiu-se apertado entre as margens da Europa e da África, tão próximas que são uma da outra.
Assim, a nossa velocidade foi de vinte e cinco milhas por hora. Doze léguas. Escusado será dizer que Ned Land, para seu grande pesar, teve de renunciar aos seus planos de fuga. Aliás, o nosso navio só subia à superfície quando era noite, para renovar suas provisões de ar. Navegava pelas indicações da bússola.
Portanto, só vi do Mediterrâneo o que o viajante de um trem expresso avista da paisagem que lhe foge diante dos olhos, isto é, os horizontes longínquos e não os primeiros planos. Estes passam velozmente.
No entanto, ele diminuiu a velocidade ao passarmos entre a Sicília e a costa da Tunísia. Nesse espaço, apertado entre o Cabo Bom e o Estreito de Messina, o fundo do mar sobe quase de repente. Ali formou-se uma verdadeira crista sobre a qual não restam mais do que dezessete metros de água, enquanto que de um lado e do outro dessa elevação a profundidade é de cento e setenta metros. Portanto o "Nautilus" teve que manobrar com prudência para não bater nessa verdadeira barreira submarina.
Mostrei a Conselho, no mapa do Mediterrâneo, o lugar ocupado por esse longo recife.
- Com sua licença - disse ele - isso é um verdadeiro istmo que une a Europa à África.
- De fato é - apoiei a observação dele. - Essa barreira obstrui completamente o Estreito da Líbia. As sondagens de Smith provaram que os

continentes outrora estavam unidos entre o Cabo Baco e o ,Cabo Furina.
- Acredito nisso, senhor.
- Existe uma barreira semelhante entre Gibraltar e Ceuta, que nos tempos remotos fechava completamente o Mediterrâneo.
Conselho tinha vindo me procurar para continuarmos nossas observações de alguns peixes do Mediterrâneo. Antes que esses assuntos o empolgassem, chamei-o para nos pormos à espreita diante dos painéis do salão e comecei a fazer os meus apontamentos. Justamente naquele momento, no meio da massa de águas vivamente iluminadas por jorros de luz elétrica, serpenteavam algumas lampreias com um metro de comprimento. Toda a nossa atenção se concentrou nelas.
Durante a noite de 16 para 17 de fevereiro, tínhamos entrado na segunda bacia do Mediterrâneo, onde a maior profundidade é de três mil metros. O “Nautilus”, sob o impulso de sua hélice, deslizando em planos inclinados, descia às camadas mais profundas do mar.
Ali, à falta de maravilhas naturais, a massa das águas oferecia aos meus olhos cenas comoventes e terríveis. Atravessávamos então a zona do Mediterrâneo mais fértil em sinistros. Da costa argelina ao litoral da Provença, quantos navios naufragados, quantas embarcações desaparecidas! O Mediterrâneo não passa de um lago, se comparado com as vastas extensões líquidas do Pacífico. Mas é um lago caprichoso, de ondas inconstantes, hoje propício e acariciador para a frágil tartana de formas esguias e coberta corrida desfraldando ao vento sua vela latina, amanhã enfurecido, açoitado pelos ventos, é capaz de
‘destruir os navios mais resistentes com as suas ondas curtas, que os flagelam sem descanso.
Assim, nesse rápido passeio através das águas sombrias daquelas profundidades, quantos destroços eu vi jazendo no fundo, uns já envoltos por corais, outros apenas revestidos por uma camada de ferrugem: âncoras, canhões, balas, guarnições de ferro, pás de hélice, pedaços de máquinas, depois cascos flutuando em várias posições.
Dos navios naufragados, uns tinham perecido por colisão, outros por

terem batido em escolhos graníticos. Vi alguns que tinham ido a pique com a mastreação inteira e pareciam estar parados num ancoradouro à espera do momento da partida.
Quando o “Nautilus” passava entre eles e os envolvia com os seus raios elétricos, parecia que aqueles navios o iam saudar com as suas bandeiras e comunicar-lhe os seus números de ordem! Havia apenas o silêncio e a morte naquele campo das catástrofes.
Observei que à proporção em que o “Nautilus” se aproximava de Gibraltar, mais numerosos eram esses sinistros destroços. Onde as costas da Europa e da África mais se aproximam, os desastres são mais freqüentes. Vi numerosas quilhas de ferro, ruínas fantásticas de vapores, uns deitados, outros de pé, semelhantes a formidáveis animais imobilizados na maioria das vezes.
Um desses barcos, com os flancos abertos, a chaminé quebrada, sem rodas, com o leme separado do cadaste e ainda preso por uma cadeia de ferro já corroída pelos sais marinhos, apresentava-se sob um aspecto terrível! Quantas existências ceifadas no seu naufrágio, quantas vítimas arrastadas pelas águas! Teria escapado algum marinheiro para narrar o terrível acontecimento, ou todos teriam morrido?
Não sei por quê, lembrei-me de que aquele navio mergulhado no mar podia ser o “Atlas”, desaparecido havia vinte anos e do qual nunca mais se ouviu falar.
Entretanto, o “Nautilus”, indiferente e rápido, ia passando entre as ruínas. No dia 18 de fevereiro encontrava-se à entrada do Estreito de Gibraltar.
Poucos minutos depois estávamos no Atlântico.

Capítulo 8

O Atlântico! Imensa extensão de água cuja superfície cobre vinte e cinco milhões de milhas quadradas, com um comprimento de nove mil milhas e uma largura média de duas mil e setecentas. Mar importante, quase desconhecido na antigüidade, exceto talvez dos cartagineses, que nas suas viagens comerciais seguiam as costas oeste da Europa e da África. Oceano, cujas costas de sinuosidades paralelas abraçam um perímetro imenso, alimentado pelos maiores rios do mundo: o São Lourenço, o Mississipi, o Amazonas, o da Prata, o Orenoco, o Níger, o Senegal, o Elba, o Loire, o Reno e muitos outros, que lhe trazem águas dos países mais civilizados e das regiões mais selvagens do globo. Magnífica planície líquida, incessantemente sulcada por navios de todas as nações, abrigados sob todas as bandeiras do mundo e que termina por essas duas pontas temidas de todos os navegadores: o Cabo Horn e o Cabo das Tormentas.

O “Nautilus” quebrava-lhe as águas com o seu esporão, depois de ter percorrido terça de dez mil léguas em três meses e meio, distância superior a qualquer um dos grandes círculos da terra. Para onde íamos e o que nos reservaria o futuro?

O submarino, passado o Estreito de Gibraltar, tinha-se feito ao largo. Voltou à superfície das águas e, consequentemente, voltaram os nossos passeios na plataforma.

Subi imediatamente, acompanhado por Conselho e Ned Land. A uma distância de doze milhas avistava-se vagamente o Cabo de São Vicente, que forma a extremidade sudoeste da Península Ibérica. Soprava um vento forte do sul. O mar estava encapelado e fazia o “Nautilus” balançar violentamente. Era quase impossível ficar na plataforma, incessantemente varrida por enormes vagas. Por isso descemos depois de termos aspirado um pouco de ar puro.

Ned Land, bastante preocupado, seguiu-me para o meu quarto, enquanto Conselho foi diretamente para a sua cabina. A nossa rápida passagem pelo Mediterrâneo não tinha permitido ao canadense pôr em prática os seus planos de fuga e estava francamente desapontado.

Ele me olhou em silêncio durante algum tempo, depois que fechei a

porta e o fiz sentar-se. Adivinhei que tinha alguma coisa muito importante para me dizer.
- Eu o compreendo, meu caro Ned - iniciei o diálogo com o intuito de deixá-lo mais a vontade - mas você não tem de que se censurar. Nas condições em que o "Nautilus" navegou, pensar em fugir seria uma loucura.
Ele me ouviu e continuou calado. Os seus lábios cerrados e as sobrancelhas franzidas eram sinal de uma violenta obsessão, de uma idéia fixa que o atormentava.
- Não vejo por que se desesperar - continuei a falar tentando vencer o sofrido mutismo dele. - Continuamos seguindo pela costa de Portugal e talvez a caminho da França e da Inglaterra. Se, passando o Estreito de Gibraltal, o "Nautilus" se tivesse feito ao largo, para o sul, se estivesse nos levando para regiões onde não há continentes, então eu partilharia de sua inquietação. Mas já sabemos que o Capitão Nemo não foge dos mares civilizados. Creio que dentro de alguns dias você encontre uma oportunidade segura para agir.
Ned Land olhou-me ainda mais fixamente, seus lábios se moveram e ele disse com determinação:
- É esta noite!
Levantei-me de repente. Confesso que não estava preparado para ouvir aquilo. Quis dizer qualquer coisa mas não encontrei palavras para me expressar.
- Tenhamos combinado esperar por uma boa ocasião - continuou ele. - Pois bem, professor, essa ocasião chegou. Esta noite estaremos a algumas milhas da costa espanhola. A noite está escura e o vento sopra do largo. Deu-me a sua palavra e eu conto com o senhor.
Continuei calado. Ele se levantou e me disse quase ao ouvido
- Esta noite, às nove horas. Conselho já está prevenido. A essa hora o Capitão Nemo estará no seu quarto, dormindo, provavelmente. Da tripulação, os que não estiverem também dormindo, estarão ocupados. Eu e Conselho iremos até a escada central e o senhor ficará na biblioteca aguardando o nosso sinal. Os remos, o mastro e as velas estão

dentro do bote. Até logo, professor.
- O mar me parece muito agitado - consegui falar.
- De fato está - disse ele - mas temos de nos arriscar. A liberdade tem o seu preço. O bote é sólido e algumas milhas com o vento ajudando, faz-se rapidamente. Se as circunstâncias nos favorecerem, entre as dez e as onze horas teremos desembarcado em terra firme. Se elas forem contra nós, estaremos mortos. Portanto demos graças a Deus e até logo à noite.
Ele saiu e eu fiquei atordoado. Eu tinha imaginado que guando surgisse aquela ocasião, disporia de tempo para refletir, para discutir e talvez até para adiá-la. De repente eu não tive nada para dizer ao canadense. Ele tinha toda a razão. Era uma ocasião e deveríamos aproveitá-la. Podia faltar à minha palavra e assumir a responsabilidade de comprometer o futuro dos meus companheiros no meu interesse pessoal?
Naquele momento ouviu-se um forte apito, sinal de que os reservatórios estavam cheios. O "Nautilus" mergulhou nas águas do Atlântico.
Permaneci no meu quarto, porque queria evitar o capitão. Eu tinha medo de me deixar trair pela emoção que me dominava. Passei um dia penoso, entre o desejo de alcançar a liberdade e a mágoa. de abandonar aquele maravilhoso "Nautilus", deixando inacabados os meus estudos submarinos. Deixar assim aquele oceano, "o meu Atlântico", como gostava de chamá-lo, sem ter observado suas camadas mais profundas, sem lhe ter desvendado os mistérios, como tinha feito aos mares das índias e no Pacífico! O meu romance caía-me das mãos no primeiro volume, o meu sonho ia ser interrompido no melhor momento. Passei assim algumas horas amargas, ora me vendo em terra, em segurança com os meus companheiros, ora desejando que alguma circunstância imprevista impedisse a realização dos projetos de Ned Land.
Fui duas vezes ao salão para consultar a bússola para verificar a direção do "Nautilus" e assegurar-me de que estávamos realmente nos aproximando da costa. O submarino continuava em águas portuguesas, rumando para o norte, na direção desejada pelo canadense. Portanto, tínhamos de aproveitar a ocasião e tentarmos a fuga. A minha bagagem

constava apenas dos meus apontamentos. Nada de coisas pesadas. Quanto ao Capitão Nemo, perguntava-me sobre o que pensaria ele da nossa evasão. Que tipo de inquietações, que problemas poderíamos causar a ele e o que faria o enérgico capitão se a nossa tentativa fracassasse? Eu não tinha nenhuma razão para me queixar dele. Ao contrário disso, a sua hospitalidade não me deixava margem para censuras. Por outro lado, não tinha também nenhum motivo para me considerar ingrato com ele: nenhum juramento e nem mesmo uma palavra menos formal me prendia ao capitão quanto ao que íamos fazer.

Ele contava com a força das circunstâncias e não com a nossa palavra para nos manter junto dele. A sua confessada intenção de nos manter eternamente á bordo do seu navio justificava todas as nossas tentativas de fuga. Eu não o via desde a noite em que o cofre com o ouro fora mandado para alguma parte da Europa, ou seria da África ou até mesmo do Oriente Médio? Será que voltaria a vê-lo antes de minha partida? Desejava vê-lo e, ao mesmo tempo, receava a sua presença naquelas circunstâncias. Pus-me à escuta para ver se ouvia passos no quarto dele, contíguo ao meu. Nem um ruído. O quarto devia estar deserto. Então eu pensei se o capitão estaria realmente a bordo.

Desde aquela noite em que o bote deixara o “Nautilus” para aquela misteriosa entrega do ouro, as minhas idéias em relação ao capitão haviam se modificado um pouco. Passei a supor que apesar do que dizia, o Capitão Nemo continuava a manter algumas relações com a terra. Ele nunca deixaria o “Nautilus”? Por vezes passava-se uma semana inteira sem que eu o visse. Que estaria fazendo ele durante esses dias? E quando eu poderia julgá-lo praticando algum ato de misantropia, não estaria antes envolvido em alguma ação secreta cuja natureza me escapava?

Todas essas considerações assaltavam a minha mente. O campo de conjeturas era infinito na situação em que me encontrava. Sentia um mal-estar insuportável. Aquele dia de espera me parecia infindável. As horas se passavam demasiado lentamente para o meu estado de impaciência.

Como sempre o jantar me foi servido no quarto. Quase não comi, enfastiado de preocupações. Saí da mesa às sete horas. Ainda faltavam cento e vinte minutos para o momento em que deveria me juntar a Ned Land e Conselho. A minha agitação aumentava e o meu pulso estava alterado. Não conseguia ficar quieto. Andava de um lado para o outro na esperança de acalmar a agitação do espírito com o movimento físico. A idéia de sucumbir na nossa temerária empresa era a menor de minhas preocupações. Mas ao pensar que o nosso projeto poderia ser descoberto antes de deixarmos o "Nautilus", ao pensar de ser levado perante o Capitão Nemo, furioso ou, ainda pior, entristecido com o meu procedimento, palpitava-me o coração.

Quis rever o salão pela última vez. Segui pelos corredores e cheguei ao museu, onde tinha passado tantas horas agradáveis e úteis. Olhei todas aquelas riquezas, todos aqueles tesouros, como um homem na véspera de um exílio eterno, que parte para nunca mais voltar. Aquelas maravilhas da natureza, aquelas obras-primas da arte, no meio das quais passara tantos dias, ia abandoná-las para sempre. Desejei observar as águas do Atlântico através dos vidros do salão, mas os painéis estavam fechados e uma chapa de zinco separava-me daquele oceano que eu tanto desejava conhecer melhor.

Ao percorrer o salão, cheguei à porta, existente num dos lados, que dava para o quarto do capitão. Para minha surpresa a porta estava entreaberta. Recuei involuntariamente. Se estivesse lá dentro, ele poderia me ver. Escutei e não ouvi nenhum ruído. Aproximei-me de novo e olhei. O quarto estava deserto. Empurrei a porta e entrei.

Comecei reparando em alguns quadros a óleo pendurados na parede. Não me lembrava de tê-los visto em minha primeira visita ao quarto dele. Eram retratos de grandes vultos da história, cujas existências tinham decorrido numa perpétua devoção a uma grande idéia humana Kosciusko, o herói caído ao grito de Finis Poloniase; Botzaris, o Leônidas da Grécia moderna; O'Connell, defensor da Irlanda; Washington, fundador da União Americana; Manin, o patriota italiano; Lincoln, caído pela bala de um escravocrata; e finalmente o mártir da

libertação da raça negra, John Brown, suspenso da forca, desenhado pelo terrível traço de Victor Hugo.
Que elo existiria entre aquelas almas heróicas e a alma do Capitão Nemo? Poderia eu, a partir daqueles retratos, desvendar o mistério da existência dele? Seria ele um campeão de povos oprimidos, um libertador das raças escravas? Teria participado das últimas agitações políticas ou sociais do século? Teria sido um dos heróis da terrível guerra americana, guerra lamentável e para sempre gloriosa?
De súbito o relógio bateu oito horas. A primeira pancada do pêndulo arrancou-me dos sonhos. Estremeci, como se olhos invisíveis pudessem mergulhar no mais profundo dos meus pensamentos e me precipitei para fora do quarto.
Faltando poucos minutos para as nove horas deixei o meu quarto e voltei para o salão. Mergulhado na semiobscuridade, estava deserto. Abri a porta que comunicava com a biblioteca. A mesma claridade insuficiente e a mesma solidão. Fui colocar-me perto da porta que dava para a escada central e fiquei aguardando o sinal do canadense.
Naquele momento os ruídos da hélice diminuíram sensivelmente e depois cessaram por completo. Qual seria o motivo daquela repentina alteração no andamento do “Nautilus”? O barco ter parado iria favorecer ou prejudicar o plano de Ned Land?
O silêncio só era quebrado pelas batidas do meu coração.
De repente senti um leve choque. O “Nautilus” havia pousado no fundo do oceano. A minha inquietação redobrou. O sinal do canadense não chegava. Comecei a ter vontade de ir procurar Ned e dissuadi-lo de qualquer tentativa de fuga naquela noite. A nossa navegação não se efetuava em condições normais.
Naquele momento a porta do salão foi aberta e o Capitão Nemo entrou. Viu-me e disse sem qualquer preâmbulo
- Ah! É o senhor, professor. Eu andava a sua procura. Sabe alguma coisa da história da Espanha?
Nas condições em que me encontrava, ainda que ele me perguntasse sobre a história do meu próprio país, eu não seria capaz de dizer uma

palavra.
- Não ouviu a minha pergunta, professor? Conhece a história da Espanha?
- Muito mal - respondi.
- Então é um sábio e não sabe. Pois bem, sente-se que vou lhe contar um episódio bastante curioso dessa história.
O capitão estendeu-se no divã enquanto eu, maquinalmente, sentei-me junto dele, na penumbra.
- Recuaremos ao ano de 1702 - começou ele, falando com voz pausada. - Não ignora que nessa época o rei Luís XIV julgando que com um simples gesto poderia derrubar os Pirineus, tinha imposto o Duque de Anjou, seu neto, aos espanhóis. Este príncipe, que reinou mais ou menos mal sob o nome de Felipe V, teve problemas com outros países.
"As casas reais da Holanda, da Áustria e da Inglaterra fizeram uma aliança com o objetivo de arrancarem a coroa da Espanha da cabeça de Felipe V, a fim de dá-la a um arquiduque, ao qual chamaram prematuramente de Carlos III.
"Embora lhe faltassem soldados e marinheiros, a Espanha teve que resistir a essa coligação. No entanto, não lhe faltaria dinheiro se os seus galeões carregados de ouro e prata, vindos da América, entrassem em seus portos. Ora, no final de 1702, era esperado um fabuloso comboio escoltado por uma frota de vinte e três navios franceses, comandados pelo Almirante Château-Renault, porque as marinhas dos dois países em coligação percorriam então o Atlântico.
"Este comboio devia dirigir-se a Cádis. Mas o almirante, informado de que a frota inglesa cruzava aquelas águas, resolveu rumar para um porto francês. Os comandantes espanhóis dos navios carregados com o ouro protestaram contra essa decisão e exigiram ser conduzidos para um porto espanhol. Não podendo ser o de Cádis, resolveram seguir para a Baía de Vigo, situada na costa noroeste da Espanha e que não estava bloqueada pela esquadra inglesa. O Almirante Château-Renault teve a fraqueza de aceitar essa imposição e os galeões rumaram para Vigo.
Essa baía forma um ancoradouro aberto, difícil de ser defendido.

Portanto, era necessário descarregar rapidamente os galeões antes da chegada da frota inimiga. O tempo teria sido suficiente para esse desembarque se não tivesse surgido uma rivalidade.
“Está seguindo o desenrolar dos fatos, professor? - perguntou-me o Capitão Nemo.
- Perfeitamente, capitão - respondi, não conseguindo adivinhar com que propósito estava ele me contando aquela história.
- Então eu continuo. Eis o que se passou: os comerciantes de Cádis tinham um privilégio segundo o qual deviam receber todas as mercadorias vindas das índias Ocidentais. Ora, desembarcar os lingotes de ouro dos galeões, no porto de Vigo, era ir contra esse direito. Queixaram-se portanto, e obtiveram do fraco Felipe V que o comboio, sem proceder à descarga, permanecesse seqüestrado no ancoradouro de Vigo até o momento em que as frotas inimigas se afastassem.
“Enquanto se tomava essa decisão, no dia 22 de outubro de 1702, os navios ingleses chegaram à Baía de Vigo. O Almirante Château-Renault, apesar da inferioridade de suas forças, bateu-se corajosamente. Mas quando viu que as riquezas dos galeões iam cair nas mãos dos inimigos, incendiou e afundou os seus navios com todo o tesouro.”
O Capitão Nemo fez uma pausa. Eu ainda não havia percebido qual o interesse que a história dele poderia ter para mim. Mas eu não poderia mostrar-me descortês com ele. Por isso perguntei-lhe :
- E depois, capitão?
- Depois, Sr. Aronnax, estamos na Baía de Vigo e compete-lhe desvendar-lhe os mistérios.
Levantou-se e me pediu que o seguisse. Eu tivera tempo de me controlar e podia acompanhá-lo. O salão estava na penumbra, mas através dos vidros transparentes brilhavam as águas do mar. Olhei.
A volta do “Nautilus”, num raio de meia milha, as águas apareciam impregnadas de luz elétrica. O fundo arenoso era nítido e claro. Alguns tripulantes, envergando escafandros, ocupavam-se em desentulhar tonéis meio apodrecidos, caixas estragadas, no meio de destroços ainda enegrecidos. Das caixas e dos tonéis escapavam-se lingotes de ouro e

prata, cascatas de piastras e de jóias. A areia estava juncada dessas preciosidades. Carregados com esse rico espólio, os homens voltavam ao “Nautilus” onde deixavam o seu rico fardo e retornavam à sua pesca de ouro e prata.
Então eu compreendi o episódio que o capitão me contara. Era ali o teatro da batalha de 22 de julho de 1702.
Ali mesmo se tinham afundado os galeões carregados com o ouro para o governo espanhol. E era também ali que o Capitão Nemo ia buscar os milhões de que necessitava para os seus misteriosos empreendimentos. Havia sido para ele, e só para ele que a América entregara os seus preciosos metais. Ele o herdeiro direto e único dos tesouros arrancados aos Nicas e a todos os povos derrotados por Fernando Cortez
- Sabia que o mar continha tantas riquezas, professor? - perguntou-me ele, sorrindo.
- Sabia - respondi-lhe - que se calcula em dois milhões de toneladas a prata que se encontra em suspensão nas suas águas.
- Não duvido. Mas para extrair essa prata as despesas seriam superiores aos resultados obtidos. Aqui só tenho de apanhar o que os homens perderam em suas aventuras. Além desse, sei de mil outros teatros de naufrágios, cujos locais estão todos assinalados em meus mapas. Compreende agora por que sou tão rico?
- Compreendo, capitão. Permita-me no entanto dizer-lhe que ao explorar precisamente a Baía de Vigo, adiantou-se aos trabalhos de uma companhia legalmente constituída para esse fim.
- Que companhia?
- Uma sociedade que recebeu do governo espanhol o privilégio de procurar os galeões desaparecidos. Os acionistas esperam alcançar um enorme lucro, porque se calcula em quinhentos milhões o valor das riquezas perdidas aqui.
- Quinhentos milhões! - exclamou o capitão. - Poderiam estar aqui, professor, mas já não estão mais.
r Estou vendo que não. Portanto, avisar esses acionistas seria um ato de caridade. O que os jogadores lamentam, acima de tudo, não é tanto a

perda de dinheiro, mas a morte de suas loucas esperanças. No entanto, lamento-os menos do que a milhares de infelizes aos quais tantas riquezas poderiam ser de grande valia, enquanto agora serão estéreis para sempre.
Foi fácil perceber que eu tinha ferido o Capitão Nemo.
- Estéreis! Então o senhor julga que essas riquezas estão perdidas porque fui eu que as apanhei? Pensa que é para mim que me dou ao trabalho de recolher esses tesouros? Quem lhe disse que não faço bom uso deles? Julga que ignoro que existem seres que sofrem, raças oprimidas, miseráveis déspotas que é preciso abater e vítimas a vingar?
Ele parou e eu tive a impressão de que se arrependera de ter falado tanto. Mas eu adivinhara. Quaisquer que fossem os motivos que o tinham forçado a procurar a independência sob os mares, antes de tudo ele continuava a ser um homem. O coração palpitava-lhe ainda pelo sofrimento humano e a sua imensa caridade dirigia-se para os indivíduos e para as raças oprimidas.
Descobri então a quem foram destinados os milhões expedidos por ele quando o "Nautilus" navegava nas águas de Creta revoltada.

Capítulo 9

No dia seguinte, 19 de fevereiro, vi o canadense entrar no meu quarto. Eu já esperava a sua visita. Falei-lhe primeiro
- Ontem tivemos azar, amigo.
- Incrível, professor! O danado do capitão tinha de parar - precisamente quando íamos fugir.
Contei a ele os incidentes da véspera e o recolhimento de mais uma parte das riquezas dos galeões espanhóis.
- Foi apenas uma arpoadela falhada, professor- disse-me ele. - Na

próxima vez teremos mais sorte. Tentaremos esta noite mesmo...
- Qual é a direção do “Nautilus”? - perguntei.
- Não sei.
- Ao meio-dia verei isso no mapa - prometi a ele.
O canadense voltou para a sua cabina. Depois de me vestir fui ao salão. Verifiquei que a rota do “Nautilus” era sul-sudoeste. Voltávamos as costas à Europa. Esperei com impaciência que a nossa posição fosse assinalada na carta. As onze e meia os reservatórios foram esvaziados e o navio subiu para a superfície. Quando cheguei à plataforma, Ned Land já estava lá.
Não havia terra à vista. Nada mais do que o mar imenso. Avistavam-se algumas velas no horizonte, certamente dos navios que iam até o Cabo de São Roque procurar ventos favoráveis para dobrar o Cabo da Boa Esperança.
O tempo estava encoberto e começava a soprar o vento. Irado, o canadense observava o horizonte. Esperava ainda que por trás do nevoeiro se estendesse a tão desejada terra. Ao meio-dia o sol mostrou-se por um instante. O imediato aproveitou a ocasião para lhe medir a altura. O mar se tornou mais agitado, fomos obrigados a descer e os alçapões foram fechados.
Uma hora depois, quando consultei a carta, vi que a posição do “Nautilus” era de 16° 17' de longitude e 33° 22' de latitude, a cento e cinqüenta léguas de distância da costa mais próxima. Não havia qualquer possibilidade de fuga. O canadense ficou furioso quando o informei da nossa situação.
. Quanto a mim não fiquei muito agastado. Sentia-me aliviado do peso que me oprimia e pude retomar com certa calma os meus trabalhos habituais.
A noite, mais ou menos às onze horas recebi a visita do Capitão Nemo. Ele me perguntou se me sentia fatigado e eu lhe informei que não.
- Então vou lhe propor uma curiosa excursão, professor.
- Faça o favor, capitão.
- Até agora só visitou os fundos marinhos com a luz do sol. Gostaria de

ver como são à noite?
- Certamente, senhor.
- Devo preveni-lo de que o passeio será fatigante. Terá de andar muito tempo e de escalar uma montanha para ver o que desejo lhe mostrar.
- Estou curioso, capitão.
- Então venha. Vamos vestir os escafandros.
Em poucos minutos estávamos vestidos. Colocaram-nos às costas os reservatórios de ar abundantemente carregados, mas não me deram a lâmpada e eu falei dessa falha ao capitão.
- De nada nos serviriam - respondeu-me.
Julguei ter ouvido mal, mas não pude repetir a minha observação porque a cabeça dele já tinha desaparecido dentro do seu capacete metálico. Acabei de me arranjar e, como apetrecho que eu não havia usado ainda, deram-me um pau ferrado. Após as manobras habituais pisamos o fundo do Atlântico, a uma profundidade de trezentos metros.
Aproximava-se da meia-noite. As águas estavam profundamente escuras, mas o capitão apontou-me à distância para um ponto vermelho, uma espécie de claridade que brilhava a cerca de duas milhas do barco. Começamos a andar na direção dela. Caminhávamos bem próximos um do outro. O terreno plano começou a subir ligeiramente. Dávamos largas passadas mas a nossa marcha era lenta. Os nossos pés se enterravam numa espécie de lodo com algas, semeado de pedras lisas.
Ao avançar, eu ouvia uma espécie de crepitação por cima de minha cabeça. Por vezes o ruído aumentava e produzia como que um fulgor contínuo. Era a chuva que caía violentamente na superfície das águas. Instintivamente, pensei que ia me molhar. Não pude deixar de sorrir com tal idéia. Para dizer a verdade, dentro do pesado escafandro não se sente o elemento líquido e pensa-se estar no meio de uma atmosfera um pouco mais densa do que a atmosfera terrestre.
Após meia hora de marcha o solo tornou-se pedregoso, mas nosso caminho tornava-se cada vez mais iluminado. A luz esbranquiçada brilhava no cimo de uma montanha com cerca de oitocentos pés de altura. Mas o que eu via não passava de uma simples reverberação

desenvolvida pelo cristal das camadas de água. A origem daquela inexplicável claridade encontrava-se no lado oposto da montanha.
O Capitão Nemo avançava sem hesitação no meio dos pedregulhos que sulcavam o fundo do Atlântico. Não havia dúvida de que conhecia o caminho e de que já o havia percorrido algumas vezes. Eu o seguia confiantemente. Aparecia-me como um dos gênios do mar. Andando atrás dele, eu admirava a sua elevada estatura que se destacava no fundo luminoso. Era uma hora da manhã. Tínhamos chegado às primeiras vertentes da montanha. Para transpô-la era preciso nos aventurarmos pelos difíceis atalhos de uma enorme floresta.
O capitão, familiarizado com aqueles caminhos, andava sem qualquer problema. Tínhamos chegado a uma primeira plataforma da montanha, onde me esperavam algumas surpresas. Ali desenhavam-se pitorescas ruínas que traíam a mão humana e não a do Criador. Eram vastas extensões de pedras onde se distinguiam vagas formas de castelos, de templos, revestidos por um mundo de zoófitos em flor.
Que região submersa do globo seria aquela? Quem tinha disposto aquelas rochas e pedras como dólmens dos tempos pré-históricos? Onde eu estava? Onde a fantasia do Capitão Nemo havia me levado? Queria interrogá-lo, mas como não podia fazê-lo, segurei-lhe o braço. Ele abanou a cabeça e apontou para o cume da montanha. Pareceu-me ouvi-lo dizer: “Venha! Continue! Não pare!” Eu o segui num último esforço. Mais alguns minutos de penosa subida e alcancei o pico que dominava toda aquela massa rochosa.
O meu olhar vagueou ao redor e vi um enorme espaço iluminado por uma fulguração violenta. Aquela montanha era um vulcão. A cinqüenta pés abaixo do pico, no meio de uma chuva de pedras e de escórias, uma grande cratera vomitava torrentes de lava, que se dispersavam em cascatas de fogo no seio da massa líquida. Assim situado, aquele vulcão era como um imenso facho iluminando a planície inferior até os limites do horizonte.
A cratera submarina lançava lavas e não chamas, porque estas necessitariam de oxigênio e por isso não podiam existir debaixo das águas.

Mas as torrentes de lavas que têm em si próprias o princípio de sua incandescência, podem atingir o vermelho-branco, lutar vitoriosamente contra o, elemento líquido e vaporizar-se ao seu contato. Rápidas correntes arrastavam todos aqueles gases em fusão e as torrentes de lavas deslizavam até o sopé da montanha, como as dejeções do Vesúvio sobre a Torre del Grecco.

Diante dos meus olhos, arruinada, destruída, demolida, aparecia uma cidade com os telhados roídos, os templos desmoronados, os arcos deslocados, as colunas caídas por terra, onde se percebiam ainda alguns traços de arquitetura toscana. Mais ao longe os restos de um gigantesco aqueduto e mais além a saliência de uma acrópole com as formas flutuantes de um Partenon. Mais adiante vestígios de um cais, como se algum antigo porto tivesse outrora abrigado navios mercantes e trirremes de guerra. Ainda mais longe, longas linhas de muralhas arruinadas, largas ruas desertas, uma Pompéia submersa que o Capitão Nemo ressuscitava a minha vista.

Onde estaríamos? Emocionado, esbarrei no capitão. Por gestos exigi que ele me desse uma explicação. Pegando em um pedaço de rocha calcária ele se dirigiu para um granito de basalto preto e traçou uma palavra: “ATLANTIDA”.

Um clarão atravessou-me o espírito! A Atlântida de Platão, esse continente negado por Orígenes, Porfirio, Jamblique, D’Anville, Malte-Brun e Humboldt, que consideravam o seu desaparecimento uma lenda. Aceito por Possidônio, Plínio, Ammien-Marcellin, Tertuliano, Engel, Sherer, Tournefort, Buffon, D’Avezac, estava diante dos meus olhos, mostrando ainda os irrecusáveis testemunhos da sua catástrofe. Era, portanto, aquela região submersa que existia fora da Europa, da Ásia, da Líbia e para além das colunas de Hércules, onde vivia o poderoso povo dos Talantes, contra o qual se fizeram as primeiras guerras da antiga Grécia.

O historiador que consignou nos seus escritos os altos feitos desses tempos heróicos foi o próprio Platão, no seu diálogo de Tiniu e Críticas, traçado por assim dizer sob a inspiração de Cólon o poeta e legislador.

Tais eram as lembranças históricas que a inscrição do Capitão Nemo fez surgir no meu espírito. Portanto, conduzido pelo mais estranho destino, eu pisava uma das montanhas daquele continente! Tocava aquelas ruínas mil vezes seculares! Caminhava por onde tinham caminhado os contemporâneos do primeiro homem. Esmagava com os meus pesados sapatos os esqueletos de animais dos tempos fabulosos, que aquelas árvores, agora mineralizadas, outrora cobriram com a sua sombra.

O Capitão Nemo, apoiado numa estela coberta de musgo, permanecia imóvel e como que petrificado num êxtase mudo. Pensaria ele naquelas gerações desaparecidas, tentando descobrir o segredo do destino humano? Seria ali que aquele estranho homem ia retemperar-se nas recordações da história e reviver a vida antiga, ele que nada queria com a vida moderna? Eu daria tudo que tivesse para conhecer, partilhar e compreender os pensamentos dele.

Quando penetramos de volta no interior do "Nautilus" já as primeiras claridades da aurora branqueavam a superfície do oceano.

Capítulo 10

No dia seguinte, 20 de fevereiro, acordei muito tarde. As fadigas da noite haviam prolongado o meu sono até as onze horas. Vesti-me rapidamente porque tinha pressa em saber qual o rumo do "Nautilus". Os instrumentos do salão indicaram-me que ele continuava a navegar para ó sul, com uma velocidade de vinte milhas por hora e a uma profundidade de cem metros.

Esse dia passou-se sem novidades. No entanto, estive espiritualmente muito ocupado recordando todos os meus conhecimentos sobre a história da Atlântida. O passeio da noite anterior me deixara realmente

impressionado. Não teria sido um sonho?
No dia seguinte, 21 de fevereiro, eram oito horas da manhã quando cheguei ao salão. Olhei o manômetro. O “Nautilus” flutuava à superfície do oceano. Dirigi-me para o alçapão que estava aberto. Mas em vez da luz do dia que esperava, vi-me rodeado de uma escuridão profunda. Onde estaríamos? Ainda seria noite e eu teria me enganado?
Não sabia o que pensar, quando ouvi a voz do Capitão Nemo.
- Professor Aronnax?
- Sim. Onde estamos, capitão?
- Debaixo da terra, professor.
- Debaixo da terra? Mas o “Nautilus” está flutuando?
- Como sempre, professor.
- Mas não compreendo!
- Espere uns instantes. O nosso farol vai acender-se e, se gosta de situações claras, vai ficar satisfeito.
A escuridão era tão completa que nem sequer eu via o capitão. No entanto, olhando o zênite, exatamente por cima de minha cabeça, pareceu-me ver uma luz vaga, uma espécie de meia-luz que enchia um buraco circular. Naquele momento acendeu-se o farol do “Nautilus” e o seu brilho intenso fez desvanecer num instante aquela vaga luz.
Olhei, depois de ter fechado os olhos por um instante, ofuscados pela luz elétrica. O submarino estava imóvel. Flutuava junto de uma margem disposta como um cais. O meio que então o suportava era um lago aprisionado dentro de um círculo de muralhas que media duas milhas de diâmetro. O seu nível, indicado pelo manômetro, só podia ser o nível exterior, porque existia necessariamente uma comunicação entre o lago e o mar. As altas muralhas, inclinadas para a base, arredondavam-se em abóbada e pareciam um enorme funil invertido, cuja altura era de uns quinhentos a seiscentos metros. No cume abria-se um orifício circular por onde eu tinha notado aquela fraca claridade; sem dúvida devida aos raios solares.
Antes de examinar atentamente as disposições interiores daquela enorme caverna e de procurar saber se seria obra da natureza ou do ho-

mem, perguntei ao capitão:
- Onde estamos?
- No centro de um vulcão extinto. Um vulcão cujo interior foi invadido pelo mar, depois de uma convulsão do solo. Enquanto o senhor estava dormindo, o "Nautilus" penetrou nesta lagoa através de um canal natural, aberto a dez metros abaixo da superfície do oceano. É

aqui o seu porto de abrigo. Um porto seguro, cômodo, secreto, abrigado de todos os ventos.
- Não resta dúvida que está em segurança aqui, capitão. Quem se lembrará de procurá-lo no centro de um vulcão. Quem poderia fazê-lo? Mas não é uma abertura o que vejo no cimo da caverna?
- Sim, é uma cratera. Outrora cheia de lava, de vapores e de chamas, hoje ela dá passagem ao ar vivificante que respiramos aqui.
- Que montanha vulcânica é esta?
- Pertence a uma das numerosas ilhas que povoam este mar. Simples escolho para os navios, é para nós uma imensa caverna. Eu a descobri por acaso e foi uma descoberta muito útil.
- Está em segurança neste lago e só o senhor pode visitar estas águas. Mas para que serve este refúgio? O "Nautilus" precisa de um porto?
- Não, professor, mas precisa de eletricidade para se mover. Precisa de elementos para produzir essa eletricidade. De sódio, para alimentar esses elementos, de carvão para fazer o sódio e de minas que produzam esse carvão. Ora, precisamente aqui, o mar cobre florestas inteiras há milhares de anos. Hoje mineralizadas e transformadas em hulha,, essas florestas são uma mina inesgotável para mim.
Agradeci ao capitão as suas informações e fui procurar os meus companheiros que ainda não tinham saído de sua cabina. Convidei-os para que me acompanhassem à plataforma, sem lhes dizer onde nos encontrávamos. Conselho, que não se surpreendia com coisa alguma deste mundo, olhou-me como se fosse uma coisa natural acordar debaixo de uma montanha. Ned Land fez algumas perguntas, mas na verdade só se preocupou em saber se a caverna tinha alguma saída. Não tinha.

Depois do almoço descemos na margem do lago.
- Íeis-nos mais uma vez em terra - disse Conselho.
- Não chamo a isto terra - falou o canadense. - Aliás, não estamos por cima, mas por baixo.
- Estamos dentro da montanha - manifestei-me, prevenindo uma possível discussão entre os dois.
A natureza vulcânica daquela enorme cavidade era visível por toda parte. Chamei a atenção de meus companheiros para isso.
- Imaginam o que deveria ser este funil quando as lavas incandescentes subiam até o orifício da montanha, como a matéria em fusão dentro de um forno?
- Imagino perfeitamente - respondeu Conselho. - Mas por que será que o grande fundador suspendeu o seu trabalho e como foi que a fornalha se encheu de água?
- Provavelmente porque alguma convulsão da natureza produziu sob a superfície do oceano a abertura que serviu de passagem ao “Nautilus”. Então as águas do Atlântico invadiram o interior da montanha. Houve uma luta terrível entre os dois elementos, que terminou com a vitória de Netuno. Desde então passaram-se muitos séculos e o vulcão submerso transformou-se numa pacífica gruta.
Passamos a tarde inteira passeando pela gruta e Ned Land verificou pessoalmente que nenhum ser humano poderia subir ou descer pela cratera do vulcão. Depois regressamos para bordo. A tripulação acabava de embarcar as provisões de sódio e o “Nautilus” estava pronto para partir a qualquer momento.
No entanto o Capitão Nemo não dava a ordem nesse sentido. Queria esperar pela noite e sair secretamente pela passagem submarina? Deveria ser justamente isso, porque na manhã seguinte o submarino navegava ao largo e a alguns metros abaixo das ondas do Atlântico.

Capítulo 11

A rota do “Nautilus” não tinha sido modificada. Toda a esperança de voltarmos aos mares europeus deveria ser esquecida. O capitão Nemo rumava para o sul. Para onde estaria ele nos conduzindo? Eu não ousava imaginar.
Naquele dia o submarino atravessou uma estranha parte do Oceano Atlântico. Ninguém ignora a existência de uma grande corrente de água quente, denominada Gulf Stream. Depois de sair dos canais da Flórida, ela se dirige para Spitzberg. Porém, antes de penetrar no Golfo do México a corrente se divide em dois braços. O principal deles se dirige para as costas da Irlanda e da Noruega, enquanto 0 outro segue para o sul em direção aos Açores. Depois de banhar as costas africanas ele descreve uma oval alongada e volta em direção as Antilhas.
Ora, esse segundo braço, que mais se parece com um colar, cerca com os seus anéis de água quente aquela parte do oceano, fria, tranqüila e imóvel, a que se chama de Mar dos Sargaços. Verdadeiro lago em pleno Atlântico, as águas da grande corrente demoram três anos para rodeá-lo.
O Mar dos Sargaços cobre toda a parte submersa da Atlântida. Há quem admita que as numerosas ervas de que está semeado são arrancadas às pradarias deste antigo continente. No entanto é mais provável que essas ervas sejam levadas à região pela Gulf Stream, que as tira das costas da América e da Europa. Foi essa uma das razões que levou Colombo a acreditar na existência de um novo mundo.
Quando os marinheiros desse intrépido navegador chegaram ao Mar dos Sargaços, navegaram com muita dificuldade no meio daquelas ervas e precisaram de três longas semanas para atravessá-lo.
Era essa a zona que o “Nautilus” percorrera naquele dia. Um verdadeiro prado, um. tapete de algas e uvas dos trópicos, tão espesso e compacto que a hélice girava com dificuldade.
Todo o dia 22 de fevereiro foi passado no Mar dos Sargaços. No dia

seguinte o mar havia retomado o seu aspecto habitual. Nos dias que se seguiram, navegando sempre pelo meio do Atlântico, o “Nautilus” avançava a uma velocidade constante de cem léguas em cada vinte e quatro horas. Era evidente que o Capitão Nemo queria cumprir o seu programa de viagem. Eu não duvidava que, dobrado o Cabo Horn, ele voltasse aos mares austrais do Pacífico.

Portanto, Ned Land tivera razão para recear. Nesses mares imensos, sem ilhas, não era possível tentar uma fuga. Por outro lado, não tínhamos meios de nos opormos aos desígnios do capitão. A única coisa a fazer era obedecer. Mas aquilo que não se podia alcançar pela força e pela manha, também não se devia tentar obter por persuasão. Terminada aquela viagem, talvez o capitão consentisse em nos dar a liberdade sob juramento de nunca revelarmos a sua existência. Juramento de honra que faríamos. Eu tinha de conversar sobre isso com ele.

Desde o início, o Capitão Nemo havia declarado, de uma maneira formal, que o segredo da sua vida exigia a nossa prisão perpétua a bordo do “Nautilus”. Éramos seus prisioneiros há quatro meses e o meu silêncio sobre esse assunto não deixava de ser uma concordância tácita com essa situação. Eu sempre pensava que uma discussão do problema tivesse como resultado fazê-lo ficar em permanente estado de alerta contra nós. Isso poderia prejudicar o aproveitamento, com sucesso, de alguma oportunidade de fuga que tivéssemos. Em suma, embora eu não fosse pessimista compreendia que as possibilidades de voltarmos ao convívio de nossos conhecidos e parentes diminuíam de dia para dia, à medida que o Capitão Nemo corria como um temerário o Atlântico Sul.

De 23 de fevereiro a 12 de março não houve qualquer incidente digno de nota e eu raras vezes vi o capitão. As vezes ouvia ressoar os sons melancólicos do seu órgão que tocava com muito sentimento, sempre à noite, no meio da maior obscuridade, quando o “Nautilus” adormecia nos desertos do oceano.

Durante essa parte da viagem navegamos dias inteiros à superfície. O mar parecia abandonado. Apenas alguns barcos a vela, com carga para a índia, se dirigiam para o Cabo da Boa Esperança. Um dia fomos

perseguidos pelas lanchas de um baleeiro, que sem dúvida nos tomara por uma enorme baleia de alto valor. O Capitão Nemo não quis que os pescadores perdessem tempo e trabalho e pôs um ponto final na caçada, mergulhando nas águas.
Nessa região encontramos grandes cães-do-mar, que são peixes extremamente vorazes. Não se deve acreditar nas histórias dos pescadores, mas aqui vai o que contam. Encontrarem no corpo de um desses animais uma cabeça de búfalo e uma vitela inteira. Em um outro deles foram achados dois atuns e um marinheiro fardado. Num terceiro, um soldado com o sabre e, finalmente, num quarto,
um cavalo com o seu cavaleiro. São histórias que eu ouvi contar e passo à frente sem qualquer responsabilidade quanto à sua veracidade.
Até o dia 13 de março a nossa navegação continuou nessas condições. Nesse dia o “Nautilus” fez algumas experiências de sondagem que me interessaram muito. Tínhamos percorrido até essa data cerca de treze mil léguas, desde a nossa partida dos mares do Pacífico. O ponto nos indicava 45° 37' de latitude sul e 37° 53' de longitude oeste. Estávamos na zona onde o Capitão Denham do “Herald” lançara quatorze mil metros de sonda para encontrar o fundo. Também ali, o Tenente Parker da fragata americana “Congress” não tinha atingido o fundo submarino a quinze mil cento e quarenta metros.
O Capitão Nemo resolveu descer com o seu “Nautilus” para as maiores profundidades com o fim de verificar essas diferentes sondagens. Preparei-me para registrar todos os dados da experiência. Os painéis do salão foram abertos e começaram as manobras para atingir as camadas mais profundas.
O capitão e eu ficamos no salão seguindo a agulha do manômetro que rodava com rapidez. Não tardamos em ultrapassar a zona habitável, onde vive a maioria dos peixes. Perguntei ao Capitão Nemo se tinha observado peixes a maiores profundidades.
- Peixes? Raramente. No estado atual dessa ciência especializada, o que se sabe sobre o assunto? - perguntou-me ele.
- Sabe-se que à medida que se desce para as camadas inferiores do

oceano, a vida vegetal desaparece mais depressa do que a animal. Sabe-se que onde ainda se encontram seres animados em grandes profundidades, a vegetação aquática não existe mais. Sabe-se que as camalhas e as ostras vivem a mais de dois mil metros da superfície das águas e que Mac Clintock, o herói dos mares polares, retirou uma estrela viva, de uma profundidade de dois mil e quinhentos metros. Sabe-se ainda que a tripulação do “bull-dog”, da Marinha Real Inglesa, pescou uma estrela-do-mar a mais de uma légua de profundidade. Mas talvez o senhor me diga que afinal de contas não se sabe nada.
- Não, professor, eu não seria tão indelicado. De qualquer forma, como o senhor explica que possa haver vida a tais profundidades?
- Explico-o por duas razões. Primeiro porque as correntes verticais determinadas pelas diferenças de salinidade e densidade das águas produzem um movimento que é suficiente para manter a vida rudimentar das estrelas-do-mar.
- Precisamente - concordou ele.
- Depois, porque se o oxigênio é a base da vida, sabe-se que a quantidade de oxigênio dissolvido na água do mar aumenta com a profundidade, em vez de diminuir e que a pressão das camadas baixas contribui para o comprimir.
- Parabéns, professor. Sabe-se muito, porque tudo o que disse é verdade. Acrescentarei que a bexiga natatória desses peixes contém mais azoto do que oxigênio, quando são pescados à superfície das águas e mais oxigênio do que azoto, quando são tirados das grandes profundidades. Isso confirma a sua teoria. Mas continuemos as nossas observações.
Olhei para o manômetro que já indicava uma profundidade de seis mil metros. Havia uma hora que estávamos descendo. As águas desertas eram admiravelmente transparentes e de uma diafaneidade difícil de descrever. Uma hora mais tarde estávamos a treze mil metros e ainda não se avistava o fundo do oceano.
No entanto, a quatorze mil metros distingui picos escuros que surgiam no meio das águas. Mas esses cumes poderiam pertencer a montanhas

com a altura do Himalaia ou do Monte Branco, ou ainda mais altas, continuando incalculável a profundidade do fundo.
O “Nautilus” continuou a descer, apesar das altas pressões que sofria. Sentia-se que o metal tremia nas juntas, as barras se arqueavam, os tabiques gemiam, os vidros do salão pareciam estalar sob a pressão das águas. E este sólido aparelho teria certamente cedido, se não fosse tão resistente como uma rocha.
Tínhamos atingido uma profundidade de dezesseis mil metros e o casco do “Nautilus” suportava uma pressão de mil e seiscentas atmosferas, isto é, mil e seiscentos quilos por cada centímetro quadrado de sua superfície.
- Extraordinário, capitão! - manifestei-me realmente emocionado. - Percorrer essas regiões profundas onde o homem nunca chegou! Veja, capitão, veja essas magníficas rochas, essas grutas desabitadas, esses últimos receptáculos do globo, onde a vida já não é possível! Que sítios desconhecidos! Pena que não possamos conservar alguma recordação desses lugares.
- Gostaria de levar algo mais do que uma recordação, professor?
- O senhor...
- Não se assuste. Estou querendo lhe dizer que nada há mais fácil do que tirar uma fotografia dessa região.
Uma máquina fotográfica foi trazida para o salão. Através dos painéis abertos, com a iluminação elétrica, a claridade era perfeita. A máquina focalizou o fundo do oceano e o fotografou.
O Capitão Nemo, acabada essa operação, disse-me:
- Subamos, professor. Não devemos expor o “Nautilus” a semelhantes pressões por muito tempo seguido.

Capítulo 12

Durante a noite de 13 para 14 de março, o “Nautilus” retomou a sua rota para o sul. Eu supunha que perto do Cabo Horn ele rumaria para oeste, a fim de chegar aos mares do Pacífico e concluir a sua volta ao mundo. Porém não foi isso que aconteceu e o submarino continuou navegando em direção às regiões austrais. Aonde iria? Ao pólo? Aquilo era insensato. Eu começava a acreditar que as temeridades do Capitão Nemo iam justificando as apreensões de Ned Land.
Havia algum tempo que o canadense não me falava dos seus projetos de fuga. Tornara-se menos comunicativo, quase silencioso. Eu percebia o quanto aquele prolongado aprisionamento lhe custava. Sentia a sua cólera se acumulando. Quando encontrava o capitão, seus olhos se incendiavam e eu receava que a sua natural violência o levasse a uma atitude extrema.
Naquele dia, 14 de março, Conselho e ele vieram ao meu quarto. Perguntei-lhes a razão da visita.
- Vim lhe fazer uma pergunta, professor - falou Ned Land e foi dizendo:
- Quantos homens julga que há a bordo do “Nautilus”? Tenho a impressão de que este barco não precisa de uma grande tripulação.
- Acredito que não, Ned - respondi. - Uma dezena de homens deve ser suficiente para manobrá-lo. Mas se você está pretendendo apoderar-se do “Nautilus”, não
tente isso, meu amigo. Há pelo menos vinte e cinco homens a bordo.
- Um número muito grande para nós três - murmurou Conselho.
- Portanto, meu caro Ned, só posso lhe aconselhar a ter paciência. O plano da fuga é melhor.
- Mais do que paciência, precisa ter resignação, Ned - acrescentou Conselho. - Afinal de contas o Capitão Nemo não pode navegar eternamente para o sul. Vai ter de parar nem que seja diante dos bancos de gelo e regressará a mares mais civilizados. Então poderá retomar os seus projetos de fuga.
O canadense saiu sem dizer nada.
- Se o senhor me permitir gostaria de fazer uma observação - disse-me

Conselho. - O pobre Ned pensa em tudo o que não pode ter. Lembra-se de todas as coisas da sua vida passada. As recordações o perseguem e ele sofre. Temos de compreendê-lo. Afinal, o que ele pode fazer aqui? Nada. Não é um sábio como o senhor e não tem o mesmo interesse que nós temos pelas coisas admiráveis do mar. Ele daria tudo para poder entrar em uma das tabernas de sua terra.
Conselho tinha razão. A monotonia de bordo devia parecer insuportável ao canadense habituado a uma vida livre e ativa. Por outro lado, os acontecimentos que poderiam interessá-lo eram raros. No entanto, naquele dia, um incidente veio recordar a Ned Land os seus dias de arpoador. Por volta das onze horas da manhã, encontrando-se à superfície do oceano, o "Nautilus" penetrou num cardume de baleias.
Sem dúvida foi ele que primeiro avistou uma baleia no horizonte. Olhei atentamente quando Ned chamou minha atenção e vi o dorso negro elevar-se e abaixar-se alternadamente, a cinco milhas do submarino.
- Se eu estivesse a bordo de um baleeiro, esse seria um encontro que me daria muito prazer - disse Ned Land. - Aquele é um animal de grande porte. Veja a força com que projeta colunas de água e de vapor! Com mil diabos! Por que tenho que estar preso a este pedaço de ferro?
A baleia continuava a aproximar-se do "Nautilus" e Ned Land não tirava os olhos dela. De repente ele exclamou
- Não é apenas uma baleia, professor! São dez, vinte, é um cardume inteiro! E eu não posso fazer nada! - lamentou-se.
- Por que você não pede ao Capitão Nemo uma autorização para caçá-las? - perguntou Conselho.
O canadense desceu a escada para falar com o capitão. Alguns minutos depois apareceram os dois na plataforma.
O Capitão Nemo observou os cetáceos, que se encontravam a uma milha do "Nautilus" e comentou
- São baleias austrais. Fariam a fortuna de uma frota de baleeiros. O cardume é bem grande.
- Eu poderia caçá-las, Sr. Capitão - disse o canadense - pelo menos

para não esquecer o meu antigo mister de arpoador?
- Não precisamos de óleo de baleia a bordo, mestre Ned. Caçar apenas para destruir? - perguntou o capitão.
- No Mar Vermelho o senhor autorizou a caça ao dugongo - argumentou Ned Land.
- Foi diferente. Tratava-se de arranjar carne fresca para a minha tripulação. Agora, seria matar por matar. Sei que esse é um privilégio reservado ao homem, mas eu não admito esses passatempos assassinos. Ao destruir a baleia austral e as outras, seres inofensivos e bons, os homens de sua profissão, mestre Land, cometem uma ação lamentável. Foi assim que já despovoaram toda a Baía de Baffin e fizeram desaparecer toda uma população de animais úteis. Deixe em paz as baleias.
Dar semelhantes razões e conselhos a um arpoador era perder tempo. Ned Land olhava para o capitão sem compreender o que ele queria dizer. Depois assobiou o seu Yankee Doodle, meteu as mãos nos bolsos e virou-nos as costas.
Entretanto o Capitão Nemo observava o cardume de cetáceos e acabou por me dizer:
- Sem contar o homem, a baleia tem muitos inimigos naturais, professor. Essas que estamos vendo, dentro de pouco tempo vão ter que enfrentar um deles. O senhor. está vendo, a oito milhas para sotavento, aqueles pontos negros em movimento?
- Sim, capitão.
- São cachalotes, animais terríveis que já tenho encontrado em cardumes de duzentos e trezentos. Esses sim, cruéis e prejudiciais, devem ser exterminados.
O canadense virou-se ao ouvir essas palavras.
- Então, capitão, ainda há tempo. No interesse das baleias. . . - falei com ele, olhando para Ned Land.
- É inútil nos expormos, professor. O “Nautilus” dispersará os cachalotes. Está armado com um esporão de aço que vale muito mais do que o arpão de mestre Land.
O canadense encolheu os ombros. Atacar cetáceos com um esporão!

Onde já se tinha visto aquilo?
- Espere, Sr. Aronnax - disse o capitão, depois de ter refletido por um momento. - Faremos uma caçada que ainda não conhece. Nada de piedade para esses ferozes cetáceos. Só têm bocas e dentes.
Bocas e dentes. Não se poderia descrever melhor o cachalote macrocéfalo, cujo comprimento ultrapassa por vezes os vinte e cinco metros. A enorme cabeça desse cetáceo ocupa cerca de um terço do seu corpo. Mais bem armado do que a baleia, cuja mandíbula superior tem apenas barbas, ele é munido de vinte e cinco grandes dentes de vinte centímetros de comprimento, cilíndricos e cônicos na extremidade e pesando duas libras cada um.
Entretanto o monstruoso cardume de cachalotes se aproximava. Eles tinham visto as baleias e se preparavam para atacá-las. Podia-se prever a vitória dos cachalotes, não apenas porque são mais bem armados para o ataque, como também porque podem permanecer mais tempo do que elas debaixo da água sem ir à superfície para respirar.
Estava na hora do "Nautilus" ir em socorro das baleias. Ele navegava submerso. Conselho, Ned e eu sentamo-nos diante dos painéis no salão. O Capitão Nemo foi para junto do timoneiro a fim de manobrar o seu barco como se fosse uma máquina de destruição.
O combate entre os cachalotes e as baleias já havia começado quando o "Nautilus" chegou. O capitão manobrou de modo a dividir o cardume dos macrocéfalos. A princípio eles não ligaram ao novo monstro que aparecia no campo de batalha. Em breve sentiriam os seus golpes.
Que luta! O próprio Ned Land ficou entusiasmado e acabou batendo palmas diante do painel. O "Nautilus" era um arpão formidável brandido pela mão do seu capitão. Lançava-se contra aquelas massas carnudas e atravessava-as de lado a lado, deixando à sua passagem os animais partidos pelo meio. Não sentia os formidáveis golpes das caudas dos cetáceos, nem os seus choques. Exterminado um cachalote corria para outro, dava meia volta, ia para a frente e para trás, obediente ao leme, mergulhando quando o cetáceo fugia para as camadas inferiores, subindo à superfície quando o animal fugia para lá, sempre

atingindo-os, rasgando e matando sem parar.
Prolongou-se por cerca de uma hora essa homérica chacina. Finalmente os que restavam dos cachalotes fugiram do campo de batalha. As águas se tornaram tranqüilas. Voltamos à superfície. O alçapão foi aberto e nós corremos pára a plataforma. O mar estava coberto de cadáveres mutilados. Uma forte explosão não teria destruído com mais violência aquelas massas carnudas. Flutuávamos no meio de corpos gigantescos, azulados no dorso e esbranquiçados no ventre, cobertos de enormes protuberâncias. As águas estavam manchadas de vermelho numa superfície de várias milhas e o “Nautilus” navegava no meio de um mar de sangue.
O Capitão Nemo juntou-se a nós na plataforma.
- E então, mestre Land?
- Foi um espetáculo terrível, capitão - respondeu o canadense. Seu entusiasmo já havia se arrefecido. - Assisti a uma verdadeira carnificina. Mas eu não sou carniceiro, senhor. Sou arpoador.
- Foi uma chacina de animais prejudiciais - retrucou o capitão. - O meu barco não é o cutelo de um carniceiro.
- Gosto mais do meu arpão - declarou o canadense.
- Cada um com a sua arma - ao dizer isso o Capitão Nemo olhava fixamente para Ned Land.
Receei que o arpoador se deixasse dominar pela violência. Isso poderia ter conseqüências desastrosas para nós. Mas a sua cólera foi desviada ao avistar uma baleia a que o “Nautilus” acostava naquele momento. Aquela não tinha conseguido escapar aos dentes dos cachalotes.
A partir desse dia, comecei a notar que as intenções de Ned Lana em relação ao Capitão Nemo tornavam-se cada vez piores, dando-me motivos para ficar seriamente preocupado. Resolvi vigiar de perto as reações e os gestos do canadense.

Capítulo 13

O “Nautilus” retomara a sua imperturbável rota para o sul. Seguia o qüinquagésimo meridiano com uma velocidade considerável. Queria chegar ao pólo? Todas as tentativas já feitas para atingir esse ponto do globo terrestre tinham falhado.
A 14 de março avistei gelos flutuantes. O submarino ‘ mantinha-se à superfície do oceano. Ned Land já tinha pescado nos mares árticos e estava familiarizado com o espetáculo dos icebergs. Eu e Conselho os víamos pela primeira vez.
No horizonte sul estendia-se uma faixa branca de aspecto deslumbrante. Os baleeiros ingleses deram-lhe o nome de ice-blinck. Por mais espessas que sejam, as nuvens não conseguem escurecê-la. Essa faixa branca anuncia a presença do banco de gelo.
A 15 de março passamos a latitude das ilhas New Shetland e das Orkney do Sul. O capitão me informou que ali tinham vivido numerosas tribos de focas. Os baleeiros ingleses e americanos, na sua fúria destruidora, chacinando adultos e fêmeas grávidas, tinham deixado atrás de si o silêncio da morte onde antes existia a animação e a vida.
A 16 de março, por volta das oito horas da manhã, o “Nautilus” seguindo o qüinquagésimo quinto meridiano, cortou o círculo polar antártico. O gelo nos rodeava por todos os lados. No entanto, o Capitão Nemo avançava sempre.
- Quando tiver o caminho barrado terá de parar - disse-me Conselho, quando cogitávamos sobre até onde o capitão pretendia ir.
Finalmente, a 18 de março, o “Nautilus” ficou definitivamente preso no gelo. Estávamos no meio de uma interminável e imóvel barreira formada por montanhas de gelo ligadas entre si.
- O banco de gelo - informou-me Ned Land. - Professor, se o capitão tentar ir mais longe. . .
- O que acontecerá?
- Será um homem morto. Ele é um homem poderoso mas, com mil diabos, não é mais poderoso do que a natureza. Onde ela pôs os seus

limites é preciso que todos os respeitem.
- Acho que você está certo, Land, mas eu gostaria de saber o que há por trás desse banco de gelo. Não há nada de mais irritante do que um muro.
- O senhor tem razão - disse Conselho. - Os muros foram inventados para estimular os sábios.
- Todos nós sabemos o que há por trás desse banco de gelo - falou Ned Land. - Só há mais gelo.
- Você tem certeza disso, Ned, mas eu não tenho. Por isso eu gostaria de ir lá ver - disse eu.
- Pois é melhor renunciar ao seu desejo, professor. Chegamos ao banco de gelo, o que já é muito e não iremos mais longe. Daqui o "Nautilus" terá que rumar para o norte, para a região dos homens honestos.
Teremos de retroceder, Sr. Aronnax, queira ou não o Capitão Nemo.
De fato, apesar dos seus esforços, apesar dos seus poderosos meios para quebrar os gelos, o "Nautilus" estava reduzido à imobilidade.
Normalmente, quem não pode avançar, pode voltar atrás. Mas na situação em que se encontrava o nosso submarino, recuar era tão impossível como avançar, porque as passagens tinham se fechado atrás de nós e o "Nautilus", quase imóvel, não tardaria a ficar bloqueado.
Isso aconteceu com extraordinária rapidez. O gelo foi-se formando nos seus flancos e o imobilizou completamente. Comecei a achar que a conduta do Capitão Nemo era mais do que imprudente.
Ele estava na plataforma observando a situação. Aproximei-me dele e comentei
- Penso que estamos presos, capitão.
- Por que pensa isso, Sr. Aronnax?
- Porque não podemos andar nem para frente nem para trás. Para os lados também não podemos ir. Julgo que essa situação caracteriza bem o que eu chamo de "presos'".
- Na sua opinião o "Nautilus" não vai conseguir se libertar de onde estamos?
- Dificilmente, capitão.

- O senhor continua o mesmo homem incrédulo, professor - disse ele, sem disfarçar o tom irônico. - Só vê impedimentos e obstáculos. Afirmo-lhe que o meu barco não apenas se libertará daqui, mas ainda irá muito mais longe.
- Mais longe para o sul?
- Irá ao pólo, professor.
Diante da minha expressão de espanto e incredulidade, ele reafirmou sua certeza no que havia dito.
- Sim, professor. Iremos ao pólo antártico, a esse ponto desconhecido onde se cruzam todos os meridianos do globo. Sabe quê eu faço do "Nautilus"_ o que eu quero.
Sim! Eu sabia. Sabia que o Capitão Nemo era audacioso até a temeridade. Mas vencer os obstáculos que povoam o Pólo Sul, mais inacessível do que o Pólo Norte, era uma empresa completamente insensata. Então eu tive uma idéia. Não se daria o caso do capitão já ter estado ali antes? Talvez já tivesse ido ao pólo! Foi isso que perguntei a ele.
- Não, professor. Eu ainda não descobri o Pólo Sul. Haveremos de fazê-lo juntos. Onde os outros falharam, nós não falharemos. Nunca conduzi o "Nautilus" tão longe nos mares austrais, mas afirmo-lhe que ele ainda irá mais longe.
- Quero acreditá-lo, capitão - falei, num tom um pouco irônico. - Acredito-o! Vamos para a frente e não haverá obstáculos para nós. Quebremos esse banco de gelo! Façamo-lo saltar e, se ele resistir, daremos asas ao "Nautilus" para que possa passar por cima dele!
- Não por cima, professor, por baixo - disse ele.
Uma súbita revelação dos projetos do Capitão Nemo iluminou minha mente. As maravilhosas qualidades do seu barco iam servi-lo mais uma vez naquela empresa sobre-humana.
- Por baixo, capitão! - exclamei. - É isso mesmo. Iremos por baixo - concordei com ele, sem qualquer ironia.
- Vejo que começamos a nos entender, professor. Já está a antever o êxito da tentativa que vamos fazer. O que é impraticável com um navio comum torna-se fácil para o "Nautilus". Essas montanhas de gelo não

ultrapassam uma altura de cem metros acima da superfície do mar. Abaixo dela não terão mais de trezentos. Ora, o que são trezentos metros para o meu barco mergulhar?
- Nada, capitão. A única dificuldade que me ocorre será permanecermos vários dias debaixo da água sem renovar a nossa provisão de ar.
- Isso não será problema - sossegou-me ele. - O "Nautilus" tem vastos reservatórios que encheremos e nos fornecerão todo o oxigênio de que necessitamos. Mas, não querendo que me considere um temerário, professor, vou-lhe dizer qual é o meu receio.
Olhei para ele e esperei curioso que me dissesse o que temia.
- Existindo um mar no Pólo Sul, temo que ele esteja totalmente bloqueado por grandes camadas de gelo que nos impeçam de subir à superfície. Se isso acontecer eu ficarei muito decepcionado.
- Pode acontecer que encontremos mar livre no Pólo Sul, tal como acontece no Pólo Norte, capitão - falei entusiasmado. - Os pólos do frio e os pólos da terra não se confundem nem no hemisfério austral nem no hemisfério boreal. Até prova em contrário devemos imaginar ou um continente ou um mar livre de gelos nesses dois pontos do globo.
- Também penso assim, professor. Vamos tentar averiguar isso com os nossos próprios olhos.
A um sinal dele o imediato apareceu. Os dois conversaram na sua incompreensível linguagem e desceram juntos para o interior do barco.
Quando anunciei aos meus companheiros a nossa intenção de irmos até o Pólo Sul, Conselho ficou impassível. Disse apenas um "como o senhor quiser" e não fez nenhum comentário. Quanto a Ned Land, encolheu os ombros e fez um gesto significativo de sua impotência para nos impedir de cometermos aquela loucura.
- O senhor e o Capitão Nemo estão se tornando dignos de piedade - falou com uma seriedade que não deixava dúvidas de sua total condenação ao nosso projeto.
- Nós iremos ao pólo, Land - reafirmei, convicto.
- É possível. Mas não regressarão!
Saiu para o seu camarote depois de dizer a Conselho que- ia se retirar

para não falar nenhuma inconveniência mais grave.
Os preparativos para a audaciosa tentativa começaram. As potentes bombas do “Nautilus” armazenaram o ar nos reservatórios. As quatro horas da tarde, o Capitão Nemo me avisou de que os alçapões iam ser fechados. Lancei um último olhar ao espesso banco de gelo que íamos vencer. O tempo estava claro, a atmosfera pura e o termômetro marcava doze graus abaixo de zero. Não era uma temperatura insuportável. Um dezena de tripulantes subiu ao flanco do barco armados de picaretas e quebraram o gelo em redor da quilha, libertando-a. Foi uma operação rápida. O gelo ali era recente e ainda estava delgado. Descemos todos para o interior, os reservatórios de água foram cheios e o “Nautilus” não tardou a submergir.
A cerca de trezentos metros de profundidade, tal como o Capitão Nemo havia previsto, navegávamos sob a superfície inferior do banco de gelo. Mas o submarino desceu ainda mais, atingindo uma profundidade de oitocentos metros.
Durante uma parte da noite, a novidade da situação manteve-nos junto do painel do salão. O mar iluminava-se sob a irradiação elétrica do farol, mas estava deserto, pois os peixes não habitam em águas cobertas.
No dia seguinte, 19 de março, retomei o meu lugar no salão. A nossa velocidade era moderada. O “Nautilus” começava a voltar à superfície, mas prudentemente, esvaziando sem pressa os reservatórios.
Meu coração acelerou as batidas. Iríamos emergir e encontrar a atmosfera livre do pólo? Ainda não. O “Nautilus” bateu no fundo do banco de gelo, ainda muito espesso, a julgar pelo ruído abafado que se produziu. Durante todo o dia, sempre mais à frente, o submarino repetiu as tentativas de ir à superfície e continuou a se chocar contra o teto de gelo que nos cobria.
Eram oito horas da noite. Sentia-me muito nervoso e fui me deitar mais cedo. Dormi mal naquela noite. Era constantemente assaltado ora pela esperança, ora pelo desespero. Levantei-me várias vezes. As experiências do “Nautilus” continuavam. Por volta das três horas da madrugada,

observei que a superfície inferior do banco de gelo se encontrava apenas a cinqüenta metros de profundidade.
Não voltei para o meu quarto. Os meus olhos se fixaram no manômetro. Continuávamos a subir seguindo por uma diagonal. O banco de gelo baixava por cima e por baixo em rampas alongadas. Adelgaçava-se de milha para milha.
Finalmente, às seis horas da manhã do memorável dia 19 de março, a porta do salão foi aberta e o Capitão Nemo anunciou
- Mar livre!

Capítulo 14

Precipitei-me para a plataforma. Sim! Era mar livre. Excetuando alguns pedaços de gelo dispersos, icebergs imóveis, avistava-se um extenso mar, tuna infinidade
de aves nos ares e milhares de peixes nas águas. O termômetro marca-va três graus centígrados abaixo de zero. Era como uma primavera relativa fechada atrás do
banco de gelo, cujas massas longínquas se elevavam no horizonte norte.
- Estamos no pólo? - perguntei ao capitão, emocionado.
- Não tenho certeza - respondeu-me. - Ao meio-dia faremos o ponto.
- O senhor acha que o sol se mostrará através da bruma?
- Por pouco tempo que apareça será o suficiente.
A dez milhas do “Nautilus”, para o sul, elevava-se uma ilha solitária, a uma altura de duzentos metros. Navegávamos para ela, mas prudente-mente, porque aquele mar poderia estar semeado de escolhos.
Uma hora depois chegávamos à ilha e duas horas mais tarde tínhamos completado uma volta em redor dela. Media quatro a cinco milhas de circunferência e um estreito canal separava-a de tuna extensão de terra

considerável, talvez um continente. A existência desta terra parecia dar razão às teorias de Maury. O engenhoso americano afirmara que entre o Pólo Sul e o sexagésimo paralelo, o mar estaria coberto de gelos flutuantes de enormes dimensões, que não se encontram iguais no Atlântico Norte. Desse fato concluiu que o círculo antártico encerraria terras consideráveis, uma vez que os icebergs não podem se formar em pleno mar, mas apenas junto das costas. Segundo os seus cálculos, a massa de gelo que envolve o pólo austral forma uma calota cuja largura deve atingir quatro mil quilômetros.

No entanto o “Nautilus”, temendo encalhar, tinha parado a três braças de uma praia dominada por um montão de rochas. O bote foi lançado ao mar. O capitão, dois tripulantes levando os instrumentos, Conselho e eu embarcamos nele. Eram dez horas da manhã. Eu não tinha visto Ned Land. Certamente ele não quereria sofrer uma crítica minha, já que havíamos chegado ao Pólo Sul e com todas as possibilidades de regresso sem problemas.

Algumas remadas levaram o bote até a praia. No momento em que Conselho ia saltar para a terra, agarrei-o e lhe disse

- Cabe ao Capitão Nemo a honra de ser o primeiro de nós a pisar esta terra - falei e fiz um gesto de cortesia ao capitão, indicando-lhe a ilha.

- Obrigado, professor - disse ele. - Se não hesito em aceitar a sua gentileza é porque até hoje nenhum ser humano pisou a terra deste Pólo Sul. Tenho o privilégio de fazê-lo.

Dito isto, saltou ligeiro para a areia. Dominava-o uma estranha emoção. Subiu a uma rocha que terminava a pique por um promontório e ali, de braços cruzados, olhar ardente, imóvel e mudo, parecia tomar posse daquelas regiões austrais. Passados cinco minutos naquele êxtase, voltou-se para nós e falou:

- Quando quiser, Sr. Aronnax.

Desembarquei seguido de Conselho.

Começamos a andar pela ilha. O solo, numa grande extensão, apresentava um tufo de cor avermelhada, como se fosse feito de tijolo moído, coberto por escórias, correntes de lavas e pedra-pomes. Era impossível

negar a sua origem vulcânica. A vegetação daquele continente desolado me pareceu extremamente reduzida.
No entanto, a vida nos ares era superabundante. Milhares de aves de espécies variadas esvoaçavam acima de nossas cabeças, ensurdecendo-nos com seus gritos. Algumas pousavam nas rochas vendo-nos passar, sem mostrar qualquer receio. Pingüins ágeis e rápidos dentro da água, caminhavam lentamente na terra. Soltavam terríveis gritos e formavam numerosas assembléias, sóbrios nos gestos mas pródigos nos clamores.
Mas a bruma não se levantava e às onze horas o sol continuava encoberto. A sua ausência inquietava-nos. Sem ele não seria possível fazermos observações. Como determinar então se realmente tínhamos atingido o pólo? Aproximei-me do Capitão Nemo que estava encostado em um rochedo olhando para o céu. Pareceu-me contrariado e impaciente. Não podia fazer nada. Homem audaz e poderoso ele não imperava no sol tal como o fazia no mar.
Chegou ao meio-dia sem que o astro-rei aparecesse por um só instante. Era até possível se reconhecer o lugar que ele ocupava por trás da cortina de nuvens.
- Fica para amanhã - disse-me o capitão.
Voltamos ao “Nautilus”.
No dia seguinte, 20 de março, o frio era intenso. O nevoeiro começou a dissipar-se e ficamos esperançosos de que o sol aparecesse para fazermos as nossas observações.
Como o capitão ainda não tinha aparecido, eu e Conselho pegamos o bote e fomos para a terra. Dirigimo-nos diretamente para a praia do que julgamos ser o continente. Milhares de aves, como encontráramos na pequena ilha, animavam aquela parte do continente polar, mas a partilhavam com enormes rebanhos de mamíferos marinhos, os quais nos olhavam calmamente. Eram focas de várias espécies, umas estendidas no solo, outras deitadas em pedaços de gelo à deriva, e muitas outras saindo ou entrando nas águas do mar. Não fugiam à nossa aproximação, demonstrando que não nos receavam. Calculei que ali

havia uma quantidade delas suficiente para abastecer algumas centenas de navios.
- Ainda bem que Ned Land não nos acompanhou -
disse Conselho.
- Por que você diz isso?
- Ele haveria de querer exterminá-las todas - indicou com o olhar as milhares de focas.
= Todas, é exagero, meu caro. Na verdade eu creio que não conseguiríamos impedir que o nosso amigo canadense arpoasse algumas delas. Isso não agradaria nem um pouco ao Capitão Nemo.
- Como posso classificar esses animais, professor? - perguntou-me Conselho. Eu já esperava essa pergunta.
- São focas e morsas. Esses nomes lhe bastam.
- De fato, professor. São dois gêneros que pertencem à família dos pinípedes, ordem dos carnívoros, grupo dos ungüiculados, subclasse dos monodelfininos, classe dos mamíferos, ramo dos vertebrados.
Eu invejava a incrível memória do meu criado.
- Muito bem, Conselho. Mas esses dois gêneros, focas e morsas, dividem-se em espécies e, se não me engano, teremos oportunidade de observá-las aqui. Vamos.
Eram oito horas da manhã. Restavam-nos quatro até o momento em que o sol poderia ser utilmente observado. Dirigimo-nos para uma vasta baía que era recortada na falésia granítica da margem.
Ali, a perder de vista, as terras e os pedaços de gelo estavam cobertos de mamíferos marinhos e, involuntariamente, procurei o velho Proteu, o pastor mitológico dos imensos rebanhos de Netuno. Eram principalmente focas, que formavam grupos distintos, machos e fêmeas, o pai vigiando a sua família, a mãe aleitando os filhos, alguns jovens já fortes dando alguns passos, emancipando-se.
Repousando em terra, esses animais assumiam atitudes extremamente graciosas. Por isso, os Antigos, ao observarem o seu olhar doce e expressivo, que a mais suave e bela mulher não poderia suplantar, reparando as suas poses encantadoras e poetizando-as a sua maneira,

metamorfosearam os machos em tritões e as fêmeas em sereias.
Nenhum mamífero, excetuando-se o homem, tem matéria cerebral mais rica do que a das focas. Em conseqüência disso, elas são facilmente educáveis, deixam-se domesticar quase sem trabalho e eu penso, como alguns naturalistas, que elas, convenientemente ensinadas, poderiam prestar grandes serviços como cães de caça marítima.
Aproximamo-nos, a seguir, de alguns elefantes-marinhos.
- Esses animais não são perigosos? - perguntou-me Conselho.
- Não. A não ser que sejam atacados. Mesmo a foca, quando precisa defender o filho, é de um furor terrível.
- Está no seu direito - ponderou o meu criado.
- Penso assim também - apoiei o que ele acabara de dizer.
Depois de ter examinado essa colônia de focas resolvi voltar ao submarino. Eram onze horas. O Capitão Nemo deveria querer vir à terra para observar o sol. Tivemos apenas o tempo suficiente para levar o bote até o barco. O capitão saltou para dentro dele com os instrumentos e voltamos novamente para a terra.
Mas parecia uma fatalidade. Chegou o meio-dia e, como na véspera, o sol não apareceu. Não se podiam fazer as observações. Se no dia seguinte acontecesse a mesma coisa, teríamos de renunciar definitivamente a tomar o ponto. Sem isso não poderíamos afirmar com absoluta certeza se estávamos realmente no Pólo Sul.
Estávamos a 20 de março. No dia seguinte, 21, dia do Equinócio, não contando com a refração, o sol desapareceria no horizonte por seis meses e com o seu desaparecimento começaria a longa noite polar.
Foi exatamente isso que eu disse ao Capitão Nemo.
- Tem razão, Sr. Aronnax. Se amanhã eu não obtiver a altura do sol, antes de seis meses não poderei consegui-la. Mas se os acasos da navegação me trouxeram a esses mares, foi porque a 21 de março eu poderei fazer o ponto, com facilidade, ao meio-dia.
Preferi não fazer nenhum comentário à observação dele.
No dia seguinte, às cinco horas da manhã, eu subi para a plataforma e o Capitão Nemo já estava .lá.

- O tempo vai se desanuviando aos poucos - disse-me ele. - Tenho esperanças. Depois do almoço iremos para a terra, a fim de escolhermos um ponto de observação.
Deixei-o e fui procurar Ned Land. Eu queria que ele nos acompanhasse. O obstinado canadense recusou-se ao meu convite. Sua taciturnidade aumentava a cada dia.
Terminado o almoço fomos para a terra. O "Nautilus" avançara mais quatro milhas durante a noite, estando então ao largo, a uma légua da costa. O bote nos deixou na praia. O céu clareava. As nuvens deslocavam-se para o sul. As brumas abandonavam a superfície. das águas frias. O Capitão Nemo dirigiu-se para um pico que fazia frente para o mar e tinha uma altura aproximada de quatrocentos metros. Eu e Conselho o acompanhamos.
Gastamos duas horas para chegar ao cimo dele. Lá no alto o capitão mediu a altura da montanha, pois tinha de contar com ela para as suas observações.
As onze horas e quarenta e cinco minutos, o sol, visto então apenas por refração, mostrou-se como um disco de ouro e espalhou os seus últimos raios sobre aquele mar nunca navegado. O momento era muito solene para nós.
Munido de um óculo de retículos, o qual, por meio de um espelho corrigia a refração, o Capitão Nemo observou o astro que pouco a pouco desaparecia no horizonte, seguindo uma longa diagonal. Eu segurava o cronômetro e o meu coração estava acelerado. Se o desaparecimento do sol coincidisse com o meio-dia do cronômetro, estávamos mesmo no pólo.
- Meio-dia! - exclamei.
- O Pólo Sul - falou o Capitão Nemo, com voz grave, passando-me para a mão o óculo que mostrava o astro precisamente cortado em duas metades iguais pelo horizonte. Vi os seus últimos raios coroarem o pico onde estávamos e as sombras subirem pouco a pouco pelas suas vertentes.
Naquele momento, o Capitão Nemo, apoiando a mão no meu ombro,

disse-me
- Sr. Aronnax: em 1600, o holandês Ghéritk, arrastado por correntes e tempestades, atingiu sessenta e quatro graus de latitude sul e descobriu as ilhas New Shetland. Em 1773, a 17 de janeiro, o ilustre Cook, seguindo o trigésimo oitavo meridiano, atingiu 71° 15' de latitude. Em 1820; o americano Morrel, cujos relatos são duvidosos, chegando ao quadragésimo segundo meridiano, descobriu o mar livre a 70° 14' de latitude. Em 1825, o inglês Powell não conseguiu ultrapassar o sexagésimo segundo grau. No mesmo ano, um simples pescador de focas, o inglês Weddel, chegou a 720 14' de latitude no trigésimo quinto meridiano e a 74° 15' no trigésimo sexto. Em 1829, o inglês Foster, comandante do “Chanticleer”, tomava posse do continente antártico a 63° 26' de latitude e 66° 26' de longitude. Em 1831, no dia 1.° de fevereiro, o inglês Biscoae descobria a terra de Enderby a 68° 50', de latitude; a 5 de fevereiro de 1832, a terra de Adelaide, a 670 de latitude, e a 21 de fevereiro a terra de Graham, a 64° 45' de latitude. Em 1838, o francês Dumond d’Urville, detido pelo banco de gelo a 620 57' de latitude, descobria a terra de Luís Felipe; dois anos depois, em outra viagem ao sul, a 21 de janeiro atingia a 660 30' a terra de Adélia e, oito dias depois, a 64° 40' a Costa Clarie. Em 1838, o inglês Wiles progredia até o sexagésimo nono paralelo, no centésimo meridiano. Em 1839, o inglês Balleny descobria a terra Sabrina, no limite do círculo polar. Finalmente, em 1842, a 12 de janeiro, o inglês James Ross, comandando o “Erebus” e o “Terror”, encontrava a 76° 56' de latitude e 17° 7' de longitude leste, a terra Vitória; a 23 do mesmo mês, chegava ao septuagésimo quarto paralelo, o ponto mais avançado até então atingido; a 27 estava a 76° 8'; a 28 a 77° 32'; a 2 de fevereiro, a 78° 4' e, em 1842 regressava ao septuagésimo primeiro grau, que não conseguiu ultrapassar. Pois bem! Eu, Capitão Nemo, a 21 de março de 1868, cheguei ao Pólo Sul, aos noventa graus, e tomo posse desta zona do globo terrestre, equivalente à sexta parte dos continentes conhecidos.
- Em nome de quem, capitão?
- Em meu nome, senhor professor!

Dito isto, o Capitão Nemo desfraldou uma bandeira negra com um N gravado no tecido. Depois, virando-se para o sol, cujos últimos raios brilhavam no horizonte, falou:
- Adeus, sol! Desaparece, astro radioso! Esconda-se nesse mar livre e deixe uma noite de seis meses estender as suas sombras sobre o meu novo domínio!

Capítulo 15

No dia seguinte, 22 de março, às seis horas da manhã, começamos os preparativos para a partida. Os últimos raios do crepúsculo misturavam-se com a noite. O frio era intenso. As constelações resplandeciam com surpreendente intensidade. No zênite brilhava o admirável Cruzeiro do Sul, a Estrela Polar das regiões antárticas.
O termômetro marcava doze graus abaixo de zero e quando o vento soprava sentia-se picadas dolorosas. Os pedaços de gelo multiplicavam-se na água. O mar tendia a gelar. Evidentemente a bacia natural, gelada durante os seis meses de inverno, seria inacessível.‘
Os reservatórios de água haviam sido cheios e o “Nautilus” imergia lentamente. Parou a uma profundidade de trezentos metros. Avançou para o norte com uma velocidade de quinze milhas por hora. A tardinha já navegava sob a imensa carapaça do banco de gelo. Por prudência os painéis do salão tinham sido fechados para evitar possíveis choques dos vidros com algum bloco de gelo solto. Como não tinha nada para fazer no salão fui me deitar.
As três horas da madrugada fui acordado por um choque violento. Levantei-me da cama e me pus à escuta no meio da obscuridade, quando fui bruscamente precipitado para o meio do quarto. O “Nautilus” adernava depois do choque. Amparei-me às paredes e

arrastei-me pelos corredores até o salão. Conselho e Ned Land já estavam lá comentando o acontecimento, mas tão ignorantes como eu do que realmente acontecera e qual era a situação do submarino. Estávamos há vinte minutos tentando escutar os mínimos ruídos no interior do “Nautilus”, quando o Capitão Nemo entrou. O seu rosto habitualmente impassível revelava uma certa preocupação. Observou em silêncio a bússola e o manômetro e foi pôr o dedo num ponto do planisfério, na parte que representava os mares austrais.
Eu não quis interromper os estudos que ele fazia nos aparelhos. Passado um momento, quando se virou para mim, eu lhe dirigi a palavra utilizando uma expressão de que ele havia se servido quando encalhamos no Estreito de Torres:
- Um incidente, capitão?
- Não, professor, desta vez é um acidente.
- Grave?
- Talvez. Mas não há perigo imediato. O “Nautilus” encalhou devido a um capricho da natureza e não à imperícia dos meus homens. Não foi cometido um único erro nas nossas manobras. Pode-se desafiar as leis humanas, mas não se pode resistir às leis da natureza.
Sobre o acidente, a resposta dele não nos esclareceu nada.
- Pode me dizer qual a causa do acidente, capitão?
- Um enorme bloco de gelo, uma montanha inteira, virou-se. Quando os icebergs são minados na base por. águas mais quentes ou por repetidos choques, o seu centro de gravidade sobe. Então, viram-se ao contrário. Foi o que aconteceu. Um desses blocos ao virar-se bateu no meu barco que flutuava sob as águas. Depois, deslizando-lhe por baixo do casco e elevando-o com força irresistível, arrastou-o para camadas menos densas, onde se encontra deitado de flanco.
- As providências...
- Já estão sendo tomadas, professor. Os reservatórios estão sendo esvaziados e o senhor pode ouvir as bombas funcionando. O ponteiro do manômetro indica que o “Nautilus” está a subir, mas o bloco de gelo sobe também. Até que um obstáculo de qualquer ordem detenha a

ascensão dele a nossa situação não se alterará.
O capitão não tirava os olhos do manômetro. De repente sentimos um movimento do casco e o submarino começou a se endireitar. Ninguém falava. Com os corações apertados, observávamos, sentíamos os movimentos do navio. O chão tornava-se horizontal debaixo dos nossos pés. Passaram-se dez minutos. O “Nautilus” voltara à sua posição normal.
- Flutuaremos, capitão? - perguntei.
- Certamente que sim, uma vez que os reservatórios ainda não estão vazios. Logo que estejam, levarão o “Nautilus” à superfície do mar.
O capitão saiu. Logo depois o submarino começou a flutuar. Mas a uma distância de dez metros em seu redor, elevava-se uma resplandecente muralha de gelo. Por cima e por baixo a mesma muralha. Ele estava prisioneiro num verdadeiro túnel de gelo, com cerca de vinte metros de largura e cheio de uma água tranqüila.
De repente, como se tivesse encontrado uma saída, o “Nautilus” adquiriu velocidade. Os painéis do salão foram fechados. Eram então cinco horas da manhã. Naquele momento sentimos um novo choque na proa do submarino. Percebi que seu esporão havia batido de encontro a um bloco de gelo. Calculei que o avanço para a frente não deveria ser impossível. Contrariando a minha expectativa, o “Nautilus” iniciou um movimento de retrocesso muito pronunciado.
- Voltamos para trás? - perguntou Conselho.
- Sim. Este lado do túnel não deve ter saída - respondi.
- E depois?...
- Depois a manobra é muito simples. Voltamos pelo mesmo caminho e saímos pela abertura sul. É tudo!
Ao falar assim, eu quis dar a impressão de estar mais tranqüilo do que realmente estava. Entretanto, o movimento de retrocesso do barco acelerava-se e, avançando a contra-hélice, movia-se velozmente.
- Será um atraso - disse Ned Land.
- Que interessam umas horas a mais ou a menos, desde que se saia - falei, um tanto rispidamente.

- Sim, desde que se saia - repetiu ele.
Passaram-se algumas horas. Eu observava constantemente os instrumentos suspensos na parede do salão. O manômetro indicava que o "Nautilus" se mantinha a uma profundidade .constante de trezentos metros e a bússola marcava para o sul. Sua velocidade era de vinte milhas horárias, realmente excessiva num espaço tão apertado. Mas o capitão sabia que tinha de andar depressa e que na nossa situação os minutos valiam séculos.
As oito horas ocorreu um segundo choque, dessa vez na ré. Empalideci. Os meus companheiros tinham se aproximado e eu peguei na mão de Conselho. O silêncio exprimia melhor a nossa angústia.
O capitão apareceu naquele momento e eu me dirigi a ele
- O caminho está obstruído para o sul?
- Sim, professor. Ao virar-se, o iceberg vedou-nos todas as saídas.
- Estamos bloqueados?
- Sim.

Capítulo 16

À volta do "Nautilus" e por cima e por baixo havia uma intransponível muralha de gelo. Estávamos prisioneiros do banco de gelo. Ned Land bateu com sua robusta mão numa mesa. Conselho permanecia calado. Eu olhava ,para o capitão: seu rosto retomara a habitual impassibilidade. Tinha cruzado os braços e refletia. O "Nautilus" estava imóvel e nenhum de nós tinha qualquer idéia salvadora.
Então o capitão rompeu o silêncio e disse:
- Meus senhores, nas condições em que nos encontramos, há duas maneiras de morrermos.

Personagem inexplicável, sua voz soou calma e ele parecia um professor de matemática fazendo uma demonstração.
- A primeira é morrermos esmagados, a segunda é morrermos asfixiados. Não falo da possibilidade de morrermos de fome, porque as provisões do “Nautilus” certamente durarão mais do que nós. Preocupemo-nos portanto com as hipóteses de esmagamento e asfixia.
- Quanto à asfixia - disse eu - não é muito de recear porque os nossos reservatórios estão cheios de ar.
- É verdade. Chegam para mais dois dias - falou o capitão. - Ora, estamos há trinta e seis horas debaixo da água e a pesada atmosfera do “Nautilus” pede para ser renovada. Dentro de quarenta e oito horas a nossa reserva de ar estará esgotada. Entretanto, vamos tentar perfurar a muralha que nos rodeia. A sonda nos indicará o lado melhor para a nossa tentativa. Vou encalhar o “Nautilus” no banco inferior e os meus homens, envergando escafandros, atacarão o iceberg pela sua parede menos espessa.
- Pode-se abrir os painéis, capitão? - perguntei.
- Não há inconveniente porque estamos parados.
Ele saiu em seguida. Logo depois o “Nautilus” desceu lentamente e foi parar no banco de gelo a uma profundidade de trezentos e cinqüenta metros.
- Meus amigos - falei com meus dois companheiros - a situação é grave, mas conto com a coragem e a energia de vocês.
- Não será num momento como esse que irei aborrecê-lo com as minhas recriminações, professor - disse o canadense. - Estou pronto a fazer tudo o que for necessário para a salvação de todos.
Fiquei comovido e apertei a mão dele. Ofereceu-se para trabalhar com os homens do capitão ajudando a furar a parede de gelo. Sua oferta foi aceita e ele me pareceu bastante satisfeito com isso.
Eu e Conselho voltamos para o salão, cujos painéis já estavam abertos. Examinei as camadas ambientes que suportavam o submarino. Passados alguns instantes, vimos doze homens da tripulação pisar o banco de gelo, entre os quais se contava Ned Land, reconhecível pela sua eleva-

da estatura. O Capitão Nemo estava junto com eles.
Antes de começar a escavar as muralhas, ele fez as sondagens para assegurar a - boa direção dos trabalhos. Depois de várias experiências com as compridas sondas, ele se decidiu pela superfície inferior que nos separava da água apenas dez metros, pela sua verificação. O trabalho começou imediatamente, conduzido com infatigável obstinação.
Após duas horas de enérgico trabalho, Ned Land e seus companheiros foram substituídos por outra turma, da qual eu e Conselho fazíamos parte. Quando após duas horas de trabalho voltei a bordo para comer e descansar, achei uma grande diferença entre o ar puro que me fornecia o aparelho Rouquayrol e a atmosfera do "Nautilus" já carregada de gás carbônico. Pelo rendimento de nosso trabalho conjunto durante quatro horas, eu fiz um cálculo de que levaríamos mais cinco noites e quatro dias para levarmos a bom termo a nossa tarefa.
- Cinco noites e quatro dias e só temos ar para dois dias nos reservatórios - falei aos meus companheiros.
- Sem contar - replicou Ned - que uma vez libertos desta prisão continuaremos prisioneiros do banco de gelo e sem comunicação possível com a atmosfera.
Com todas essas reflexões pessimistas, mas absolutamente razoáveis, o trabalho continuou em ritmo acelerado. No entanto, eu já havia notado e falado só com o Capitão Nemo, que as paredes do fosso que estávamos abrindo, iam se fechando. No dia 26 de março retomei o meu trabalho de mineiro, escavando com disposição. Logo que comecei a trabalhar percebi que as paredes laterais e a superfície inferior do banco de gelo se engrossavam sensivelmente. Era visível que se uniriam antes do "Nautilus" poder se safar. A picareta quase me fugiu das mãos. Parecia-me que estava entre as terríveis mandíbulas de um monstro e elas se fechavam inexoravelmente.
Naquele momento, o Capitão Nemo passou junto de mim. Toquei-lhe a mão e apontei para as paredes de nossa prisão. Ele me fez sinal para segui-lo. Regressamos a bordo e, tirado o escafandro, acompanhei-o até o salão.

- Sr. Aronnax, temos de tentar qualquer meio heróico, ou seremos esmagados por esta água que se solidifica como cimento!
- Estou de acordo, capitão. Mas o que havemos de fazer?
Ele começou a refletir, silencioso e imóvel. Eu notava quando uma idéia lhe surgia no espírito. Logo depois percebia que ele a afastava. Respondia negativamente a si mesmo. Finalmente ele falou:
- Água a ferver!
- Água a ferver? - exclamei.
- Sim, professor. Estamos fechados num espaço relativamente pequeno. Talvez jatos de água fervendo constantemente injetados pelas nossas bombas, elevem a temperatura do meio e atrasem a congelação.
- É preciso tentar - concordei resolutamente.
- Pois tentemos, professor.
O termômetro marcava sete graus no exterior. O capitão me chamou .para a cozinha, onde funcionavam enormes aparelhos de destilação, os quais forneciam água potável por evaporação. Encheram-se de água e todo o calor elétrico das pilhas foi lançado através de serpentinas banhadas pelo líquido. Em poucos minutos a água atingiu cem graus e foi lançada para as bombas, enquanto nova água a substituía e assim sucessivamente. O calor desenvolvido pelas pilhas era tal que a água fria aspirada do mar, apenas atravessava os aparelhos, já chegava fervendo nas bombas.
A injeção começou e três horas depois o termômetro marcava uma temperatura exterior de seis graus abaixo de zero. Tínhamos ganho um grau. Duas horas mais tarde o termômetro marcava apenas quatro graus.
- Conseguiremos - eu disse ao capitão.
- Penso que sim. Não seremos esmagados. Agora só temos que recear a asfixia.
No dia seguinte, 27 de março, já tinham sido escavados seis metros. Faltavam quatro. Eram mais quarenta e oito horas de trabalho. O ar já não podia ser renovado no interior do “Nautilus”. O trabalho prosseguia com vigor. Faltavam apenas dois metros para chegarmos ao mar livre.

Mas os reservatórios estavam quase vazios de ar.
Quando terminei o meu turno de trabalho e voltei para bordo, quase sufoquei. Aquela foi uma noite horrível e eu não saberia descrevê-la.
No dia seguinte minha respiração era abafada. As dores de cabeça juntavam-se terríveis vertigens que faziam de mim um ébrio. Os meus companheiros sentiam os mesmos sintomas. Alguns tripulantes agonizavam.
Naquele dia, o sexto do nosso aprisionamento, o Capitão Nemo, achando que a picareta era muito lenta, resolveu esmagar a camada de gelo que ainda nos separava da camada líquida. Aquele homem tinha conservado o sangue-frio e a energia. Com a sua força moral, ele dominava as dores físicas. Pensava, combinava, agia.
A uma ordem sua, o navio foi elevado. Uma vez a flutuar, foi manobrado de forma a ficar por cima do imenso fosso desenhado segundo a sua linha de flutuação. Então toda a tripulação entrou a bordo e a dupla porta de comunicação foi fechada. O "Nautilus" repousava agora na camada de gelo que não tinha mais de um metro de espessura e que a sonda tinha furado em mais de mil locais.
As torneiras dos reservatórios foram abertas, permitindo a entrada de cem metros cúbicos de água, aumentando em cem mil quilos o peso do submarino. Esperávamos, escutávamos, esquecendo o nosso sofrimento. Era a nossa última oportunidade de salvação.
Apesar do latejar da minha cabeça, ouvi distintamente ruídos debaixo do casco do "Nautilus". Ocorreu um desnivelamento. O gelo quebrou-se com um estalido semelhante ao do papel ao ser rasgado, e o submarino desceu.
- Passamos! - murmurou Conselho ao meu ouvido. Levado pela sua enorme sobrecarga, o "Nautilus" desceu como se tivesse caído no vazio. Então foi transmitida toda a força às bombas e elas começaram a expelir a água dos reservatórios. Após alguns minutos a nossa queda foi suspensa e o manômetro começou a marcar um movimento ascensional.
A hélice, trabalhando a toda velocidade, fazia estremecer o casco por inteiro e nos levava para o norte.

Mas quanto tempo duraria a navegação sob o banco de gelo? Prostrado num divã da biblioteca, eu me sentia sufocar. Já não via e nem ouvia. A noção de tempo tinha desaparecido do meu espírito. Não sei dizer quantas horas passei assim, mas tive consciência do começo de minha agonia. Eu ia morrer...

De repente recuperei os sentidos. O ar me enchia os pulmões. Teríamos subido à superfície? Teríamos ultrapassado o banco de gelo? Não. Eram os meus dois grandes amigos, Ned Land e Conselho que se sacrificavam para me salvar. Alguns átomos de ar restavam ainda no fundo de um aparelho e, em vez de o respirarem, eles os davam para mim. Enquanto sufocavam, davam-me vida gota a gota!

Olhei para o relógio. Eram onze horas da manhã. Devíamos estar a 28 de março. O "Nautilus" avançava à fantástica velocidade de quarenta milhas por hora. O manômetro me indicou que estávamos apenas a uns seis metros da superfície. Uma simples camada de gelo nos separava da atmosfera. Não seria possível quebra-la?

O "Nautilus" ia tentar.

Senti que ele era colocado em posição oblíqua, baixando a ré e levantando o esporão. Impelido pela sua poderosa hélice, atacou o banco de gelo de baixo para cima. Foi quebrando-o pouco a pouco. Recuava e tornava a se precipitar contra o campo de gelo, desmoronando-o. Finalmente, num esforço supremo, lançou-se contra a superfície gelada e esmagou-a com seu peso.

O alçapão foi aberto e o ar penetrou em todos os seus compartimentos.

Capítulo 17

Ignoro como eu fui parar na plataforma. Talvez o canadense tivesse me levado. Mas eu respirava e absorvia o ar vivificante do mar.

- Ah! - dizia-me Conselho. - O oxigênio é tão bom! O senhor não tenha receio de respirar. Há que chegue para todos.
Quanto a Ned Land, não falava mas abria a boca de tal maneira que assustaria um tubarão. E que poderosas inspirações! O canadense arfava como um fogão em plena combustão.
Recuperei imediatamente as forças e, quando olhei à minha volta, vi que estávamos sós na plataforma. Nenhum dos homens da tripulação e nem o Capitão Nemo. Os estranhos marinheiros do "Nautilus" contentavam-se com o ar que circulava no interior.
As primeiras palavras que pronunciei foram de agradecimento e gratidão para meus dois companheiros.
- Bom, professor, não se fala mais nisso - disse-me Ned Land. - Não temos nenhum mérito pelo que fizemos. Foi uma questão de aritmética. A sua existência valia mais do que a nossa e portanto era preciso conservá-la.
- Não, Ned, não valia e nem vale mais. Ninguém é superior a homens generosos como vocês..
Ficamos calados por um momento e depois eu disse:
- Meus amigos, estamos ligados uns aos outros para sempre. Vocês têm sobre mim os direitos...
- Dos quais abusarei - interrompeu-me o canadense.
- Como? - perguntou Conselho.
- Abusarei do direito de levá-lo comigo quando deixar este infernal "Nautilus" - respondeu Ned Land.
- De fato - disse Conselho - vamos no bom caminho.
- Sim - acrescentei - vamos para o lado do sol e aqui o sol significa norte.
- Sem dúvida - concordou Ned Land - mas resta saber se navegamos para o Pacifico ou para o Atlântico.
Para os mares freqüentados ou os desertos.
Tínhamos que pensar nisso.
O "Nautilus" avançava rapidamente. O círculo polar foi ultrapassado, assim como o cabo que fica no Promontório de Horn. Estávamos na

extremidade do
Continente americano no dia 31 de março às sete horas da noite.
Olhando as anotações do imediato na carta de navegação, eu podia determinar a direção exata do “Nautilus”. Ora, naquela tarde ficou evidenciado, para minha grande satisfação, que voltávamos para o norte pela rota do Atlântico.
Comuniquei essa minha observação aos meus companheiros.
- Boa notícia - disse Ned Land. - Mas para onde vai o “Nautilus”?
- Não sei, meu caro.
- Ele não nos diz nada - falou Conselho, referindo-se ao capitão - mas eu só posso dizer que é um grande homem esse Capitão Nemo. Não lamentaremos por tê-lo conhecido.
- Sobretudo quando o tivermos deixado – retrucou Ned Land.
No dia seguinte, 1.° de abril, quando o “Nautilus” subiu à superfície das águas, alguns minutos antes do meio-dia, avistamos uma costa a oeste. Era a Terra do Fogo, à qual os primeiros navegadores deram este nome ao verem os numerosos focos de fumo que se elevavam das cabanas dos indígenas. A costa parece baixa mas ao longe elevam-se altas montanhas. Julguei até ter visto o Monte Sarmiento, com dois mil e setenta metros acima do nível do mar, bloco piramidal de xisto, de cume aguçado, o qual segundo informação de Ned Land estando enevoado ou limpo anuncia o mau ou o bom tempo.
A noite o “Nautilus” aproximou-se do Arquipélago das Maloínas. A profundidade do mar era pouca. Pensei então que aquelas duas ilhas, rodeadas por numerosas ilhotas, faziam outrora parte das terras de Magalhães. As Maloínas foram descobertas provavelmente pelo célebre John Davis, que lhes pôs o nome de Davis-Southern-Islands. No princípio do século XVIII, foram chamadas de Maloínas pelos pescadores de Saint-Malo e, finalmente, por Falklands pelos ingleses.,
Quando as Maloínas desapareceram no horizonte, o “Nautilus” submergiu entre vinte e vinte e cinco metros e seguiu a costa americana. O Capitão Nemo estava sumido.
A 3 de abril, ora submerso ora à superfície, navegamos na região da

Patagônia. O “Nautilus” passou pelo grande estuário formado pela desembocadura do Rio da Prata e a 4 de abril estávamos em frente ao Uruguai, a cinqüenta milhas ao largo. A sua direção se mantinha para o norte, seguindo as longas sinuosidades da América Meridional. Já tínhamos então percorrido dezesseis mil milhas desde o nosso embarque, nos mares do Japão.

Por volta das onze horas da manhã passamos o Trópico de Capricórnio no meridiano 37 e navegamos ao largo do Cabo Frio. O Capitão Nemo, para grande aborrecimento de Ned Land, não gostava das costas habitadas do Brasil, pois passou por elas com grande velocidade.

Essa rapidez manteve-se durante vários dias. A 9 de abril, à noite, avistamos a ponta mais oriental da América do Sul, que forma o Cabo São Roque. No dia 11 de abril o “Nautilus” subiu para a superfície e a terra reapareceu à vista do Rio Amazonas, vasto estuário cuja caudal é tão considerável que tira o sal ao mar numa extensão de várias léguas. Tínhamos passado o Equador. A vinte milhas para oeste ficavam as Guianas, terras francesas, onde facilmente encontraríamos refúgio. Mas o vento soprava forte e as vagas, furiosas, não permitiam que um frágil bote as enfrentasse. Ned Land deve ter compreendido isso, pois não me falou em evasão. Por meu lado não fiz qualquer alusão ao assunto, porque não queria levá-lo a uma tentativa infalivelmente condenada ao malogro.

No dia 12 de abril, o “Nautilus” aproximou-se da costa, junto da embocadura do Maroni. A finalidade, que não tardamos a descobrir, foi a pesca para reabastecer de carne as despensas do navio.

Capítulo 18

Durante alguns dias, o “Nautilus” manteve-se sempre afastado da costa

americana. Era evidente que não queria freqüentar as águas do Golfo do México ou do Mar das Antilhas. A 16 de abril avistamos a Martinica e Guadalupe, a uma distância de cerca de trinta milhas. Por instantes eu pude ver os seus gumes aguçados.
O canadense, que contava com uma oportunidade de pôr em prática o seu plano de fuga nas águas do golfo, quer tentando alcançar terra, quer acostando-se a um dos numerosos navios que navegam entre as ilhas, ficou muito desapontado. A fuga teria sido praticável se ele conseguisse se apossar do bote, sem que o capitão notasse. Mas em pleno oceano isso nunca teria sido possível.
Tivemos uma reunião sobre o assunto. Há seis meses que éramos prisioneiros a bordo do “Nautilus”. Já tínhamos percorrido dezessete mil milhas e, como dizia Ned Land, nada levava a crer que aquilo tivesse um fim. Ele resolveu me fazer uma proposta com a qual eu não contava. Eu deveria fazer uma pergunta categórica ao Capitão Nemo sobre as reais intenções dele a nosso respeito. Seria propósito dele manter-nos para sempre a bordo do “Nautilus”?
Na minha opinião isso não daria bom resultado. Só devíamos contar conosco. Aliás, há algum tempo o capitão estava cada vez mais sombrio, mais retirado, menos sociável. Parecia evitar-me. Eu raramente o encontrava. Antes ele gostava de me explicar as maravilhas submarinas, mas agora abandonara-me aos meus estudos e não comparecia ao salão.

Que mudança teria se operado nele? Qual o motivo dela? Não tinha nada a censurar-me. Talvez a nossa presença a bordo o incomodasse. De qualquer maneira eu não acreditava que ele nos daria a liberdade.

Portanto pedi a Ned Land que me desse tempo para refletir. Aquela pergunta poderia levantar suspeitas no espírito do capitão, tornar a nossa situação penosa e prejudicar nossas possibilidades de fuga. Excetuando-se a dura provação do bloco de gelo no Pólo Sul, nós passávamos sempre muito bem. A alimentação sadia, a atmosfera salubre, a regularidade da existência e a uniformidade da temperatura, tudo isso nos mantinha com ótima saúde.

Para um homem que não lamentava as recordações de terra, para um Capitão Nemo, que se sentia em casa, que ia onde queria, que por meios misteriosos para os outros, mas claros para ele, avançava para um alvo, era fácil compreender aquela existência.

- Mas nós não tínhamos rompido com a humanidade. Quanto a mim particularmente, eu não queria que os meus estudos, tão curiosos e inovadores desaparecessem comigo. Eu tinha agora o direito e as condições de escrever o verdadeiro livro do mar, e queria que mais cedo ou mais tarde esse livro fosse publicado. Ali mesmo naquelas águas das Antilhas, a dez metros de profundidade, através dos painéis abertos, eu podia ver interessantíssimos exemplares da fauna submarina. Aos poucos o "Nautilus" foi mergulhando nas camadas mais profundas. Os seus planos inclinados levaram-no a profundidades de até dois e três mil metros. Então a vida animal tinha por únicos representantes as estrelas-do-mar, mexilhões e outros moluscos litorais.

A 20 de abril subimos a uma altura média de mil e quinhentos metros. A terra mais próxima era então o Arquipélago das Lucaias, espalhadas como um monte de pedras na superfície das águas. Ali, elevavam-se altas falésias submarinas, muralhas a pique feitas de blocos desgastados, dispostas em grandes camadas, entre as quais se viam enormes buracos negros que os nossos raios elétricos não conseguiam iluminar até o fundo.

Essas rochas estavam cobertas de grandes ervas, de laminárias e bodelhas gigantes. Uma verdadeira latada de hidrofitas, digna do mundo dos Titãs. Eram cerca de onze horas, quando Ned Land me chamou a atenção para um formidável turbilhão produzido entre as algas.

- São autênticas cavernas de polvos e não me admiraria nada se víssemos alguns desses monstros.

- Como? - perguntou Conselho. - Calmares, simples calmares da classe dos cefalópodes?

- Não - respondi - polvos de grandes dimensões. Mas o nosso amigo Ned deve ter se enganado, porque não vejo nada.

- Lamento muito - disse Conselho. - Gostaria de ver um desses polvos de que tanto ouvi falar, e que podemarrastar navios para os fundos dos abismos. A esses animais chamam “krak . . . “
- Krak chega - disse ironicamente o canadense.
- Krakens - retorquiu Conselho, acabando a palavra sem se preocupar com - a brincadeira do companheiro.
- Nunca me farão acreditar que esses animais existem.
- Por que não? - perguntou Conselho. - Acreditamos no narval.
- E erramos, Conselho.
- Sem dúvida. Mas tem gente que ainda acredita.
- É provável. Quanto a mim só acreditarei na existência desses monstros quando os dissecar com as minhas com próprias mãos.
- E o senhor acredita nos polvos gigantescos?
- Quem alguma vez acreditou? - exclamou o canadense.
- Muita gente, amigo Ned - falei. - Pescadores certamente que não. Talvez sábios acreditem.- Mas eu afirmo que me lembro perfeitamente de ter visto - disse Conselho com o ar mais sério que se poderia desejar - uma grande embarcação arrastada pelos tentáculos de um cefalópode.
- Viu isso? - perguntou o canadense.
- Sim, Ned.
- Com os seus próprios olhos?
- Com os meus próprios olhos.
- E onde, se não se importa?
- Em Saint-Malo - respondeu Conselho, imperturbável.
- No porto? - perguntou Ned Land, irônico.
- Não. Numa igreja! - informou Conselho.
- Numa igreja! - exclamou o canadense.
- Sim, meu amigo. Era um quadro que representava o polvo em questão, arrastando o navio.
- Ah! - Ned Land começou a rir. - Isso tem muita graça.
- De fato ele tem razão - disse eu. - Já ouvi falar desse quadro, mas o animal que representa foi tirado de uma lenda e vocês sabem o crédito

que se deve dar a lendas, em matéria de história natural. Aliás, quando se trata de monstros a imaginação não tem limites. Não só se afirma que esses polvos podem arrastar navios, como também um certo Olaus Magnus fala de um cefalópode
com uma milha de comprimento, mais parecido com uma ilha do que com um animal. Conta-se também que o bispo de Nidros construiu um dia um altar sobre um enorme rochedo. Acabada a missa, o rochedo pôs-se em movimento e voltou ao mar. Era um polvo.
- É tudo? - perguntou o canadense.
- Não. Um outro bispo, Pontoppidan de Berghem, fala igualmente de um polvo sobre o qual podia manobrar um regimento de cavalaria.
- Interessantes esses bispos de antigamente! – disse Ned Land.
- Finalmente, os naturalistas antigos citam monstros de goelas que se assemelhavam a um golfo e que eram demasiado grandes para passar no Estreito de Gibraltar.
- Ainda bem! - comentou o canadense.
- Mas em todos esses relatos não há nada de verdade?
- perguntou o meu criado.
- Nada, meus amigos. Nada desde que se ultrapasse o limite do verossímil para chegar à fábula e à lenda.
Porém, a imaginação dos narradores necessita, senão de uma causa, pelo menos de um pretexto. Não se pode negar que existem polvos e calmares de grande envergadura, embora inferior à dos cetáceos. Aristóteles confirmou á existência de um calmar com cinco côvados, ou seja, três metros e dez centímetros. Os museus de Trieste e de Montpellier conservam polvos embalsamados que medem dois metros. Aliás, segundo os cálculos dos naturalistas, um desses animais com apenas seis pés de comprimento teria tentáculos de vinte e sete pés, o que chega para o transformar num monstro enorme.
- E ainda se pescam polvos assim? - perguntou o canadense.
- Se não se pescam, pelo menos são vistos pelos pescadores. Um dos meus amigos, o Capitão Paul Bos, do “Havre”, afirmou-me várias vezes que tinha encontrado um desses monstros de tamanho colossal nos

mares da índia. Mas o fato mais surpreendente, e que não me permite continuar a negar a existência desses animais gigantescos, passou-se há alguns anos, em 1861.
- Como foi? - perguntou Ned Land.
- Em 1861, a nordeste de Tenerife, mais ou menos na latitude onde nos encontramos neste momento, a tripulação do navio “Alecton” avistou um monstruoso calmar que nadava naquelas águas. O Comandante Bouger aproximou-se e atacou-o com arpões e balas, sem qualquer êxito, porque os arpões lhes trespassavam as carnes moles como uma geléia sem consistência. Após algumas tentativas infrutíferas, a tripulação conseguiu passar um nó corredio à volta do corpo do molusco. O nó deslizou até as barbatanas caudais e parou. Tentaram então içar o monstro para bordo, mas o seu peso era tal que, devido à tração da corda, se separou da causa e desapareceu nas águas, sem ela.
- Aí está qualquer coisa concreta - disse Ned Land.
- Um fato indiscutível, meu caro Ned. Por isso foi proposto que se desse a esse polvo o nome de “calmar de Bouger”.
- Talvez medisse seis metros - disse Conselho, postado junto ao painel e examinando de novo as anfratuosidades da falésia.
- Precisamente - confirmei.
- A cabeça seria coroada por oito tentáculos que se agitavam na água como um ninho de serpentes? - continuou Conselho.
- Precisamente - tornei a confirmar.
- Os olhos, colocados à flor da pele, teriam um desenvolvimento considerável.
- Sim, Conselho.
- E a boca seria um verdadeiro bico de papagaio, mas um bico formidável.
- De fato era assim - concordei.
- Pois bem, com licença do senhor - Conselho falou tranqüilamente - se não é o calmar de Bouger, está ali pelo menos um dos seus irmãos - disse e apontou para o mar.
Olhei para o meu criado e Ned Land correu para o painel.

- Que animal horrendo! - exclamou.
Olhei também e não pude reprimir um movimento de repulsa. Diante dos meus olhos, agitava-se um monstro horrível, digno de figurar nas lendas teratológicas.
Era um calmar de dimensões colossais, com oito metros de comprimento. Avançava com grande velocidade em direção ao “Nautilus”, que fixava com os seus enormes olhos verde-mar. Os seus oito braços, ou antes os seus oito pés, implantados na cabeça, o que valeu a esses animais o nome de cefalópodes, tinham um desenvolvimento duplo do corpo e contorciam-se como as cabeleiras das Fúrias. Viam-se distintamente as duzentas e cinqüenta ventosas dispostas nas faces internas dos tentáculos, sob a forma de cápsulas semi-esféricas. Por vezes as ventosas colavam-se aos vidros do painel. A boca do monstro, um bico córneo semelhante ao bico de papagaio, abria-se e fechava-se verticalmente. A língua, substância córnea, armada com várias fiadas de dentes agudos, saía trêmula daquela verdadeira guilhotina. Que fantasia da natureza! Um molusco com bico de ave! O corpo, fusiforme e bojudo no meio, formava uma massa carnuda que devia pesar de vinte a vinte e cinco mil quilos. A sua cor inconstante mudava com extrema rapidez, segundo a irritação do animal, passando sucessivamente do cinzento-lívido ao castanho-amarelado.
O que estaria irritando o molusco? Certamente a presença do “Nautilus”, maior do que ele e sobre o qual os seus braços e dentes não tinham qualquer poder. E no entanto, que monstros formidáveis são esses polvos, que vitalidade o Criador deu a eles, que vigor nos movimentos, uma vez que têm dois corações.
O acaso nos tinha posto na presença do calmar e eu não queria perder a ocasião de estudar cuidadosamente aquele exemplar dos cefalópodes. Dominei o horror que me inspirava o seu aspecto e, pegando em um lápis, comecei a desenhá-lo.
- Talvez seja o mesmo do “Alecton” - disse Conselho.
- Não - respondeu o canadense. - O do “Alecton” havia perdido a cauda.

- Isso não seria uma razão - disse eu. - Os braços e a cauda desses animais renovam-se por reintegração. Em sete anos a cauda do calmar de Bouger teria tido tempo de crescer.
- De qualquer maneira, se não é este, talvez seja algum daqueles - acrescentou o meu criado.
De fato, outros polvos apareciam no painel a estibordo. Contei sete que faziam um cortejo ao “Nautilus” e cujos bicos se faziam ouvir quando batiam no casco do navio.
Continuei o meu trabalho. Os monstros mantinham-se nas nossas águas com tal precisão que pareciam imóveis e teria sido possível decalcá-los do vidro. Aliás estávamos navegando a uma velocidade bem moderada. De repente o “Nautilus” parou e toda a sua estrutura tremeu devido a um choque.
- Teríamos encalhado? - perguntei.
- Se foi o caso, safamo-nos - disse Ned Land - porque continuamos a flutuar.
Não havia dúvida de que o barco flutuava, mas não avançava. As pás da hélice já não se viravam nas águas.
Passou um minuto e o Capitão Nemo, seguido pelo imediato, entrou no salão.
Havia algum tempo que eu não o via. Pareceu-me taciturno. Sem falar, talvez sem nos ver, chegou junto ao painel, observou os polvos e disse algumas palavras ao imediato. Este saiu.
Os painéis foram fechados e o teto se iluminou. Falei com o capitão, sem ligar para o ar fechadão dele.
- Curiosa coleção de polvos - fingi o tom indiferente de um amador diante de um vidro de aquário.
- De fato, professor, e vamos combatê-los corpo a corpo.
Olhei o capitão julgando ter ouvido mal.
- Corpo a corpo? - perguntei.
- Sim. A hélice parou. Penso que as mandíbulas córneas de um desses calmares danificaram uma de suas pás. Isso nos impede de avançarmos.
- E o que vai fazer?

- Subir à superfície e exterminar toda essa bicharada.
- Tarefa difícil. ‘
- De fato ela não é fácil. As balas elétricas são impotentes contra as suas carnes moles, onde não encontram resistência suficiente para rebentarem. Mas vamos atacá-los a machadadas.
- E às arpoadelas - disse o canadense - se não recusar a minha ajuda.
- Aceito-a, mestre Land.
- Nós os acompanharemos - disse eu, seguindo o Capitão Nemo que se dirigiu para a escada central.
Ali, uma dezena de homens, armados com machados de abordagem, estavam prontos para o ataque. Conselho e eu pegamos em dois machados e Ned Land num arpão.
O “Nautilus” tinha então subido à superfície das águas. Um dos marinheiros, colocado nos últimos degraus da escada, tirou as cavilhas do alçapão que saltou imediatamente com grande violência, evidentemente puxado pela ventosa de um tentáculo do polvo.
No mesmo instante, um desses longos braços deslizou. como uma serpente pela abertura e vinte outros agitaram-se por cima dela. Com uma machadada o capitão cortou o formidável tentáculo, que rolou pela escada. No momento em que nos preparávamos para sair para a plataforma, dois outros braços, vibrando no ar, abateram-se sobre o marinheiro colocado à frente do capitão, elevando-o com uma violência irresistível.
O Capitão Nemo soltou um grito e precipitou-se para o exterior. Nós corremos atrás dele.
Que cena! O infeliz, apanhado pelos tentáculos e preso nas ventosas, estava sendo agitado no ar ao capricho daquela enorme tromba. Agonizava, sufocava e gritava por socorro. Aquelas palavras pronunciadas em francês causaram-me profunda impressão. Enquanto eu viver, ouvirei aquele apelo desesperado.
O infeliz estava perdido. Quem conseguiria arrancá-lo ao poderoso abraço? Entretanto o Capitão Nemo tinha-se precipitado sobre o polvo e, com mais uma machadada, havia-lhe cortado outro tentáculo. O

imediato lutava com fúria contra outros monstros que trepavam pelos flancos do “Nautilus”. A tripulação batia-se a golpes de machado, enquanto o canadense, Conselho e eu enterrávamos as nossas armas naquelas massas carnudas. Um violento cheiro a almíscar invadiu a atmosfera. Era horrível.

Por um instante julguei que o infeliz apanhado pelo polvo seria arrancado àquele terrível abraço, porque dos seus oito tentáculos o animal já só tinha um, que brandia a sua vítima como se fosse uma pena. Mas no momento em que o capitão e o imediato avançaram para ele, o monstro lançou uma coluna de líquido negro, segregado por uma bolsa situada no seu abdômen. Ficamos cegos. Quando a nuvem se dissipou, o calmar havia desaparecido e com ele o meu infeliz compatriota.

Que fúria nos impeliu então contra aqueles monstros! Dez ou doze polvos tinham invadido a plataforma do barco. Rolávamos no meio daqueles braços de serpentes que tingiam a plataforma e as águas de tinta negra. Parecia que os viscosos tentáculos renasciam como as cabeças da hidra. O arpão de Ned Land, de cada golpe, mergulhava nos olhos dos calmares e vazava-os. Mas o meu audacioso companheiro foi de repente apanhado pelos tentáculos de um monstro.

O meu coração quase rebentou de emoção e terror. O formidável bico do calmar estava aberto para Ned Land. O infeliz ia ser partido em dois. Lancei-me em seu socorro, mas o Capitão Nemo foi mais rápido do que eu. O seu machado desapareceu entre as duas enormes mandíbulas e, milagrosamente salvo, o canadense levantou-se e espetou o arpão todo até o triplo coração do polvo.

- Estava em divida para com o senhor - disse o capitão.

Ned inclinou-se e ficou calado.

O combate tinha durado um quarto de hora. Os monstros vencidos, mutilados e moribundos, deixaram-nos finalmente e desapareceram nas águas.

O Capitão Nemo, imóvel junto ao farol, olhava o mar que tinha engolido um dos seus companheiros, e grossas lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

Capítulo 19

Nenhum de nós poderá jamais esquecer essa terrível cena. Eu a escrevi sob a pressão de uma violenta emoção. Depois li o relato a Conselho e Ned Land. Eles o acharam exato nos fatos, mas insuficiente nos efeitos. Para pintar semelhantes quadros seria necessária a pena do mais ilustre dos nossos poetas, o autor de Travailleurs de la Mer.

Eu disse que o Capitão Nemo chorava ao olhar as águas. A sua dor foi imensa. Era o segundo companheiro que ele perdia desde a nossa chegada a bordo. E que morte o homem tivera!

Aquele amigo esmagado, sufocado, despedaçado pelos poderosos tentáculos de um polvo, devorado pelas suas mandíbulas de ferro, não iria repousar com os companheiros nas pacíficas águas do cemitério de coral.

Para mim, no meio da luta, fora aquele grito de desespero que me cortara o coração. O pobre francês, esquecendo a sua língua convencional, recorrera à sua língua natal para um supremo grito de apelo!

Entre a tripulação do “Nautilus”, associado de corpo e alma ao Capitão Nemo, fugindo como ele do contato dos homens, eu tinha um compatriota. Seria o único a representar a França naquela misteriosa associação, evidentemente constituída por indivíduos de nacionalidades diferentes? Era ainda um dos problemas insolúveis que constantemente me assaltava o espírito.

O Capitão Nemo entrou para o seu quarto e eu não o vi durante algum tempo. Como deveria estar triste, desesperado, indeciso, a julgar pelo navio de que era a alma e que recebia todas as suas atenções. O “Nautilus” deixara de ter uma direção determinada. Ia e vinha, flutuando como um cadáver á deriva. A hélice tinha sido reparada, mas ele quase

não a usava. Navegava ao acaso. Não conseguia afastar-se do teatro da sua última luta, do mar que havia devorado um dos seus.
Passaram-se dez dias. Só no dia 1.° de maio o "Nautilus" tomou decididamente a direção norte, depois de ter avistado as Lucaias, à entrada do Canal das Baamas. Seguíamos então a corrente do maior rio do mar, que tem as suas margens, os seus peixes e as suas temperaturas próprias. 1; a Gulf Stream.
Na verdade é um rio que corre no meio do Atlântico, livremente, e cujas águas não se misturam com as do oceano. É um rio salgado, mais salgado do que o mar ambiente. O volume invariável das suas águas é mais considerável do que o de todos os rios do globo.
A verdadeira origem da Gulf Stream, reconhecida pelo Capitão Maury, o seu ponto de partida, fica situado no Golfo da Gasconha, onde as águas, ainda de fraca temperatura e cor, começam a formar-se. Desce para o sul ao longo da África Equatorial, aquece as águas da zona tórrida, atravessa o Atlântico, atinge o Cabo de São Roque na costa brasileira e bifurca-se em dois ramos, um dos quais vai ainda saturar-se de moléculas quentes no Mar das Antilhas. Então, a Gulf Stream, encarregada de restabelecer o equilíbrio entre as temperaturas e de misturar as águas dos trópicos com as águas boreais, começa o seu papel de moderador. .
Aquecida ao máximo no Golfo do México, sobe para o norte ao longo da costa americana, avança até a Terra Nova, desvia-se sob a pressão da corrente fria do Estreito de Davis, retoma o caminho do oceano, seguindo sobre um dos grandes círculos do globo a linha loxodrômica, divide-se em dois braços no quadragésimo terceiro grau, um dos quais, ajudado pela monção do nordeste, regressa ao Golfo da Gasconha, depois de ter aquecido as costas da Irlanda e da Noruega, ultrapassa Spitzberg, onde a sua temperatura desce a quatro graus, e vai formar o mar livre do pólo.
Era neste rio do oceano que o submarino "Nautilus" navegava.
A saída do Canal das Baamas, quatorze léguas ao largo e a trezentos e cinqüenta metros de profundidade, a Gulf Stream tem uma velocidade

de cerca de oito quilômetros por hora. Esta rapidez decresce regularmente à medida em que avança para o norte, e é de desejar que esta regularidade se mantenha, porque se a sua velocidade e direção se modificarem, o5 climas europeus serão submetidos a perturbações cujas conseqüências são inteiramente imprevisíveis.
Por volta do meio-dia encontrava-me na plataforma com o meu criado. Dei-lhe a conhecer todas as particularidades da Gulf Stream e, terminada a minha explicação, convidei-o a enfiar a mão na água.
Conselho obedeceu e ficou. admirado de não sentir quer uma sensação de calor, quer de frio.
- Isso acontece porque a temperatura das águas da Gulf Stream, ao saírem do Golfo do México, pouco difere da do corpo humano. Essa corrente é um vasto calorífero, que dá às costas da Europa o aspecto eternamente verdejante. E, a se acreditar em Maury, o calor desta corrente, totalmente utilizado, seria suficiente para manter em fusão um rio de ferro fundido tão grande como o Amazonas ou o Missoüri.
A corrente é tão distinta do mar ambiente que as suas águas comprimidas irrompem sobre o oceano, operando-se um desnivelamento entre elas e as águas frias. Escuras e muito ricas em matérias salinas, riscam com o seu azul puro as águas verdes que as cercam. E tal a nitidez da sua linha de demarcação que o “Nautilus”, perto das Carolinas, enquanto a hélice ainda agitava as águas do oceano, já o esporão cortava as águas da Gulf Stream.
Esta corrente arrastava todo um mundo de seres vivos. Os argonautas tão comuns no Mediterrâneo navegavam nele em grupos numerosos.
Entre os cartilaginosos os mais notáveis eram as raias, cuja cauda muito solta formava quase um terço do corpo, e que pareciam enormes losângulos com vinte e cinco pés de comprimento; depois, pequenos esqualos com um metro de comprimento, de cabeça grande, focinho curto e arredondado, dentes pontiagudos dispostos em várias fileiras e cujo corpo parecia coberto de escamas.
Entre os peixes ósseos, vi labros cinzentos, comuns desses mares; spares sinagros, cuja íris brilhava como uma chama; sciènes, com um

metro de comprimento e grandes goelas cheias de pequenos dentes; centronotos negros, de que já falei; corifemos azuis, ornados de ouro e prata; papagaios, verdadeiros arco-íris do oceano e que podem rivalizar em cores com as mais belas aves dos trópicos; blêmios de cabeça triangular; rombos azulados, desprovidos de escamas; batracóides, cobertos com uma transversal amarela parecendo um T grego; cardumes de gobiões salpicados de manchas amarelas; dipterodontes, de cabeça prateada e cauda amarela; diversas espécies de salmões, mugilomoros de belo porte, com um brilho suave, que Lacèpede consagrou à amável companheira de sua vida, e finalmente um belo peixe, o cavaleiro americano, que decorado com todas as ordens e enfeitado com todas as fitas, freqüenta as costas dessa grande nação onde as fitas e as ordens são pouco estimadas.

Acrescentarei que durante a noite, as águas fosforescentes da Gulf Stream rivalizaram com o brilho elétrico do nosso farol, sobretudo nos momentos de tempestade que nos ameaçavam freqüentemente.

A 8 de maio estávamos ainda à vista do Cabo Hatteras, ao largo da Carolina do Norte. A largura da Gulf Stream é ali de setenta e cinco milhas e a sua profundidade de duzentos e dez metros.

O “Nautilus” continuava a errar à aventura. Toda a vigilância parecia ter sido abandonada a bordo. Pensei que naquelas condições uma evasão poderia ter êxito. As costas habitadas ofereciam fáceis refúgios. O mar era constantemente sulcado por numerosos vapores que fazem serviço entre Nova Iorque ou Boston e o Golfo do México, e noite e dia percorrem com suas pequenas escunas carregadas a costa americana. Havia assim boas possibilidades de sermos recolhidos. Era, portanto, uma ocasião favorável, apesar das trinta milhas que separavam o “Nautilus” das costas mais próximas.

No entanto, uma circunstância inesperada veio contrariar completamente os planos do canadense. O tempo estava ruim. Atravessávamos as regiões onde as tempestades são freqüentes, na zona das trombas-d’água e dos ciclones, precisamente originados pela Gulf Stream. Enfrentar um mar muitas vezes agitado num frágil bote era correr para

uma morte certa. O próprio Ned Land concordou comigo. Assim, refreou-se, tomado de uma furiosa nostalgia.
- Professor - disse-me o canadense - isto tem que acabar. O seu capitão afasta-se das terras e se dirige para o norte. Mas eu fiquei farto do Pólo Sul e não seguirei com ele para o Pólo Norte.
- Que havemos de fazer, se é impossível fugir agora? - Volto à minha idéia de que temos de falar com o capitão. Não disse nada quando estávamos nos mares do seu país, mas eu quero falar, agora que estamos nas águas do meu. Quando eu penso que dentro de alguns dias o “Nautilus” se encontrará ao largo da Nova Escócia e que ali, em direção à Terra Nova se abre uma grande baía, que nessa baía deságua o São Lourenço e que o São - Lourenço é o meu rio, o rio de Quebek, a minha terra natal, quando eu penso nisso a ira sobe-me à cabeça e meus cabelos se eriçam. Prefiro atirar-me na água a continuar aqui. Isto me sufoca!
Era evidente que o canadense havia chegado ao fim da paciência. A sua natureza vigorosa não podia acomodar-se àquela clausura prolongada. A sua fisionomia alterava-se de dia para dia e o seu caráter tornava-se cada vez mais sombrio. Tinham-se passado quase sete meses sem que tivéssemos notícias da terra. Além disso, o isolamento do Capitão Nemo, a modificação do seu humor, sobretudo depois do combate com os polvos, a sua taciturnidade, tudo me fazia ver as coisas de modo diferente. Eu já não mais sentia o entusiasmo dos primeiros dias. Era preciso ser um flamengo como Conselho para aceitar aquela situação, no meio reservado aos cetáceos e outros habitantes do mar. Se o pobre rapaz em vez de pulmões tivesse guelras, creio que seria um peixe de grande classe.
- Então, professor? - insistiu Ned Land numa decisão minha, sobre a sua proposta de irmos falar ao capitão.
- Você quer que eu pergunte ao Capitão Nemo quais são as intenções dele a nosso respeito?
- Quero. Apesar de nós já sabermos quais são, ditas por ele mesmo?
- Sim. Desejo ouvi-las uma última vez. Fale apenas no meu nome se

isso lhe parecer melhor.
- Mas raramente o vejo agora.
- Mais uma razão para ir vê-lo.
- Vou fazer a ele a pergunta que você quer, Ned.
- Quando?
- Quando encontra-lo.
- O senhor quer que eu mesmo fale com ele?
- Não, deixe-me tratar do assunto. Amanhã...
- Hoje - disse Ned Land.
- Seja. Hoje falo com ele - prometi ao canadense. Eu não podia deixar que ele fosse pessoalmente conversar com o capitão sobre um assunto tão melindroso.
Fiquei só. Decidida a questão, resolvi acabar com ela imediatamente. Gosto mais das coisas feitas do que das que estão por fazer.
Entrei no meu quarto e ouvi passos no do Capitão Nemo. Não podia deixar passar aquela ocasião para falar com ele. Bati na porta e ele não atendeu. Bati uma segunda vez e rodei o trinco. A porta abriu-se.
Penetrei no quarto dele. O capitão estava curvado sobre a mesa de trabalho e não tinha me ouvido. Resolvido a não deixar o quarto sem falar com ele, aproximei-me. Ele levantou a cabeça bruscamente, franziu o sobrolho e me perguntou num tom bastante rude
- O senhor aqui! Que deseja?
- Falar-lhe, capitão.
- Não vê que estou ocupado, que estou trabalhando? Quero ter para mim a liberdade que lhe dou de não ser incomodado.
A recepção era pouco encorajadora, mas eu estava decidido a ouvir tudo, para poder falar depois tudo o que desejasse.
- Tenho que falar de um assunto urgente.
- Que assunto? - notei um tom de ironia na voz dele. - Fez alguma descoberta que me escapou? O mar lhe revelou mais algum dos seus grandes segredos?
Estávamos muito longe do assunto que me interessava. Antes que eu pudesse responder às perguntas dele, o capitão me mostrou um manus-

crito aberto sobre a sua mesa e me disse num tom mais grave
- Aqui tem, professor, um manuscrito em várias línguas. Contém o resumo dos meus estudos do mar e, se Deus quiser, não morrerá comigo. Este manuscrito, assinado por mim e completado com a história de minha vida, será fechado dentro de um pequeno aparelho insubmergível. O último sobrevivente a bordo do "Nautilus" jogará ao mar esse aparelho que irá para onde as águas o levarem.
A sua história escrita por ele mesmo! A assinatura do manuscrito deveria ser com o seu nome verdadeiro! O seu segredo seria alguma vez desvendado? Porém, naquele momento, a comunicação dele só serviu para me dar ensejo de falar do meu assunto.
- Capitão, compreendo o motivo pelo qual vai agir assim. Os resultados de seus estudos não podem desaparecer. Mas o meio que vai utilizar para transmiti-los aos homens que lucrarão com eles, parece-me primitivo. Quem sabe para onde os ventos conduzirão o aparelho e em que mãos ele irá cair? Não haverá um meio melhor? Talvez o senhor mesmo ou um dos seus...
- Nunca! - ele cortou energicamente a minha frase.
- Mas eu e os meus companheiros estamos dispostos a guardar o manuscrito, se o senhor nos der a liberdade.
- A liberdade! - Levantou-se ele, repetindo a palavra.
- Sim, capitão. Foi sobre esse assunto que vim lhe falar. Há sete meses que estamos a bordo e eu agora lhe pergunto, no meu nome e nos nomes de meus companheiros, se tenciona manter-nos presos aqui por muito mais tempo.
- Sr. Aronnax, a minha resposta é a mesma que o senhor ouviu há sete meses: quem entra no "Nautilus" nunca mais sairá vivo dele.
- É a escravatura que nos impõe?
- Dê-lhe o nome que quiser.
- Em toda parte o escravo conserva o direito de recuperar a liberdade! Quaisquer que sejam os meios que se lhe ofereçam, pode julgá-los bons.
- Quem está lhes negando esse direito? - perguntou-me ele. - Exigi dos

senhores algum juramento?
Ele me olhava de braços cruzados.
- Capitão Nemo. Voltar uma segunda vez à questão, não seria do seu e nem do meu agrado. Mas uma vez que ela foi levantada, quero discuti-la até uma solução final. Repito-lhe que não se trata apenas da minha pessoa. Para mim o estudo é um refúgio, uma diversão suficiente, um passatempo, uma paixão que consegue me fazer esquecer de tudo. Como o senhor, sou um homem para viver ignorado, obscuro, na frágil esperança de legar um dia ao futuro os resultados do meu trabalho, através de um aparelho hipotético confiado à água e aos ventos. Numa palavra, eu posso admirar o senhor, posso segui-lo com prazer num papel que compreendo sob certos aspectos, mas há ainda alguns pontos da sua vida que me fazem antevê-la cheia de complicações e mistérios, dos quais eu e meus companheiros não participamos. E mesmo quando os nossos corações bateram por sua causa, comovidos por algumas das dores que o atingiram ou impressionados pelos seus atos de gênio e coragem, tivemos de nos reprimir e não manifestar o testemunho de nossa simpatia, que faz nascer a contemplação do que é belo, quer venha do amigo ou do inimigo. Pois bem. É esse sentimento de estranheza a tudo que o toca que faz da nossa situação algo de inaceitável, de impossível até para ruim, quanto mais para Ned Land. Qualquer homem, só por ser homem, merece que pensem nele. Já pensou o que o amor pela liberdade, o ódio pela escravatura, podem fazer nascer de planos de vingança numa natureza como a do canadense? O que ele podia pensar, tentar...?
Calei-me. Ele me olhava absolutamente impassível.
- Ned Land pode pensar, pode tentar tudo o que quiser. Que me importa! Não fui eu que o procurei. Não é por meu prazer que o tenho a bordo. Quanto ao senhor, é daqueles que conseguem compreender tudo, até o silêncio. Mais nada tenho a dizer, professor. Que a primeira vez que veio me falar desse assunto seja também a última, porque da próxima nem sequer o escutarei.
Retirei-me. A partir daquele dia a nossa situação tornou-se pior. Contei

aos meus companheiros toda a conversa que tivera com o capitão.
- Sabemos agora - disse Ned Land - que nada temos a esperar desse homem. O “Nautilus” aproxima-se de Long Island. Fugiremos, faça o tempo que fizer.
O céu tornava-se cada vez mais ameaçador, manifestando sinais de tempestade. A atmosfera tornava-se esbranquiçada e leitosa. Aos cirros de feixes soltos sucediam-se no horizonte camadas de nimbos e cúmulos. Outras nuvens baixas desapareciam rapidamente. O mar engrossava e a ondulação aumentava. As aves desapareciam, com exceção dos sataniclos, amigos das tempestades. O barômetro baixava sensivelmente e indicava a existência no ar de grande tensão de vapores. A mistura do “stormglass” decompunha-se sob a influência da eletricidade que saturava a atmosfera. A luta entre os elementos estava próxima.
A tempestade rebentou a 18 de maio, precisamente quando o “Nautilus” se encontrava ao largo de Long Island, a algumas milhas de Nova Iorque. Posso descrever essa luta dos elementos porque, em vez de lhe fugir para as profundezas do mar, o Capitão Nemo, por um inexplicável capricho, preferiu enfrentar a tempestade à superfície.
O vento soprava de sudoeste, primeiro com uma velocidade de quinze metros por segundo e depois, cerca de oito horas da noite, com uma velocidade de vinte e cinco metros.
O Capitão Nemo, inabalável sob as rajadas, tinha tomado lugar na plataforma, amarrado pela cintura para resistir melhor às monstruosas vagas. Também subi à plataforma e, igualmente amarrado, partilhei a minha admiração entre a tempestade e aquele homem incomparável que a enfrentava desassombradamente.
Ó mar encapelado era varrido por grandes massas de nuvens que batiam nas ondas. Eu não via nenhuma dessas ondas intermediárias que se formam no fundo das grandes cavidades. Nada, a não ser longas ondulações fuliginosas, cuja crista não rebenta, de tal modo são compactas. A sua altura aumentava. Excitavam-se mutuamente. O “Nautilus”, ora de lado, ora reto como um mastro, rolava e balouçava terrivelmente.

Por volta das cinco horas, caiu uma chuva torrencial que não acalmou nem o vento e nem o mar. A tempestade desencadeou-se com uma velocidade de quarenta e cinco metros por segundo, ou seja, quase quarenta léguas por hora. O seu poder seria suficiente para arrancar casas, para rebentar grades de ferro e deslocar canhões. E no entanto, o "Nautilus", no meio da tormenta, justificava bem as palavras do seu sábio construtor: "Não há casco bem construído que não possa desafiar o mar".

Ele não era uma rocha resistente que as ondas teriam demolido. Era um fuso de aço, obediente e móvel, sem mastreação, que desafiava a fúria da natureza.

Entretanto, eu examinava atentamente as vagas que mediam até quinze metros de altura por um comprimento de cento e trinta a cento e setenta metros, sendo a sua velocidade de propagação de quinze metros por segundo. Metade da do vento. O seu volume e potência cresciam com a profundidade das águas. Compreendi então o papel das ondas que aprisionam o ar nos seus flancos e o levam para o fundo dos mares aos quais dão vida, dando-lhes oxigênio. A sua força de pressão, segundo se calcula, pode elevar-se até três mil quilos por pé quadrado da superfície que contra-atacam. Foram ondas como aquelas que, nas Hébridas, deslocaram um bloco que pesava oitenta e quatro mil libras. Foram elas que na tempestade de 23 de dezembro de 1864, depois de terem derrubado uma parte da cidade de Yeddo, no Japão, foram, com uma velocidade de setecentos quilômetros por hora, assolar no mesmo dia as costas da América do Norte.

A intensidade da tempestade cresceu com a noite. O barômetro, como em 1860, na Reunião, durante um ciclone, desceu a setecentos e dez milímetros. Ao fim do dia vi passar no horizonte um grande navio que lutava com muito esforço, capeando a pouco vapor para se manter sobre as vagas. Devia ser um dos vapores das linhas de Nova Iorque a Liverpool ou ao Havre. Não tardou a desaparecer nas sombras da noite.

As dez horas o céu estava em fogo. A atmosfera foi cortada por raios

violentos. Eu não conseguia suportar-lhes o brilho, enquanto o Capitão Nemo, olhando-os bem de frente, parecia aspirar neles a alma da tempestade. Um ruído terrível enchia os ares, ruído complexo, feito dos gemidos das ondas esmagadas, dos uivos do vento e dos trovões. O vento soprava de todos os pontos do horizonte e o ciclone, partindo do leste, chegava ali, passando pelo norte, o oeste e o sul, no sentido inverso das tempestades giratórias do hemisfério austral.

Ah! A Gulf Stream justificava bem o nome de rainha das tempestades. Era ela que criava esses terríveis ciclones devido à diferença de temperatura das camadas de ar sobrepostas às suas correntes.

À chuva sucedera uma bateria de fogos. As gotas de água transformavam-se em cristais fulminantes. Dir-se-ia que o Capitão Nemo, procurando uma morte digna dele, tentava ser fulminado. Num terrível movimento o “Nautilus” ergueu nos ares o seu esporão de ferro, como a haste de um pára-raios, e eu vi saírem faíscas.

Completamente esgotado, rastejei até o alçapão e fui para o interior do barco. A tempestade atingia então a sua máxima intensidade. Era impossível estar-se de pé dentro do “Nautilus”.

O Capitão Nemo entrou por volta da meia-noite. Ouvi os reservatórios encherem-se de água e pouco a pouco o submarino submergiu.

Através dos painéis do salão vi grandes peixes assustados, que passavam como fantasmas nas águas em fogo. Alguns eu vi sendo fulminados e tive medo.

O “Nautilus” continuava a descer. Pensei que encontraria a calma a uma profundidade de quinze metros. Mas não encontrou. As camadas superiores estavam demasiado agitadas. Foi preciso que ele fosse procurar repouso a cinqüenta metros nas entranhas do mar.

A essa profundidade, que silêncio, que tranqüilidade, que lugar pacífico! Quem diria que uma terrível tempestade rugia à superfície daquele mesmo oceano?

Capítulo 20

Em conseqüência dessa tempestade, tínhamos sido arrastados para leste e todas as nossas esperanças de uma evasão para a região de Nova Iorque ou de São Lourenço desvaneceram-se. O pobre Ned, desesperado, isolou-se como o Capitão Nemo. Eu e Conselho nunca mais nos separamos. Precisávamos de nos amparar mutuamente.
Aos poucos o barco foi pendendo para o nordeste. Durante alguns dias errou ora à superfície ora submerso, muitas vezes perdido no meio das brumas tão temidas, pelos navegadores. Elas são devidas principalmente à fusão dos gelos, que provocam grande umidade na atmosfera. Quantos navios perdidos nestas paragens, quando tentavam avistar os faróis incertos da costa! Quantos sinistros devidos a esses nevoeiros cerrados! Quantos choques com escolhos, cuja ressaca é abafada pelo barulho do vento! Quantas colisões entre navios, apesar dos faróis de sinalização, apesar dos avisos das suas sirenas e sinos de alarme!
Por isso, o fundo desses mares oferecia o aspecto de um campo de batalha onde ainda jaziam todos esses vencidos do oceano; uns velhos e já em ruínas, outros recentes e refletindo os raios do nosso farol nas ferragens e quilhas de cobre. Entre eles, quantos navios completamente perdidos, com as suas tripulações, o seu mundo de emigrantes, naqueles pontos perigosos assinalados nas estatísticas. O Cabo Race, a ilha Saint-Paul, o Estreito de BelleIle, o estuário do São Lourenço! E desde há poucos anos, quantas vitimas fornecidas aos fúnebres anais pelas linhas da Royal-Mail, da Inmann, de Montreal: o “Solway”, o “Isis”, o “Paramatta”, o “Hungarian”, o “Canadian”, o “Anglo-Saxon”, o “Humboldt”, o “United States”, todos afundados a pique; o “Artic”, o “Lyonnais”, afundados por abalroamentos; e o “President”, o “Pacific”, o “City-of-Glasgow” desaparecidos por causas desconhecidas, sombrios destroços no meio dos quais o “Nautilus” navegava como se passasse os mortos em revista.

A 15 de maio, encontrávamo-nos na extremidade meridional do banco da Terra Nova, o qual é um produto de aluviões marinhos, um amontoado considerável de detritos orgânicos, transportados quer do Equador pela corrente da Gulf Stream, quer do pólo boreal pela contracorrente de água fria que passa ao longo da costa americana. Também ali se amontoam os blocos errantes produzidos pelo degelo. A profundidade das águas não é considerável no banco da Terra Nova, apenas algumas centenas de braças. Mas, para o sul, abre-se subitamente uma depressão profunda, um buraco com três mil metros, onde se alarga a Gulf Stream, espalhando as suas águas, perdendo velocidade e temperatura, mas transformando-se num mar.

Na região da Terra Nova encontramos os cardumes de bacalhaus. Pode-se dizer que os bacalhaus são peixes de uma montanha submarina. Quando o “Nautilus” abriu passagem através das suas falanges cerradas, Conselho não pôde deixar de observar:

- Mas isto são bacalhaus? Eu pensava que eram chatos como os linguados. São até bem redondinhos!

- Ingênuo! - exclamei. - Os bacalhaus só são chatos no merceeiro, que os vende abertos e secos. Mas na água são peixes fusiformes como os robalos e perfeitamente aptos para nadar.

- Acredito - respondeu Conselho. - Que nuvem deles! Que formigueiro!

- Sim, meu amigo. E muitos mais existiriam se não fossem os seus inimigos: os rainúnculos e os homens. Sabe quantos ovos se contaram numa única fêmea?

- Talvez uns quinhentos mil - respondeu Conselho.

- Onze milhões, meu amigo.

- Onze milhões! Só acreditava se os tivesse contado.

- Pode contá-los, mas seria mais rápido se me acreditasse. Aliás, é aos milhões que franceses, ingleses, americanos, dinamarqueses e noruegueses pescam os bacalhaus. São consumidos em quantidades prodigiosas, e sem a ‘surpreendente fecundidade desses peixes, os mares não tardariam a ficar despovoados da espécie. Só na Inglaterra e na Améri-

ca, cinco mil navios equipados com setenta e cinco mil marinheiros dedicam-se à pesca do bacalhau. Cada navio pesca uma média de quarenta mil, o que perfaz um total de vinte e cinco milhões. Nas costas da Noruega passa-se o mesmo.
- Bem, acredito no senhor. Não os contarei.
- O quê?
- Os onze milhões de ovos. Porém tenho uma observação a fazer.
- Qual?
- Se todos os ovos vingassem, chegariam quatro bacalhaus para alimentar a Inglaterra, a América e a Noruega:
Enquanto percorríamos os fundos do banco da Terra Nova, vi perfeitamente as longas linhas armadas com duzentas iscas que cada barco lança às dezenas. Cada linha, arrastada por uma extremidade por meio de um pequeno arpéu, era retida à superfície por um arinque fixo a uma bóia de cortiça. O “Nautilus” foi obrigado a navegar habilmente no meio daquela rede submarina.
Aliás, ele não se demorou naquelas paragens freqüentadas. Subiu até o quadragésimo segundo grau de latitude, zona de São João da Terra Nova e de Heart’s Content, onde termina o cabo transatlântico.
O “Nautilus”, em vez de continuar a sua rota para norte, tomou a direção de leste, como se quisesse seguir o planalto sobre o qual repousava o cabo telegráfico, e cujas sondagens deram o relevo com extrema exatidão.
A 17 de maio, a cerca de quinhentas milhas de Heart’s Content e a dois mil e oitocentos metros de profundidade, avistei o cabo jazendo no solo. Conselho, que eu não tinha prevenido, tomou-o por uma gigantesca serpente do mar e preparava-se para a classificar, segundo o seu método habitual. Desenganei o meu digno companheiro e, para o consolar do desgosto, informei-o de algumas particularidades da colocação do cabo.
O primeiro cabo foi estabelecido nos anos de 1857 e 1858, mas depois de ter transmitido cerca de quatrocentos telegramas, deixou de funcionar. Em 1863, os engenheiros construíram novo cabo, medindo três mil

e quatrocentos quilômetros e pesando quatro mil e quinhentas toneladas, o qual foi embarcado no “Great-Eastern”. Esta tentativa falhou mais uma vez.
Ora, a 25 de maio, ‘o “Nautilus”, submerso a três mil oitocentos e trinta e seis metros de profundidade, encontrava-se precisamente no local onde se tinha produzido a quebra que arruinou o empreendimento. Foi a seiscentos e trinta e oito milhas da costa da Irlanda. As duas horas da tarde, notou-se que as comunicações com a Europa se tinham interrompido. Os eletricistas de bordo resolveram cortar o cabo antes de o repescar e, às onze horas da noite, tinham recuperado a parte avariada. Fizeram uma junta e uma costura e atiraram o cabo de novo à água. Porém, alguns dias mais tarde, rompeu-se de novo e não pôde ser recuperado das profundezas do oceano.
Os americanos não se desencorajaram. O audacioso Cyrus Field, promotor da empresa e que nela arriscava toda a sua fortuna, fez uma nova subscrição, que foi imediatamente coberta. Um outro cabo foi então estabelecido em melhores condições. O feixe de fios condutores isolados num invólucro de guta-percha estava protegido por uma cobertura de matérias têxteis contidas dentro de uma armadura metálica. O “Great-Eastern” fez-se novamente ao mar a 13 de julho de 1866. A operação decorreu bem, embora tivesse acontecido um incidente. Várias vezes, ao desenrolarem o cabo, os eletricistas verificaram que tinham sido feitos buracos nele com intenção de lhe deteriorar o interior. O capitão Anderson, os oficiais e os engenheiros reuniram-se e deliberaram o seguinte: quem quer que fosse apanhado a praticar aquele ato criminoso seria lançado ao mar sem qualquer julgamento. Depois disso, não se repetiu tal incidente.
A 23 de julho, o “Great-Eastern” estava apenas a oitocentos quilômetros da Terra Nova, quando lhe telegrafaram da Irlanda a notícia do armistício concluído entre a Prússia e a Áustria, depois de Sadowa. A 27, avistava no meio das brumas o porto de Heart’s Content. A empresa tinha sido concluída com êxito e, no seu primeiro telegrama, a jovem América dirigia à velha Europa estas sábias palavras, raramente com-

preendidas: “Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade”.
Não se esperava conservar o cabo elétrico no seu estado primitivo, tal como tinha saído da fábrica. Mas a longa serpente, coberta de conchas, estava incrustada no fundo pedregoso que a protegia contra os moluscos perfurantes. Repousava tranqüilamente, ao abrigo dos movimentos do mar, e sob uma pressão favorável à transmissão da corrente elétrica que passa da América à Europa em trinta e dois centésimos de segundo. A duração deste cabo será, sem dúvida, infinita, porque se verificou que o invólucro de guta-percha melhora com a permanência na água.
Aliás, nesse planalto escolhido com tanta sorte, o cabo nunca imergiu a profundidades tais que se pudesse romper. O “Nautilus” seguiu-o até o seu fundo mais baixo, situado a quatro mil quatrocentos e trinta metros, onde repousa sem qualquer esforço de tração. Depois, aproximamo-nos do local onde tinha ocorrido o acidente de 1863.
O fundo oceânico formava então um enorme vale de cento e vinte quilômetros, onde se poderia ter colocado o monte Branco sem que o seu cume ultrapassasse a superfície das águas. O vale está fechado a leste por uma muralha de dois mil metros. Chegamos a esse ponto a 28 de maio e o “Nautilus” estava a cerca de cento e cinqüenta quilômetros da Irlanda.
Iria o Capitão Nemo subir para aportar às Ilhas Britânicas? Não. Para minha grande surpresa, tornou a descer para o sul, voltando aos mares europeus. Ao contornar a ilha Esmeralda,. avistei por instantes o Cabo Clear e o farol de Fastenet, que guia os milhares de navios saídos de Glasgow e de Liverpool.
Uma importante questão surgiu então no meu espírito. Ousaria o “Nautilus” atravessar o canal da Mancha? Ned Land, que reaparecera desde que navegávamos junto à costa, não parava de me fazer perguntas. Como responder-lhe? O Capitão Nemo permanecia invisível. Depois de ter deixado o canadense avistar as terras da América, iria fazer o mesmo com as terras da França?

Entretanto, o “Nautilus” continuava a sua rota para o sul. A 30 de maio, passava à vista de Land’s End, entre a ponta sul da Inglaterra e as Sorlingas, que deixou para estibordo.
Se queria entrar na Mancha, teria de virar decididamente para leste e não o fez.
Durante todo o dia de 31 de maio, o “Nautilus” descreveu no mar uma série de círculos que me intrigaram bastante. Parecia procurar um local difícil de encontrar. Ao meio-dia, foi o próprio Capitão Nemo quem fez o ponto. Não me dirigiu a palavra. Pareceu-me mais sombrio do que nunca. Que é que o entristecia assim? Seria a proximidade das costas européias? Sentiria saudades da pátria abandonada? Ou então seriam remorsos, mágoas? Esse pensamento ocupou-me durante bastante tempo e tive como que um pressentimento de que o acaso em breve trairia os segredos do capitão.
No dia seguinte, 1.° de junho, o “Nautilus” manteve-se na mesma região. Era evidente que procurava reconhecer um ponto exato do oceano. O Capitão Nemo foi medir a altura dó sol, como na véspera. O mar estava belo e o céu puro. A oito milhas para leste, um grande navio a vapor desenhava-se na linha do horizonte. Não tinha qualquer bandeira içada no mastro.
O capitão Nemo, alguns minutos antes do sol passar o meridiano, pegou no sextante e observou com extrema atenção. A calma absoluta das águas facilitava essa operação. O “Nautilus”, imóvel, não acusava a ondulação.
Encontrava-me na plataforma, quando, terminada a observação, o Capitão Nemo pronunciou estas palavras:
- E aqui!
Depois desceu pelo alçapão. Teria visto o navio, que modificara a direção e parecia dirigir-se para nós? Eu não sabia.
Voltei ao salão. O alçapão foi fechado e ouvi o ruído da água entrar nos reservatórios. O “Nautilus” começou a mergulhar, seguindo uma linha vertical, porque a sua hélice, parada, não lhe comunicava qualquer movimento.

Minutos mais tarde, parava a uma profundidade de oitocentos e trinta e três metros e repousava no solo.
O teto luminoso do salão apagou-se e os painéis abriram-se. Através dos vidros vi o mar intensamente iluminado pelos raios do farol numa distância de meia milha.
Olhei para bombordo e não vi nada a não ser a imensidão das águas tranqüilas.
Para estibordo, no fundo, via-se uma grande saliência, que me chamou a atenção. Dir-se-ia ruínas soterradas sob uma camada de conchas esbranquiçadas, como se fosse um manto de neve. Ao examinar atentamente aquela massa, julguei reconhecer as formas de um navio, sem mastros, que devia ter afundado a proa. O sinistro parecia datar de uma época recuada, pois aqueles destroços cobertos de calcário, já há muitos anos jaziam no fundo do oceano.
Que navio seria aquele? Por que iria o “Nautilus” visitar-lhe o túmulo? O seu naufrágio não teria sido de origem natural?
Não sabia o que pensar, quando ouvi o capitão dizer com voz lenta
- Outrora, esse navio chamava-se o “Marselhês”. Estava armado com setenta e quatro canhões e foi lançado à água em 1762. Em 1778, a 13 de outubro, comandado por La Poype-Vertrieux, batia-se corajosamente contra o “Preston”. Em 1779, a 4 de julho, assistia, com a esquadra do almirante D’Estaing, à tomada de Granada. Em 1781, a 5, de setembro, tomava parte no combate do Conde Grasse na baía de Chesapeak. Em 1794, a República francesa mudou-lhe o nome. A 16 de abril do mesmo ano, juntava-se em Brest, à esquadra de Villaret-Joyeuse, encarregada de escoltar um comboio de trigo que vinha da América, sob o comando do Almirante Van Stabel. A 11 e 12 do “prairial”, ano II, esta esquadra encontrava-se com navios ingleses. Senhor professor, hoje é o dia 13 do “prairial”, 1.° de junho de 1868. Há precisamente setenta e , quatro anos, neste local, a 47° 24' de latitude e 17° 28' de longitude, este navio, após um combate heróico, sem três mastros, água nos paióis e um terço da tripulação fora de combate, preferiu afundar-se com os seus trezentos e cinqüenta e seis

marinheiros a render-se. Hasteando o seu pavilhão à popa, desapareceu nas águas ao grito de: Viva a República!
— O “Vingador”! - exclamei.
- Sim, senhor professor. O “Vingador”! Um lindo nome! - murmurou o Capitão Nemo, cruzando os braços.

Capítulo 21

Essa maneira de dizer, o imprevisto da cena, a história do navio patriota, a emoção com que a estranha personagem tinha pronunciado o nome “Vingador”, cujo significado não me podia escapar, tudo isso se reuniu para preocupar extremamente o meu espírito. O meu olhar nunca mais deixou o capitão, que de mãos estendidas para o mar, observava com olhar ardente os gloriosos destroços. Talvez nunca chegasse a saber quem ele era, de onde vinha, para onde ia, mas via cada vez mais o homem separar-se do sábio. Não era uma misantropia comum que tinha encerrado dentro do “Nautilus” o Capitão Nemo e os seus companheiros, mas um ódio monstruoso ou sublime que o tempo não podia enfraquecer.
Esse ódio procuraria ainda vinganças? O futuro em breve me diria.
Entretanto, o “Nautilus” subia lentamente à superfície do mar e vi desaparecer pouco a pouco as formas confusas do “Vingador”. Um ligeiro balanço indicou-me que flutuávamos à superfície.
Ouviu-se então uma detonação surda. Olhei o capitão, que não se mexeu.
- Capitão?
Deixei-o e subi à plataforma, onde Conselho e Ned já se encontravam.
- De onde veio a detonação? - perguntei.
- Foi um tiro de canhão - respondeu Ned Land.

Olhei na direção do navio que tinha avistado. Tinha se aproximado do “Nautilus” e via-se que forçava o vapor. Separavam-no de nós seis milhas.
- Que navio é aquele, Ned?
- Pelo seu aparelho e pela altura dos mastros, parece-me um navio de guerra. Ah, se ele pudesse acabar com esse maldito “Nautilus”!
- Meu caro Ned - respondeu Conselho. - Que pode ele fazer ao “Nautilus”? Atacá-lo debaixo d’água? Bombardeá-lo no fundo dos mares?
- Diga-me Ned, consegue reconhecer a nacionalidade do navio?
O canadense franziu o sobrolho, baixou as pálpebras, fixou o navio por instantes utilizando todo o poder da sua visão.
- Não, senhor - respondeu. - Não sei reconhecer a que nação pertence. Não tem a bandeira içada. Mas posso confirmar que se trata de um navio de guerra, porque uma longa flâmula se desenrola na extremidade do mastro grande.
Durante um quarto de hora, continuamos a observar o navio, que se dirigia para nós. No entanto, não podia admitir que tivesse reconhecido o “Nautilus” àquela distância e muito menos ainda que soubesse que era um engenho submarino.
Dali a pouco, o canadense anunciou que o navio era um grande vaso de guerra, com esporão. Um couraçado com duas cobertas. Um espesso fumo negro saía de suas duas chaminés. As veias, amainadas, confundiam-se com a linha das vergas. Não trazia pavilhão e a distância não deixava ainda distinguir as cores da flâmula que flutuava como uma fita estreita no cimo do seu mastro. Nós o olhávamos avançar rapidamente para o “Nautilus”. Se o Capitão Nemo o deixasse aproximar, teríamos a nossa oportunidade de fuga.
- Professor - disse-me Ned Land - se o navio passar por nós, mesmo a uma milha de distância, atiro-me ao mar e peço-lhe que faça o mesmo. Eu o ajudarei a alcançá-lo.
Não respondi à proposta dele e continuei a observar o couraçado que se tornava cada vez maior. Quer fosse inglês, francês, americano ou

russo, sem dúvida que nos acolheria, se o conseguíssemos alcançar.
- Lembre-se, senhor - disse-me então Conselho - que tenho muita prática de natação. Pode contar comigo para o rebocar até o navio - insistiu ele em sua promessa de ajuda.
Eu ia responder, quando um vapor branco saiu da proa do navio de guerra. No mesmo instante as águas agitadas pela queda de um corpo pesado salpicaram a ré do “Nautilus”. Logo a seguir ouvi a detonação.
- Como? Disparam contra nós? - estranhei.
- Aí valentes! - gritou o canadense.
- Deveriam tomar-nos por náufragos agarrados a um destroço!
Entretanto as balas multiplicavam-se à nossa volta. O couraçado encontrava-se a três milhas de distância. Ned Land, muito emocionado, disse-me que deveríamos fazer algum sinal para o navio atacante. Sem que eu pudesse impedi-lo, tirou o lenço e começou a acenar com ele. Mal tinha feito o primeiro gesto, uma mão de ferro derrubou-o.
- Miserável! - gritou o capitão. - Quer ser pregado no esporão do “Nautilus”? Quer que eu faça isso .com você, antes de destruir aquele navio que está me atacando?
O Capitão Nemo, terrível de se ouvir, era ainda mais terrível de se ver. Com o rosto transtornado pela cólera, ele não falava. Rugia. Com o corpo inclinado para a frente, apertava com a mão 0 ombro do canadense como se fosse esmigalhá-lo. Depois, abandonando-o, virou-se para o navio de guerra, cujas; balas continuavam a cair à volta dele e gritou
- Sabe quem eu sou, navio de uma nação maldita? Não precisarei de ver as suas cores para saber a que país pertence! Olhe! Vou lhe mostrar as minhas cores!
Acabou de falar e desfraldou na popa da plataforma um pavilhão negro, semelhante ao que tinha colocado no Pólo Sul. Depois dirigiu-se a mim e falou apressado:
- Desça, desça com os seus companheiros!
- Vai atacar aquele navio, capitão?
- Vou afundá-lo!

- O senhor não fará tal coisa!
- Farei - respondeu-me friamente. - Não se arrogue o direito de me julgar, professor! A fatalidade lhe mostra o que não deveria ver. Fui atacado e minha resposta será terrível. Agora desçam!
- Que navio é aquele? - insisti.
- Se não sabe, tanto melhor. Pelo menos a sua nacionalidade continuará a ser um segredo para vocês. Desçam! - gritou irado.
Não pudemos fazer nada mais do que obedecê-lo. Mas antes de deixar a plataforma eu ainda fiz um gesto de quem ia falar. Ele me impôs silêncio e usou mais uma vez da palavra
- Eu sou o direito, eu sou a justiça! Sou o oprimido e ali está o opressor! Foi por causa dele que vi morrer tudo que eu amava e venerava: pátria, mulher, filhos, pai e mãe! Tudo o que odeio está ali. Cale-se e desça!
Depois que descemos, percebi que o Capitão Nemo iniciara as manobras para atrair sua vítima. Tal como fizera com a fragata "Abraham Lincoln", ele fingia fugir para chamar o contedor à posição que fosse melhor para o seu ataque fulminante.
Um ruído bem conhecido indicou-me que a água penetrava nos reservatórios de bordo. Em poucos minutos o "Nautilus" submergiu e parou poucos metros abaixo da superfície. Compreendi a manobra, mas era impotente para evitar a destruição do navio de guerra. O "Nautilus" não tencionava atacá-lo na sua impenetrável couraça, mas por baixo da linha de flutuação, onde a carapaça já não protege o casco.
Entretanto, a velocidade do submarino foi aumentada consideravelmente. Todo o seu casco tremia. De repente e sem querer, soltei um grito. Houve um choque relativamente ligeiro. Senti a força penetrante do esporão de aço. Ouvi ruídos de algo que se esgarçava, que se rasgava. O "Nautilus",impelido pelo seu poder de propulsão, passara através do casco do navio, como a agulha do marinheiro através do pano!
Não pude me conter. Louco, desvairado, saí do quarto e corri para o salão. O Capitão Nemo encontrava-se lá. Silencioso, sombrio, implacável, olhando através do painel de bombordo.

Uma massa enorme mergulhava nas águas. Para nada perder da agonia de sua vítima, o submarino acompanhava-a em sua descida aos abismos. A dez metros de distância vi o rombo no casco do couraçado, por onde a água penetrava com o ronco do trovão. Depois vi a linha dupla dos canhões e por fim a coberta, cheia de sombras negras que se agitavam.

A água subia. Os infelizes agarravam-se aos cordames, trepavam aos mastros, contorciam-se nas águas. Era um formigueiro humano surpreendido pela invasão do mar!

Paralisado, angustiado, os cabelos em pé, os olhos desmesuradamente abertos, respiração ofegante, sem fôlego e sem voz, eu não queria olhar e olhava sempre! Uma irresistível atração colava-me ao vidro.

O enorme navio afundava-se lentamente. O “Nautilus” seguia-o e espiava-lhe os movimentos. De repente ocorreu uma explosão. O ar comprimido fez voar as cobertas do navio, como se houvesse fogo nos paióis. O movimento das águas foi tal que desviou o “Nautilus”.

Então, o infeliz navio mergulhou mais rapidamente. Os cestos das gáveas apareceram carregados de vítimas, depois foram as travessas vergadas sob o peso de cachos humanos e; finalmente, o cimo do mastro principal. A massa sombria desapareceu e com ela uma tripulação de cadáveres arrastados por um formidável redemoinho...

Virei-me para o Capitão Nemo. Aquele terrível justiceiro, verdadeiro arcanjo do ódio, continuava a olhar sua obra infernal. Quando tudo acabou, ele se dirigiu para a porta do seu quarto e entrou. Eu o segui com o meu olhar.

Por cima do painel do fundo, e por baixo dos retratos dos seus heróis, vi o retrato de uma mulher ainda jovem e de duas crianças. O Capitão Nemo olhou-os por instantes, estendeu-lhes os braços e, ajoelhando-se, rompeu em soluços!

Capítulo 22

Os painéis fecharam-se sobre aquela horrível visão, mas a luz do salão não foi acesa. No interior do “Nautilus” reinavam as trevas e o silêncio. O navio deixou aquele local de desolação, cem pés abaixo da superfície das águas, com uma rapidez prodigiosa. Para onde iria? Para o norte, para o sul? Para onde fugiria aquele homem depois de tão terrível vingança?

Voltei ao meu quarto, onde Ned e Conselho me aguardavam em silêncio. Senti um incontrolável horror pelo Capitão Nemo. Fosse o que fosse que tivesse sofrido por causa dos homens, não lhe assistia o direito de os castigar daquela forma. Tinha-me transformado senão em cúmplice, pelo menos em testemunha das suas vinganças! Era demasiado!

As onze horas, reapareceu a luz elétrica. Passei ao salão, que estava deserto. Consultei os diversos instrumentos e verifiquei que o “Nautilus” fugia para o norte a uma velocidade de vinte e cinco milhas por hora, ora à superfície, ora a trinta pés de profundidade.

Analisando a carta, vi que passávamos a largo da Mancha e nos dirigíamos para os mares boreais quase voando sob as águas.

Aquela velocidade, ainda podia observar os esqualos de focinho comprido, os esqualos-martelo e os cações, que freqüentam aquelas águas; as grandes águias-do-mar; os hipocampos, semelhantes aos cavalos do jogo de xadrez; as enguias, serpenteando como fogos de artifício; exércitos de caranguejos, que fugiam obliquamente, cruzando as patas sobre a carapaça, finalmente bandos de lobos-do-mar que competiam em velocidade com o “Nautilus”. Mas estudá-los, classificá-los, nem pensar nisso.

A noite, já tínhamos percorrido duzentas léguas do Atlântico. Fez-se escuro e o mar foi invadido pelas trevas até o aparecimento da lua.

Voltei ao meu quarto, mas não consegui dormir. Tive

pesadelos. A horrível cena da destruição repetia-se no meu espírito. Quem poderia nos dizer até onde nos levava o “Nautilus” na bacia do Atlântico Norte? Sempre a grande velocidade, sempre no meio das brumas hiperbóreas. Teria tocado as extremidades de Sptizberg, nas costas da Nova Zelândia? Teria percorrido os mares ignorados, o Mar Branco, o Mar de Kara, o Golfo de Obi, o Arquipélago Larrov e as praias desconhecidas da costa asiática? Não sabia. Já não sabia calcular o tempo que ia passando. Os relógios de bordo tinham sido parados. Parecia que a noite e o dia, como nas regiões polares, não seguiam o seu curso normal. Sentia-me arrastado para o domínio do estranho, onde a imaginação famosa de Edgar Poe se movia tão a vontade. A cada instante esperava ver, como o fabuloso Gordon Pym, “esse rosto humano velado, de proporções mais avantajadas do que as de qualquer habitante da terra, à espreita da catarata que protege as proximidades do pólo”.

Calculo, mas talvez me engane, que aquela corrida aventurosa do “Nautilus” se prolongou por quinze ou vinte dias e não sei por quanto tempo continuaria se não fosse a catástrofe que lhe pôs fim. O Capitão Nemo desaparecera. O imediato também. Não se via um único homem da tripulação. O “Nautilus” navegava quase sempre sob as águas. Quando subia à superfície para renovar o ar, os alçapões abriam-se e fechavam-se automaticamente. Já não faziam o ponto e eu não sabia onde estávamos.

O canadense, esgotado de forças e paciência, também deixara de aparecer. Conselho não conseguia arrancar-lhe uma palavra e receava que, num acesso de delírio e dominado por uma terrível nostalgia, ele se suicidasse. Vigiava-o, portanto, com toda a devoção.

Compreende-se que, nessas condições, a situação era insustentável. Uma manhã, não sei de que dia, em que tinha adormecido às primeiras horas da madrugada, um sono penoso e doentio, ao acordar Ned Land estava debruçado sobre mim, dizendo-me em voz baixa :

- Vamos fugir!

Levantei-me.

- Quando? - perguntei.
- Logo à noite! Toda a vigilância parece ter desaparecido a bordo do "Nautilus". Dir-se-ia que reina uma assombração a bordo. Está pronto?
- Sim. Onde estamos?
- A vista de terra que distingui esta manhã através das brumas, vinte milhas para leste.
- Que terras são?
- Ignoro-o, mas sejam quais forem, vamos fugir para lá.
- Sim, Ned. Fugiremos esta noite, ainda que o mar nos engula!
- O mar está mau e o vento forte, mas percorrer vinte milhas no bote do "Nautilus" não me assusta. Transportaremos alguns víveres e algumas garrafas de água sem que a tripulação o note.
- Segui-lo-ei.
- Se for descoberto, defendo-me e deixo que me matem.
- Morreremos juntos, amigo Ned.
Estávamos decididos a tudo. O canadense saiu. Subi à plataforma, onde mal me mantinha de pé devido ao ímpeto das ondas. O céu estava ameaçador, mas uma vez que estávamos à vista de terra devíamos fugir. Não podíamos perder um dia, uma hora. Voltei ao salão, ao mesmo tempo receando e desejando encontrar o Capitão Nemo. Que lhe diria? Poderia esconder-lhe o horror involuntário que me inspirava? Não! Era melhor não me encontrar com ele! Era melhor esquecê-lo! E no entanto!
Como foi longo aquele dia, o último que passaria a bordo do "Nautilus"! Fiquei só. Ned Land e Conselho evitavam falar-me com receio de se traírem.
As seis horas jantei. Embora não tivesse fome, forcei a ingestão dos alimentos para não enfraquecer.
As seis horas e meia, Ned Land entrou no quarto e me avisou
- Não nos veremos antes da partida. As dez horas a lua ainda não terá surgido. Aproveitaremos a obscuridade. Vá ter ao bote. Conselho e eu esperaremos lá pelo senhor.
Depois o canadense saiu, sem me ter dado tempo de lhe responder. A

nossa sorte estava decidida.
Quis verificar a direção do “Nautilus” e, por isso fui ao salão. Avançávamos para nor-noroeste, à grande velocidade, a cinqüenta metros de profundidade,
Olhei pela última vez aquelas maravilhas da natureza, aquelas riquezas da arte encerradas no museu, aquela coleção sem rival, destinada a desaparecer um dia no fundo dos mares com aqueles que as tinham reunido. Quis fixar no meu espírito uma derradeira recordação.
Estive assim uma hora, banhado nos eflúvios do teto luminoso e passando em revista os tesouros resplandecentes das vitrinas. Depois voltei ao meu quarto.
Vesti roupas próprias para enfrentar o mar. Juntei os meus apontamentos e apertei-os preciosamente contra o corpo. O coração batia-me com força. Não conseguia dominar as pulsações. A minha perturbação e agitação terme-iam certamente traído aos olhos do Capitão Nemo.
Que estaria fazendo? Pus-me à escuta à porta do seu quarto. Ouvi um ruído de passos. O Capitão Nemo estava lá dentro. Não se tinha deitado. Pensei que ele ia aparecer e perguntar-me por que íamos fugir!
Sentia terríveis sobressaltos e a imaginação agravava-os. Esta sensação tornou-se tão aguda que eu me interrogava se não seria preferível entrar no quarto do capitão, vê-lo cara a cara, e enfrentá-lo olhos nos olhos.
Era uma idéia de louco. Felizmente, contive-me e estendi-me na cama para acalmar a agitação que me devorava. Os nervos serenaram um pouco, mas o cérebro, superexcitado, passou em revista toda a minha existência, a bordo do “Nautilus”, todos os incidentes felizes e infelizes, as caças submarinas, o Estreito de Torres, os selvagens da Papuásia, o encalhe, o cemitério de coral, a passagem de Suez, a ilha Santoria, o mergulhador cretense, a Baía de Vigo, a Atlântida, o banco de gelo, o Pólo Sul, a clausura nos glaciares, o combate com os polvos, a tempestade na Gulf Stream, o “Vingador” e, finalmente, a horrível cena do navio afundado com toda a tripulação! Todos esses acontecimentos me passaram diante dos olhos, como cenários de um teatro. Então, o Capitão Nemo crescia desmesuradamente neste meio estranho. A sua

figura acentuava-se e assumia proporções sobrenaturais. Já não era um semelhante, mas um homem das águas, um gênio dos mares.
Eram então nove horas e meia. Eu segurava a cabeça com as duas mãos para impedir que ela rebentasse. Fechei os olhos. Não queria pensar mais. Ainda meia hora de espera! Meia hora de um pesadelo que quase me tornava louco!
Naquele momento, ouvi os vagos acordes do órgão. Uma melodia triste e um canto indefinido, verdadeiros queixumes de uma alma que deseja quebrar os seus elos terrestres. Escutava com toda a atenção, mal respirando, mergulhado como o Capitão Nemo naqueles êxtases musicais que o transportavam para além dos limites deste mundo.
De repente, fiquei aterrorizado com um pensamento. O Capitão Nemo tinha saído do quarto e estava no salão por onde eu tinha de passar para fugir. Teria de o encontrar uma última vez. Talvez não me visse! Talvez não me falasse! Um só gesto dele podia destruir-me.
Entretanto, eram quase dez horas. Chegara o momento de deixar o quarto e juntar-me aos meus companheiros.
Não havia que hesitar, ainda que o capitão se dirigisse a mim. Abri a porta com precaução. Pareceu-me que ao rodar nos gonzos fazia um ruído terrível. Talvez aquele barulho só existisse na minha imaginação!
Avancei, deslizando pelos corredores do “Nautilus”, parando a cada passo para comprimir os batimentos do meu coração.
Cheguei à porta angular do salão, que abri com suavidade. Estava tudo mergulhado numa profunda obscuridade e os acordes do órgão ressoavam fracos. O Capitão Nemo estava lá, mas não me via. Julgo até que em plena luz não me teria visto. Estava extasiado com a música.
Arrastei-me sobre o tapete, evitando o mínimo ruído que pudesse trair a minha presença. Demorei cinco minutos a chegar à porta que dava para a biblioteca.
Ia abri-la, quando um suspiro do Capitão Nemo me pregou ao chão. Percebia que se levantava. Cheguei até a vê-lo, por alguns clarões da biblioteca iluminada que se filtravam para o salão. Dirigiu-se para mim, de braços cruzados, silencioso, deslizando como um espectro. Soluça-

va. Ouvi-o murmurar estas palavras, as últimas que o ouvi pronunciar.
- Deus todo-poderoso! Basta! Basta!
Seria a confissão do remorso que escapava assim da consciência daquele homem?
Desnorteado, precipitei-me para a biblioteca, depois subi a escada central e, seguindo o corredor superior, cheguei ao bote, entrando nele pela abertura que já tinha dado passagem aos meus dois companheiros.
- Partamos! Partamos! - gritei.
- Imediatamente! - respondeu o canadense.
O orifício cavado no casco do "Nautilus" foi previamente fechado e atarrachado por meio de uma chave inglesa de que Ned Land se tinha munido. A abertura do bote fechou-se também e o canadense começou a desapertar as porcas que nos prendiam ainda ao submarino.
De repente, ouviu-se um ruído no interior do navio. Eram vozes que se respondiam. Que seria? Teriam descoberto a nossa fuga? Senti que Ned Land me passava um punhal para a mão.
- Sim! - murmurei. - Saberemos morrer!
O canadense tinha suspendido o trabalho. Mas uma palavra vinte vezes repetida, uma palavra terrível, revelou-me a causa daquela agitação que reinava a bordo do "Nautilus". Não era a nós que a tripulação se referia.
- "Maelstrom! Maelstrom"! - gritavam.
O "maelstrom"! Nome mais horrível não podia ter sido pronunciado na situação em que nos encontrávamos. Estávamos portanto nas perigosas paragens da costa norueguesa. O "Nautilus" ia ser arrastado para aquele abismo no momento em que o nosso bote se ia desprender do seu casco.
Sabe-se que, no momento do fluxo, as águas encerradas entre as ilhas Feroe e Loffoden são precipitadas com irresistível violência, formando um turbilhão de que nunca nenhum navio conseguiu escapar. De todos os pontos do horizonte acorrem vagas monstruosas e formam um redemoinho precisamente chamado "Umbigo do Oceano", cujo poder de atração se estende a uma distância de quinze quilômetros. São então

aspirados, não só navios como baleias e ursos brancos das regiões boreais. Era para ali que o “Nautilus”, voluntária ou involuntariamente, tinha sido conduzido pelo seu capitão. Descrevia uma espiral cujo raio diminuía cada vez mais. Tal como ele, o bote, ainda preso no casco, era levado com uma velocidade vertiginosa. Sentia-o. Experimentava aquele estonteamento relativo que sucede a um movimento giratório demasiado prolongado. Estávamos em pânico, completamente horrorizados, com a respiração suspensa, paralisados, percorridos por suores frios como os da agonia. E que barulho à nossa volta! Que rugidos, repetidos pelo eco a uma distância de várias milhas! Que ruído faziam as águas atiradas contra as rochas pontiagudas do fundo, onde até os corpos mais duros se quebram, onde os troncos das árvores se destroem e fazem “uma manta de pêlos”, segundo a expressão norueguesa. Que situação! Éramos furiosamente fustigados! O “Nautilus” defendia-se como um ser humano. Os seus músculos de aço estalavam. Por vezes erguia-se e nos levava com ele.

- Temos de nos agüentar - disse Ned - e tornar a aparafusar as porcas! Só continuando presos ao “Nautilus” poderemos ainda nos salvar.

Mal tinha acabado de falar, ouviu-se um estalido e o bote, arrancado do seu alvéolo, era lançado como a pedra de uma funda no meio do turbilhão.

Bati com a cabeça num ferro e, devido ao violento choque, perdi os sentidos.

CONCLUSÃO

Eis a conclusão desta viagem submarina. O que se passou durante aquela noite, como o bote escapou do terrível redemoinho do

"maelstrom", como Ned Land, Conselho e eu saímos do formidável turbilhão, não sei. Mas quando recuperei os sentidos, estava deitado na cabana de um pescador das ilhas de Loffoden. Os meus dois companheiros, são e salvos, estavam junto de mim e davam-me as mãos. Abraçamo-nos com efusão.

Naquele momento, não podíamos pensar em voltar imediatamente à França, porque os meios de comunicação entre a Noruega Setentrional e o sul eram raros. Fui, portanto, forçado a esperar a passagem de um barco a vapor que faz uma carreira duas vezes por mês do Cabo Norte.

É, portanto, no meio da boa gente que nos acolheu que revejo o relato das minhas aventuras. É exato. Não foi omitido um único fato, não foi exagerado um único pormenor. i; a narração fiel desta inverossímil expedição num elemento inacessível ao homem, mas que o progresso transformará um dia em vida livre.

Acreditar-me-ão? Não sei. Mas pouco importa. O que posso afirmar agora é o meu direito de falar dos mares, sob os quais em menos de dez meses, percorri vinte mil léguas numa volta ao mundo submarino que me revelou tantas maravilhas através do Pacifico, do Indico, do Mar Vermelho, do Mar Mediterrâneo, do Atlântico e dos mares austrais e boreais!

Que teria acontecido ao "Nautilus"? Teria resistido às garras do "maelstrom"? Estaria o Capitão Nemo ainda vivo? Continuaria as suas terríveis represálias sob o oceano ou teria parado diante daquela última hecatombe? Será que as águas transportarão um dia para a terra o manuscrito que encerra a história da sua vida? Saberei algum dia o nome daquele homem? Através da nacionalidade do navio desaparecido, seria possível descobrir a nacionalidade do Capitão Nemo?

Assim o espero. Espero também que o seu potente navio tenha vencido o mar na sua fúria mais terrível e que o "Nautilus" tenha sobrevivido onde tantos outros navios pereceram! Se assim for, se o Capitão Nemo continua a habitar o oceano, sua pátria adotiva, oxalá o ódio se acalme naquele coração feroz! Que a contemplação de tantas maravilhas lhe

extinga o desejo de vingança! Que se apague o justiceiro e que o sábio continue a pacífica exploração dos mares! Se o seu destino é estranho, também é sublime. Não o compreendi por mim mesmo? Não vivi dez meses dessa existência sobrenatural?
Assim, à pergunta feita há seis mil anos pelo Eclesiastes:

“Quem jamais pôde sondar as profundezas do abismo?” apenas dois homens, entre todos, têm o direito de responder: o Capitão Nemo e eu.

FIM